



OS  
SONHOS  
de  
REIS  
PARTIDOS

UM LIVRO GUARDIÕES FAE

**LANA PECHERCZYK**

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM





os  
SONHOS  
de  
REIS  
PARTIDOS

UM LIVRO GUARDIÕES FAE

**LANA PECHERCZYK**

# OS SONHOS DE REIS PARTIDOS

GUARDIÕES FAE

LIVRO TRÊS

LANA PECHERCZYK

TRADUÇÃO

ERIKA ROBLES



Copyright © 2021 Lana Pecherczyk

Título Original: The Dreams of Broken Kings

Revisão: Cheyenne Loturco

Capa e mapa: Lana Pecherczyk

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, organizações e situações são produtos da imaginação do autor ou usados como ficção.

Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em partes, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram contemplados.



Todos os direitos desta edição reservados à:

DL BOOKS EDITORA





## ORDEM DA NASCENTE



### O CONSELHO

LEAF CLOUD SHADE BARROW COLT DAWN

### OS QUADROS DE GUARDIÕES



### PRECEPTORES

MAGOS

GUARDIÕES

### FUNCIONÁRIOS EM GERAL



# PRÓLOGO

O garoto observava com olhos maravilhados enquanto a mãe convencia as sprites da água a saírem da fonte. Uma onda de energia formigou sua língua quando o *mana* invisível — a *magia* — deixou o corpo dela e entrou na fonte do jardim, e formou desenhos com a água. Primeiro, um cavalo marinho pulou no jato da fonte. Aí, uma explosão de fogos de artifício revirou a água. Acrescentou cavalos, beija-flores, e kuturi voadores. As pequenas sprites da água gritaram de alegria e bateram palmas, espirrando uma névoa fina em todos os lugares.

A mãe do garoto virou para ele com o mesmo sorriso torto que muitos outros dedicaram a vida para ver. Ajoelharam na frente dela quando jogara as longas madeixas preta e marrom lustrosa sobre o ombro. Tentaram beijar seus lábios vermelhos, mas sempre virara a bochecha e se afastara. Voltava para ele, o filho.

A mãe mudou a magia. O show aquático pulou da fonte e dançou pelas folhas de plantas próximas. O cavalo marinho galopou e relinchou. Sprites seguiram a procissão pelo grande jardim, deixando para trás a névoa aquosa e cobrindo todas as superfícies com gotas que brilhavam no sol como joias.

— Sua vez, meu amor — ela disse. — Mande seu mana para a água e forme um desenho. Mas que seja divertido. Todos trabalham melhor quando se divertem.

Controlou o mana e se firmou contra a onda de energia caso se movesse como a água de uma mangueira. Mana fluíu animado das fontes da sua Nascente interna, crescendo para cumprir seu chamado como a maré na lua cheia. Sempre sob a superfície da sua consciência, o lobo interno ganhou vida. Gostou dos pensamentos da lua. Queria se transformar de duas pernas para quatro e correr pela floresta, rolar na terra, talvez até estalar os dentes para as sprites no caminho. Pareciam bem deliciosas enquanto dançavam e brilhavam.

E ele estava faminto.

Quando a mãe falou, percebeu que um rosnado lupino ressoou entre seus dentes.

— Amor — a mãe cantarolou um aviso ao passar a mão pelo cabelo bagunçado dele. — Gentileza antes de assassinato.

— Mas, mama — falou. — Também quero brincar.



O sorriso torto dela cresceu e o aqueceu mais do que qualquer sol.

— Eu sei, e vai, mas precisa aprender a controlar seus desejos animalescos. *Deve* se lembrar que o lobo é parte de você, e não o contrário. É mais do que a soma dos seus ancestrais. Isso é muito importante. Compreende?

Assentiu, taciturno. Ela sempre o repreendia sobre controlar o lobo. Ele não via problema. O lobo gostava de brincar. A mãe sempre falava em se divertir. Por que não via que era a mesma coisa?

Ela o segurou pelos ombros e olhou fundo em seus olhos. O sorriso sumiu e as feições ficaram sérias.

— O que é divertido para uns, não é divertido para outros. Olhe para as sprites, querido, o que estão fazendo?

Ele ergueu as mãos, exasperado.

— Brincando.

Virou a mandíbula dele para uma planta onde elas pulavam e sapateavam, banhando as folhas com rios brilhantes.

— Olhe mais perto, amor.

Água pingava na turfa macia abaixo, banhando-a com sustento.

— Estão aguando nosso jardim! — exclamou.

Ela sorriu.

— E o que teriam feito se tivéssemos apenas usado nossa força para exigir a obediência?

— Teriam se escondido na fonte até sairmos. — Ele sabia. Um dia esperara em forma de lobo, rosnando e batendo os dentes para a água. Esperara a noite inteira e o dia e, ainda assim, não saíram.

O uivo longo e arrastado de um lobo cortou o ar, e o sorriso da mãe morreu. Ele não achava que um uivo era incomum. Viviam perto de uma vila de metamorfos lobos, afinal. Mas ela virou para ele, os olhos arregalados e pretos com pânico.

— Se esconda. Onde treinamos.

— Mama?

Ela o guiou com pressa para fora do jardim e para a pequena cabana.

— Vai. Mais rápido.

Lágrimas ardendo seus olhos, ele cambaleou.

— Está me machucando, mama.

Sem resposta.

Ela o levou para a sala de estar, moveu um tapete e ergueu o alçapão nas tábuas de madeira, depois o incitou a entrar no espaço apertado escuro, preenchido por cheiro de umidade e terra.

Cascos trovejantes ficaram mais altos conforme cavalos apareciam na viela do lado de fora da casa. Uivos ergueram todos os pelos na nuca dele. Os instintos conheciam o chamado. Era o chamado da caçada. Por sangue.

— *Rápido.*

— Quem é, Mama?

Ela o embalou para dentro e depois ajoelhou, uma resignação triste nos olhos enquanto acariciava a mandíbula dele com o dorso da mão. O pingente com formato de coração pendurado do pescoço raspou no chão, deixando um arranhão parecido com uma garra.

— Lembra de como treinamos.

Assentiu.

— Nenhum som. Não saia até que meu lobo não sinta o cheiro de intrusos.

— É gentil — falou, empática, e depois lançou um feitiço que pareceu lã de algodão envolvendo seu corpo. — É corajoso. E é digno. Entendeu?

— Mama? — A garganta dele embargou. — Estou com medo.

— Nenhum movimento, amor, ou o feitiço vai se quebrar e ele sentirá seu cheiro.

— *Quem?*

Um desalento frio entrou nos olhos dela.

— Seu pai.

Ela fechou o alçapão, cobrindo-o com a finalidade fria da escuridão abafada.

Mal notou o barulho do tapete sendo empurrado de volta no lugar e a abertura brusca da porta da frente, mas quando os gritos começaram, penetraram no feitiço de abafamento. Forçou o galope do seu coração a se acalmar e ouviu.

— Não pode se esconder de mim. — Uma voz masculina alta e ressonante. — Sou o Rei de todos os Seelie agora.

— Pode pintar o cabelo de dourado, usar roupas espalhafatosas e morrer em um castelo de vidro, mas não pode esconder o fedor da podridão por baixo. *Sempre* vou me lembrar.

O silêncio eriçou o garoto.

*Crack.* Pele batendo em pele. *Thud.* Algo caiu nas tábuas. A mãe.

Não fez nenhum som, nenhum grito de dor, apesar da respiração trêmula.

O garoto ergueu o rosto para onde um feixe de luz filtrava pelas bordas. Mama deve ter falhado em abaixar o tapete direito. Com medo demais para se mover, espreitou pela fresta e tentou parar o fôlego nos pulmões. De certo, o intruso ouviria seu coração acelerado.

Formas borradas e sombras se moveram conforme botas e patas pisoteavam pelo chão de madeira, soltando poeira e areia pelas frestas com cada passo. Cada vez mais alto até pararem sobre a cabeça do garoto. Um gemido ficou preso na garganta dele.

— Onde está o garoto? — o Rei perguntou, voz seca e fria.

A mãe ficou em silêncio.

Algo se moveu acima. Lobos rosnaram. Garras arranharam o chão de madeira.

— Essa é a última vez que pergunto, onde está o garoto?

— Ele é dez vezes o fae que você é, dez vezes a alma, e será dez vezes o rei.

— Vasculhem a casa. Não deixem nada em pé — o Rei vociferou. Depois a voz se aproximou, mais baixa. — E você ainda será dez vezes a puta.

O som de engasgo que seguiu partiu o coração do garoto. Mas ele treinara para esse momento, ficou sob aquelas tábuas, permaneceu imóvel e silencioso, apesar de tudo. Apesar dos sons de dentes rasgando pele. Apesar da sensação de líquido quente pingando no seu rosto. Apertou os olhos fechados e imaginou a sensação de chuva. A relva molhada sob as patas. O cheiro da floresta. O chamado selvagem. Brincar com os primos. Mordiscar libélulas. Hoje, acrescentou as sprites brincando. A alegria delas na água. Como também clamava por ele.

Não foi até o último passo desaparecer, o cheiro de lobo diminuir, e o som dos pingos aumentar, que as palavras finais da mãe foram expelidas em um silvo de suspiro final: ... *gentil... corajoso... digno.*

## CAPÍTULO UM

Olhos âmbar sombreados por cílios grossos encaravam Ada do outro lado do quarto frio e empoeirado. Não deveria ser possível para um homem parecer como um anjo e o diabo ao mesmo tempo, mas ali estava, preso no limbo, em algum ponto entre pecado e milagre. *Feições tão impressionantes.* Alto e musculoso com estrutura óssea escultural, no entanto, lábios macios e sensuais. Até o cabelo marrom era extraordinário. Cada ponta do comprimento médio parecia ter sido embebida em tinta preta, como o pincel de um artista. Por fora, era uma obra de arte. Deveria ter sido perfeito. Mas quanto mais Ada observava, mais percebia as falhas na tela. Não estava tudo bem com ele.

Começou com os olhos sem piscar.

Trabalhe tempo o suficiente com animais feridos e selvagens e os sinais familiares de maus tratos ficavam fáceis de reconhecer. A antiga dor. O vazio da rendição de dilacerar a alma. As cicatrizes novas sobre as velhas no pescoço. O homem sofrera. Fora torturado. Desistira da esperança.

Se a mente estava intacta, era outra história.

Não dissera uma palavra, nem se movera um centímetro, ainda assim, Ada sentiu que um dia foi livre e leve quanto os animais que reabilitara. Agora, estava no fim da linha. Esperava que não estivesse no caminho quando ele estourasse.

A atenção ardente permaneceu focada nela, como fizera ao longo dos últimos cinco minutos desde que acordou atordoada e vomitou algo escuro e viscoso no chão ao lado da velha cama.

Ele não se levantou para ajudá-la. Nem murmurou uma sílaba de simpatia. Apenas ficou encarando.

*É maluco. Com certeza.*

A roupa de linho era tão estranha quanto a dela, parecia mais apropriada para um culto que venerava materiais naturais do que as calças cáqui e camiseta surrada de sempre. Alguém deve tê-la vestido porque não estivera usando a roupa simples quando... a testa franziu. O que ela estivera fazendo antes de acabar aqui? Não se lembrava de nada a não ser sair do apartamento da Clarke e erguer o rosto embasbacado para a neve caindo em Vegas.

O pequeno milagre, ou maldição, dependendo do ponto de vista, as



distraíra das bombas que explodiram pelo mundo, assolando a humanidade. As cidades que sobreviveram, como Vegas, estavam lutando para encontrar normalidade no resultado, quando o inverno nuclear caiu como um cobertor congelante com uma velocidade que desconcertou o homem do tempo na TV. A queda de temperatura fora tão rápida que as fontes do Bellagio congelaram no meio da apresentação. E aí nevara... e aí...

Ada lutou para descobrir o que viera depois.

Fora drogada? Pânico surgiu, apertando seu peito, acelerando a respiração. Foi por isso que vomitou? Onde estavam as amigas Clarke e Laurel? Estavam com ela no jardim, olhando para a neve.

O homem silencioso a encarava como se tivesse uma lista de equações de álgebra escritas no rosto.

— Vai me encarar o dia todo, ou vai me dizer como chegamos aqui? — ela perguntou.

Cílios escuros piscaram, e aí voltou a encarar como se pudesse ler a mente dela. Estremeceu.

*Jesus.* Isso era insano.

Fez uma careta, enojada que a cabeça repousara na cama deteriorada. Ainda bem que se movera e agora estava sentada no canto, as mãos em volta dos joelhos, pés descalços no chão empoeirado.

Enquanto estivera dormindo, alguém tatuara tinta que brilha no escuro em volta do seu braço direito, em um padrão azul brilhante estranho – no dele também. Esfregou as marcas pela décima vez. Com certeza, tatuado. Com certeza, brilhando, como se uma corrente do mar de verão corresse sob a pele. Ah, se a aquecesse como o verão. Um tremor percorreu seu corpo conforme ar frio se infiltrava nos ossos.

— Certo. — Levantou e se esfregou agitada. — Se não vai ajudar, então vou sair daqui sozinha.

Assim como sempre fez. Não adiantava esperar um herói aparecer. Uma pontada familiar no peito a lembrou da primeira vez que aprendera essa verdade – a primeira vez que a mãe falhou em voltar para casa com comida –, mas afastou a memória a força antes que se enraizasse. Ela não tinha tempo pra isso.

No instante que se levantou, ele ecoou o movimento desdobrando o longo corpo, e se empertigando até uma altura que a assoberbava e arrancava o ar do quarto.

*Bizarro.*

Procurou uma arma, mas... inclinou a cabeça o estudou. Ela não *sentia* animosidade saindo dele, por mais que soasse estranho. Os instintos nunca a guiaram errado, e eram a única coisa que a manteve viva em mais do que uma ocasião. Quer fosse caminhando na

natureza, caçando comida, ou navegando por terreno desconhecido, aprendera a confiar na intuição. E agora, estava falando que esse homem não era uma ameaça.

Mas também não estava ajudando.

— Sou Ada — tentou.

A testa dele franziu, mas não disse nada.

— Pode falar?

Um aceno lento.

— Qual é seu nome?

Olhos âmbar passaram rápido pelo quarto. Fez uma careta e coçou as marcas arcanas azuis em volta do pescoço grosso. Vergões vermelhos significava que estava coçando há um tempo. O que fossem aquelas marcas azuis, não faziam bem a ele. Não como as que estavam no braço deles.

— Seu nome? — incitou outra vez.

— Não sei.

A voz era grave e sedosa como mel. Combinava com o rosto lindo e corpo perfeito. Se algum dia deixasse a hesitação bizarra de lado, ela imaginou que nenhuma mulher estaria a salvo do seu encanto.

— Como pode não saber?

— Porque não sei — ralhou, um rosnado leve deixando o tom mais grave.

Ada sobressaltou.

*Animal ferido. Prossiga com cuidado.*

Ergueu as mãos.

— Só perguntando.

Ele desviou o olhar. Não que tivesse muito para se ver nesse quarto. Só uma pequena janela alta que era muito estreita para passar por ela. Mas podia passar pelo teto fino e manchado. Destroços estavam espalhados no chão, mas nada que pudesse usar. Pedacos quebrados de madeira, alguns galhos e algumas penas como se um pássaro tivesse feito ninho lá dentro. Poças molhadas se juntavam da goteira da chuva.

— Talvez seja uma daquelas cenas de quarto trancado — murmurou baixinho. — Assisti *Jogos Mortais*. Um doente do Mad Max nos colocou aqui, me drogou, roubou suas memórias e pintou umas merdas estranhas de culto na gente. — Deu um olhar de soslaio para ele. — Se tentar serrar minha perna, vou te matar. Estou avisando.

Talvez o homem alto também tivesse sido drogado, porque só a encarou confuso. Parte dela também não acreditava. Um quarto trancado? Nem pensar. E não se sentia drogada. Mas até aí, não acreditava que o holocausto nuclear aconteceria. Não acreditava que sua natureza preciosa seria destruída ou coberta por neve.

Talvez Vegas também tivesse desaparecido, e esse quarto esquálido

fosse tudo o que sobrou.

Talvez fossem as duas últimas pessoas na terra e esse fosse um reduto raro que sobrevivera ao inverno nuclear.

Uma nova sensação de urgência subiu pela coluna. Esse quarto era pequeno demais. Precisava sair. Fez uma careta desconfortável quando ele não se moveu, então desviou e foi para a porta onde chacoalhou a fechadura de porcelana. Não se moveu. Espreitou pelo buraco da velha fechadura. O trinco provavelmente funcionava dos dois lados. Luz brilhou do furo, mas tudo o que pôde ver foi uma parede.

— Precisamos sair daqui — murmurou. — Estou morrendo de fome. E sede. E...

Esqueça sobre cortar a perna dela. O homem no quarto poderia tentar comê-la pelo jeito que continuava encarando.

Ele se moveu. Ela hesitou. Um movimento pequeno ergueu um lado dos seus lábios, e ela poderia jurar que viu diversão brilhando nos olhos dele antes de afastá-la para o lado e segurar a maçaneta. Uma puxada e saiu na mão poderosa. Os lábios de Ada se abriram.

Abriu os dedos e a maçaneta oscilou na sua palma. Ela esticou a mão, mas ele fechou os dedos e desviou. Fazendo uma careta, ela olhou para cima, esperando raiva, mas diversão lampejou nos olhos dele outra vez.

— Acha que isso é um jogo? — falou.

A irritação só fez os lábios dele franzirem como se tentasse esconder um sorriso e depois tirou o resto da maçaneta meio despedaçada do buraco na porta. Em segundos, tudo saiu. Enfiou os dedos no furo e puxou.

— Está me dizendo que poderia ter feito isso há cinco minutos atrás?

Ombros largos se curvaram e abaixaram.

Brincando num segundo, taciturno no próximo. Talvez não estivesse com a cabeça no lugar – alguns parafusos soltos. Talvez a tragédia em seu olhar cobrara um preço mais alto do que ela percebeu. Ninguém merecia perder a cabeça. Saiu no corredor, mas uma mão grande pousou no ombro e a puxou para trás.

— Vou na frente — ele resmungou e a colocou atrás do seu corpo grande.

— Táa bom.

O tamanho dele rejeitava argumentos.

O corredor era tão decrepito quanto o quarto. Água escorria pelas paredes de pedra, descascando o papel de parede e criando pontos de mofo no piso de madeira que presentearam as narinas dela com uma pungência formigante. Hera crescia pela parede, invadindo buracos no telhado com telhas de terracota. Vislumbres do céu fechado lampejaram ao passar. Pequenos quadros a óleo cobriam a parede,

mas a decadência corroera a maior parte da tela. Vislumbres de rostos observavam Ada e o companheiro ao andarem com cuidado pelo corredor. Fungou, como se estivesse tentando tirar o cheiro do nariz.

O próximo recinto parecia mais uma selva do que uma sala de estar. Plantas e flores subiam sobre móveis de madeira velhos acolchoados com veludo azul manchado. Janelas arqueadas deixavam luz entrar, mas um arbusto de galhos espinheiros bloqueavam a fuga pela janela.

As marcas azuis nos braços brilhavam e refletiam dos arredores ao passarem. Um lampejo atraiu a visão para uma mesa coberta com um punhado de lixo. Ela se aproximou e estudou as coisas. Pareciam algo que veria em um ferro velho, ou na casa de um acumulador. Talvez o estado de Vegas fosse mais preocupante do que quando ela... fez outra careta, frustrada que não conseguia lembrar como chegou ali.

Talvez também tivesse amnésia.

Centavos de cobre enferrujados cobriam o fundo de uma tigela rasa transbordando com água da chuva ainda pingando do teto em gotas esporádicas. Ada deu um peteleco em um retângulo que parecia uma caixa que poderia ter sido um celular um dia. Tocou uma superfície redonda e lisa que provavelmente era uma bola de squash e aí cutucou uma guirlanda fina que poderia ter sido uma decoração de Natal em outra vida. Pegou um frasco de canetas esferográficas enferrujadas e chacoalhou.

— Pare. — A mão derrubou o frasco dos dedos dela. Caiu com uma cacofonia no chão.

— Por que você fez isso?

Ele fez uma careta.

— Metais e plásticos são proibidos pela Nascente.

Ela ergueu as sobrancelhas e murmurou baixinho:

— Com certeza faltando alguns parafusos.

*Estou farta.* Balançando a cabeça, deixou o altar estranho e procurou uma saída. Só queria encontrar as amigas. Estavam com ela em Vegas. A probabilidade era que estariam em algum lugar. Esperava.

Água gotejando ecoou ao cair em poças. Folhas farfalharam e o sussurro de um som filtrou atrás dela, mas quando olhou, não encontrou nada a não ser flora.

Procurando sob as trepadeiras na parede, ela perguntou:

— Como sabe que o metal é proibido, mas não sabe seu nome?

Quando não respondeu, ela lhe deu um olhar de soslaio. Parecia tão perplexo quanto ela.

Um feixe de luz filtrou por uma fenda no telhado e pousou em uma trepadeira com uma forma escura de porta por trás. *Bingo.*

— Me ajude com isso. — Ela puxou grandes cortinas de trepadeiras

e tentou arrancar.

Não teve nenhuma ajuda. Ada virou e encontrou o homem olhando para os pés, uma ruga profunda entre as sobrancelhas enquanto estudava um tapete estampado e rasgado.

— O que é? — ela perguntou.

— Conheço isso. — Agachou e passou o dedo pela estampa. O percurso deixou um rastro no tapete encharcado. — Já estive aqui antes.

Aqui, tipo nessa cabana, ou aqui tipo na cidade estampada na tapeçaria do tapete? De qualquer forma, era mais familiar do que ela.

— Esteve? Bom, isso é ótimo. Deve saber como sair daqui.

Balançou a cabeça.

— Não...

O homem era atormentado. Uma pontada de simpatia levou Ada a encontrá-lo no chão. Olhos âmbar colidiram com os dela. Eram quase luminosos no escuro. Junto com os cílios escuros e grossos, ela poderia se perder no seu olhar. E não era um sentimento com o qual era familiarizada. Isso a desconcertou mais do que a pequena tatuagem de lágrima brilhando sob o olho direito dele. Não notara antes.

Medo a lancinou. Era esse o futuro dela? Um maluco apareceria para pintá-la e depois também tiraria suas memórias?

— Vamos descobrir — murmurou, olhos indo para o colar de tatuagem azul brilhante. Vergões marcavam a pele de tanto coçar. Sem poder evitar, ela tocou uma das linhas azuis no pescoço dele. Sibilou. Uma onda de *sofrimento* passou, como se ela mesmo tivesse sentido a dor. Abaixou a mão. — Dói, hm?

Pareceu ofendido, e talvez um pouco defensivo, mas assentiu.

— Também vamos descobrir isso — anunciou.

Deixe Ada no deserto, e ela sobreviveria. No ensino médio, votaram que ela era a mais provável a sobreviver em um apocalipse zumbi. Nenhum deles sabia que ela só frequentara a escola pela primeira vez no segundo ano. Foram cruéis o suficiente sem saberem que passara a maior parte da infância sobrevivendo sozinha na floresta... bom, tinha Harold, o idoso que visitava em troca de aulas de caça e leitura. Mas o ponto era, sairia dessa.

Espanando as mãos, ela se empertigou e foi para a porta. Ergueu o resto da trepadeira, virou a maçaneta e usou o pé para empurrar a madeira. Se moveu um centímetro. Euforia a animou. Virou para compartilhar a animação, mas quase trombou em um peito largo.

— Espaço pessoal, cara — resmungou.

É melhor que não fosse do tipo de se fixar nela depois de alguns momentos de compaixão. A última coisa que precisava era de um cachorrinho triste a seguindo. Depois que se assimilara a sociedade e se formara no ensino médio, Ada conseguira um emprego reabilitando

animais. Havia um filhotinho de puma resgatado que se recusava a voltar para a natureza. Quase considerara se mudar para a floresta com ele, ou levá-lo para casa, mas naquele ponto, já fizera amizade na cidade e sabia que sentiria muita falta delas. A cidade e as amigas ligaram Ada a realidade. Sem elas, teria voltado para a vida solitária de um eremita como Harold.

Outra vez, ele moveu Ada para o lado e usou força bruta para abrir a porta. Podia ter usado toda sua energia para mover um mísero centímetro, mas ele mal movera um músculo para mover toda a estrutura.

— Quanto levanta? — ela perguntou. — Sério, tipo, uns noventa quilos?

Sem resposta, então ela o seguiu para fora e para um quintal tomado pela natureza, assim como lado de dentro. Mas aqui fora...

— Não acredito — murmurou, os olhos se erguendo para o céu. — Azul.

Presumira que o cinza nas frestas do telhado fosse o cobertor enfadonho nuclear do céu queimado, mas... *azul* intercalado com nuvens comuns de tempestade. Isso poderia ser um reduto sobrevivente, não afetado pelo inverno nuclear? Mas o céu queimado cobrira o planeta inteiro.

Pássaros chilreando voavam na luz do sol, pulando de galhos para uma fonte de três andares estagnada, limpando os bicos e depois dançando de volta. Deu uma volta de trezentos e sessenta graus. Vegetação viçosa enchia o jardim do quintal. Paredes de calcário cobertas por trepadeiras os cercavam, junto com os arbustos ocasionais e pequena árvore frutífera.

Ada correu para as árvores e procurou frutas. Quem sabia quando comeria outra vez? Procurou pelas folhas, mas decepção caiu no estômago como pedra. Nada.

Talvez fosse a época errada do ano.

— Isso é incrível — suspirou, e subiu em uma longa mesa de pedra que poderia ter sido usada para festas externas. Na pressa, o pé escorregou no musgo liso e tropeçou. Mãos fortes a pegaram pela cintura. Por alguns segundos, segurou o olhar do salvador enquanto ele a abaixava devagar no chão.

Ele a encarou como se *ela* fosse incrível.

Soltou uma risada desconfortável.

— Escorreguei.

— Sim. — Um pequeno sorriso repuxou os lábios dele. A luz brilhando nos olhos fora fugaz, mas uma onda de recompensa a atingiu no peito. Queria seguir aquela alegria... fazê-lo sorrir outra vez. Esticou a mão e, quando ela esticou o braço, ele recuou com um movimento de sobranceiras. Ela riu como uma maldita colegial.



Talvez ele também gostasse de vê-la sorrir, porque fez o mesmo jogo até ela parar de sorrir. Ele entendeu, e a ajudou a subir na mesa como um cavalheiro. Calor esquentou suas bochechas.

Podia ser um pouco mudo, ou bobo, ou que seja, mas o cara tinha um magnetismo oculto. Tudo nele a desarmava. Os jogos aleatórios. O sorriso devastador. O cavalheirismo estranho. Limpando a mente, forçou a atenção para os arredores da cabana e arquejou.

A terra além foi um soco no peito.

— Voltou — coaxou. — Tudo voltou!

O inverno nuclear roubara a biodiversidade da sua adorada natureza. Tudo estivera morrendo. Mas agora... agora havia colinas verdes molhadas pela chuva recente e árvores verdejantes com vida. Algum tipo de animal de fazenda pastava em um campo distante. Não podia ver bem, mas tinha chifres. Mais longe, fumaça subia da chaminé de uma cabana. *Pessoas*.

A euforia temporária recuou com uma onda de pavor. Virando, analisou o resto da terra cercando a cabana. Terra e floresta se estendiam por quilômetros... por todos os lados. Enquanto a abundância da vida natural clamava por seu espírito despreocupado e nômade, a verdade óbvia e funesta era dura demais para ignorar. Nenhum arranha-céu. Nenhuma luz. Nenhum movimento, correria e limusines de festa brilhantes. Não estavam nem perto de Vegas. Nem perto de casa.

— Onde estamos?

## CAPÍTULO DOIS

O choque de desorientação derrubou Ada. Os joelhos bateram na mesa de pedra. Mãos grandes circundaram sua cintura fina, a puxaram para o chão e seguraram enquanto tremia. Ela o afastou para ficar em pé sozinha.

No máximo, pensou que talvez estivesse em um pequeno pedaço de terra que sobrevivera ao holocausto. Ou talvez algum bunker apocalíptico maluco. Visões dos tipos do Mad Max brincando de sala trancada com eles foram sua presunção *lógica*. Ha!

Lógica não era fator nessa realidade.

Disseram que o céu queimado demoraria décadas, talvez séculos para limpar. Disseram que a terra sofreria imensamente. Disseram que a fauna e a flora seriam extintas, e era inevitável. Fazendas se transformaram de pastos verdes para armazéns hidropônicos. Florestas passaram de viçosas para estéreis. A melhor opção fora deixar acontecer e suportar a tempestade criada por eles mesmos. Esse não podia ser o mundo de Ada. Simplesmente não podia.

— Parece perdida.

Ada apertou os lábios.

— Não sei onde estou.

— Pelo menos tem um nome. — A testa dele franziu. — E memórias.

Deu um olhar clemente a ele.

— Estamos em um sonho? — As amigas estavam vivas? Ela estava? Beliscou o braço. — Ai.

— Por que você fez isso?

— Por diversão — respondeu. Ele falhou em compreender o sarcasmo, então acrescentou: — Não sabia se isso era real.

Por alguns segundos, compartilharam o silêncio, e aí um brilho azul na fonte parada chamou a atenção dele. Inclinou a cabeça, como se estivesse ouvindo alguma coisa. Ada não ouviu nada além da ária dos pássaros e o barulho de algum animalzinho na vegetação. Todas as linhas no seu corpo ficaram tensas, dos ombros largos até os punhos cerrados, e aí, como um predador encontrando um cheiro, ele se aproximou da fonte. Pernas compridas andaram em silêncio. Ada se lembrou de um lobo num campo de grama, caçando a presa. Tão fluido. Tão silencioso. Tão despercebido. Até as garras letais rasgarem

a carne da próxima refeição.

Tudo o que ela via era a fonte de três andares, as piscinas cheias de água da chuva recente. Lesmas se arrastavam pela base e urtiga-morta invadia a bacia, deixando restos roxos que se tornaram rançosos. Mas a água brilhava azul, assim como as marcas nos braços, como se uma força externa existisse no fundo.

Aquela luz tinha que vir de algum lugar.

Ela abaixou e procurou por fios de energia, ou talvez uma luz estivesse acesa. Nada. Estranho. Mas talvez precisasse se aproximar mais. Fios poderiam estar escondidos na base.

— O que é? — ela perguntou.

— Shh. — Ele ergueu um dedo, impedindo-a de se aproximar.

Calou a boca. Os pelos nos braços se eriçaram. Procurou por uma arma no jardim, e encontrou um bastão longo de madeira que um dia poderia ter sido uma vassoura.

As botas dele bateram na base da fonte e aí encarou a água por tanto tempo que ela pensou que tivesse sido enfeitiçado, se tal coisa fosse possível.

Segurando a vassoura, ela se aproximou o suficiente para ver dentro da bacia onde uma imagem em movimento lampejava sob a água, bem parecida com um vídeo em uma tela. Um homem sem idade definida, com pele morena impecável, cabelo dourado comprido e orelhas pontudas e cobertas de pelo, tamborilava o dedo nos lábios. A coroa de vidro equilibrada na cabeça se movia com cada tapinha do dedo. Um rei escandinavo, talvez? Também era estranho, considerando que metade da Europa fora bombardeada.

Os olhos astutos focaram no homem ao lado de Ada, como se pudesse vê-lo, o que era ridículo. Telas de televisão não funcionavam de dois lados, a não ser que tivesse uma câmera em algum lugar.

Olhou em volta do jardim, mas não encontrou nada tecnológico. Supunha que se o comentário sobre metal e plástico serem proibidos fosse confiável, então não haveria nada.

E isso não era uma tela de TV.

*Está na hora de retornar, Jasper.* O decreto do Rei Dourado gorjeou e ecoou como se estivesse mesmo submerso.

*Jasper.* Era esse o nome dele.

Jasper fez uma careta para a água.

— Quem é você?

O Rei Dourado ficou imóvel. Pensamentos calculados por trás de olhos astutos. Primeiro, pareceu surpreso, depois, pareceu pensativo, e aí a expressão ficou sombria com excitação. Falou para alguém fora da tela – ou poça, ou o que fosse.

A expressão do Rei se ergueu com surpresa e ergueu as sobrancelhas para o companheiro, não parecendo se importar que

Jasper podia ouvir as próximas palavras:

— *Parece que está firme. Quanto tempo vai durar?* — Uma pausa. — *Ótimo. A última coisa que precisamos é que perceba quem é antes que possamos recuperá-lo.* — O homem assentiu, depois virou para Jasper. — *Me diga onde está, e mandarei alguém atrás de você.*

Mandar alguém *atrás* de Jasper? Não buscar, ou ajudar, mas atrás.

— Ele parece ser bem adorável — Ada ironizou, tentando aliviar o clima.

A carranca de Jasper colidiu com a dela, mas os lábios se moveram em um quase sorriso.

*Quem está com você?* o rei rallhou, tentando ver o lado de Jasper. Ada sentiu a necessidade de sair de vista, só para irritar o babaca, mas foi desnecessário – Jasper passou a mão pela água, dispersando a imagem, cortando a comunicação como alguém desligaria um aparelho.

Tudo que permaneceu na fonte foram pedregulhos, vidro quebrado, e pétalas roxas cobertas com mofo peludo. E as lesmas que poderia precisar comer se não encontrasse comida em breve.

— Então, o que foi isso? — ela perguntou.

O grunhido de Jasper começou como um ressoar baixo que cresceu em um rosnado hostil. Ada quase podia *sentir* a emoção dele vibrar por si como se fossem dela. A atenção de curvar lábios dele prendeu na fonte quando a luz azul lampejou outra vez. Algo pequeno e liso pulou da fonte com um borribo. Ela viu pequenos dentes de piranha, um rosto monstruoso e membros gosmentos e nodosos. Garras perfuraram a frente de Jasper. Pegou momentos antes de dentes violentos morderem seu nariz. Um aperto do punho, e a espinha da criatura quebrou, murchando o corpo. Jogou para o lado e esfregou os pontos no peito, agora escorrendo fios lentos de sangue pelo tecido preto.

Ada cutucou a pequena carcaça gosmenta com a ponta do bastão. A pele tinha uma camada de geleia, como se vivesse submersa. Bigodes no nariz a lembravam de um bagre. A mancha do sangue de Jasper ainda cobria as garras afiadas.

E aí algo estranho aconteceu – de longe o mais estranho desde que acordara. Pequenas bolas de luz brilhante se ergueram do corpo da criatura e flutuaram como vaga-lumes no céu antes de desaparecerem por completo.

Ela sobressaltou e apontou para o céu.

— O que diabos foi isso?

Jasper não respondeu. O olhar dolorido estava preso na água na fonte onde o Rei retornara, dessa vez com uma silhueta de capuz escuro pairando atrás dele. Os dois tinham olhares sombrios de um assassino em série enquanto observavam e esperavam.

O que estavam esperando?

Jasper grunhiu. A mão foi para os ferimentos, dedos flexionando contra a camisa como se estivesse infartando. Caiu sobre um joelho. O coração de Ada subiu na garganta. O instinto dela foi correr até ele, mas os homens na água a veriam. Em pânico, ficou parada, o coração em guerra com a mente.

— *Isso deve bastar* — uma voz sarcástica disse de dentro da água.

— *Não vai sobreviver a uma mordida de ponaturi.*

— *Ele é forte* — o Rei o lembrou. — *Já sobreviveu coisa pior. Muito pior.*

— *Nem mesmo um Guardião pode sobreviver um ponaturi.*

Um grunhido de concordância, e depois a comunicação cortou.

*Maldição.* Foi uma tentativa de assassinato.

Ada ajoelhou ao lado de Jasper e colocou a mão na bochecha úmida coberta por barba. Ergueu a camisa para analisar os ferimentos. Não eram fundos, mas se fosse para acreditar na silhueta sombreada na água, Jasper fora envenenado.

— Não estressa — murmurou, se forçando a permanecer calma. — Sei o que fazer.

Não sabia. Sabia. Ah, Deus... sabia?

— Tire a camisa — ela disse.

Jasper tentou erguer os braços, mas fez uma careta de dor. Sobressaltou para frente e engasgou. Ah, merda. *Ele vai vomitar.* Os ferimentos perto da clavícula ficaram de um roxo intenso rápido. A toxina já podia estar chegando no sangue. Era provável que já era tarde demais.

Mesmo assim, precisava fazer alguma coisa, então ergueu a camisa, colocou os lábios no ferimento e chupou. Sangue amargo marcado por algo acre encheu sua boca. Cuspiu e depois repetiu, tentando ignorar o jeito que o corpo pesado de Jasper se encolheu enquanto a usava como apoio.

— Eu cuido de você. — *Não vou deixar você morrer.*

Porque aí ela não teria ninguém.

Foi para cada um dos quatro ferimentos de garra e repetiu a ação. Chupa, cospe. Chupa, cospe. Cada vez ela desejava em silêncio que o veneno saísse, que deixasse o corpo de Jasper, e acabasse no chão. Imaginou como uma meleca preta na água límpida. Cada chupada removia a meleca, deixando apenas pureza. No ferimento final, o controle de Jasper sobre a postura cedeu. Desabou em Ada. Caíram no chão. Ela os manobrou de lado para que não fosse esmagada, mas bateu o ombro dolorosamente no chão de pedra.

Frenética, conferiu os ferimentos, pensando que deveria ter aberto a pele para ter mais acesso ao veneno, mas não havia infecção em volta do local. Parecia saudável e estranhamente, menor. Como se estivesse

se curando. Talvez ela tivesse imaginado que era pior. O companheiro sombrio do Rei dissera algo sobre ninguém sobreviver a uma mordida de ponaturi, mas eram punções de garras.

— Ei, Jasper. — Deu tapinhas na bochecha dele. — Acorde.

Cílios compridos farfalharam, um gemido grave chacoalhou as costelas dele, mas as pálpebras permaneceram coladas. Ada pairou a orelha sobre a boca dele e sentiu o hálito quente de uma respiração constante. Ótimo. Pressionou o ouvido sobre o peito nu, bem acima das marcas azuis brilhantes que deram os vergões. Agora que ela empurrara a camisa para cima, podia ver os vergões claramente. Mais marcas e cicatrizes se alongavam para baixo sobre o torso.

Ela ouviu. Coração estável. Ótimo.

Ele estava bem. Pelo menos por enquanto. Ela precisava limpar os ferimentos direito, mas não havia água limpa. Fazendo uma careta, usou a água da fonte para limpar a boca. Não sabia se queria arriscar usar a água suja nos ferimentos abertos. Talvez ela tivesse acabado de se dar uma doença, mas era isso ou o resíduo de veneno na língua. Uma sensação assoberbante de desamparo a preencheu, e um rompante de medo traidor fez um choramingo escapar. Limpou o rosto com o dorso da mão.

— Apenas pare, Ada — falou. — Não é do seu feitio. Pode sobreviver sozinha, sem problema. Encarou coisa pior do que isso. É a versão feminina de MacGyver. — Mas o discursinho encorajador não ajudou muito a amenizar o medo. Apertou os olhos fechados, sentiu o ardor de lágrimas e apertou com mais força. Onde estavam as amigas? Onde estavam Clarke e Laurel? O resto da cidade. — Preciso de ajuda, maldição.

Mesmo nos dias mais sombrios de Vegas, os socorristas da cidade não cederam sob a crise nuclear. Continuaram a abordar cada drama conforme acontecia, com confiança inabalável e de inspirar admiração. Apenas continuaram.

*Então continue.*

Ada abriu os olhos. Espreitando a cabeça de baixo de flores roxas de uma urtiga-morta estava uma pessoa pequena e alada. Verde e marrom, não era maior do que o polegar. Ada esfregou os olhos e conferiu outra vez.

Nope. Ainda presente.

— É a porra de uma fadinha — falou boquiaberta. A coisinha pequena balbuciou brava para ela. Ergueu as mãos. — Desculpa, então... não é uma fadinha?

Ou era porque fora amaldiçoada?

Balançou a cabeça, mas os olhos se iluminaram. Apontou para ela, e depois para a carcaça do ponaturi, e depois para si, esganiçando em uma linguagem pequenina demais para que compreendesse. Teve a

sensação estranha de tê-la ofendido, e que devia algo.

— Quer o corpo?

Ela assentiu.

— Tudo bem. Pegue.

Podia ser comestível, mas Ada comera o suficiente de plantas venenosas, insetos e animais. Também ficou doente com elas.

A pequena não-fadinha alada pulou, segurou a perna da pequena carcaça e aí a arrastou de volta para as plantas cercando a fonte. A pele translúcida do ponaturi chacoalhou e balançou conforme passava sobre paralelepípedos.

Jasper começou a se mover, sobressaltando, e sonhando. Estava com medo. E cheio de ódio.

Por que ela saberia disso?

Ergueu o braço tatuado de azul e deu uma olhada entre sua mão e a dele. As marcas eram idênticas. Poderia ter conectado os dois de algum jeito?

— Ei — sussurrou e colocou uma mão equilibrada sobre o peito dele.

Soltou um suspiro profundo e ficou imóvel quase na hora. Tirou a mão e ele fez uma careta tão rápido que colocou de volta.

— Gosta disso, hm? — murmurou. Supunha que se não pudesse encontrar água limpa, então confortá-lo era a melhor opção.

Conforto e prece para a entidade superior que sabia existir em algum lugar. Em todas as vezes que se perdeu na floresta, se recuperando de uma mordida de cobra ou torcendo para que as frutinhas que comera não a matassem, rezara para esse ser sem nome. Não acreditava no Deus Judeu-Católico, ou qualquer outro, a propósito, mas sempre acreditara em *algo*.

Porque todas as vezes que estivera à beira da morte, temendo que ninguém a salvaria, rezara e sobrevivera. Vivera para ver mais um dia. Talvez fosse um anjo da guarda, exceto que essa presença benevolente não tinha asas. Estava em todas as partes da natureza. Era a própria vitalidade do mundo. E era grato pelo tempo que ela gastava preservando seus residentezinhos peludos.

Sabia que a noção romântica era tola, mas era tudo o que teve como companhia nas muitas noites solitárias crescendo sozinha. E parecia certo.

Mantendo a mão no peito de Jasper, deixou os dedos roçarem de leve o tecido da camiseta, trombando nas cicatrizes que vislumbrou por baixo. Pareciam ferimentos de batalha. Talvez ele fosse algum tipo de soldado.

Estava quente, mas não febril. A camisa se juntou no abdômen, revelando pequenas veias marcando os músculos e entrando sob as calças junto com um punhado de pelo escuro.

O coração acelerou. Em repouso, era mais bonito do que acordado. Cheirava como puro macho, mas marcado por algo doce como groselha. Antes que percebesse, se aproximara para inalar o cheio entorpecente fundo nos pulmões.

— Não seja boba — murmurou baixinho, depois se moveu para trás. — Encontre outra coisa para pensar.

Então focou nas marcas arcanas espreitando do colarinho da camisa. Eram diferentes do que os padrões nos braços. Aquelas marcas eram quase naturais e fluíam em um padrão linear que se movia em harmonia com o formato do membro. Era quase uma digital, ou as linhas de contorno de um mapa. Gostou da ideia. Esse homem tinha uma história tão intrigante quanto um mapa. O corpo revelava segredos incontáveis. Das cicatrizes até os músculos definidos, até os calos nos dedos, até as tatuagens brilhantes.

Vivera. Vira muita coisa. E isso ressoava com ela. Também tinha cicatrizes, só que as dela eram, na maior parte, internas.

As marcas em volta do pescoço pareciam cruéis. Cortes retos e raivosos misturados com curvas irregulares. Não pertenciam nesse corpo. Passou o toque sobre eles, e Jasper murmurou em protesto, mas logo voltou para o sonho que parecia estar tendo. Esperava que fosse um bom sinal. Não tinha febre, nenhum suor no lábio ou testa, e nenhuma descoloração nos ferimentos. Continuavam a fechar, limpos.

— Extraordinário — murmurou, e olhou com mais atenção.

Ela puxou o colarinho da camisa mais para baixo e tocou em volta de um ferimento perto de onde a punção da garra atingira as marcas azuis na clavícula. O azul se ergueu sob a unha ao arranhar, separado da pele, revelando um brilho oleoso escuro embaixo. Nojento. Limpou o resíduo escuro e olhou para o paciente dorminhoco para ver se o incomodou, mas não se moveu, então ela continuou a remover. Não podia explicar, mas parecia a coisa certa a ser feita. De certo, se estavam criando vergões intensos, deveriam sair. Outra cutucada, outra remoção. E continuou falando sozinha. O hábito devia vir de uma infância solitária, ou dos anos passados reabilitando animais feridos, mas descobriu que a voz acalmava a ela e aos animais com que trabalhava.

— Deveria acordar em breve, Jasper — falou, arrancando mais do colar de tatuagem. — Acabamos de nos conhecer, mas até agora, é legal. Quero dizer, é meio que a *única* pessoa que conheci aqui, então suponho que não signifique muito. A não ser que conte o Rei e o amiguinho dele, mas acho que qualquer um pareceria legal perto deles, se é que me entende. — Ela bufou, mas respirou para forçar o sarcasmo de sempre a desaparecer e começou de novo. — Não sei bem onde *aqui* é, mas com certeza não é meu lar. Tem coisas estranhas. Fadinhas que esganiçam para mim por chamá-la de fadinha. Tem



fontes que deixam você falar pela água. Tem criaturas gosmentas com presas que são conjuradas da água quando não estavam ali antes. E tem homens com orelhas pontudas e peludas... — Ela se interrompeu e olhou para as orelhas de Jasper, escondidas em parte atrás do cabelo bagunçado. O coração dela parou, e resistiu a vontade de conferir sob as madeixas escuras. E se as orelhas dele também eram pontudas? *Só um jeito de descobrir*. Esticou a mão, afastou um pouco do cabelo, e depois puxou de volta com um arquejo de surpresa. — Você é um deles.

O que seja que *eles* fossem. Não era humano, isso era certeza.

As orelhas eram iguais as do Rei. Pontudas com pelos na ponta que combinavam com a cor do cabelo. Ada levou o olhar estudioso de volta para o rosto do paciente.

— É um deles, mas o Rei não era seu amigo. Mandou aquela *coisa* para te machucar. O que significa que ele te conhece, e tem medo de você.

Pensativa, voltou a arrancar a marca azul.

— Para ser honesta, se não tivesse me ajudado, talvez teria medo de você também. É bem imponente. Pertence a esse lugar, diferente de mim. Se melhorar, talvez possa me ajudar a encontrar minhas amigas. Talvez possamos ajudar um ao outro. Mas precisa acordar, Jasper.

Um pedaço de mais de dois centímetros de largura e quase cinco de comprimento saiu inteiro, junto com mais pedaços da tatuagem. Limpou o resíduo oleoso preto que escorria. A escuridão ressoava com um eco sinistro. Estremeceu e arremessou para o lado.

Jasper se sentou com tudo com um rugido tão grave e alto que chacoalhou o ar.

## CAPÍTULO TRÊS

Jasper sonhou que nadava nas águas mornas do lago cerimonial, dolorosamente ciente das Minhocopoços circundando abaixo. Ainda para superar as contenções fracas da juventude, os membros ardiam de manter a cabeça acima da água. O tempo estava se esgotando.

Flocos de neve caíram no seu rosto. Apesar do inverno ártico, o lago estava sempre quente, iluminado por baixo por alguma caldeira primitiva. O olhar encontrou a vida aquática luminescente sob ele e a mesma cor vibrante ao longo das árvores cercando a margem, subindo pelos troncos como decorações festivas. A vida brilhante sinalizava a fonte de mana da Nascente – a energia cósmica que dera vida a todos os elphynos. Se fosse morrer esta noite, ao menos estava bonita.

Lobos uivaram ao longe, interrompendo o silêncio da noite. O coração bateu um pouco mais forte. Os ouvidos aguçados de metamorfo identificaram plantas e vegetação rasteira, farfalhando conforme patas se aproximavam pela floresta. Pássaros arrulharam e ascenderam ao céu quando bandoleiros bajuladores e o Rei fae invadiram o lar tranquilo deles.

*Estão vindo.*

Tentou não afundar muito baixo e rezou para que tivesse a coragem de sobreviver o que aconteceria em seguida. Os Minhocopoços o levariam para baixo. Era isso ou encarar a morte de um bastardo pelas mãos do Rei.

Preferia encarar as minhocas.

Preferia deixar a Nascente julgar seu coração de doze anos de idade.

A mãe apelara para que fosse gentil... corajoso. Então viera para o lugar onde os mais corajosos iam. Os Guardiões lendários vinham para cá como simples fae. Partiam como heróis. Se fossem considerados dignos, a Nascente os abençoava com o dom de usar armas de metal destruidoras de magia sem ter o próprio mana bloqueado. Fae possuíam uma quantidade limitada de mana dentro dos corpos para usar na conjuração de magia, e não importava quantas vezes se reabasteciam de uma fonte de poder, como este lago, havia um limite. Mas depois de completar a iniciação, a capacidade de um Guardião de armazenar mana expandia. Podiam durar mais tempo em batalha do que até o mais Alto Fae, aqueles como o Rei.

Mas esse poder tinha um custo. Guardiões dedicavam as longas vidas a defender a integridade da Nascente. Matavam monstros deturpados pelo mana; policiavam a posse de metais e plásticos proibidos – porque bloqueavam o fluxo de mana – e protegiam o povo fae do inimigo humano que procurava devolver o mundo aos antigos, gananciosos e áridos costumes.

Dois terços que entravam no lago eram considerados indignos e falhavam em emergir vivos. Em vez de afundar e serem atribuídos a essência da Nascente da própria vida, as carcaças inchadas flutuavam até a superfície, a vergonha para todos verem e um aviso contra os que ousavam contemplar tomar o poder quando não era merecido.

Um garoto covarde poderia ser digno?

Os pecados voltaram para provocá-lo. Quando deveria ter gritado, ficara calado. Quando deveria ter lutado, se escondera. Deveria ter feito algo em vez de tremer de medo conforme o sangue quente da mãe pingava no seu rosto ao deitar no espaço escavado sob o piso de madeira.

A última coisa que viu antes de submergir na superfície do lago foi o sorriso cruel do pai na margem, os lobos de caça rosnando ao seu lado. Também não acreditava que Jasper era digno. Presumiu que Jasper flutuaria.

Minhocas grossas e viscosas se enrolaram nos tornozelos de Jasper, e ele afundou.

Para baixo, baixo, baixo na água fria turva e escura, até uma profundidade onde ninguém ousava se aventurar. Apenas os mais corajosos afundavam. Apenas os mais dignos sobreviviam. Em volta do corpo dele, Minhocas compridas e enrolavam, apertando e contraindo até os braços grudarem aos lados. Os pulmões arderam. O coração acelerou.

Medo transformou o sangue em gelo. As minhocas deslizaram sobre os lábios fechados, implorando para que ele abrisse e deixasse elas entrarem.

*Nenhum movimento, amor, ou o feitiço vai se quebrar e ele sentirá seu cheiro.*

Se sobrevivesse a isso, se tornaria um Guardião. Poderia salvar os fae que o pai matava em nome de segredos e poder. Poderia protegê-los. Todos eles.

Precisava ser corajoso para que da próxima vez que o pai tentasse silenciar uma mulher, uma mãe, ou uma filha, ele estaria presente.

Parou de lutar. Cedeu. As minhocas deslizaram em volta do pescoço dele e invadiram a boca. Nadaram por sua garganta e o julgaram por dentro. Engoliram os gritos.

O sonho se transformou. Dessa vez, a experiência era inédita. No começo, fora julgado por meros doze anos de vida. Dessa vez, não era

mais criança. A idade era contada nas centenas. Em algum lugar da sua mente, sabia que não deveria estar de volta ali. Que devia ser um sonho. Ninguém se submetia duas vezes ao julgamento da Nascente. Ninguém queria. Mas aqui estava. As minhocas engasgaram. Invadiram. Envolveram. Elas se esbaldaram na escuridão da sua alma. Cercaram seu coração e apertaram.

Fizera o que prometera? Protegera os inocentes – garantira que aqueles parecidos com sua mãe foram ajudados?

*Rasgando a pele do inimigo para o aplauso de uma multidão fútil.*

*Perdendo a mente com alucinógenos.*

*Gastando a moeda com Cortesãs Rosebud e recebendo os prazeres vazios que ofereciam.*

*Fae cuspiendo aos seus pés enquanto andava pelos vilarejos para coletar o imposto que a Ordem da Nascente exigia, ou os tributos de novinhos – crianças.*

*Observar a fêmea do melhor amigo ser executada depois de parir... por decreto do Rei.*

Poderia ter feito algo. Poderia tê-la protegido.

*Você é corajoso.* A memória de Mama zombou dele. *É gentil.*

As minhocas engasgaram. Roubaram o fôlego dele. Escuridão se aproximou.

Outra voz soou distorcida ao longe, um bote salva vidas para sua alma pesada.

O tom era gentil e carregava uma doçura rouca e seca que o aqueceu como vinho quente.

*— Acabamos de nos conhecer, mas até agora, é legal...*

Ele se firmou na voz enquanto entrava e saía do alcance.

*— Pertence a esse lugar, diferente de mim. Se melhorar, talvez possa me ajudar a encontrar minhas amigas. Talvez possamos ajudar um ao outro. Mas precisa acordar, Jasper.*

Dor deslizou por ele e acordou com um rugido, arfando respirações profundas.

Uma mulher loira piscou para ele, surpresa. Dor no peito. *Culpa dela!*

Levantando do chão num pulo, avançou nela, derrubando-a e a prendendo pelos ombros. O lobo interior lutou contra os confins do corpo de Jasper. Queria sair. Queria vingança.

*— Você me machucou! —* Fechou os dentes a um centímetro do seu rosto.

Ela se afastou, fechou os olhos e ficou imóvel.

*Ela não está lutando.*

*Está respirando tranquila. Não está com medo.*

Estava... preocupada. Sentiu a emoção vir até ele pelas marcas azuis no braço direito. Tinha as mesmas marcas no dela. Deveria saber

o que significavam, mas... o pescoço coçou. Ardeu.

Afastou-se um pouco e a estudou. Cabelo loiro comprido enrolado em uma trança bagunçada estava espalhado nos paralelepípedos. Rosto bonito corado. Lábios rosa. Sardas. Mulher frágil. Os olhos dele foram para o lado. Rosnou para as orelhas redondas.

— Humana.

O lobo estava tão perto de tomar conta. Os olhos dele arderam com o poder. Queria proteger, investigar, sobreviver. Mas havia algo na humana... *Diferente*.

Ele a cheirou. Exalava mana, poder. O nariz afundou no cabelo dela, depois pela veia no pescoço até a frente. Mais baixo. Inalou o cheiro doce-apimentado de mulher, e um rosnado baixo ficou preso na sua garganta. Uma onda de desejo carnal colidiu com ele.

*Desejo. Minha. Tome.*

O lobo exigiu que Jasper tomasse o que era seu. Precisou de todo tiquinho de controle para restringir os instintos primitivos. Fechou os olhos e respirou com as emoções.

— O lobo é parte de mim, não o contrário — resmungou para si. Depois repetiu, várias e várias vezes, até a vontade exigente de se transformar ceder.

Quando abriu os olhos, ela evitou seu olhar. Tirando os dedos dos ombros dela, se afastou. O cheiro sedutor o afetou de um jeito que a lógica não pôde compreender. Precisava dela como se fosse a parceira dele – o par verdadeiro – a mulher com quem passaria o resto da vida imortal. Entretanto, era humana.

*Inimiga.*

Apertou a cabeça e puxou o cabelo. A mente era uma névoa.

— O que fez comigo? — falou, rouco.

A mão foi para a dor ainda irradiando do peito.

Até que enfim, ela encontrou seu olhar. Encontrou cautela, inteligência, e algo que reconhecia todas as vezes que encontrava o olhar do seu reflexo – o desejo de viver. Bom... ele costumava ter isso.

Não cederia sem uma briga, essa aqui. Fez outra faísca animadora da caçada percorrer os sentidos dele. Então, por que se submetera a ele?

— Tirei isso do seu pescoço. — Um fio azul gelatinoso estava pendurado dos dedos dela.

Olhou para o peito. Pelo que podia ver, mais marcas azuis cobriam a parte superior do torso. Enfiou o dedo em um buraco na camisa e viu mais azul sob ela. Quando tocou o pescoço, sentiu que estava um pouco levantado e irritado. As marcas no braço eram diferentes. Lisas, linhas com formas curvas como o contorno de um mapa, a sensação era de pertencimento.

Esfregou o pescoço. Aquelas marcas eram responsáveis pela mente

anuviada. Tinham que ser.

— Tire mais — exigiu e apontou para o pescoço.

— Hm. — Mordeu o lábio e se levantou devagar até sentar. — Certo. Por favor cairia bem.

— Por favor.

Ela ergueu a mão, hesitou, depois encontrou o olhar dele.

— Pode doer.

— Estava despreparado da última vez. Dessa vez, estou pronto.

Fechou as mãos em punhos e sentou nos calcanhares. Assentiu.

Ela acariciou a pele da sua clavícula. Um arrepio o percorreu com o toque. Ele se moveu para ficar confortável e aí notou quatro ferimentos de punção no torso. Tocou-os, mas não tinha memórias do ferimento.

— Sabe — ela disse. — Também chupei o veneno dos seus ferimentos. De nada.

— De nada — ele murmurou.

Ela riu. O olhar dele encontrou o dela e por um segundo, ficou perdido nos pontos dourados dançando nas íris marrom intenso. Aí algo que ela disse fez sentido com satisfação primitiva. Um sorriso curvou seus lábios.

— Sua boca estava em mim? — perguntou devagar. — Chupando?

— Sim, bom, precisei fazer isso. Não iria, bem, deixar você morrer, né?

Ela o protegera.

A noção intensa atingiu seu coração. Do lado de fora, ficou imóvel. Por dentro, se tornou uma torrente agitada de sensação, desejo e instinto possessivo.

A testa dela enrugou ao tentar puxar uma marca no pescoço, mas não conseguia segurar.

— Não está funcionando dessa vez.

Ele mal ouviu. A mente ainda estava focada no desejo ardendo em suas veias, o incitando a puxá-la mais perto. Só mais um centímetro. Talvez mais. Tornou-se um turbilhão incompreensível de sensação. Os olhos marejaram. Se não a provasse logo, iria...

— Aconselho que se afaste, humana.

— Por quê?

Rosnou baixo, a voz um ronco profundo.

— Porque meu lobo quer que eu te reivindique.

Ela se sobressaltou e se afastou.

Desejo borbulhou em um coquetel volátil dentro do corpo dele.

*Tome-a, reivindique-a.*

Nunca tomaria uma mulher contra a vontade, nem mesmo uma humana. O ato era desprezível. Então ele levantou, se virou e passou o braço pela primeira coisa que pôde alcançar – um vaso sobre uma

mesa de pedra. Voou, depois colidiu contra a parede de pedra, estilhaçando em pedacinhos pequenos e caindo no chão. Em seguida, virou a própria mesa de pedra. Soltou um grande uivo de desafio.

Arquejando respirações fundas com a mandíbula apertada, ergueu o queixo e uivou para o céu. Quando a última nota morreu, ele se encontrou de quatro e preso dentro do corpo de um lobo. *Não!* Sem o seu consentimento, usara o mana e se transformara. Ele se libertara.

O lobo era tudo o que ele não era. Corajoso. Implacável. Violento.

Fazia o que precisava para sobreviver.

E estava faminto.

Com o nariz empinado, encontrou um cheiro. Fêmea. *Minha. Parceira.*

Perseguiu-a, encontrou-a agachada perto de uma fonte. Ela evitou seu olhar e se abaixou mais, como se pressentisse que não deveria provocá-lo.

Mas não era um lobo, nem mesmo era fae. Como poderia ser sua parceira? Curioso, zanzou na sua frente. E aí ela começou a falar:

— Não sou sua inimiga — murmurou, ainda sem fazer contato visual. — Sou Ada. Você é Jasper. Ao menos acho que é. Parece ter se esquecido. Para ser honesta, não parecia que se lembrava de muito. Mas não importa como nos chamamos, as mesmas coisas permanecem. Estamos nessa juntos. Chegamos nesse lugar, nenhum de nós tem nenhuma ideia de como chegamos aqui. Sou de um lugar chamado Las Vegas. É nos Estados Unidos...

Continuou a falar baixinho e em tons calmos. Era a mesma voz que o tirara do sonho. Inclinou a cabeça e sentou no flanco e aí ouviu a história dela de como os dois chegaram nesse lugar. Ressoou. Pareceu certo.

Devagar, com cada palavra da sua boca, a raiva e fogo desapareceram até, uma hora, ela parou de falar. Ele ganiu baixinho.

Ela o encarou e encontrou seu olhar.

— Jasper?

Jasper lutou para tirar o controle do mana do lobo. Ele se transformou de volta na forma fae, arquejando do esforço. Erguendo o olhar taciturno para ela, usou o punho para fazer um movimento circular em volta do coração. Vergonha o cobriu e abaixou a cabeça.

— Não sei o que isso significa — ela disse. — O gesto com a mão.

*Crimson.*

Procurou no chão coberto de musgo até encontrar as calças e aí chacoalhou para inspecioná-la. Ainda inteira, graças a Nascente. Devia ter tirado, entretanto, a camisa não sobrevivera a transformação repentina. Estava em trapos. Apertando a mandíbula, virou as costas para ela e colocou as calças, só a encarando depois de abotoar.

— Significa que pedi desculpas — explicou.

— Por que não diz a palavra?

— Porque aí deveria um favor a você. Teria direito de usar seu mana para forçar uma barganha comigo. — Ergueu a sobrancelha, se sentindo mais como si próprio – quem quer que fosse. — Não sinto tanto assim.

— Mana? — As mãos dela se remexeram.

Era provável que a humana não fizesse ideia do que era mana. Salvara a vida dele, então sentia que devia a ela uma explicação, ao menos. Então explicou as leis da Nascente – que se recusava a fluir através de metal e plástico, que era a força vital da própria terra – e aí apontou para o braço dela.

— De algum jeito, por algum milagre, foi abençoada pela Nascente. Posso sentir o cheiro em você.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Também posso me transformar em lobo?

Observou as orelhas redondas com argúcia.

— Improvável. Mas o que pode fazer ainda é um mistério para mim. Talvez esteja conectado a como remove as marcas do meu pescoço.

Ela balançou a cabeça.

— Mas dessa vez, não consegui.

— Aprender a controlar o mana precisa de tempo e treinamento. — Franziu o cenho. — Não sou a pessoa adequada para te ajudar. Eu não... — O pescoço lampejou de novo, interrompendo seu pensamento. Soltou um rosnado frustrado e fechou os punhos.

— Então... o que aconteceu? Antes? — ela perguntou.

— Você me diz.

— Num minuto estava encarando a água daquela fonte, falando com aquele homem de cabelo dourado, e aí essa coisa pula pra fora e te golpeia. Estava envenenada. Chupei um pouco do veneno, mas você desmaiou. — Ela deu de ombros. — Enquanto estava desmaiado, pareceu estar com dor, mas quando coloquei a mão em você... não sei. É bobo. — Ergueu os olhos para o céu. — Tudo isso é insano.

— Me conte mesmo assim — incitou.

— Você se acalmou quando coloquei a mão em você.

*Parceira*, o lobo rosnou. *Minha*.

Deu uma olhada perscrutadora de cima em baixo para ela. Da cabeça loira até pés delicados descalços, era atraente. Muito. E tinha a mesma marca azul no braço. Franziu o cenho conforme uma explicação tentou surgir, mas um ardor e coceira repentinos no pescoço a roubou.

Coçou.

— Pare — ela advertiu.

— Não posso evitar.



— O que seja que está no seu pescoço, não é o mesmo que está nos nossos braços. E acho que está conectado a sua falta de memória.

Ele tinha a mesma suspeita. Não podia escapar da sensação que deveria estar em outro lugar, que tinha responsabilidades. As memórias estavam bloqueadas e ela as deixara em céu aberto... só um pouquinho, só o suficiente para limpar um pouco da névoa.

— Lembra de quem é? — perguntou com um olhar rápido para a fonte.

— Não — ele respondeu. O nome Jasper soava desconhecido.

— Como chegamos aqui?

— Não sei.

— Sequer sabe que se transformou em um grande lobo preto?

A sobrançelha dele arqueou.

— Certo. Pergunta boba, tá bom, então, o *que* você sabe?

A pergunta o deixou mais estupefato do que qualquer outra coisa. A mente doeu para procurar fundo. O pescoço ardeu. Só sabia o que acontecera desde que acordara com sensações vagas que deveria estar em outro lugar.

— Sei que fez algo que pareceu ajudar. Sei que deveria estar em outro lugar... que tenho responsabilidades. Sei que meu lobo quer que eu a reivindique, que essas marcas no braço nos conectam de um jeito que deveria respeitar. — Olhou para a mão, murmurando: — Abençoado pela Nascente.

Era inconcebível. Ela era humana. Ia além de tudo que sentia ser certo.

— Sei que é minha, humana. Mas não preciso gostar.

Ela cruzou os braços e inclinou o quadril.

— Sim, e eu estou aqui, me divertindo a beça. — As sobrançelhas dela abaixaram. — E, pera lá, com certeza não sou sua. Não pertenço a ninguém, muito obrigada... o que seja que você é.

— Fae — respondeu.

— Saúde.

O lábio dele se moveu.

— O quê?

— Espirrou.

— Não, falei que sou fae. É o que sou. Você é humana, e sou fae do fogo, para ser exato. Mudo de formas, diferente de outras raças fae.

— Fae? Tipo o Povo Fada de contos de fadas antigos? — Olhou para o céu. — O que vem depois? Porcos voadores?

Ele deu de ombros.

— É possível que tenham existido no mundo antigo.

— Mundo antigo? — As sobrançelhas dela franziram. — Ah, está falando sério.

Deu de ombros outra vez.

— Certo. Não se lembra. — Ela suspirou. — Precisamos encontrar alguém que pode nos ajudar. Nenhum de nós é capaz de muito no momento e preciso mesmo comer. — Olhou na direção do portão que levava para os campos lá fora. — Vi algumas coisas pelo lugar que posso usar para fazer uma armadilha. Estou faminta, e precisamos nos mover antes do pôr do sol ou acampar aqui pela noite. Acho que fica frio nesse lugar.

Jasper não tinha medo do frio. Podia andar quilômetros na neve e se sentir bem. O pescoço coçou como se uma memória tentasse emergir, e grunhiu com irritação. A humana estava certa. Comida primeiro, e aí poderiam encontrar ajuda. Mas ele seria o provedor.

— Fique aqui — falou, e andou para o portão.

— Aonde vai?

— Caçar.

Ada correu atrás dele ao emergirem para fora. Uma floresta estava à esquerda, e colinas de grama à direita. Em algum lugar no vale, fumaça subia da chaminé de uma cabana. Ele fungou, mas encontrou cheiro de inimigo.

Ada apontou para a cabana.

— Olha.

Ele balançou a cabeça.

— Não vá lá.

— Mas poderiam nos ajudar.

Ele se eriçou.

— Confie em mim. É melhor ficarmos longe, e você ficar aqui.

— Por quê?

— O que seja que tem lá, não será nosso amigo. Elphyne é um lugar perigoso, humana. Coisas perigosas aparecem em pacotes bonitos.

E ele era uma delas. Tirou as calças e se transformou em lobo antes de trotar para as árvores sem olhar para trás.

## CAPÍTULO QUATRO

No momento que o fae se transformou em lobo e desapareceu na floresta densa, Ada começou a recolher itens de dentro da cabana lixão para construir uma armadilha. Enquanto ele estivera analisando-a, e talvez a aceitando com arrogância – no momento – ela estivera gritando em silêncio na cabeça.

Isso era insano.

Ele se transformara em lobo bem na frente dela.

As orelhas eram pontudas. Dissera que era parte de uma raça mágica e mitológica.

E o babaca parecia pensar que ela pertencia a ele.

*Não pertencia a ninguém.*

Poderiam estar presos juntos até conseguirem encontrar ajuda, mas com certeza não o deixaria pensar que poderia mandar nela. Podia cuidar de si própria.

*Sei que é minha, humana. Mas não preciso gostar.*

Enrugou o nariz. *Que seja, babaca.* Ela também não precisava gostar.

Forçou a mente a voltar para a tarefa de montar armadilhas. Se não conseguisse algo rápido, então precisaria vasculhar a floresta em busca de comida à noite, ou pior, comer as lesmas.

Primeiro, foi para a lareira e pegou um pouco de carvão velho para esfregar nas mãos. Desse jeito, quando tocasse os itens da armadilha, o cheiro não seria transferido. Depois, andou pela cabana, procurando coisas que poderia usar. O melhor que encontrou foi um varão de cortina velho, uma cesta e canetas que poderia usar como gravetos de alavanca para a armadilha. As lesmas fedorentas eram isca. Não tão boas quanto manteiga de amendoim ou sardinhas. Com sorte, não precisaria de nada disso se Jasper voltasse com comida.

Sentindo-se orgulhosa de si, recolheu gravetos das árvores e aí montou armadilhas de gravetos perto dos limites da floresta e a de cesta mais perto do campo que levava até a fazenda ao longe. Se Jasper tivesse deixado ela se afastar para investigar o animal que vira pastando... Podia ser uma vaca.

O ambiente parecia inocente o suficiente, mas até aí, não sabia nada desse lugar chamado Elphyne. Uma criatura parecida com um globin pulara da fonte e quase matara Jasper – um homem que

parecia bem difícil de se matar.

E isso levou sua mente para a coisa mais surpreendente de todas. A magia era real, e ele acreditava que ela a possuía. Balançou a cabeça, incapaz de aceitar a verdade assombrosa. No momento, precisava focar em sobreviver. Amanhã, iria ponderar a maravilha do seu deslocamento.

Depois que colocou as armadilhas, voltou para a cabana e encontrou uma tigela para coletar água de chuva. Trovão ainda ressoava de vez em quando, e as nuvens de chuva escuras não haviam partido. Com sorte, isso significaria um suprimento de água fresca.

Ficar aquecida era o próximo item da lista. A temperatura baixa da madrugada poderia matá-los mais rápido do que qualquer falta de comida ou hidratação. Enquanto esperava as armadilhas serem ativadas, coletou gravetos para a lareira, mas sem uma faísca ou fósforos, não estava animada para acender.

Até que enfim, ela se acomodou contra a parte de fora do muro do jardim, pegou a corda comprida que acabava na armadilha de cesta e esperou o pobrezinho de um animal desavisado se aventurar sob ela. Com cada momento que passava, o sol dourado se punha sobre as colinas verdes. Tentou permanecer positiva. Armadilhas eram um jogo de quantidade. Quanto mais tinha, melhores as chances de pegar comida, mas teria sorte de pegar algo esta noite. Lesmas poderiam ser uma péssima isca.

Por enquanto, era bom tirar um segundo para apreciar a visão da natureza restaurada. Sempre uma reação visceral, a tensão desenrolou no seu corpo, mas no momento que desapareceu, uma tristeza pesada a cortou. Afastou lágrimas crescentes dos olhos, odiando que o fae poderia voltar e ver sua fraqueza.

Cada pensamento que contivera desde acordar veio à tona.

A alegria de ver o mundo nascer de novo.

A tristeza da saudade das amigas.

O medo e a atração em guerra com o novo companheiro.

A confusão com as regras desse mundo.

Cada emoção a cobriu por dentro até a garganta embargar e ela tossir para aliviar a tensão, estremecendo para afastar a melancolia. Cair em desespero só a levaria a morte. Um barulho de farfalhar fez sua cabeça erguer.

Um pequeno animal fofinho pulava sob a jaula de cesta. Puxou a corda. A cesta caiu, a armadilha ativada. Euforia borbulhou por ela e quis gritar em triunfo. Coelho para o jantar. A boca salivou. Ficando em pé, deu um olhar preocupado para a floresta. Horas passaram e Jasper não retornara. Ainda bem que decidira não esperar por ele. Poderia nunca voltar.

*Coisas perigosas aparecem em pacotes bonitos.*

Ela bufou.

Jasper com certeza era bonito. E ela acreditava que *era* perigoso. Aquela primeira vez que ele a atacou ao lado da fonte, quase fizera xixi nas calças, e encarara um urso preto um dia. Bom, encarou um urso e escapou se fingindo de morta. Mesma coisa. Um dor no braço marcado lampejou, e tentou não pensar em já ficar apegada a ele. Era solitária. Sempre fora, sempre seria. Com a exceção das duas amigas.

Não era o tipo de garota para ser uma posse ou reivindicada por um homem, que dirá um homem-lobo problemático que por acaso tinha um corpo incrível. E rosto. E sorriso. Aqueles lábios...

*Pare.*

Conforme se aproximou da armadilha, o pequeno animal entrou em foco. Não era um coelho, como pensara, mas parecia com um. Tinha o mesmo corpo e focinho, mas asas de galinha surgiam das costas, e pequenos chifres protruíam da testa. Grandes olhos brilharam enquanto ela se aproximava. O coração dela amoleceu. Era fofo.

E outro sinal que este mundo não era como o deixara, mas talvez tenha surgido das cinzas do seu. Jasper dissera algo sobre o antigo mundo, então talvez ela tivesse, de algum jeito... *nah*. Viagem no tempo era impossível.

*Tão impossível quanto nenhum sinal de um holocausto nuclear a ponto de extinção?*

Onde quer que estivesse, havia semelhanças e diferenças. Talvez pudesse aprender a viver aqui. Poderia aprender a amar... se pudesse superar a saudades das amigas.

Mas não superaria nada se não comesse. Estava com tanta fome.

— Desculpa, amiguinho, mas uma garota precisa comer.

Preparando o caco de vidro que pegara da casa, agachou e colocou a mão na cesta, pronta para erguer. Mordeu o lábio, respirou fundo e aí...

Ar brilhou em volta do animal. Um toque de reconhecimento a avisou momentos antes da criatura explodir em uma forma maior com um rugido. Pulando para trás, Ada caiu com força. A visão anuviou. Mordeu a língua e sentiu gosto de sangue. *O que diabos?*

O coelhinho pequenino e alado se tornara outra coisa. Não mais com quatro patas, a criatura – *monstro* – se levantou em dois pés peludos e com garras. O corpo de forma grotesca era humanoide, entretanto coberto por pedaços de pelo embaraçado. Só o peitoral era pele nua rosada. Asas longas cobriam os ombros largos. O nariz era parte coelho. A boca tinha dentes salientes. Os olhos eram vermelhos, e chifres de veado angulavam da testa – não era mais pequenino e fofo. Uma longa língua rosa escapuliu para lamber o fio de baba pendurada da boca maliciosa. Ela engoliu enquanto os olhos desviavam para o sul, para onde uma ereção bem grande e pesada se

projetava da penugem branca da virilha.

Ada nunca foi o tipo de mulher que gritava. Talvez fosse o instinto de sobrevivência há muito aguçado. Medo só sinalizaria que era uma presa. Entretanto, conforme o monstro a secava e se tocava com uma mão bem humana, gritou.

Ele deu um sorriso lascivo.

— Me *deve*, humana — declarou. — Pediu desculpas, agora me deve.

Pedira?

*Ada idiota. Acabou de fazer o que não deveria.* Arrependimento pulsou por ela. Maldição. Deveria ter esperado por Jasper. Forçou o coração a desacelerar, a respiração a se controlar, e a analisar a situação com a cabeça limpa.

Mandíbulas se fecharam para ela.

*Não posso.*

Fechou os olhos e desviou o rosto. Hálito quente e pútrido roçou o rosto dela, sinalizando que se aproximara. Vômito subiu. Engoliu com força. Dilatando as narinas, ela se preparou e segurou o caco de vidro com mais força, mal prestando atenção na dor da própria pele.

*Vamos. Você consegue. Força. Destrua ele antes que destrua você.*

Era a voz de Harold, o velho caçador excêntrico que conhecera enquanto vagava pela floresta quando criança. Em vez de ligar para as autoridades e colocá-la no sistema de adoção, ensinou-a a sobreviver a contragosto. Abriu os olhos e fuzilou o monstro.

*Sobreviva.*

— Se afaste de mim — exigiu. — Ou vou cortar seu pau fora.

O monstro de orelhas de coelho inclinou a cabeça e a estudou com curiosidade. Um segundo, foi tudo o que deu a ela, mas foi o suficiente para que entrasse na ofensiva. Avançou e enfiou o caco em algum lugar na frente dele. Sangue quente e pegajoso derramou sobre a mão.

*Atinja a barriga. Rasgue, estripe. Hesitar significa sofrimento para os dois lados.*

Puxou a mão e apunhalou de novo. O rugido furioso foi interrompido quando um borrão escuro o atingiu pelo lado. O braço de Ada repuxou, ainda preso na barriga da criatura. Soltou a arma bem a tempo de escapar de dois corpos rosnando enquanto lutavam e rolavam pela colina. Era Jasper.

Cabelo escuro, corpo bronzado e musculoso lampejou contra rosa, peludo e emplumado. Eles se moviam rápido demais.

*Quem está ganhando?*

Inquieta, procurou outra arma, mas não encontrou. Não importava. A luta acabou rápido. Pequenas bolas de luz flutuaram do monstro. Jasper se afastou do corpo, sangue cobrindo o peito nu, as mãos, e

pingando do queixo. Olhos âmbar brilhavam com adrenalina ao focar nela com intensidade feral.

Coração saindo pela garganta, Ada recuou com a visão de um fae nu, bravo e viril pisando firme até ela como se quisesse bater na sua bunda. Pior... comê-la.

— Falei para ficar lá dentro — rosnou.

Os olhos dela desviaram para o que pairava do ninho de pelo escuro na virilha *dele*. Não estava ereto, mas era comprido. Grande. Grosso. Resistiu dar tapinhas nas bochechas quentes demais.

— Estava faminta — ela murmurou.

— Estava cuidando disso.

— Hm. Quer que pegue suas roupas?

Grunhiu, frustrado, procurou a área e encontrou o lugar onde deixara as calças. Ele as vestiu, depois voltou até ela, ainda fervilhando.

— Feliz? — ele perguntou.

— Extasiada — respondeu, sarcasmo na voz. — Já tive um pau indesejado balançando na minha cara esta noite. Não preciso de outro.

Ele se afastou e a expressão ficou pensativa.

— O quê?

— Aquela coisa tinha uma maldita ereção. E estava... você sabe. No cinco-contrá-um. Descabelando o palhaço. Batendo uma bronha.

As sobrançelas dele se ergueram com reconhecimento. Diversão enrugou os olhos.

— Um wolpertinger não tem fêmeas da própria espécie para acasalar, então engana fêmeas de outras raças fae para fazerem barganhas. Eles te atraem com a fofice e aí te sequestram e acasalam com você. Tem sorte que senti seu medo e soltei as frutinhas para vir correndo. Uma barganha infundida com mana é difícil de quebrar. — Esfregou a mandíbula barbada. — Sabe, se tiverem mais por perto, meu cheiro em você irá detê-los.

— Quer se esfregar em mim?

— Não, humana bonita. Quero acasalar com você. Quero marcar você.

O queixo dela caiu. Não sabia bem qual parte compreender primeiro. O fato que a besta queria emprenhá-la, ou que Jasper encontrara frutinhas e as derrubara, ou que basicamente acabara de pedir para transar em um jeito casual do tipo “vai salvar sua vida”.

— Isso é absurdo — murmurou, enrubescendo. — Não vou *acasalar* com você. E não vou acabar como escrava sexual de um coelhinho tarado. Preciso lavar esse sangue.

Três coisas que nunca pensou que diria.

— Não vou te machucar — prometeu, e isso a fez ficar ainda mais boquiaberta.

— Você nem gosta de mim. — Calor faiscou nas bochechas dela com a atenção ardente. Engoliu e recuou. — O que tem na água aqui?

— Tá bom — ele disse com beicinho. — Vou tirar a pele do wolpertinger. Ao menos sua estupidez nos presenteou com uma refeição substancial.

Ela rodopiou, furiosa com a reação do corpo com a risada calorosa dele a seguindo.

¶

DUAS HORAS MAIS TARDE, haviam se limpado o melhor que puderam. Jasper retornara com as frutinhas, e cortou uma parte carnuda da besta, e aí acendeu o fogo com o mama. Como magia, as chamas ganharam vida na lareira e cozinham o ensopado sobre o fogo em uma tigela de cerâmica rachada.

Embrulhou o estômago comer o ensopado, mas ela comera coisa pior. E tinha gosto de frango, então só fechou os olhos e fingiu que era exatamente isso. Contanto que recuperasse a energia, poderia tentar chegar a algum tipo de cidade. De certo, devia ter uma vila por perto. Não desistira da ideia de encontrar as amigas, apesar que estava parecendo cada vez menos provável que elas também estivessem vivas. Fez uma nota mental de perguntar para Jasper mais sobre quanto tempo passara desde a época dela.

Com a comida exaurida e as barrigas cheias, se acomodaram no chão ao lado do fogo. Jasper reclinou contra uma poltrona rasgada velha e a observou com uma intensidade que a fez se remexer e ficar inquieta. Não se esquecera da proposta casual, ou do comentário mais cedo sobre pertencer a ele. O jeito que olhava para ela era proprietário e quase maquiavélico, como se formasse planos diabólicos para conseguir o que queria, e estava preparado para esperar.

Mastigava um pedaço de palha que Ada espalhara na frente da lareira. Se não continuasse sentindo um estranho elo de confiança entre eles, teria fugido a essa altura. Como era, ele dissera algumas coisas, mas suas ações foram respeitosas.

Ajudara ela a descer da mesa mais cedo e depois soltara. Tentara mantê-la a salvo, quer fosse ao passar por uma porta primeiro, ou tentando mantê-la aqui enquanto saía para caçar.

— Certo, a diversão acabou — ela disse, um pouco sonolenta com o calor das chamas. — Hora de explicar umas bagaças.

Os lábios dele se curvaram.

— A diversão está só começando.

Pegou um punhado de frutinhas do bolso. Eram diferentes das que acrescentaram para dar sabor ao ensopado. Entregou uma para ela.

— Prove.



Ela arqueou a sobrelanceira.

— Por que tenho a sensação de que não está me contando alguma coisa?

Ele deu de ombros.

— Pode se sentir um pouco relaxada ao comê-las, é tudo.

— São frutinhas relaxantes, como uma droga? Está de sacanagem comigo?

Ele franziu o cenho.

— Não são nada de mais. Só algo para relaxar.

Ele fez uma careta que ela esperaria de um adolescente quando a mãe confiscou a primeira cerveja.

— Estamos perdidos, Jasper. Você não tem memórias. Podemos não sobreviver a esta noite porque vai ficar bem frio. Até onde você sabe, sou uma assassina em série. E quer usar algum tipo de droga?

Ele a desafiou com o olhar, colocou uma frutinha na boca, e mastigou.

Ela bufou.

— Tudo bem. Seja um babaca.

— Não estamos perdidos — falou, a voz já ficando um pouco arrastada. As frutinhas deviam fazer efeito rápido. — Costumava morar aqui. Tem uma vila aqui perto. Podemos ir lá amanhã.

— Lembrou alguma coisa?

— Nope.

— Então como sabe?

— Instinto. Assim como a sensação que disse para não se aproximar daquela cabana. E olha o que aconteceu. Um wolpertinger morava lá. — Deu um sorriso presunçoso.

Maldito seja. Era fofo. Fofo tipo garoto de fraternidade sorrindo com olhos inchados.

— Como pode ser tão indiferente com isso?

Mas não recebeu nenhuma resposta. Ele já começara a roncar baixinho.

Ada não entendia.

Era importante o suficiente para um rei assassinar e para alguém bloquear suas memórias. Era forte o suficiente para matar um monstro com as próprias mãos. Tinha cicatrizes por todo o corpo. Parecia alguém que deveria agir com um pouquinho mais de responsabilidade.

— Você com certeza mudou — ela murmurou. Desde tirar a marca azul do pescoço dele, mais de uma personalidade divertida aparecera. Se pudesse tirar mais azul, de certo lembraria um pouco da condição deles. Se os instintos estivessem certos, então o conhecimento verdadeiro seria melhor.

Talvez precisasse estar dormindo para que ela tirasse as marcas.

Arrastando-se mais perto, conferiu para ver se a notou. Depois de

ficar satisfeita que ele estava em sono profundo, começou a trabalhar nas marcas, puxando as bordas com as unhas. Dessa vez, tentou canalizar um pouco desse mana interno que ele falara a respeito, mas não tivera ideia do que estava fazendo. Talvez tivesse sentido um formigamento pelo braço, talvez não. No final, ela se acomodou em um padrão de como analisara antes – visualizando a coisa ruim saindo.

Talvez fosse a falta de ansiedade de desempenho sem os olhos atentos dele, ou como murmurava baixinho, mas a unha puxou um pouco de azul. Cutucou e puxou até um fio soltar.

Os dedos dele envolveram o pulso dela e a seguraram imóvel.

Os olhos perderam o foco, a testa enrugou, e puxou eles para o chão.

— Amanhã — reclamou. — Dormir, agora.

Ela tentou remover o braço para que pudesse voltar para seu lado, mas ele segurou firme.

— Vou te manter aquecida — ele murmurou.

— Não estou confortável com isso — retrucou.

Ele resmungou.

— Vou me transformar.

O ar brilhou, e pelo surgiu da pele. Dentro de segundos, um lobo preto estonteante saiu das calças e se aconchegou preguiçoso em volta dela. Era grande o suficiente para protegê-la. O pelo era denso e, ao olhar com mais atenção, descobriu que era como o cabelo – marrom com pontas pretas. Seria quente para dormir com ele. O lobo deu um olhar de reprovação para ela e depois bufou irritado com a reticência.

— Tá bom — ela murmurou e se aconchegou ao lado dele.

Apesar de não estar pronta para dormir com um fae de orelha pontuda, estava bem confortável para dormir perto de um animal.

Sem poder evitar, esticou a mão e o coçou sob o queixo.

— É lindo — murmurou.

No momento que a cabeça tocou o chão, as pálpebras ficaram pesadas. Suspirou. O lobo suspirou. E foi... gostoso. Demorou um tempo para soltar a tensão, mas ela não queria viver a vida destruindo tudo antes que a destruísse. Esse poderia ter sido o jeito que sobrevivera a infância, mas não era como acabou vivendo. Conhecer Harold a ensinara como caçar e ler, mas depois de saber que ele morreria sozinho na cabana, ela sabia que nunca queria isso para si.

O fogo crepitou e Ada vagou, lembrando dos rostos das amigas. O cabelo vermelho selvagem de Clarke. O jeito que bebia refrigerante como se fosse acabar. A censura inevitável de Laurel sobre Clarke cuidar da saúde e o tanto de açúcar que havia no refrigerante.

Ada pegou no sono, sorrindo com conversas imaginárias na cabeça.

## CAPÍTULO CINCO

Jasper continuou a mastigar as frutinhas de mana-conha pela duração da caminhada da cabana até o vilarejo próximo. Fenrysfield, pensou que era o nome. Talvez. Demorou metade do dia, andando por lama encharcada de chuva. Odiou cada minuto, e não tinha nada a ver com a água caindo do céu, mas com a maneira que acordara.

Podia ter pegado no sono na forma de lobo, mas durante a noite, o lobo cedera controle sobre o corpo. Sabia que a mulher era deles, que era humana, que era para Jasper reivindicá-la. Quando acordou, a forma fae em volta do corpo atraente dela, cobrindo-a na proteção dos seus braços, a ereção dura e firme aconchegada no berço do bumbum. A situação o confundira, e não pôde compreender por quê.

Ele nunca acordara com uma fêmea nos braços?

Nunca abraçara?

De certo, estivera com uma fêmea antes. Várias. Podia não se lembrar, mas sabia com uma firme certeza. Por que mais o sangue cantaria com o pensamento de tomá-la, de lambê-la por completo, e afundar o rosto entre suas pernas? Gostava de sexo. Não foi esse o motivo que ficou descombobulado quando acordara.

Talvez fosse porque ela era humana. Contudo, descobriu que se importava menos ao acordar porque ela era diferente de qualquer humano que conhecia... ele achava. Talvez. Com certeza, ela tinha mana no corpo. Só isso já era bem incomum para um dos malditos Intocados. O próprio nome que os fae usavam para os humanos – Intocados – significava que a Nascente falhara em tocá-los.

Ela também o ajudara em mais de uma ocasião e alegara não saber nada sobre os humanos em Crystal City. Alegara ser de um lugar chamado Las Vegas. Como poderia colocá-la na mesma categoria?

Tudo o que sabia com certeza era que o cheiro feminino o deixava distraído. A pele formigou todas as vezes que ela se movera no sono, ou o cabelo roçava a pele dele, ou soltava um suspirinho-choramingo que o deixou duro até doer. Não podia pensar, não podia se mover, não podia respirar porque temia a sedução do odor dela o atacando.

Com grande esforço, ele se soltara sem acordá-la, e aí colocara as calças.

Ele só comera a primeira frutinha para acalmar o nervosismo, mas aí a próxima frutinha foi engolida, e a próxima. Antes de cambalear

para fora da cabana, ela tentara mais uma vez arrancar mais marcas do seu corpo, mas não teve sorte. Deveria ter deixado que ela continuasse ontem à noite. Foi uma concessão dolorosa a seu favor. Uma que guardou para si.

O efeito da mana-fruta desaparecera quando enfim se aproximaram do vilarejo aconchegado entre a Floresta Cerimonial e o Rio Seelie. Prédios com paredes de mosaicos de azulejos e telhados de palha se aglomeravam em conjuntos. Fumaça subia das chaminés para o céu nublado. Vozes gritavam enquanto a atividade continuava – um mercado estava sendo embalado ou montado. Pescadores arrastavam os espólios em grandes cestas das docas do rio. Cabras baliavam enquanto se dispersavam e vagavam livres. Um toque de algo familiar chegou na brisa, e ele ergueu o nariz para uma fungada mais profunda. Lobos. Muitos deles. Era um vilarejo de metamorfos.

Ada parou.

— É isso?

Semicerrou os olhos para o vilarejo, depois olhou para os lábios carnudos dela, ainda o provocando, e deu de ombros.

— Acho que sim.

Fazia sentido que os instintos dele os levariam para um vilarejo de metamorfos.

— Alguma ideia de onde ir primeiro? — ela perguntou. — Ou com quem falar?

Deu de ombros outra vez.

— Um pouco de entusiasmo cairia bem — falou sarcástica e depois suspirou. — Suponho que poderíamos entrar.

Devagar, se aproximaram da entrada do vilarejo. Não havia portões, apenas um caminho que serpenteava pela pequena feira e entrava no aglomerado de prédios para se tornar a rua principal. Olhando bem, um dia existiram portões, mas foram danificados recentemente. Talvez derrubados a força sob ataque. Desconfiança percorreu sua coluna. Ao observar os prédios, mais sinais de uma batalha ficaram evidentes. As paredes de mosaico de vidro e gemas estavam rachadas. Portas de madeira trincadas. Plantas foram pisoteadas e destruídas. O som de construção ecoou ao se aproximarem.

Mas os aldeões estavam se ajudando. Consertavam e lavavam roupas e as penduravam em varais esticados de um prédio ao outro. Havia grupos de vasos replantados. Decorações estavam penduradas de casa a casa, de beiral a beiral. Correntes de flores de papel, fitas vermelhas e sinos do vento de vidro se moviam e balançavam na brisa leve. Deveria acontecer um festival em breve.

Essa cidade era resiliente. Qualquer que fosse a dificuldade que passaram, não os partira.

Lobos eram bons desse jeito.

Eram habilidosos. Sobreviviam. E sabiam como se divertir.

Conforme Jasper e Ada passavam da primeira casa, o cheiro de quitutes assados fez a barriga dele roncar. Pão e frutinhas. Umedeceu os lábios e olhou para Ada. Também estaria faminta. Faminta, molhada e com frio.

Estava dolorosamente ciente que não tinha moeda para conseguir comida e acomodação. Precisaria dar um jeito, talvez pudesse trabalhar em troca de hospedagem.

O primeiro fae que encontraram foi uma fêmea alta com longo cabelo preto, fazendo máscaras de meio rosto enlaçadas com flores artesanais e fita vermelha que vendia na carroça. Contas de vidro tilintavam no cabelo e no adorno do tornozelo. Ela sorriu, mas aí o olhar encontrou o rosto de Jasper, em específico, a marca na maçã do rosto direita. Os olhos se arregalaram de medo e correu para sua casa nos arredores, saias longas ondulando atrás de si, antes de fechar a porta de madeira com um baque alto.

— Isso foi estranho — Ada disse. — Não é sua amiga?

— Acho que não.

Um fae macho mais à frente, que estava no meio de uma conversa com um punhado de crianças, se empertigou ao ver Jasper e guiou as crianças para longe.

— Não cheira tão mal assim — Ada brincou.

— Pensaria que fugiriam de você, não de mim.

— Por quê?

Deu um olhar para as orelhas dela.

— Ah. — Ela tocou o cabelo e puxou um pouco sobre as orelhas.

— Melhor assim?

— Vão descobrir, uma hora. Não se preocupe. Vou protegê-la.

Ela bufou.

— Tá bom, Rambo.

Ele a parou e abriu uma carranca.

— Acha que não posso te proteger?

— Não. É só que, como disse antes, eu me viro. Quero dizer, qual é o pior que pode acontecer? Assim que... — A voz dela sumiu conforme a atenção foi para uma aglomeração crescente de aldeões portando expressões sombrias e o eventual rosnado. Alguns empunhavam armas nas mãos – vassouras, espadas de ossos serrilhadas, e adagas de vidro reforçadas com pedra.

Dois lobos pretos trotaram de trás de um prédio de mosaico e rosnaram um aviso baixo.

Jasper se eriçou e ficou tenso, o olhar percorrendo o grupo com desconfiança, esperando o primeiro tolo tentar atacá-lo... ou Ada. Deixou as garras estenderem dos dedos.

Um fae usando um chapéu de aba larga apontou o dedo para Jasper.

— Não é bem-vindo aqui, Guardião.

Guardião? Algo que sonhara tentou ultrapassar a névoa da sua mente, mas falhou. Cruzou os braços e firmou os pés.

— Não têm monstros aqui — outro disse. — Então não pode reivindicar seu imposto por algo que não pedimos ajuda.

As sobranceiras de Ada se ergueram ao encontrar o olhar de Jasper.

— É algum tipo de caçador de recompensas? Não parece ser muito bem-vindo. Talvez devêssemos ir para outro lugar.

Ela estremeceu com uma rajada de vento. Precisavam de comida, abrigo e um lugar para secar as roupas. O lábio superior dele se curvou.

— Não vão nos enxotar da cidade.

— Você a ouviu, Guardião. Saiam — disse o fae com o chapéu. A adaga brilhou na luz ao apontá-la para Jasper.

Ada deu um passo para o lado, provavelmente com intenção de contornar, mas um homem grande segurando um machado bloqueou o caminho. Balançou a cabeça e fez tsc baixinho.

— Dê meia volta, femeazinha.

Derrota lampejou nos olhos dela e se virou. O grande fae a empurrou entre as omoplatas. Foi o último erro que cometeu.

Fúria fria percorreu Jasper. Usou o mana para jogar uma parede sólida de vento para fora, nem mesmo percebendo o que fizera até terminar e o fae ter voado para trás num monte de outros. Gritos chocados cresceram, temperamentos foram atiçados, e puxou mais mana em preparação, deixando que subisse e borbulhasse na superfície, pronto para soltar em qualquer feitiço que criasse. Presas perfuraram o lábio inferior conforme se transformava parcialmente e rosnava, baixo e rouco.

Violência e assassinato percorreram suas veias, reconfortando-o a acreditar que a rotina habitual significava que lutara antes, e fora excelente nisso.

Um sorriso malicioso curvou seus lábios. Jogou mais ar nos lobos ousando se aproximar. Ganiram quando atingidos e cambalearam para trás.

*Maldito-poço*, era bom soltar o mana.

Drenaria sua fonte interna até secar, e não ligaria porque tinha acesso a fonte de outrem – Ada. Nenhum desses aldeões eram fortes o suficiente para encará-lo. As Fontes particulares eram finitas, pobres, abaixo da média. A maioria dos fae comuns tinham apenas o suficiente dentro deles para se transformarem, ou lançarem pequenos feitiços. Mesmo que tivesse uma fonte de poder por perto para eles se

recuperarem, ele poderia derretê-los onde estavam antes de terem a chance.

Como *ousam* pensar que podem mandar nele?

Se tivesse a espada, seria invencível – o pescoço queimou, bloqueando a memória antes de chegar, limpando-a da sua consciência. Isso o irritou mais.

— Qual é o problema com vocês, não reconhecem um dos seus? — alguém gritou sobre a multidão. — Me deixe passar!

Murmurinhos e dissidência se alastraram, mas a multidão se moveu relutante. Não, não relutante. Viu o alívio em mais de um olhar. Compreenderam que uma briga começada com ele não poderia ser vencida.

Corpos abriram caminho para uma fêmea metamorfa com cabelo castanho curto. O vestido comprido e solto que usava era um estilo clássico em comunidades de metamorfos puras como esta. Era de remoção fácil se a necessidade de se transformar fosse urgente. Apesar de aparentar ter a mesma idade de Jasper, não era um sinal de idade. Na verdade, quanto mais velho o fae ficava, menos aparentavam a idade. Eram os olhos que continham os segredos, e dentro dos dela, viu uma experiência infundável. Sorriu para ele com conhecimento.

— A Nascente nos salve — murmurou, sorvendo-o como se fosse um fantasma. — Oras se não é Reed Darkfoot, o único herdeiro vivo do trono Seelie Mithras, até que enfim veio para casa visitar suas raízes.

— Meu nome é Jasper. — Não era?

— D'arn Jasper — ela cuspiu no chão — é o nome de Guardião forçado em você pela Ordem da Nascente quando emergiu do lago cerimonial há dois séculos atrás. *Reed* é o nome que sua mãe Darkfoot te deu. É o *único* nome que o chamaremos em Fenrysfield. Bom, talvez... — Deu um sorriso sarcástico. — Talvez possamos te chamar de príncipezinho, já que o Rei te legitimou há uma semana atrás.

Murmurinhos contidos irromperam na multidão. Falaram a palavra *príncipe* mais de uma vez. Em algum lugar pelo meio, também ouviu a palavra *bastardo*.

Ansiedade subiu por sua coluna, fazendo o coração acelerar. Procurou uma saída, mas os olhos colidiram com os de Ada.

O Rei. Tipo... o fae dourado que tentara assassiná-lo.

— Seu próprio pai te quer morto? — Ela arquejou.

— Bah — a fêmea alfa disse. — Não é a primeira vez. Então, veio para casa procurar refúgio, é? A Ordem não pode mais fazer isso?

Os lábios dele se abriram, mas não tinha resposta.

— Ele perdeu as memórias — Ada informou por ele e apontou para as marcas no pescoço. — Isso está fazendo alguma coisa com ele.

O olhar da alfa foi para as marcas, e depois desviou para as do

braço. Lançou um olhar para Ada, franziu o cenho e aí bateu palmas no ar, alto.

— Chega. Todos se dispersem.

Relutantes, os aldeões, que uma hora estavam ansiosos para arrancar os olhos dele com as forquilhas, foram embora.

— Venham comigo — a alfa chamou.

Jasper analisou o vilarejo e a saída da cidade. Não havia escolha. Essa mulher o conhecia. Podia ajudar. Então caminhou atrás dela.

A alfa os levou para um prédio de pedra de dois andares coberto com um mural de mosaicos. Lobos pretos dançavam e brincavam, meio-lobos lutavam, e fae nus – ele semicerrou os olhos. O que estavam fazendo? Ada também semicerrou os olhos, com um suspiro surpreso.

— Meu Deus, eles *estão dando uma* — sussurrou com um toque de humor.

Deu um olhar de soslaio para ela. As bochechas estavam coradas. Pressentiu timidez vindo pelas marcas da união. Sua parceirinha era uma amante tímida? Sentiu um frio na barriga com o pensamento animador que iria descobrir.

A alfa os vira parar e retornou. Ela, também, deu um olhar pensativo para Ada.

— Não é um lobo — falou seca. O queixo se ergueu e farejou o ar. — Mas não posso identificar o que é.

— Bom nariz — Jasper apontou, mas não sentiu a necessidade de informá-la.

— Viva tanto quanto eu e não tem muito que deixaria passar. — O olhar foi para as marcas azuis combinando nos braços. — Como o fato que estão presos em uma união abençoada pela Nascente.

— Uma o quê? — Ada engasgou.

Jasper cruzou os braços.

— Falei pra você.

— Deveríamos conversar lá dentro. — A alfa continuou a adentrar o prédio, abaixando para desviar de fios de sinos de vento de vidro tilintando com o vento. Estavam pendurados dos beirais do prédio. Na verdade, ele olhou sobre o ombro, os sinos de vento estavam na maior parte dos prédios, presenteando as orelhas dele com uma melodia agradável difícil de ouvir acima dela.

Por privacidade, percebeu. Para que outros metamorfos não pudessem ouvir o que acontecia na casa dos vizinhos. Ele sorriu. Se devesse crer nos murais de mosaicos, muita batalha, diversão e procriação.

Talvez pudesse gostar daqui afinal.

Afastou os sinos de vento e seguiu as fêmeas para dentro, para um grande salão vazio com uma mesa comprida cercada por cadeiras. Era



para refeições ou negócios. Talvez os dois. Janelas mostravam a rua principal do vilarejo de um lado, e um jardim com uma fonte borbulhante do outro.

— Por favor, sentem-se — a alfa disse. — Suponho que já que sua maldição impede que se lembre, devo pegar leve com você. Não que mereça, Reed. Sua mãe reviraria no túmulo de saber o tempo faz que não nos visita. — Ela ergueu os olhos para o teto e fez sinal de desculpas contra o peito. — Suponho que já que estamos no meio das preparações para o Lupercália, talvez ela esteja cuidando de nós.

Ele abriu uma carranca para ela, mas sentou. *Lupercália...* lembranças vagas vieram à mente. Muitas celebrações e festas. Parecia legal para ele.

— Mandei trazerem aperitivos — ela disse.

Ada sorriu e assentiu. Sob a mesa, ela se remexeu.

— Não se lembra mesmo, né? — a alfa perguntou, olhando para ele com atenção.

A única resposta foi um dilatar de narinas.

Ela suspirou.

— Muito bem. Meu nome é Clara Darkfoot. Sou a matriarca da matilha. E a irmã da sua mãe.

Quando ele continuou em silêncio, os olhos dela foram para as marcas no seu pescoço, depois para Ada.

— Há quanto tempo foi amaldiçoado?

— Amaldiçoado? — ela repetiu.

Um aceno.

— Não sei — Ada continuou. — Nós dois acordamos em uma cabana não muito longe. Nenhum de nós sabe como chegamos lá. Quanto a mim, estou a um mundo de distância do meu lar. E minhas amigas. Esperava que talvez também pudesse esclarecer minha situação.

— Farei meu melhor. — Ela deu um olhar desaprovado para Jasper. — No mínimo pela memória da minha irmã, e na esperança do seu coração.

Uma batida soou na porta, e Clara acenou para que duas fêmeas fae entrassem, carregando um jarro de água e uma bandeira de queijo, frutas secas e biscoitos. Depois de encherem os copos, partiram. Ada avançou logo na comida.

— Lá fora, me chamaram de Guardiã — Jasper disse. — O que é isso?

— Guardiões trabalham para a Ordem da Nascente — Clara explicou, ainda com um olhar descrente nos olhos. — Quando sua mãe foi assassinada, você foi para o lago cerimonial e se ofereceu como tributo. — Ela suspirou. — Suponho que a Ordem tenha sido boa para uma coisa, manter você longe das garras do seu pai. Operam acima

das leis de Elphyne. Se tornar um Guardião tirou de você qualquer direito sobre o trono Seelie. Foi por isso que ficamos surpresos quando há apenas uma semana atrás você foi anunciado como o herdeiro do Alto Rei. A abolição da lei de procriação ilegal também nos surpreendeu. Todos presumimos que era graças a você, considerando como ela entrou em vigor para começar. — Ela deu um olhar demorado e analítico a ele. — Entretanto, aqui está, amaldiçoado, sem as memórias e com uma parceira abençoada pela Nascente.

Ada deu tapinhas na mesa.

— É, sobre isso. O que exatamente é esse negócio de parceira abençoada pela Nascente? Sinto como se devesse saber.

Clara se sobressaltou.

— Não teve cerimônia de parceria?

Ada balançou a cabeça.

— Não que a gente saiba. Só acordamos, e estava ali.

— Isso não pode ser aceito. Uma união abençoada pela Nascente é rara. Em toda a Elphyne, só duas foram anunciadas nos últimos séculos.

— Como descubro quem me amaldiçoou? — Jasper perguntou. — E como removo a maldição?

— Lançar maldições é proibido e irreversível. Mesmo que tenha sido a Ordem que colocou o bloqueio em você, não seriam capazes de remover. Simplesmente, é impossível. Ou tem um prazo definido aliado a maldição, ou algum evento desconhecido precisa acontecer. Poderia apenas durar para sempre.

— Isso não é verdade — Ada mencionou. — Já tirei pedaços do corpo dele.

Clara ficou imóvel. O olhar dela fitou Ada.

— De onde disse que era mesmo?

— Não disse.

Jasper ponderou. Se essa matriarca fosse mesmo sua parente, então seria a melhor pessoa para revelar a ancestralidade de Ada. Lealdade entre parentes era mais profunda do que qualquer conexão. Podiam não encontrar ajuda como essa de novo. Ele poderia viajar para a Ordem, já que parecia ter trabalhado para eles, mas como Clara mencionou – podia ter sido a Ordem que o amaldiçoara. Era mais provável que fosse culpa do Rei, mas Jasper precisava ter certeza.

Preferia controlar a divulgação dessa informação do que ter Clara descobrindo por surpresa que tinha um inimigo no seu meio. Ao menos assim, vinha de alguém da família.

— Ela é humana — Jasper explicou.

Clara pulou para fora da cadeira. Chama azul lambeu a mão dela e fuzilou Ada. Jasper levantou devagar. Ergueu a mão marcada de azul, a abençoada pela Nascente, lembrando-a da conexão.

— Ela não é nossa inimiga — afirmou.

Os olhos de Clara foram para a mão dele, depois de volta para os olhos. Rosnou:

— Você não entende. Mal sobrevivemos o último ataque. E você convidou um deles para nossas casas?

— Ataque? — ele perguntou. — Por favor, Clara. Sente-se. Use seus sentidos.

Ada não se moveu no meio de tudo isso.

A chama de Clara se extinguiu. Deu um passo hesitante na direção de Ada e aí ergueu o nariz. Deu mais um passo, e mais um, antes de enfim encontrar o olhar de Jasper. As sobrancelhas dela se ergueram.

— Está cheia até a tampa de mana. É impossível.

— É óbvio que não.

— Quem é você? — Clara perguntou para Ada, uma nota de maravilha na voz.

— Sou só uma garota de Vegas — murmurou. — A última coisa que me lembro é que nevou na cidade, e aí...

— Crystal City?

— Não. Las Vegas. Não ouviram mesmo dela?

Clara balançou a cabeça.

— Não existe outro assentamento humano além de Crystal City no ermo.

— Então não faço ideia de como cheguei aqui. — Ela mordeu o lábio.

— Não, você tem alguma ideia — Jasper incitou. — Posso pressentir sua hesitação.

— Como? — Ela arquejou para ele. — Como estamos pressentindo os sentimentos um do outro?

— É a conexão — Clara confirmou. — Conecta seu mana com o do outro. Pode emprestar o dele, e ele pode emprestar o seu. Vocês fortalecem um ao outro. Que a Nascente uniu alguém com mana tão abundante como você com um Guardião parece correto. — Ela franziu o cenho. — Na verdade, se os rumores estiverem certos, ouvi uma fofoca que as outras duas parcerias abençoadas pela Nascente aconteceram com outros Guardiões.

Ada recostou na cadeira e se encolheu.

— De onde eu venho, não existia Nascente. Não havia fae além de livros fantásticos. Vivíamos em arranha-céus altos, tínhamos eletricidade e computadores e carros e aviões que voavam no céu. Não era nada assim. Sinto como se tivesse voltado no tempo.

— Não — Clara ponderou. — Talvez tenha avançado. O que descreve soa como o mundo antigo. O que chamamos de Idade do Homem. A que foi destruída pela ganância e guerra dos humanos.

Choque, depois alívio quebrou pela conexão em Jasper.

A testa de Ada enrugou.

— Não faz ideia de como é... até que enfim saber. Ser localizada. Quero dizer, tinha uma ideia. Vi os resquícios do meu mundo na cabana, e toda essa natureza cheia de vida, com certeza, não existia quando parti. Ao menos agora eu sei. Ou em parte. Ainda preciso descobrir como cheguei aqui.

— Vai voltar? — Jasper perguntou. Ela *podia* voltar?

— Como você disse, minha época estava morrendo.

*Ela é de outro tempo?* Como isso era possível? A mulher era cheia de surpresas. Jasper não precisava das memórias para ver isso. Podia usar mana. Ela se unira a ele – fora escolhida para ele. De algum jeito, pulara milhares de anos de história para estar aqui. Também significava que ela não pertencia aos humanos nos ermos... ao menos, pelo que ela disse.

Jasper olhou para as mãos. Eram mãos de guerreiro. Se o que Clara dissesse era verdade, e ele era um Guardiã, então devia ter visto um punhado de batalhas.

*Sangue nas mãos.*

Piscou e balançou a cabeça. Podia ter jurado que as mãos estavam cobertas de sangue quando não estavam.

*Sangue quente carmesim escorrendo das mãos com garras e antebraços peludos para pingar na areia abaixo.*

*Uma multidão comemorou. Zumbido nas orelhas deu pontadas no cérebro. Fez uma careta. Tão alto. Tão violento. Queria mais. Violência o percorreu. Esticou os braços bem abertos e rosnou com frustração.*

*Comemoraram mais.*

*Comeria eles. Pularia pela barreira e dilaceraria a pele deles e se esbaldaria nas suas entranhas.*

*Dor e fogo apunhalaram sua lombar. Rosnou pela máscara de ferro, tentou bater os dentes e morder, mas o metal bloqueava os dentes. Rodopiou, ofegando, pronto para atacar, mas um pequeno infiel empurrou algo elétrico do lado do seu corpo.*

— *Mova-se* — alguém gritou. — *De volta para a jaula. Acabou o show, campeão.*

*Mais fogo. Mais raios.*

*Um choramingo vergonhoso ganiu dos seus pulmões enquanto cambaleava para fora da arena e na direção de um túnel escuro.*

— *Isso, devagar e sempre.* — A voz rouca – um macho – tinha um tom de compaixão.

*Desabou assim que entrou no corredor escuro e comprido.*

*Trovão sedento por sangue explodiu ao seu redor. Queria mais sangue. Clamaram seu nome – Campeão.*

*Mãos pequenas foram para seu pescoço, abriram algo, e soltaram a máscara de ferro. Gritou com agonia enquanto puxavam pregos de dentro*

*da pele, mas quando o último metal foi removido, se transformou de volta em fae. O lobo estava exausto. Estava envergonhado. Por quê?*

*Ergueu as sobrancelhas e inclinou o pescoço para olhar sobre o ombro.*

*— Não faria isso se fosse você — veio a vozinha rouca.*

*Mas precisava ver.*

*Vislumbrou corpos fae espalhados em um círculo – um ringue – como se tivessem morrido para proteger algo dentro. Fêmeas, machos, fae alados, fae chifrudos. Todos dilacerados, entranhas saindo das barrigas e membros arrancados e jogados para o lado.*

*— Feche os portões! — um funcionário gritou. — Por Crimson.*

*Mas ele se levantou, um pé de cada vez. Usou a parede de pedra para erguer o corpo a tempo de ver a pequena forma infantil no centro dos corpos antes dos portões se fechando bloquearem a carnificina de vista.*

*Nãooo! — Jasper rugiu e pulou da cadeira. Caiu no chão de azulejos. E aí vomitou a água que bebera.*

*— Jasper! — A cadeira de Ada rangeu no chão.*

*Passos vieram correndo.*

*Uma mão fria encontrou sua testa suada, mas empurrou ela para longe.*

*— Eu fiz — murmurou, olhos ardendo.*

*— Fez o quê? — ela perguntou. — O que seja, está tudo bem.*

*Não estava. Lampejos do que ele viu atingiram sua mente, e vomitou. Não podia respirar, não podia se segurar em pé.*

*— É culpa sua — rosnou para ela.*

*— O quê? — ela arquejou.*

*— Tentou me curar. Você — engasgou — soltou as memórias.*

*Do lado de fora, um uivo agudo cortou o ar, afundando até os ossos. O lobo dele se sentou, alerta. Outro uivo se juntou ao primeiro, e depois outro. Era o sistema de aviso.*

*Perigo.*

*Se aproximando rápido.*

*Clara correu para a janela. Gritos filtraram pelo tilintar dos sinos de vento.*

*Clara rosnou para Ada.*

*— Você mentiu! Trouxe eles de volta.*

*— Quem? — Jasper perguntou.*

*— Os humanos.*

*Ele se arrastou para a janela. Aldeões em pânico corriam pela rua, se apressando para dentro de casas e trancando portas. Aqueles que não se escondiam, empunhavam armas. Alguns se transformaram em lobos bem ali, rasgando roupas ou tirando-as.*

*— Preciso de uma arma — ralhou.*

*Ninguém respondeu. Quando virou, Clara avançava em Ada.*

*— Pare. — Jasper pegou Clara ao passar por ele. — Não toque*

nela.

O olhar âmbar selvagem de Clara virou para ele.

— Disse que era culpa dela.

— Estava falando sobre minhas memórias. — Ergueu Clara pelo colarinho e semicerrou os olhos. — Vou deixar isso bem claro. Se machucá-la, te mato.

— Jasper — Ada repreendeu. — Ela está confusa. Tenho certeza...

— Não estou confusa — Clara retrucou. — Você aparece no dia de um segundo ataque? Não é coincidência.

Ada ergueu o queixo.

— Também trouxe comigo alguém que parece querer aqui.

Os olhos de Clara foram para Jasper.

— Ela pode parecer com eles, mas não é sua inimiga — ele disse.

— Por que teriam voltado? — Clara arquejou.

— O que levaram da última vez? — Ada perguntou. — Talvez queiram mais.

Os olhos de Clara se arregalaram.

— Vieram por... — Virou para Jasper com uma expressão culpada.

— O quê?

— Por favor, não conte para a Ordem.

— Contar o que para eles?

— Deveríamos ter entregado o metal, mas... — Uma expressão de nojo cobriu o rosto dela. — A Ordem não é nossa amiga, e o Rei pediu... bom, mais para exigiu, que armazenássemos. Já que a Ordem nos taxou até não termos mais nada, precisávamos da moeda. Podemos cuidar da nossa própria proteção. Podemos livrar a floresta de criaturas deturpadas por mana sozinhos. Não *precisamos* da Ordem.

Ele tentou fazer sentido da baboseira.

— Os humanos querem metal?

— Usam para criar armas que funcionam contra fae. Pensamos que se apenas vendêssemos para o Rei o que recolhêssemos do rio, então ninguém saberia. No mínimo, pensamos que ele nos protegeria. Mas...

— Os humanos descobriram.

Ela assentiu.

— Deve ter mais — ele disse. — Me mostre.

— Vai contar para Prime, né? Seremos punidos.

Ele rangeu os dentes.

— Vou encontrar uma arma que posso usar.

Clara o encarou por um longo tempo, aí um grito e um baque alto os sobressaltaram.

— Tudo bem. Me siga.

Jasper a seguiu para fora do recinto, mas quando Ada correu atrás dele, empurrou-a para trás.

— Fique aqui. Fique a salvo.

- Deve ter algo que possa fazer — ela disse.
  - É uma lutadora? Uma guerreira no seu tempo?
- Ela balançou a cabeça.
- Acho que sou mais uma curandeira.
  - Então fique e ajude a cuidar dos feridos. Serão muitos.

## CAPÍTULO SEIS

Ada estava zozna. Informação atrás de informação nadou por sua cabeça enquanto esperava Jasper e Clara retornarem.

Ela era de uma outra época, muito antes de todos aqui. Todas as amigas provavelmente estavam mortas. Ela agora vivia em um mundo onde os residentes mudaram drasticamente. Podiam acessar magia – e ela também. Exceto que se parecia com o inimigo, que não podia acessar magia.

E eles estavam atacando.

O pouquinho do mundo que compreendia ficou ainda menor, como uma faixa apertando em volta do seu peito.

Ada tinha magia, entretanto, não podia ajudar.

*Cheia até a tampa de mana.* Foi o que Clara dissera.

Ada devia ser capaz de fazer algo. Quando chegaram, Jasper criou um vento forte com magia para empurrar um aldeão para trás. Ele podia se transformar em lobo. Clara conjurara fogo azul. Havia tanto que Ada não compreendia sobre este mundo. Talvez se ela tentasse algo, poderia ajudar. Foi para a porta, mas abriu de repente.

O coração pulou na garganta.

Mas era apenas Jasper e Clara. Parecia feroz com uma longa espada de metal pendurada da mão. Olhos âmbar furiosos escanearam o recinto, pousaram nela e semicerraram antes de voltarem para Clara.

— Mantenha ela segura — ordenou. — Se pressentir que ela está em perigo, deixarei tudo e virei para cá. Entendeu?

Os lábios de Clara afinaram, os olhos foram para as marcas abençoadas pela Nascente, e abaixou o queixo em um aceno relutante.

— Como um Darkfoot, tem minha promessa. Eu a mantereí segura. Jasper retribuiu o aceno rápido e depois partiu.

Ada assistiu pela janela enquanto ele percorria a rua, ralhando para fazer entrarem em suas casas, e para deixarem a batalha para ele.

*Só ele?*

Adrenalina surgiu, pulsando sangue nas veias de Ada, fazendo-a suar frio quando um grupo de humanos vestidos de preto invadiu a rua. Usavam uniformes como os soldados modernos da época dela. Pareciam tão estranhamente familiares que um tiquinho de dúvida gelou sua barriga. O lugar dela era com *elas*, ou com o lobo lá fora que



parecia tão diferente dela? Aí ela viu as armas que os humanos carregavam – espadas, granadas, e...

— Arma — arquejou, apontando. — Ele tem uma arma.

Bateu a palma na janela, tremendo o vidro. Jasper não usava nada além de calças e marcas azuis brilhantes. Uma bala atravessaria sua pele como se fosse papel. Uma bala passaria direto pelo coração.

Dois fae se aproximaram atrás de Jasper com espadas de osso empunhadas nas mãos. Um tinha cabelo longo branco, o outro era similar ao de Jasper. Esses fae estavam pouco preparados para guerras modernas... ou guerras passadas. O que fosse, ela precisava avisá-los.

Coração acelerado no peito, ela rodopiou, com a intenção de correr pela porta da frente, mas trombou com tudo em Clara. Para uma mulher pequena, era incrivelmente forte. Parou Ada com a mão no ombro dela.

— Prometi mantê-la segura — Clara rosnou, as sobrancelhas baixas. — Não me faça quebrar a promessa.

— Mas você não entende. Eles têm armas. Preciso avisá-lo.

— Seu parceiro de conexão é um Guardião — Clara retrucou, o rosto firme. — Vai sobreviver e irá proteger. Isso é o que ele faz. Agora, me ajude a preparar esse recinto para os feridos. — Apontou para a longa mesa de madeira. — Podemos usar isso para operar. Vamos precisar de tecidos limpos e água. Venha comigo. E mantenha as orelhas escondidas.

Ada olhou boquiaberta para ela, depois deu uma olhada pela janela.

Vento açoitava o cabelo de Jasper, movendo as mechas nos olhos carrancudos de cílios longos. Veias se moviam sobre os músculos duros conforme cada membro se enchia de tensão. Tendões no pescoço sobressaltaram. Cada pedacinho da pele dizia para não brincar com ele – só que o rosto exibía um sorriso lupino, mostrando um toque de caninos afiados. Ele estava prestes a lutar ou a brincar?

Ao ver o rosto dele, os humanos hesitaram.

Um grande erro. Jasper arremessou a espada, com a ponta primeiro, como uma lança. Afundou na cabeça do homem do meio. Sem esperar um segundo, moveu as mãos. Garras afiadas surgiram das pontas dos dedos. O grunhido gutural embrulhou o estômago de Ada. Ela quis fugir, só com o som.

Os humanos ficaram relutantes, de novo.

Outro erro.

E aí um portando uma espada avançou. Mais rápido do que o olho dela pôde acompanhar, Jasper avançou correndo, pernas longas cobrindo a rua graciosamente. Ele encontrou com o grupo, bloqueou a espada ao segurar o pulso do homem. Ada deveria estar de novo na outra mão. Afundou com tudo no peito do soldado. Quando ele puxou,

soltou algo molhado e vermelho no chão.

Ah, Deus. Ada cobriu a boca e desviou o olhar. Era o coração do homem.

Clara segurou o ombro dela e a puxou para longe da janela.

— Saia dessa. Preciso da sua ajuda.

Os sons de luta filtraram no recinto – baques molhados, grunhidos, gorgolejos, gritos – Ada queria olhar, para conferir como Jasper estava, mas sentiu sua fúria vibrando pela conexão como uma corda puxada. *Ele está bem. Está bem.* É o filho da puta de um guerreiro brutal. Talvez *ela* não estivesse bem.

Aquele barulho molhado quando o coração caiu no chão.

Ela estremeceu.

Nossa. Forçou a atenção de volta para o corte de cabelo curto atrás da cabeça de Clara, e a seguiu para outra parte do prédio até uma cozinha e despensa.

Clara apontou para uma pilha de toalhas dobradas.

— Pegue essas.

Ada pegou as toalhas, encontrou facas afiadas e as levou de volta para o salão. De um lado para o outro Clara andou, reunindo suprimentos e tigelas de água, ignorando gritos e batidas do lado de fora com determinação. Ela se recusou a olhar, em vez disso, focando na sensação do braço – a sensação de energia, e a fúria cega de Jasper. Se estava bravo, estava vivo.

Quando a briga saiu da frente do prédio deles, Clara foi para a porta e acenou para um fae alto de cabelo cinza carregando um dos feridos – um jovem que não poderia ter mais do que quinze anos de idade.

— Aqui dentro! — Clara gritou.

Irromperam pela frente e foram guiados para o salão.

— Coloque Lake na mesa, Percival — Clara mandou.

Percival depositou o jovem com uma careta. Uma haste longa e fina de metal estava presa na barriga do paciente. O rosto dele ficara verde.

— Pensei que talvez pudesse tirar, mas... — Os olhos de Percival marejaram. — É de metal. Não sei se deveria. Não se preocupe, filho. Vamos cuidar de você. — Para Clara: — Ele só queria ajudar.

— Eu sei. — Clara colocou a mão no ombro de Percival. — Lake precisa se transformar para se curar. Precisaremos remover o metal. Pode segurá-lo?

— Espere! — Ada tagarelou. — Não podem. E se acertou uma artéria ou perfurou um órgão vital? E se ele sangrar até morrer antes de conseguir se transformar?

Clara olhou para Ada como se tivesse ficado maluca.

— Mudar de formas é como nos curamos.

— O metal não bloqueia o fluxo de mana? Tenho certeza que Jasper me falou isso. E se puxarmos e lascas de metal ficarem presas lá dentro? Ainda poderia se transformar?

O silêncio se alongou. Parecia que ninguém sabia a resposta para essa pergunta.

— Curou Reed — Clara mencionou. — Disse que também removeu partes da maldição.

— Removi, mas... ele disse isso para você quando saíram? Não sei *como* fiz isso.

— Bom, vamos descobrir. — Clara pegou a mão de Ada e colocou no peito de Lake. Ele fez uma careta. — Me diga o que sente.

Ada sabia o suficiente sobre curar animais e primeiros socorros que sabia que nunca podia deixar o paciente ver sua preocupação, ou sua incompetência. Se o paciente pensasse que Ada não sabia o que estava fazendo, então pânico tomaria conta. Poderiam entrar em choque. Era a última coisa que qualquer um precisava. Como a amiga Laurel sempre costumava dizer, finja até dar certo. Ela forçou a respiração a acalmar e torceu para caramba para que o garoto não visse o suor marcando o lábio superior.

— Lake, né?

Cabelo cinza desgrenhado caiu na testa quando ele assentiu.

— Vamos tirar isso de você, não se preocupe. Tenho um dom raro. Ao que parece, estou transbordando com *mana*. — Ela ergueu o braço para que ele pudesse ver as marcas azuis brilhantes. — Vê isso?

Ele assentiu.

— Disseram que significa que a Nascente me abençoou. Significa que vou fazer tudo o que posso para ajudá-lo a viver. Tá bom? Vai deixar que eu tente?

Um brilho de admiração entrou nos olhos dele ao sorver o braço dela antes de assentir.

— Certo, vamos ver o que posso fazer. Enquanto estou fazendo isso, por que não vê se consegue contar as linhas nas minhas marcas? — Meio em dúvida, meio esperançosa, Ada colocou a mão no peito de Lake, tomando cuidado para não mover a haste de trinta centímetros saindo da lateral do seu corpo. Ele vacilou, mas focou no braço dela. Quer estivesse contando ou não, ela não podia dizer, mas parecia que a distração funcionou. Não queria que ele olhasse para o ferimento.

Ela moveu as mãos um centímetro para ver se podia sentir alguma coisa, mas se sentiu ridícula. A pele estava quente. Foi tudo que sentiu. Nada aconteceu.

Ada arregalou os olhos para Clara. *E agora?*

— O que fez quando ajudou Reed?

Procurou nas memórias. Quando foi envenenado, fez o que sempre fazia. Chupou o veneno. Mas mesmo quando os pensamentos

percorriam sua mente, soube no âmagô que foi muito além do que os primeiros socorros de uma picada de cobra. Os ferimentos de Jasper ficaram pretos e roxos. O veneno entrara na corrente sanguínea. Chupar teria sido tarde demais. Parte dela sabia disso.

Então o que fez que foi diferente?

— Imaginei acontecendo — murmurou. — Imaginei o veneno saindo do corpo dele.

Fizera a mesma coisa quando puxou as marcas da maldição.

— Conectar com seu mana é algo intrínseco. Existem seis afinidades elementais que os fae podem ter com a Nascente. Terra, ar, água, fogo, caos e espírito. Curar é uma mistura de tudo. Coloque as duas mãos nele. Feche os olhos. Sinta a água fluir pelas veias. Sinta a energia do espírito. O fogo da força vital. Tente ouvir o mana.

Claro. Moleza. Fazia perfeito sentido.

A segunda mão se juntou a outra. As pálpebras de Ada se fecharam e controlou a respiração. Bloqueou os sons da batalha. Ignorou os sinos do vento tilintando. Focou no batimento do seu coração, do coração de Lake sob seu toque. A respiração dele. A umidade da pele. Expandiu sua consciência para as mãos, e depois foi mais baixo.

Confiou na intuição.

A voz de Clara murmurou baixinho:

— Apenas faça o que fez com Reed. O que surge naturalmente? O que precisa ser feito?

O calor do corpo de Lake aumentou. Queimou as mãos dela conforme a consciência se espalhava para fora, para o lado, para cima, para baixo e de volta. Demorou um segundo, mas percebeu que esse mapa de calor contido era o corpo dele. Onde ia era a força vital. Euforia a animou, e perdeu o foco por um segundo, balançou a cabeça e fez uma careta de concentração.

— Sinto os limites do corpo dele — falou sem abrir os olhos.

— Ótimo. O que mais?

Ada continuou a procurar a área aquecida com visão mental. A consciência se moveu com toques lentos no começo, mas quanto mais treinava, mais fácil ficava. Percorreu o corpo, se aclimando a sensação, até encontrar um lugar frio onde o calor não fluía.

— Tem um pedaço frio — sussurrou com um arrepio. — Uma área escura que não posso ver.

— É a haste de metal — Clara disse. — Olhe com mais atenção. Tem mais algum outro pedaço frio?

Ada procurou, mas não encontrou nada.

— Acho que não.

— Ótimo.

O pedaço frio de repente queimou com calor. Lake gritou com dor. As pálpebras de Ada se abriram, e se afastou ao mesmo tempo que

Lake se sentou, a mão agora no lado ferido e sem haste. Sangue escorria entre os dedos e olhou feio para Clara com uma mistura de acusação e alívio.

— Se transforme, garoto — Clara ralhou, a haste ensanguentada pendurada na mão, pingando no chão.

O ar brilhou em volta de Lake, pelo nasceu na mandíbula, no dorso das mãos e os dentes se alongaram. Soltou um choramingo longo e engasgado. Suor cobria a testa dele, mas caiu de volta na mesa, ainda na forma fae, ofegando com força.

— Não consigo — choramingou, movendo a cabeça. — Não consigo.

O rosto de Clara empalideceu.

— Ainda deve ter metal nele. Pensei que tivesse dito que só tinha uma parte fria.

— Era só uma! — Ada apertou os lábios, segurando uma réplica que estivera certa. — Não sabia que ia puxar com tudo. Um pouco deve ter quebrado!

Pegou a haste e analisou. O metal estava enferrujado.

— Procure de novo — Clara disse. — Encontre a lasca.

*Merda.*

Ada colocou a palma no peito de Lake, mas Clara guiou a mão para o ferimento. Ele se contorceu, o lábio inferior e a mão tremendo enquanto abria espaço para Ada ao soltar o ferimento.

— Está tudo bem, filho — Percival disse, segurando a mão ensanguentada de Lake.

Sangue vazava do buraco. Ada colocou a palma por cima. Bagunça quente e molhada fluiu na mão. Fechou os olhos com força e se concentrou.

*Sinta a área fria.*

Calor. Calor em todo lugar.

Vagamente, ouviu Clara levar Percival para fora do recinto com ordens para enviar os feridos para cá. Saiu relutante, mas quando Ada encontrou o lugar frio, soube por que fora enviado para fora. Nenhum pai deveria ver o filho gritando de dor. E era o que aconteceria em seguida.

— Encontrei — falou funesta para Clara, engoliu e olhou para o ferimento de punção. — Parece estar inteiro.

— Tire — Clara disse. Deu a haste para Lake morder e aí segurou a mão dele. — Ela vai remover, querido. Tá bom?

Ele assentiu, os olhos alucinados e se movendo.

— Bom garoto. Corajoso.

Clara acenou para Ada. Ela colocou o dedo no ferimento e usou a falta de calor que pressentia como guia. O garoto gritou pela mordada. As costas arquearam e, Ada e Clara, o seguraram.

Deveriam ter antisséptico. Deveriam ter *anestésico*. Mas essa era uma espécie como nenhuma outra. Eles se curavam quando se transformavam. Ada precisava confiar que Clara sabia o que estava falando. Ada cerrou os dentes e cutucou o ferimento com o dedo até encontrar. Uma farpa pequena e afiada. A sensação era *errada*. Nunca antes apenas tocara um objeto inanimado e sentira algo, mas queria jogar a lasca de metal nas profundezas do oceano e esquecer dela. Melhor ainda, lançar no espaço.

Como a haste, a consciência dela não se estendia pela farpa. Era apenas um grande vazio de nada. Era essa a aversão da Nascente pelo metal que sentia? Era por isso que metais e plásticos eram proibidos? Rangeu os dentes e inseriu o segundo dedo para pinçar a farpa, depois puxou.

— Peguei — arquejou.

O garoto cuspiu a haste e depois se transformou tão rápido que Ada teve dificuldade de ver qualquer coisa além de um borrão de ar e pelo até um lobo cinza com patas marrons estar deitado na mesa, ofegando com força, os olhos brilhantes.

Clara trabalhou rápido para conferir o pelo no abdômen do lobo e aí assentiu.

— A pele fechou. Vai ficar bem, garoto. Com uma cicatriz, mas vai viver. Vá encontrar um lugar para ficar na sua até seu mana se recuperar.

O lobo soltou um ganido de irritação, mas ficou nas quatro patas e pulou da mesa. Se esfregou um pouco na perna de Ada antes de trotar para a porta.

Ada virou para Clara.

— Ele está bem?

Ela deu um aceno funesto.

— Tem sorte que tinha mana suficiente para se transformar. A maioria de nós só consegue fazer isso uma ou duas vezes por dia. A não ser, é claro, que seja um Guardião. — Os olhos dela foram para fora. — Alguns não terão tanta sorte.

Ada olhou para as mãos, ainda formigando com calor e pegajosas de sangue. Dessa vez, a ciência que pressentiu parecia viva dentro do próprio corpo. Como se fosse algo vivo e zunindo. Esse era o poder dela, o dom. Os olhos se voltaram para Clara.

— Pode me ensinar mais? — ela perguntou.

— Vamos descobrir em breve. — Clara ergueu o queixo para a porta onde Percival trazia outro fae mancando, sangue escorrendo de um corte na coxa.

Atrás deles, mais dois feridos mancavam, usando um ao outro como muleta. Um era o fae que os abordou ao chegarem. O chapéu de aba larga não estava mais sobre a cabeça, mas carregando algo na

altura da barriga. Conforme se aproximaram, ela viu fios de sangue escorrendo dele. Quando Ada olhou no chapéu, o estômago embrulhou.

Os intestinos.

— Como você ainda está vivo? — Arquejou. Vivo e andando, que dirá ajudando um fae ferido a andar.

Os olhos vidrados encontraram os dela e pareceram ver direto.

Clara deu uma olhada nele e depois balançou a cabeça.

— Por que não se transformou?

— Usei o resto do mana para abrir um portar e trazer todos nós das docas.

— *Maldito-Poço*, é um lobo durão. — Clara engoliu, depois fez um aceno quase imperceptível com a cabeça. *Ele não iria sobreviver.*

Devia saber, porque entregou o companheiro para Clara e se afastou. Então iriam só deixá-lo?

Clara apontou para os dois primeiros que chegaram e disse para Ada:

— Você cuida deles.

Mal conseguindo respirar, ela se forçou a realizar a triagem do primeiro que chegara com Percival. Tinha um corte na panturrilha e um sobre o olho. O braço estava mole ao seu lado.

— Ali — falou e apontou para o salão. — Encontre um lugar para sentar. Ainda não está à beira da morte. Te verei em um segundo.

Depois foi para o homem com as entranhas no chapéu. O rosto adquirira um tom mais pálido de verde e se inclinava com tudo na parece, mal segurando o pacote.

— Qual é seu nome? — ela perguntou.

Pelo jeito que os abordara ao chegarem, ela pensou que poderia não responder. Mas ou não a reconheceu ou não ligou.

— Moon.

— Certo, Moon. Pode vir comigo para a mesa dentro do salão?

Não tinha jeito nenhum que poderia carregá-lo. Colocou a mão na copa do chapéu, engoliu quando sentiu o conteúdo pelo tecido, e sussurrou:

— Estou com você. Está tudo bem. Vamos fazer isso juntos.

— Ada — Clara avisou enquanto ajudava seu paciente.

Mas Ada a ignorou. Sabia bem no fundo da alma que podia ajudar esse fae. Sabia que o dom ia além de encontrar áreas frias e drenar veneno. Precisava ir. Mesmo que não fosse, ela não o deixaria morrer sem tentar. Nunca na vida ela abandonara um animal ferido, não importava quão feroz ou teimoso, e não estava prestes a começar agora.

— Vamos, Moon — falou e se encaixou sob o grande braço dele.

Caiu pesado sobre seu ombro. Ela cambaleou, recuperou o

equilíbrio, e juntos se arrastaram para o salão. Com dificuldade, colocaram ele na mesa. Ele deitou e encontrou o olhar dela.

— Sou o único na cidade que pode criar um portal — falou rouco.

Ela não sabia o que isso significava, era provável que era exatamente o que parecia, mas assentiu.

— Você foi bem. Estão seguros.

Ele assentiu. As pálpebras fecharam.

— Fique comigo, Moon. Seu trabalho não acabou.

Mas as mãos soltaram o chapéu. Ela o pegou antes de tudo derramar. O tempo estava se esgotando.

— Moon?

Sem resposta. Ada olhou para o grande corte no abdômen com distanciamento clínico. Não era uma cirurgia, nem mesmo médica ou veterinária, mas precisava fazer *algo*. Era a mesma coisa que a manteve viva todos aqueles anos atrás, quando a mãe a deixava durante duras. Era a mesma coisa que a colocou no caminho de Harold. A mesma coisa que a trouxe para esta época, e era a mesma coisa que a deu essa habilidade.

Chame de destino. Chame de Nascente. O que fosse, não fugiria disso.

Dessa vez, quando focou para dentro, a energia inquieta do dom respondeu ao chamado e dançou dentro de si, como se estivesse esperando. Ela sabia um pouco de anatomia de quando estudara no ensino médio, e de dissecar sapos e ratos. Até mesmo o que aprendera enquanto reabilitava animais selvagens e, por outro lado, caçando para se manter alimentada e viva. De vez em quando, precisara esfolar a caça sozinha.

Segurando o fôlego, afastou a carne cortada do ferimento e deu uma olhada, com os olhos e os sentidos. Nenhum lugar frio. Nenhum metal bloqueando o que esperava fazer em seguida. Exalando, depois inalando, segurou o fôlego e tentou não pensar no cheiro do intestino perfurado que acabara de inalar. Começou a colocar as entranhas de volta no corpo, devagar e sempre. Com cada pedaço que inseria, testava com a consciência, procurando por... não sabia. Apenas algo que não estivesse certo. Quando o calor do dom oscilou, focou com atenção. Imaginou os ferimentos se curando, assim como fizera com os ferimentos de Jasper na cabana. *Melhore. Cure. Feche.* Fogo no toque queimou mais quente, mais claro, com mais poder. Por um segundo, temeu que tivesse queimado ele vivo, ou se queimado. Mas manteve a mente focada em desejar que ele se tornasse o que era antes do ferimento – inteiro.

Quando o resto do calor diminuiu, abriu os olhos e analisou a pele sob as mãos. Passou o polegar sobre a sujeira vermelha-laranja grudenta e encontrou cicatrizes limpas e nodosas por baixo. Ada



abaixou a orelha para o peito do fae, escutou e ouviu o barulho do seu coração. Um sorriso contraiu os lábios dela. Conseguiu. Esperava.

Erguendo a cabeça, encontrou não só os olhos de Moon nela, mas de todo mundo no recinto.

Clara terminou de fazer o curativo na perna do fae com cabelo branco e se aproximou com olhos arregalados e quase temerosos.

— Você fez o que a transformação faz — disse para Ada.

— Eu o curei.

— Ah, fez mais do que isso, querida. — Ela deu uma olhada para a barriga cicatrizada. — Ele estava à beira da morte.

Moon, ainda encarando Ada, falou rouco:

— É humana.

Uma frieza entrou no recinto. Foi como se o próprio ar tivesse congelado. Os dedos de Ada foram para as orelhas e descobriu que o cabelo fora colocado para trás, de forma subconsciente, enquanto trabalhava.

— Não sabemos o que ela é — Clara respondeu curta, os olhos semicerrando. — Porque uma humana não pode fazer o que ela acabou de fazer. Uma humana não pode estar em uma união abençoada pela Nascente com um Guardião. Mas ela está. Por enquanto, seguimos em frente. Ela está do nosso lado.

A tensão relaxou. Uma palavra da matriarca foi tudo o que precisaram.

Ada lavou as mãos em uma tigela e correu para o fae que dissera para se sentar e começou a triagem. Ele disse que não tinha mais reserva de mana para se transformar. Estava prestes a tratar o ferimento com o dom, mas Clara a advertiu contra usar todo o mana para ferimentos que não eram mortais. Ela se sentia bem, não vazia, se fosse possível, mas podia ver a lógica no aviso de Clara, então tratou o ferimento a moda antiga – com água, pontos e um pano. Atrás dela, Moon virou de lado e falou com Clara.

— Vieram das docas — a voz ressoou. — Mas não de barco.

— Como é possível? Crystal City está a semanas de distância a pé.

— Temo que tenham vindo em um portal.

— Mas isso é impossível. Carregavam armas de metal. E estão aqui para coletar nosso lote secreto. Metal não viaja por um portal. A não ser que um Guardião o segure ou tenha criado o portal.

Ninguém disse nada além disso. Mais feridos chegaram, e Ada se perdeu em tratá-los durante as próximas horas. De um fae para outro, cuidou dos feridos. Quando a sala se tornou lotada com metamorfos choramingando e gemendo, os braços dela se tornaram chumbo e as pernas se moviam como pedras.

Um rugido alto encheu o ar, em algum lugar lá fora. O prédio tremeu, sinos de vento tilintaram como se movidos por uma rajada de

vento, e agonia percorreu a conexão com Jasper.

A cabeça de Ada se ergueu.

— Ele foi atingido — disse, os olhos perdendo o foco.

Fogos de artifício explodiram, mas era impossível. Quem acenderia fogos de artifício? Não eram fogos de artifício. Tiros.

Uma sensação de dreno repuxou seu braço. Energia saiu do corpo como se tivesse sido atingida com um dardo de tranquilizante que drogava de forma contínua. Caiu de joelhos, arquejando e segurando a cadeira do paciente que estivera tratando.

— O que está acontecendo? — arquejou, o peito ofegando.

O paciente gritou. Clara se aproximou correndo, sangue manchado no rosto, cautela na expressão.

— Ada? — falou e se abaixou para conferir. — Qual é o problema?

— Meu braço. — Ergueu o braço marcado de azul, mas não podia se mover. *Pesado demais.* — É como se sentisse minha vida drenando por ele.

— Ele está emprestando seu mana.

— O quê? — ela coaxou. Mas aí percebeu a verdade nas palavras.

— Jasper está ferido. Senti sua dor.

Ada usou Clara para se levantar. Cambaleou para a porta.

— Preciso ir até ele.

— Não pode! — Clara instou. — Jurei que ficaria segura.

— Eu vou — Moon ofereceu.

Ele se recuperara desde que ela consertara a barriga dele. Apesar de ainda um pouco verde nas feições, estivera andando pela sala, ajudando o melhor que podia.

Antes que Ada pudesse protestar, ou dar mais um passo, Moon partiu.

— Sente — Clara ordenou. — Tome água.

Guiou Ada para o lado onde o corpo dolorido desabou em uma cadeira de jantar coberta de couro. Os braços mal se ergueram para segurar o copo de barro que Clara entregou para ela. Quando a água tocou seus lábios, descobriu que a garganta estava seca e bebeu tudo.

— Não compreendo como a conexão funciona — Clara disse. — Faz muito tempo desde que vimos uma união abençoada pela Nascente, talvez centenas de anos, então não posso dizer por que isso está acontecendo. Mas posso dizer que tem rumores de outros Guardiões com conexões como a sua. Os lobos estão sussurrando de alcateia em alcateia. Quando terminarem nesta cidade, sugiro que os encontrem. Vão ensinar mais sobre a conexão.

A porta da frente abriu com tudo. Moon e outro fae grande – o mesmo que a empurrara quando chegaram – carregavam um fae grande, pesado e cheio de balas entre eles, a cabeça escura baixa.

O coração de Ada contraiu. *Jasper.*

## CAPÍTULO SETE

Jasper sonhou com sangue e fogo. Carmesim nas mãos, na boca e na pele. Fogo nas veias, indo para o coração, afundando mais com apenas um fim em mente – e ele o recebeu. Merecia.

Não era corajoso. Não era gentil. Não era digno.

Tirara tantas vidas... e a pior parte era que gostara. Ou, pelo menos, o lobo gostara. Quem podia dizer a diferença hoje em dia? Lampejos da carnificina no Ringue nadaram diante dos seus olhos, provocando-o com a covardia. A multidão celebrando. Tudo o que precisara fazer era ceder e deixar que os oponentes tirassem sua vida em vez de acontecer o contrário. O sofrimento teria acabado. Mas no dia que a mãe morrera, ele prometera viver.

Então, enquanto estava no Ringue, cedera o controle do corpo para o lobo – aquela parte primordial dele com a sede de sangue – toda vez maldita pelo Poço.

*Dedinhos curvados e cobertos de sangue.*

— Não! — ele gritou.

Dedinhos tocando seu peito.

— Saia! — Empurrou.

Correntes o seguraram. Moveu a cabeça para o lado – não eram correntes, uma mão grande. Para o outro lado – uma mão grande, um dos guardas. Ele *urrou*. Outra no abdômen, se movendo com o movimento da respiração ofegante, depois deslizando para um ferimento ensanguentado.

Dedinhos testaram os pequenos ferimentos no peito.

Lágrimas arderam seus olhos e engasgou.

— *Não!* — Moveu a cabeça, respirando fundo até ter o poder de gritar. — *Não tire.* Quero que o sofrimento acabe.

— Jasper.

A voz dela. Seu anjo chamando pela água.

— Está tudo bem, Jasper.

— Não — grunhiu. — Não tire.

A queimadura gélida no corpo mirando na direção do coração. Sabia o que era. Sentira tantas vezes. Costumava perfurar os lados do pescoço, impedindo a transformação, garantindo que quando matasse não fosse todo lobo, mas parte ele, parte o fae que um dia foi digno, que um dia foi gentil e divertido e corajoso.

— Eu mereço — gemeu pela agonia afogando seus sentidos, cortando as veias abertas conforme o metal chegava no seu coração.  
— Só não tire. Deixe que me leve.

*Até que enfim.*

Ele abaixou a cabeça. Bateu em algo duro.

— Vou tirar.

Ela era teimosa, seu anjo sórdido.

Dor dilacerante no peito, sob a costela. Ela seguiu o movimento da bala no fundo dentro dele. Gritou, afastou os dedinhos dela e rugiu a fúria com grandes presas trêmulas e saliva escorrendo.

Grandes olhos marrons brilharam. Cabelo loiro. Lábios carnudos perfeitos se abriram na forma de um O.

— Me deixe — implorou.

Os membros pareceram pesados. A cabeça pendeu para o lado. Névoa cobriu sua mente e, pensou, ao menos fizera algo certo antes de morrer. Colocara o punho cheio de garras em cada um dos humanos invasores que pôde encontrar até o sangue deles pintar as ruas. Nunca teriam o metal para fazer mais bolinhas de matar, como as que estavam presas no seu peito.

Nunca daria a eles a vantagem sobre a terra fae. Nunca deixaria que assumissem o controle da Nascente. Era o trabalho dele. O dever. E ao menos fizera um pouco disso. Ao menos se lembrou disso.

— Jasper, olhe para mim. — Dedos frios tocaram sua mandíbula barbada.

Ele apertou os olhos bem fechados.

E aí... pressão suave nos lábios. Movimento. Beijos. Ela tinha gosto de açúcar e pecado, como tudo que seu corpo queria, mas a alma não merecia. Ficou pressionando os lábios nos dele e sentiu... ele sentiu – compaixão, gentileza e anseio secreto queimarem pela conexão. Isso o atingiu profundamente. Atiçou o fogo dentro de si até sentir o eco do desejo dela se tornar uma caldeira borbulhante de desejo. Ele se abriu para o beijo, recebeu-a com um gemido cheio de anseio e luxúria. A língua entrou na boca dela, provando o sabor de vitalidade que deixou todas as células no seu corpo frenéticas. Ela se afastou, e ele foi atrás, mordiscando o ar entre eles. Linda. Seu gosto era como se fosse dele. Como... frutinhas de mana e cidra e tudo de bom.

*Mais.*

Fazendo força para alcançá-la, tentou capturar os lábios outra vez, mas quase caiu da mesa onde estava deitado. Dor apunhalou sua barriga enquanto se acomodava em uma posição sentada.

O sorriso pequeno e provocante dela.

— Se soubesse que isso era tudo que precisava para que você entrasse na linha, teria te beijado há um tempo.

Ele rosnou um aviso.

— Se quer tanto, me deixe tirar as balas para que possa se curar. Aí pode ter outro beijo.

Lambeu os lábios secos, conteve o desejo, olhou para a confusão sangrenta no torso e viu a sala pela primeira vez. Estava cheia de fae feridos, dois deles o seguravam pelos ombros, e Ada... sua linda... o que ela era? Parceira? Uma distração? Uma prorrogação até enfim encontrar o oblívio que não merecia?

Se as memórias eram verdadeiras, então cometera as maiores atrocidades conhecidas em Elphyne. Brutalizara e matara por diversão no fosso dos gladiadores que servia como punição corporal em Cornucopia, a cidade fronteira entre os reinos Seelie e Unseelie.

— Jasper. — Deu tapinhas no peito dele.

Encontrou o olhar dela e pôde sentir esperança gotejando pela conexão. Ela queria ajudá-lo, mantê-lo vivo. Não teve coragem de decepcioná-la.

Poderia muito bem adicionar covardice na lista de fracassos porque, quando o olhar desviou para os lábios dela, tudo o que quis naquele momento foi outro gostinho daquele doce. A ideia o consumiu.

*Maldição*, estava tão fraco.

Engolindo em seco, ele se deitou na mesa e olhou com afinco para o teto. Segurou as bordas da mesa com cada mão e se preparou, depois assentiu. Agonia até os ossos encheu seu corpo enquanto ela caçava o metal frio e assassino, mas ele não gritou, não chorou. Essa era sua penitência, ou o começo dela. Talvez essa miserável vida sem fim de vergonha e arrependimento fosse o seu valor.

A noção criou raízes no seu coração e quando ela arrancou a última bolinha de metal do seu corpo, soube que era verdade. Felicidade não era reservada para alguém partido como ele.

Sentindo a conexão com a Nascente surgir no seu sangue, roubou o mana de Ada pela conexão e se transformou em lobo. Um lampejo de dor o açoitou ao tomar algo que ela não oferecera, ao ver os olhos dela farfalharem porque estava drenando-a, mas ele estava além da vergonha agora. O que era mais um ato de covardice?

O lobo assumiu – assim como sempre controlara a preservação da sua vida – e a consciência de Jasper desapareceu. Deitou de lado, ofegando com força enquanto seu corpo se curava, e quando dedinhos acariciaram seu rosto e coçaram atrás da orelha, ele se afastou com um pequeno choramingo. Recuou para a gaiola fechada da sua mente, sabendo que não importava qual parte dele comandava. Quer fosse o instinto primitivo do lobo, ou a lógica fae, tudo era ele. Não havia como escapar o que fizera.

JASPER ACORDOU com o som de fogo crepitante. Outros sons estranhos filtraram – o tilintar lento de sinos do vento, a respiração suave e regular de outra pessoa, e o cheiro almiscarado de fêmea. O calor de um corpo pressionado perto. As pálpebras se abriram para encontrar um quarto escuro, com poucos móveis, lampejando sob a luz do fogo. Paredes de pedra cobertas por mosaicos retratando cenas de lobos pretos correndo atrás de donzelas de cabelo escuro, pegando-as. Vira essas imagens antes, do lado de fora do salão... e... talvez em algum lugar da sua memória.

O olhar percorreu o anjo loiro adormecido, aconchegada na curva do seu corpo – do seu corpo peludo. Estava na forma de lobo. A ciência tomou conta acompanhada do pensamento que ela só dormiria com ele nesta forma, então deveria ficar.

Abaixando a cabeça de novo, estendeu sua consciência pelo corpo. Não sentia mais a pontada do ferimento, e não sentia mais o vazio de ter gastado seu estoque de mana. Tempo o suficiente devia ter passado que fora reabastecido pela Nascente Cósmica. Costumava levar a passagem a lua para sorver mana da terra. Encontrar uma fonte de poder o reabasteceria dentro de minutos. Talvez tenha descoberto uma fonte e submergira nela. Ou talvez fosse ela.

Como sabia disso?

As memórias estavam retornando devagar, era assim que sabia, e não tinha certeza se as queria.

As pálpebras abaixaram outra vez enquanto se deleitava no conforto da posição. Ela poderia acordar em breve. Poderia tentar remover mais da maldição.

Mas ela não poderia ver através do pelo cobrindo seu corpo.

Então continuou sendo um lobo.

E sonhou.

✱

*— Por que ele está atrás de nós, Mama? — perguntou e colocou outra frutinha na cesta de vime enquanto andavam do arbusto de frutinha de mana até o de groselha preta.*

*Os dedos elegantes dela pausaram sobre uma frutinha madura, depois girou no galho e a acrescentou à coleção crescente.*

*— Porque fiz algo que não era permitido — ela respondeu.*

*— O quê? — ele perguntou, colocando a frutinha na boca, deixando o sabor ácido explodir nas papilas gustativas. Lambeu os lábios. — Hmm.*

*De novo, ela não respondeu, mas ele queria saber.*

*— Mama? Por quê?*

*Ela colocou a cesta no chão e agachou baixo para tocar sua bochecha. Deu um sorriso caloroso.*

— Porque, meu amor, escolhi você e não ele. Não tem um dia que passa que não sou grata por essa decisão. Vai fazer muitas pessoas muito felizes. Vai salvar vidas.

A pele dele, de repente, pareceu tensa, o corpo grande demais.

— Eu?

— Sim, meu amor. Você.

— Como sabe?

— Porque a Nascente me mostrou.

— Não quero fazer todos felizes, Mama. Apenas você.

Ele ergueu o queixo orgulhoso e foi para outro arbusto colher uma frutinha, mas antes que pudesse entrar na sua boca aberta, ela tirou da sua mão.

— Não! — ela gritou. — Não essas frutinhas.

Lágrimas arderam os olhos dele com o choque. O que ele fez? O lábio inferior dele tremeu enquanto ela pegava suas mãos.

— Desculpa, meu amor, mas nunca deve comer essas frutinhas. Elas anuviam a mente.

— Sun disse que eram divertidas. Por que isso é tão ruim?

— A cabeça do Sun é cheia de lá.

— Mas você disse que diversão é bom.

Ela suspirou.

— Sim, mas é uma linha tênue entre diversão e desperdiçar a vida fingindo que não existe. Apenas... não desperdice muito.

## CAPÍTULO OITO

— Não é um corte ruim — Ada disse, analisando o ferimento no dedo de Primrose.

Como os dois últimos pacientes que Ada atendera hoje, teve a sensação de que Primrose estava ali para examinar Ada, não o contrário. Duas orelhas peludas e pontudas se movendo espreitavam por baixo de um longo cabelo loiro ondulado preto na nuca de Primrose. Farinha branca de padeiro cobria o vestido justo. Parecia ter seus vinte e poucos anos, mas poderia ser tão velha quanto Clara — perto de umas centenas de anos. De algum jeito, isso desconcertava Ada mais do que saber que a metamorfa mulher viera bisbilhotar.

— Honestamente, não sei como fiz isso. É tão bobo — Primrose disse.

*Claro que não sabe.*

Fazia dois dias desde o ataque, e apesar da maioria dos fae feridos ter sido tratada, um punhado de bisbilhoteiros continuava aparecendo. Ada não podia culpá-los. Parecia com o inimigo, entretanto possuía um dom reservado aos fae. Mas se estavam bisbilhotando, estavam curiosos, não bravos. Podia lidar com isso.

Ada deu um sorriso gentil.

— Não se preocupe. Acidentes acontecem com todos nós.

— Estava tão ocupada com os preparativos para Lupercália que não prestei atenção no que estava fazendo. Sou a padeira oficial, sabe.

— Parabéns. — Ada ainda não entendia bem o festival, mas sabia que o vilarejo estivera se preparando há semanas, e ainda havia mais alguns dias até o grande evento.

Ada focou a consciência no corte raso no dedo, sentindo com o sexto sentido, vendo se podia convencer a pele aberta a se unir de novo. Clara continuara a tutoria ao longo dos últimos dias e estava animada de continuar a ensinar tudo o que sabia sobre curar, o que não era muito, mas era melhor do que nada. Ao que parecia, Fenrysfield não possuía um curandeiro oficial. Já que a maioria deles se transformava, não era necessário.

— Parece bem raso para mim. Tem algum motivo que não se transformou para curar? — *Ou estar aguentando isso?*

A postura de Primrose enrijeceu. Tensão cortou o ar.

Ao fundo, as ações de Clara ficaram inexplicavelmente mais altas



enquanto limpava e reabastecia a sala. Devia ter ouvido a pergunta de Ada porque se aproximou carregando uma tigela de água limpa.

— Deve ser paciente com Ada, Prim. Ela não compreende bem as peculiaridades da educação fae. — Para Ada, acrescentou: — Prim é Baixo Fae, o que significa que não tem mana suficiente para se transformar ou usar. Nasceu assim. Não tem nada que possa fazer a respeito, mas não é legal falar disso na cara dela. Existem muitos outros Baixo Fae em todas as raças. Se um fae não pode se transformar ou lançar feitiços, não é da nossa conta. — Clara olhou de volta para o dedo de Primrose. — Continue até cada pedacinho de pele se unir. Tem tempo.

Ada segurou as palavras sobre Clara fazer exatamente o que acabara de dizer para Ada não fazer – falar sobre os Baixo Fae na cara dela.

Mas havia tanto para aprender. Se ninguém falasse sobre isso, Ada continuaria sendo ignorante, e nos dias desde acordar nessa época, aceitara sua nova realidade. Precisava se misturar.

O cérebro de Ada doeu. Havia muitas novas idiossincrasias culturais que não tinha certeza se aprenderia. E isso era só um vilarejo metamorfo. Ao que parecia, havia costumes diferentes dentro de diferentes raças fae ao redor de Elphyne.

Iam de fae com chifres ou galhadas, até pixies com asas de libélula, até elfos, vampiros e mais. A lista era interminável.

Clara trocou a tigela suja de Ada pela limpa e aí continuou pelo recinto, reabastecendo suprimentos, como se não tivesse acabado de soltar a maior bomba desconfortável na sala, e aí foi para a saída.

As orelhas pontudas de Prim se abaixaram quando Clara passou. *Interessante*. Ada estava aprendendo rápido que um padrão em específico de comportamento de orelha tinha a ver com agressão ou submissão. Era muito parecido com o comportamento dos lobos nos quais se transformavam.

Clara parou na porta antes de sair e virou para Ada.

— Devemos ser pacientes com você, mas também se lembre de ser paciente conosco. Mudança leva tempo. Para ambos os lados.

Ada observou o espaço vazio que Clara deixou por um longo tempo, ponderando se dissera algo para fazer Clara pensar que Ada era impaciente. Mas talvez fosse apenas um aviso amigável.

— Isso pode ser um pouquinho quente — Ada disse ao retornar para o ferimento.

— Pode me consertar? — Prim tagarelou. — Quero dizer, me dar a habilidade de me transformar?

— Então foi por isso que veio.

— Acho que não — Ada disse devagar, pensando nisso. — Até onde eu sei, está além dos limites do meu dom. Mas estou apenas

aprendendo. Clara disse que eu deveria ir para a, hm, Ordem da Nascente, ou uma das Cortes Élficas para treinar com os melhores. Ainda não sei o que isso significa, mas é um começo. Quem sabe o que meu dom poderia fazer depois de receber mais treinamento.

Prim suspirou.

— Não tem problema. Pensei que valesse a pena perguntar. Não queria perguntar perto de Clara. Sei que a Nascente é a única coisa que pode dar a capacidade de guardar mana no âmago e, já que não sou tão corajosa quanto seu parceiro, nunca vou entrar no lago cerimonial. Só vou precisar continuar dando um jeito sem isso.

Ada franziu o cenho.

— Ele não tinha mana antes de entrar no lago? Ou isso também é rude perguntar?

— Diferente de alguns outros por aqui, não me preocupo muito com costumes enfadonhos e tradição. Não ligo se perguntar para mim. Como mais deveria aprender? Sabe, Reed teria sido o novo alfa se não fosse por... bom, é melhor não falar dessa parte. É só fofoca. — Os olhos de Prim ficaram distantes e sonhadores, e Ada sentiu um leve toque de algo que não podia decifrar enquanto Prim explicava: — É o filho do Rei, então já tinha uma boa quantidade de mana, pra começar. Costumávamos brincar juntos quando crianças. Ele sempre tivera uma capacidade maior para armazenar mana, mas aí se juntou aos Guardiões. E agora... — Os olhos encontraram as marcas abençoadas pela Nascente de Ada. — Agora suponho que tenha você. Sei que meu ferimento não é grande, mas queria uma desculpa para te conhecer. Se tem algo que queira saber sobre, bom, tudo, espero que me pergunte. — Ela se empertigou. — Talvez venha na padaria onde podemos conversar com mais liberdade. Posso te mostrar a cidade.

Ada terminou de curar o corte e recuou. Talvez Prim não fosse tão metida quanto pensara no começo, e Ada precisava de uma amiga. Clara era a alfa e não era bem fácil de se aproximar. Os grandes olhos de Prim piscaram com tanto respeito verdadeiro que Ada não pode evitar sorrir.

— Claro, gostaria disso. Com certeza é difícil ser alguém que parece o inimigo por aqui.

— Sei como é ser diferente, não se preocupe, e passei a vida inteira aqui. — O olhar foi para o pescoço de Ada, depois voltou para encontrar os olhos dela. — Enquanto estamos sendo honestas, se não se importa que eu pergunte, por que seu parceiro não te marcou?

— Me marcou?

— Sim, bom, metamorfos marcam os parceiros. No pescoço. — Apontou para o pescoço nu de Ada. — Com os dentes.

A mão de Ada subiu para o pescoço.

— Por que fariam isso?

— É um sinal de posse. Os humanos não fazem isso?

— Não. — As sobrançelas de Ada se ergueram, irônica. — Não, nós não machucamos um ao outro para provar posse.

O nariz de Prim enrugou.

— Ah, não disse que ele era seu dono. Só que... bom, sim, suponho que seja como uma propriedade. Mas ele também pertence a você. O cheiro dele e a marca em você prova para todos os outros parceiros em potencial que você dois estão comprometidos.

Ada bufou, prestes a fazer um discurso de empoderamento feminino, mas aí percebeu que a marca poderia ser interpretada como algo semelhante a um anel de noivado ou casamento. Então, isso era algum tipo de casamento arranjado. A própria ideia de ter a escolha tirada dela lhe deixou desconfortável.

— Jasper e eu não estamos nesse tipo de relacionamento — explicou com um sorriso tenso.

— Ah.

Prim abriu a boca para dizer mais, mas um movimento na porta chamou a atenção das duas. Um metamorfo alto entrou. Cabelo marrom bagunçado roçava o colarinho. Uma tatuagem preta subia pelo pescoço de um lado. Só a alusão do punho da espada de osso espreitava sobre um ombro marrom coberto por couro. Ada se lembrava dele como o outro metamorfo que trouxera Jasper para ser curado durante o ataque.

— Sun — Prim disse enquanto se levantava e erguia as sobrançelas, nada impressionada. — Não terminei com a humana. Sua vez está chegando.

*A humana?*

Sun sorriu e apoiou o corpo esguio contra o batente da porta.

— Então vou só esperar aqui, que tal?

Prim fez um barulho frustrado e aí revirou os olhos.

— Suponho que tenha terminado aqui, afinal. Os bolos de teste precisam ser retirados do forno. — Tocou no braço de Ada e o tom ficou enjoativamente doce. — Não esqueça de ir na padaria.

Saiu com um olhar de soslaio desconfiado para Sun, e um reboado no caminhar. Ada teve a impressão que esses dois gostavam de se provocar para ver quem cederia primeiro. Tinha história ali. Talvez tivessem namorado um dia. Sun se afastou da porta e entrou na sala. Olhou em volta, procurando alguém, e aí sentou na cadeira que Prim vagara.

Ada lavou as mãos na tigela.

— É o último esperando, né?

Ele deu de ombros.

Havia algo tão familiar nele, mais do que o fato que Ada já o conhecera há algumas noites atrás.

— Como posso ajudá-lo? — perguntou, dando uma olhada em geral para ele caso estivesse machucado.

— Estou aqui porque minha mãe é teimosa demais para te perguntar uma coisa.

— Tá bom. — Ela recuou. — Quem é sua mãe?

Arqueou a sobrançelha, como se Ada devesse saber.

— Clara.

— Ah. — Agora estava fazendo sentido porque parecia tão familiar. Aquele cabelo escuro. Aquela expressão despreocupada. Clara era tia do Jasper, o que fazia de Sun seu primo. E Moon. — Meu Deus. Moon também é filho de Clara?

A memória de Ada voltou para como Clara estivera preparada para aceitar o prognóstico inicial do filho, mas Ada salvara a vida dele.

— É por isso que ela não quer pedir isso. Já sente como se estivesse em dívida com você, e tudo o que pediu foi um quarto e treinamento em troca das vidas que salvou.

— Não quero nada em troca. Salvar vidas não deveria ter um preço.

Sun esfregou a mandíbula e escrutinou Ada. Todos os fae pareciam querer algo em troca de uma boa ação. Acompanhar estava cansando, mas talvez Ada pudesse ver como essa expectativa cultural se formara. Em um mundo pós-apocalíptico implacável, quando a economia desaparecera, favores podiam ser moeda de troca.

— Então — Ada disse. — Ela te mandou porque se você pedir o favor, então é você que vai me dever? Se é que tem um.

Ele sorriu, devagar e satisfeito.

— Agora está entendendo.

— Certo. Então, o que é?

— Lupercália é daqui algumas noites. Queremos que você e Reed sejam nossos convidados de honra.

— É isso? — ela perguntou. — Nada de rim? Nenhuma transfusão de sangue?

Quando Sun olhou para ela sem expressão, elaborou:

— Esperava algum tipo de tarefa gigantesca.

— Lupercália é uma tradição consagrada pelo tempo que não pudemos seguir até uma mudança recente na lei há poucas semanas atrás. Faz um longo tempo desde que nossas lavouras foram fartas. Sofremos com monstros pervertidos por mana, tanto no rio quanto na floresta cercando nossa vila. Toda nossa moeda foi taxada pela Ordem pelo abate desses monstros. E, como viu em primeira mão, estamos sendo alvo de ataques, e o Alto Rei falhou em nos ajudar. Nossa sorte está acabando. Durante Lupercália, oferecemos tributos a Nascente e rezamos para que nossas sementes sejam abençoadas para a próxima colheita. Clara acredita que já que são abençoados pela Nascente, e

sua chegada na hora certa salvou tantas vidas, que a Nascente nos favoreceria neste ano se Reed nos honrasse como nosso Luperci.

Depois desse discurso, como poderia dizer não?

— Claro. Bom, não posso falar por Jasper... quero dizer, Reed. Mas posso perguntar.

— Teríamos um resultado melhor se a pergunta viesse de você.

— Tem alguma coisa que não está me contando?

— Um dos últimos festivais tradicionais de Lupercália foi quando o Rei estava de olho na mãe de Reed. Ela teve o Reed depois disso e escondeu do Rei. Costumávamos ter uma Oráculo no vilarejo que profetizou que um dos rebentos do Rei assumiria seu trono e seria o fim dele. Quando Mithras descobriu sobre Reed, veio atrás deles. Reed escapou. A mãe dele não. — Respirou fundo, depois soltou o ar devagar. — Clara finge que o motivo que tem problemas entre nós e Reed é porque ele partiu para se juntar aos Guardiões. Mas todos sabemos que é porque ela se sente culpada que não conseguiu mantê-lo seguro. Para um alfa admitir isso seria semelhante a reconhecer uma dívida.

— E Fae odeiam estar em dívida.

— Exatamente.

— Então, se ele participar de Lupercália, é fazer as pazes. Para ambos os lados.

— Uma resposta esta noite seria ótimo. — Sun levantou e deu um toque demorado no ombro de Ada. — E se meu primo não criar colhões e dar as caras logo, ficarei feliz de assumir o lugar dele como um dos Luperci com você.

Deu um sorriso para ela, e depois saiu andando, deixando-a confusa.

— Hm. — Ada ergueu um dedo para impedi-lo, mas já partira. — O que é um Luperci?

De algum jeito, tinha a impressão que não gostaria disso. A mente já voltara para aquele culto que venerava roupas de linho.

*Ugh. Vai, Ada. Concentre-se.*

Achava que descobriria na noite do festival, ou talvez Prim contasse a ela. O papel de Luperci não deveria ser muito difícil de cumprir, e não colocariam um dos seus em perigo. Jasper era um Darkfoot. Cresceu nesta cidade. Se queriam eles como convidados especiais, então deveria ser algo bom.

Talvez as memórias de Jasper tivessem retornado o suficiente para que ele soubesse. Com esse pensamento, Ada organizou as coisas o melhor que pôde e, depois de esperar por Clara, que não apareceu, decidiu que voltaria para a pousada. A noite estava caindo e o ensopado de carne da taverna chamava seu nome. Tinha tanto gosto de carne comum e não de wolpertinger que ela sentia como se fosse

uma lembrança de casa. Um sorrisinho moveu seus lábios quando pensou no que Laurel diria se Ada pedisse o prato em um restaurante.

— *Linda Gatinha, de novo? Sério? Você come vaca toda vez que pedimos comida.*

E aí Clarke abria a lata de refrigerante na cara de Laurel e as duas faziam barulhos extra apetitosos enquanto se deleitavam nos vícios “nada saudáveis”.

Ada ainda estava sorrindo quando voltou para a pousada, um estabelecimento pitoresco de pedra com mosaico e terracota de dois andares. Antes de entrar, pegou um pedaço de peixe que estivera na bolsa e colocou em uma cestinha ao lado da porta. Um miau e um rosnado depois e a criatura parecida com um gato, que disseram que era um fee-lino, se aproximou e roubou o peixe. Ao que parece, se Ada desse muita atenção a ele, o fee-lino não deixaria Ada sozinha, mas não ligava. O animal parecera um pouco magrinho quando ela chegara.

Depois de ficar satisfeita que o animal fora alimentado, passou pela porta pesada, subiu e entrou no quarto deles. Depois do ataque, Clara insistira que cobrisse o custo do quarto como um gesto de gratidão pela ajuda contra os humanos. A assunção era de que as marcas abençoadas pela Nascente mantinham Ada e Jasper juntos. Ada se sentiu desconfortável de pedir um quarto separado e não pôde se aproveitar mais da hospitalidade, então permanecera de boca fechada. No final, foi bom que ficara com Jasper. Não parecia mentalmente bem e permanecera em forma de lobo a maior parte do tempo.

— Querido, cheguei — ela brincou.

Sem surpresa, a forma escura de lobo de Jasper estava reclinada na frente da lareira. Já que o fogo ficara aceso o dia inteiro e não havia sprites – ela recusara com educação quando o hoteleiro oferecera algumas – para manterem a chama, ela sabia que se transformara em fae durante o dia. Como mais ele teria colocado madeira nova na lareira?

Poderia ter mantido o fogo aceso durante o dia, mas agora estava em brasas. Provavelmente porque soubera que ela retornaria em breve e atizaria as chamas de volta a vida. Ada suspirou e foi para a pilha de troncos e jogou um para dentro. Faíscas voaram das brasas e pairaram como vaga-lumes preguiçosos antes de se assentarem.

Observou Jasper por alguns minutos até decidir que ele não se transformaria na forma fae e diria oi. Assim como nas outras noites que chegara em casa, ele ficou na forma de lobo e era bem provável que ficasse assim até que ela partisse na manhã seguinte. Não era certo, mas ela ainda estava aprendendo sobre os costumes desse mundo. Talvez ficar na forma de lobo fosse algo que fizessem depois de serem feridos, embora, ela não tivesse visto Moon fazer o mesmo e

os fermentos dele tiveram sido discutivelmente piores do que os de Jasper.

A não ser que Ada quisesse revelar a condição de Jasper para uma cidade já com medo de dever algo a ela, precisava manter isso em segredo. Não confiava neles e, depois da conversa com Sun, também não estavam prontos para confiar nela.

Ada se limpou e depois voltou para baixo, para a taverna, para uma refeição. Ainda estava cedo o suficiente que os clientes ainda não lotaram o recinto, e o cheiro daquele ensopado estava recente no ar. A boca de Ada salivou ao andar até o bar. O topo da cabeça do metamorfo podia ser visto enquanto ele, ou ela, cuidava de algo sob o bar. Com a aproximação de Ada, o bartender se levantou. Tinha uma juba de cabelo marrom que era alto e magrelo. As orelhas dele abaixaram ao ver as orelhas redondas de Ada, mas aí os olhos seguiram as marcas no braços dela e a tensão nos ombros aliviou.

— Deve ser a mulher do Reed.

— Isso é discutível — respondeu seca.

Uma expressão confusa passou na expressão dele, e Ada percebeu que se associar ao Reed não era algo ruim neste lugar. Pareciam mais relaxados sabendo que ela pertencia a ele, quer fosse verdade ou não. E se estivessem relaxados, então não estariam temerosos ou agressivos.

— Sou Ada — falou e deu um pequeno aceno.

— O nome é Puck. Sobrinho do hoteleiro.

— É bom te conhecer.

— Posso ajudar com alguma coisa? — ele perguntou.

— Gostaria de um pouco desse ensopado com cheiro delicioso, por favor. Duas porções. — Ada procurou no bolso por algumas moedas que Clara lhe dera mais cedo.

Colocou as moedas de vidro no balcão e passou o lábio inferior entre os dentes. Não fazia ideia de quanto cada moeda valia. Algumas eram transparentes e uma era azul. Todas tinham um M gravado no meio.

— Quer algo para beber com o ensopado? — Puck perguntou.

— O que recomenda?

Puck coçou a cabeça e a estudou.

— Bom, não sei o que vocês, humanos, gostam de beber, mas não vendemos elixires nessa pousada. Meu tio não gosta deles. Diz que causam travessuras e confusão e só atraem o tipo de clientela que Cortesãs Rosebud gostam de servir. Não quer nada disso aqui. Somos um estabelecimento familiar. Se é que me entende.

Sim, claro. Ada sabia exatamente o que ele queria dizer. Com a falta de expressão dela, Puck elaborou e apontou para três jarros de terracota:

— Temos cidra, cerveja e água com limão.

— Certo. Duas águas com limão, por favor.

Deu um pequeno sorriso a ela, depois apontou para as moedas no balcão.

— Duas transparentes bastam. A azul vale dez das transparentes, depois a dourada vale dez das azuis. A vermelha é a mais valiosa. Se colocar as mãos em uma daquelas belezinhas, use com sabedoria.

Com um rubor de gratidão, separou as duas moedas e deslizou sobre o balcão para ele, depois tocou os dedos nos lábios e empurrou para fora e para baixo, sinalizando o agradecimento.

— Sem problema. — Deu outro olhar pensativo a ela, depois disse:

— Qualquer um que salvou a vida de Moon é bem-vindo aqui.

As palavras gentis a fizeram enrubescer mais e se sentiu um pouco mais perto de casa. Clarke provavelmente teria dito algo do tipo “não existe conselho grátis”, mas até aí, se Clarke estivesse aqui, talvez também seria diferente. Só Deus sabia que Ada estava se tornando uma pessoa diferente. Alguém que queria pertencer mais do que queria ser isolada, e isso a assustava mais do que qualquer coisa, porque no momento que fizesse amigos, havia o potencial que serem arrancados dela.

Um rompante alto de vozes tagarelas ecoou na sala enquanto um grupo de fae entrava na taverna. Dois machos altos e uma fêmea voluptuosa. Todos pararam de supetão ao verem Ada.

As bochechas dela esquentaram e virou para Puck.

— Pode fazer o pedido para levar?

Os lábios de Puck enrugaram.

— Como disse, é bem-vinda aqui.

Acenou o agradecimento de novo, mas aí deu de ombros.

— Preciso levar de volta para o quarto. Para Jasper, quero dizer, Reed.

Ele deu um aceno curto.

— Não vou demorar.

Ada ficou parada desconfortável ao lado, ao mesmo tempo querendo cumprimentar os recém-chegados e querendo correr para cima, para o quarto. Já que ninguém se aproximou, ou mesmo falou com ela, também não disse nada. Quando Puck voltou com a refeição em uma bandeja, ela sorriu rápido para ele e depois desejou boa noite.

Quando voltou para o quarto e encontrou Jasper dormindo, os ombros se curvaram. Aquele anseio por amigos a incomodou e não podia negar que sentia mais isso perto de Jasper. Depois de comer a refeição e esperar para ver se ele iria acordar, foi ao banheiro e depois se curvou ao lado dele com um travesseiro e um cobertor tirados da cama de casal não utilizada. Ele se mexeu quando ela se deitou, mas apenas fungou no pescoço dela, lambeu e depois voltou a dormir. Um



lampejo de alívio misturado com angústia passou pela conexão. Ele a queria ali, mas ainda se recusava a falar com ela, ou com qualquer outro. Se ela não pudesse levá-lo até esse festival Lupercália dentro de alguns dias, então todos saberiam.

Jasper não parecia do tipo que ficava bem com seus segredos espalhados pela cidade. Devia ser a maldição mantendo ele assim. Se ela só pudesse passar ver além do pelo até as marcas da maldição, talvez pudesse aliviar um pouco da sua dor. Algo trágico acontecera no passado dele que não queria se lembrar, mas fingir que não aconteceu só pioraria as coisas.

— Ah, Jasper. O que vamos fazer com você? — murmurou conforme as pálpebras ficavam pesadas.

Um pequeno ganido-suspiro foi a resposta.

## CAPÍTULO NOVE

Depois de alguns longos dias na clínica com Clara, Ada voltou para o quarto deles na pousada, carregando o monte de roupas que deveriam colocar para o festival Lupercália.

Era esta noite. E com a maioria dos aldeões agora curados, o tempo dela na clínica improvisada acabou. Depois desta noite, o futuro dela era incerto. Poderia ficar aqui ou seguir em frente e encontrar outra pessoa para ensiná-la.

Estiveram vivendo na pousada pela última semana e, apesar do relacionamento de Ada ter crescido com o povo da cidade, não tivera coragem de contar para Clara que era bem provável que Jasper não fosse no festival importante a não ser que trocasse para lá na forma de lobo.

Parou dentro da porta e a fechou com cuidado atrás de si. Jasper não estava ao lado do fogo como costumara dormir. Surpresa a percorreu. Talvez ele tivesse emergido, afinal. O fogo se extinguiu e sem velas para acender, era difícil enxergar na penumbra do quarto. O cheiro de lobo coçou seu nariz junto com o toque de algo doce que não podia identificar.

Foi para a única janela, afastou a cortina e abriu uma fresta da janela. A luz da tarde e ar fresco entraram e afastaram o ar parado. Os sinos de vento que eram sinônimos da vila tilintaram fora da janela. Ada olhou para a rua no andar de baixo. Fae estavam na rua, colocando os toques finais nas decorações do festival desta noite, pendurando guirlandas e bandeirolas entre os prédios, e posicionando potes de bolas brilhantes flutuantes usadas como fonte de luz. As mesmas bolas brilhantes flutuariam dentro de lanternas de vidro penduradas das guirlandas depois que caísse a noite.

As bolas eram manabeeze, a essência de mana de todos os fae depois que morriam. Ada perguntara a Clara se eles temiam que o manabeeze contivesse a alma de um fae, e se a estavam desrespeitando ao usar o manabeeze como fonte de energia. Ela apenas a observara de forma estranha. Pelo que Ada compreendiera, acreditavam que mana era apenas uma parte da Nascente. Residia nos corpos deles por um tempo e aí retornava para a energia cósmica da Nascente ao morrerem. Não havia conexão pessoal.

A não ser, é claro, que ingerisse um manabee. Aí as memórias da

forma de vida da qual saíam seriam revividas.

Depois do ataque, adiaram o festival o maior tempo que puderam, mas sendo uma celebração do final do inverno e do começo de vida nova, precisavam realizá-lo em breve. Ao que parecia, era a primeira vez que celebravam o Lupercália tradicional há centenas de anos. Havia algum tipo de lei que proibia partes dele até recentemente, e estavam animados de terem convidados de honra – um príncipe e sua parceira abençoada pela Nascente.

Agora que um pouco de luz entrara, Ada procurou por Jasper e o encontrou nu e enrolado nos lençóis da cama onde não dormira até hoje. Devia ter esquecido de se transformar de volta em lobo.

Ela pausou e deixou cair a ficha. Suspeitara que ele se transformava em fae durante o dia, mas ao longo da última semana, não vira nenhuma vez. Por que hoje?

Ele sabia sobre os papéis deles no festival ou sempre ficava assim quando ela deixava o quarto. Um pensamento sombrio a provocou – talvez ele sempre ficasse na forma de lobo quando ela voltava porque era o jeito amigável de dizer a ela para partir. Afinal, ela lhe dera o beijo que pensou que ele queria, provocou-o com outro e, entretanto, ele falhara em reivindicar mais.

Ou não ligava para isso, ou havia outra coisa acontecendo e, para ser honesta, ela estava pensando que ele nem queria ajuda. Se essa fosse a verdade, então estava na hora de partir. Os pés viajantes estavam chamando. Estar em um lugar por tanto tempo não era do feitio dela. De volta em Vegas, tivera um apartamento na cidade, mas também um perto do parque estadual onde trabalhava com animais feridos. O tempo dela era gasto entre os dois. Diferente de Laurel e Clarke, que amavam viver na cidade e festejar na strip, a ideia de Ada de diversão era sob o céu azul, cheirando a chuva nos pinheiros e ouvindo as cigarras em um dia quente. Se mover evitava que pensasse muito na vida.

Uma coisa era certeza, não ficaria se não fosse necessária ou querida.

Ela se sentou na beirada da cama. A respiração controlada de Jasper continuou. No momento que a palma pousou no músculo duro das costas cheias de cicatrizes, a tensão dela desapareceu e sentiu uma onda de compaixão. Era um mundo brutal. Aprendera um pouco da história dele com Prim enquanto visitava a padaria nesta manhã. Ela contara para Ada como depois que as bombas explodiram na época de Ada, a vida foi cruel para os sobreviventes. E aí a Nascente primordial borbulhara para vida, reivindicando a terra e seus habitantes. Quando humanos perceberam que alguns estavam se fundindo com a fauna e a flora, se tornando fae pelo bem da sobrevivência na paisagem brutal e desconhecida, entraram em quarentena com medo atrás dos muros do

que agora se tornou Crystal City. Porque a cidade estava em terra profana cheia de metal e plástico, a Nascente não podia fluir ali, e ninguém se transformou em fae. Permaneceram humanos, intocados pela Nascente.

Enquanto humanos se enclausuravam com medo, os fae se tornaram os zeladores da nova terra. Comida era difícil de encontrar, no começo. Sobrevivência no frio extremo do inverno nuclear era ainda mais difícil. Dois mil anos, mais ou menos, se passaram desde que as amigas de Ada respiraram pela última vez. Talvez mais pessoas do seu tempo acordaram em Elphyne, como Ada, mas não saberia de nada a não ser que começasse a procurar por respostas. E, infelizmente, não podia fazer isso até ter certeza de que Jasper estava bem.

Passara pela cabeça dela, mais de uma vez, encontrar a Ordem da Nascente – os especialistas em todas as coisas mágicas – e esses outros potenciais casais de parceiros abençoados pela Nascente, mas todas as vezes que se convencera que não devia lealdade a esta cidade ou a Jasper, encontrou um motivo para ficar. Fae se abriram para ela. Confiavam nela agora. Clara não foi a única que a ensinou sobre as regras da Nascente. Logo, se sentiria confiante para perguntar mais sobre a história dos humanos desta época, e para tentar descobrir como ela se encaixava no grande esquema das coisas.

E Jasper estava ferido. O ferimento podia não ser mais um do corpo, mas a mente ainda se curava. Uma pessoa que queria morrer era alguém que pensava que não tinha nada para viver.

Não podia deixá-lo. Ao menos não até que soubesse que ele não acharia outro pedaço de metal e encontraria um jeito de deixá-lo dentro do corpo.

Inspecionando as marcas de maldição no corpo dele, sentiu o erro nelas – a sujeira. Elas se estendiam da frente até as costas, onde mais cicatrizes enrugavam a pele. Algumas cicatrizes eram grandes cortes. Outras eram finas como se tivesse sido açoitado.

— Sabe — falou para a forma dorminhoca. — O irmão do Moon chama Sun. Sabia que também são filhos de Clara e seus primos? — Deu uma bufada suave. Começou a cutucar as marcas, dessa vez, sentindo a maldição com o sexto sentido, procurando fraquezas. Descobrira que a sensação da Nascente era pura, quente e clara. Lugares onde não fluía eram frios, e aí tinha o que estava sob as marcas azuis desta maldição – a tinta escura e encardida.

— Eu me pergunto se Moon ou Sun tiverem filhos se serão nomeados em homenagem as estrelas ou planetas. As pessoas sequer sabem sobre os planetas agora? Nossa. Não tinha pensado nisso. Quanto conhecimento foi perdido desde nossa época? — Respirou fundo e exalou. — Também aprendi sobre o Rei, e o que ele fez com

sua mãe. Eu... não tenho palavras para dizer. Deve ter sido horrível para você naquela idade, para pensar que o único jeito que poderia sobreviver era pular em um lago perigoso que tira mais vidas do que salva. Sabe, também não tive uma boa infância. — Tirou um pedaço da maldição e limpou a meleca preta que deixou para trás com a manga. Ele não se moveu, então ela continuou com uma careta. — Minha mãe não ligava o suficiente para me alimentar. Preferia sair para festejar com os namorados. Aprendi bem nova a cuidar de mim mesma.

Tirou outro pedaço de azul, erguendo da pele e acrescentando a pilha que crescia ao seu lado.

— Tinha esse velho homem rabugento que tropeçou em mim quando fiquei perdida na floresta da primeira vez. Era a coisa mais assustadora que uma garota de onze anos podia ver, mas o estranho, é que ele era muito gentil. Me ensinou muito sobre sobreviver na natureza. Acho que talvez ele também estivesse evitando as pessoas. O nome dele era Harold. Costumava chamá-lo de *Velhold* quando me dava sermão por fazer algo errado. — Soltou uma risada leve, uma pontada de afeto surgindo com a memória. — Ele tinha pelo saindo do nariz, e rugas que deixavam os olhos cabisbaixos. Sabia como cortar o rabo de um escorpião para que pudesse comer o resto. Sabia pescar. E sabia caçar. — Outra fita azul saiu. — E ele me ensinou como ler, matemática básica, e sobre economia, de todas as coisas. Com certeza, aprendi a não julgar um livro pela capa com ele.

Jasper continuou imóvel, então ela seguiu em frente. Ela supôs que deveria se aproveitar dele dormir pelo processo. Quanto mais removesse, mais rápido recuperaria as memórias, e mais rápido ela poderia partir.

— Não se conhece muitas pessoas idosas aqui. Quero dizer, são velhos. Clara me disse que tem alguns séculos de idade – talvez perto de cinco séculos, pode acreditar? Também me disse que você tem algumas centenas, mas ela perdeu a conta ao longo do tempo. Então vocês são todos super geriátricos, mas ninguém aparenta. É tão estranho. — Mais fios, mais azul, mais meleca escura. A voz dela ficou baixa. — Há alguns dias atrás, vi alguns corpos humanos... o que sobrou deles... e alguns estavam velhos e enrugados. Então, eles com certeza envelhecem. Perguntei para Clara a respeito e ela disse que era o acesso a Nascente que mantinha os fae jovens. Era uma recompensa por viver em harmonia com o planeta. Gosto dessa ideia. Posso ver por que são mais protetores do meio ambiente... estão presentes para ver as mudanças que as escolhas ruins causam.

Um pedaço de azul resistiu, mas segurou firme e puxou como se fosse uma cera na sua perna. Soltou.

Jasper se moveu, e aí ficou tão imóvel que a respiração parou.

Poder ondulou no ar e a sensação de perigo pairou. O coração dela acelerou. De repente, Jasper virou, capturou o pulso da mão ainda segurando a fita e mostrou os dentes afiados. Olhos vermelhos e febris a fuzilaram por cílios escuros. Cabelo bagunçado sobre a testa. Uma barba densa escura cobria a mandíbula afiada. Rosa corava as maçãs do rosto. Era difícil não sentir atração por ele.

— Falei para não remover — rosnou. — Não *quero* lembrar.

— Problema seu — ela respondeu e puxou o pulso da mão firme.

— Já ficou o suficiente na fossa.

— Não faz ideia do que está falando.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Talvez não, mas isso é porque não está compartilhando comigo. Tudo o que sei é que desperdiçar sua vida ao fingir que não existe não é jeito de sobreviver.

Todos os sinais apontavam para estar saudável o suficiente no corpo, então isso era algum tipo de depressão. Talvez essa provocação não fosse suficiente, mas era um começo. Era tudo o que ela sabia fazer.

Piscou para ela. Algum tipo de reconhecimento assombrou os olhos dele e aí sumiu. Ele a afastou e ela quase caiu do colchão cheio de plumas. Levantou atrapalhado, dando a ela um lampejo de um traseiro musculoso antes de cambalear para a porta do banheiro, abrir com tudo e se aliviar no toalete, uma mão no seu... *ahem*. A outra mão apoiada na parede.

— Um oi teria sido bom! — gritou, desviando o olhar.

O som de urina caindo na água a fez piscar, embaçada.

— Acho que algumas coisas nunca mudam, não importa quanto tempo tenha passado — murmurou, depois bufou e arrumou a cama, descontando a raiva nos lençóis. — Ser um babaca deve estar enraizado tão fundo na psique masculina que sobreviveu ao holocausto e a mutação de DNA.

Ao menos tinham esgoto encanado nessa cidade. Alguns lugares de Elphyne não tinham tanta sorte, disseram a ela.

Quando moveu o lençol, duas frutinhas rolaram de uma área manchada de roxo. Ela as pegou e cheirou. Frutinhas de mana? O que estavam fazendo ali?

*Jasper cambaleara até o banheiro.*

— Você está de sacanagem comigo? — Esmagou as frutinhas. — Não é surpresa que está dormindo há dias. Está *chapado*.

O olhar dele de pálpebras baixas sobre o ombro a fez pensar que ainda estava chapado. Aí chutou a porta do banheiro fechada, bloqueando a visão dela.

Levantou num pulo, furiosa.

— Quer saber? — gritou para a porta. — Nem sei por que ainda

estou aqui. Não quer minha ajuda, tá bom. Depois que esse negócio de festival de Lupercália acabar, vou dar no pé.

— Você não vai a lugar algum. — A voz grave atravessou a porta de madeira, fazendo-a tremer.

A descarga soou, e a porta se abriu com tudo. Encontrara uma toalha e a envolvera na cintura, mas a coisinha pequena mal chegava até a metade das coxas grossas e abria de um lado com a ausência de tecido. Ainda com olhos febris, ele andou na sua direção.

Ela cruzou os braços.

— Aah. Estou com tanto medo de você e sua toalhinha.

Parou na frente dela e abaixou o queixo para encontrar seu olhar. Todo o humor desapareceu da expressão dele ao falar:

— Não vai a lugar nenhum porque pertence a mim, Ada.

A fúria dela foi tão repentina e forte que nenhuma lógica poderia atravessá-la. Quando enfim moveu a boca, as palavras saíram devagar e controladas por entre dentes.

— Acho que pode estar certo. Remover as marcas da maldição não é uma boa ideia porque você está ficando confuso. Eu *pertenço* a mim mesma.

Que tipo de babaca arrogante ele era?

Um príncipe. O filho de um rei. Isso que era.

Só agora ela compreendia o que isso significava. O Alto Rei Seelie de Elphyne. Metade da terra estava sob seu domínio. Era o mesmo rei que instruíra a cidade a armazenar metal e aí falhou em protegê-los quando humanos vieram saquear. Também tentara assassinar o filho. E Jasper era o cara que fora nomeado como herdeiro. Talvez ela estivesse errada e havia outro motivo para o Rei querer Jasper morto. Talvez fosse porque era um babaca e filho de peixe...

— Nossa união foi escolhida pela Nascente — Jasper declarou, como se isso desculpasse tudo.

— Sim, sobre isso — ela disse. — Enquanto estava dormindo, perguntei por aí e ninguém disse que essa união significava que precisamos ficar juntos. Prim disse que se não tenho a marca dos dentes do meu parceiro no pescoço, então sou minha própria pessoa.

— Isso é verdade para metamorfos. — Ele piscou, chocado. — Mas uma união abençoada pela Nascente é a mais honrada. Não existe outra parceria mais reverenciada. Marcar você com meus dentes é apenas para satisfazer meu lobo. Se precisar marcá-la desse jeito, eu o farei.

As sobrancelhas dela se ergueram.

— Não fará nada disso. Não tem nenhuma regra que diz que pertencço a você, e não tem nenhuma regra que diz que devemos nos unir sexualmente, e não tem nenhuma regra que devemos permanecer juntos. Os Fae fazem vários tipo de parceria e, tenho quase certeza,

que *qualquer* tipo de parceria é consensual para ambas as partes. Isso — ergueu o braço — *não* foi consensual.

— Também não escolhi, mas estou disposto a aceitar.

— Não deveria! Deveria ser algo que escolhemos.

Ele foi para a janela e afastou as cortinas para espreitar para fora com uma carranca sombreando o rosto bonito.

Ada apertou a ponte do nariz. Honestamente, esse festival não podia ter hora melhor. Com certeza estava na hora dela partir e encontrar o próprio caminho.

Jasper não era o pior tipo para se estar presa a ele. Era lindo. Um guerreiro assustador que poderia protegê-la em um mundo que estava aprendendo rápido que era mais impiedoso do que o que deixara. Mas não combinavam um com o outro. Ela nunca poderia ficar com uma pessoa que insistia que sabia o que era melhor para ela do que sua própria vontade. O que vinha em seguida? Dizer para ela como se vestir e o que comer? Não, obrigada.

Quanto mais rápido pudesse se afastar de tudo isso, melhor.

— Temos uma hora para nos arrumarmos. — Ela pegou o monte de roupas que deixara na cama. — Clara disse que por sermos os Luperci, precisamos usar isso. Algo a ver com ritual e tradição.

Ela soltou o vestido. Era similar ao que muitas metamorfas mulheres usavam – solto, da cor de osso e feito de linho. Fora instruída a usar o cabelo solto e para ficar descalça.

*Ugh.* Se pegando com o humor deteriorando, esfregou o rosto.

— Vou tomar um banho — anunciou e deixou ele taciturno ao lado da janela. Ao fechar a porta do banheiro, a última coisa que viu foi um pequeno sorriso presunçoso curvando os lábios dele enquanto assistia as lanternas do festival serem posicionadas.



## CAPÍTULO DEZ

Batidas na porta do banheiro acordaram Ada com um sobressalto. Água morna transbordou sobre a beirada da banheira e ela escorregou, mal segurando a borda antes de submergir e cobrir a cabeça.

— Hora de ir — Jasper resmungou pela porta.

*Merda.*

— Já vou sair — ela gritou.

Deve ter pegado no sono. A água só estava tão quentinha. Aquecida por pedras infundidas com mana, mantinha a temperatura constante.

Puxou a tampa do ralo e saiu da água com cheiro de rosas. Ela se secou, passou os dedos pelo longo cabelo ondulado e secou as pontas úmidas o melhor que pôde. Uma conferida rápida no espelho de vidro preto sobre a penteadeira de madeira mostrou as bochechas coradas pelo calor. Passou o vestido sobre a cabeça e deixou cair. A barra se acumulou no chão, deixando uma pequena cauda atrás dela. Foi feito para alguém bem mais alto, mas precisaria servir. As alças eram finas e o decote era uma forma em V que descia até abaixo da linha do busto, revelando mais pele. O mesmo V deixou a maior parte das costas desnudas. Supôs que se uma fae precisasse se transformar em lobo, o decote largo seria fácil de se livrar. Nada impressionada, puxou o tecido do peito onde revelava a silhueta dos mamilos rijos. Sutiãs e roupas justas não eram comuns aqui. Com um suspiro de rendição e uma última olhada no espelho, abriu a porta e entrou no quarto.

Jasper usava calças creme soltas de linho e *nenhuma* camisa. Ele se aproximou dela, abaixou o queixo e olhou em seus olhos, antes de dizer um sucinto:

— Oi.

Por um segundo, a mente de Ada anuviou com a proximidade. Por que estava sendo tão óbvio? Aí se lembrou do comentário automático depois que ele acordara e irrompera até o banheiro. *Um oi teria sido bom!*

O lábio dela se moveu, querendo sorrir. Era esse o pedido de desculpas por ser um babaca? No lugar, franziu os lábios e cruzou os braços.

— Já usou uma camisa um dia? — ela perguntou. — Ou é alérgico?

— Nenhum homem usará uma camisa esta noite — falou, e quando ela ergueu uma sobranceira indagando, acrescentou: — É mais fácil se transformar sem uma.

— Claro. Faz sentido.

Por que transformação estava envolvida nas festividades, ela não sabia, mas em uma cidade onde todos se transformavam em lobos, talvez uivassem para a lua ou algo do tipo. Ela não descobrira muito das pessoas da cidade, exceto que estavam muito animados. Haveria muita fatura, e muita celebração. Soava como uma boa e velha festa. Podia lidar com isso.

Jasper coçou o resto das marcas de maldição no pescoço com uma careta agitada. Apenas metade do que tivera originalmente ainda restava. Ainda tinha uma leve aparência febril, mas encontrara algum lugar para se limpar e barbear. O cabelo bagunçado de sempre fora escovado e ela teve uma rara visão das orelhas pontudas se movendo com irritação.

Ada olhou pelo quarto e encontrou-o organizado. Uma tigela usada de água de rosas estava perto da lareira. Talvez tivesse pedido um pouco para o hoteleiro. Ada tentou conter as próximas palavras, mas descobriu que não pôde evitar perguntar. Só porque era teimoso, não significava que ela também seria.

— Teve algum efeito colateral da remoção mais recente da marca de maldição?

O olhar de soslaio dele disse que teve, mas quando apertou a mandíbula e encarou a porta, ela soube que nunca confessaria de bom grado.

— Memórias? — ela instigou. — Dores de cabeça?

Os dedos dele se moveram ao lado e pressentiu um fio de algo que só poderia descrever como desejo, ou anseio, filtrar pela conexão. Era como se quisesse contar algo a ela. Aí ele, de algum jeito, controlou, porque foi cortado. Semicerrou os olhos para ele. Nunca antes escondera seus *sentimentos*. Isso era novo, e talvez algo que só agora se lembrara de fazer.

— Senta — ela disse a apontou para a cama.

O olhar que lhe deu poderia ter feito uma mulher mais fraca murchar, mas ela honestamente não dava a mínima. Falou sério quando dissera que partiria, e era teimosa o suficiente para fazer isso. Não tinha jeito nenhum que ficaria quando era tratada dessa maneira. Ergueu a sobranceira e esperou.

Uma orelha coberta de pelo se moveu para trás, e aí ele andou com passos tensos até a cama. Sentou, colocou os punhos nas coxas e olhou para frente sem expressão.

— Estou tentando te ajudar, Jasper — falou, o tom seco. — Tem algum problema em aceitar ajuda?

Ele se moveu.

Ah, merda. Talvez tivesse.

Ela afastou a tensão dos ombros para resetar o humor e depois parou na frente dos joelhos dele. Colocando uma mão em cada ombro, estendeu a consciência para o corpo dele e tentou não pensar no corpo viril e esculpido encarando-a de frente. Maldito seja por ser tão irritantemente atraente.

Ela pigarreou.

— Pode não saber disso, mas enquanto estava preguiçoso se drogando com frutinhas, eu estava aprendendo a usar meu dom. Clara tem me ensinado, mas estou chegando ao limite do conhecimento dela. Ao que parece, curandeiros são raros entre Magos, e ainda mais raros entre aldeões metamorfos.

— Eu sei — ele grunhiu.

— Sabe? — Que curandeiros eram raros ou que Clara estivera ensinando-a?

Cílios longos se ergueram, olhos de mel colidiram com os dela, depois se abaixaram de novo.

— Ouvi suas histórias quando estava na forma de lobo.

Então ele estivera ouvindo as tagarelices noturnas dela, afinal. Ela soltou. Não havia nada de errado no corpo além da sujeira que associava com as marcas de maldição. Talvez uma lentidão que sabia estar associada as dores de cabeça, mas isso devia ser o resultado mais provável do seu hábito recente. Os efeitos de abstinência não eram gentis depois de nenhum vício.

— Então tem me ignorado — falou.

— Não... eu tenho... — Fechou os lábios com força.

— Jasper. — Ela suspirou e olhou para o teto. — Não pode confessar que pertencemos um ao outro e depois esconder seus sentimentos de mim. Eu senti você os fechar, e para mim, isso parece mentir. Não vou ficar com alguém que é desonesto.

— Pertença a você. Não é o bastante?

Ficou tensa.

— Ações falam mais alto do que palavras, e durante a última semana, você não agiu como se estivéssemos juntos.

O ombro dela se ergueu sem força com a falta de resposta dele, mas quando os olhos voltaram para baixo, descobriu que ele não olhava mais ao longe, mas direto em frente, para o peito dela. Mais especificamente, para o levantar e abaixar dos seios. Ela cruzou os braços e inclinou o quadril.

— Sério? — falou. — Estou pedindo para desabafar e está babando nos meus peitos?

— Peitos? — O olhar dele subiu para o dela, um movimento nos lábios carnudos.

— Seios. — Acenou para os dela. — Como os chame nessa época.

— Chamo eles de meus — a voz dele estava baixa e rouca e, maldita seja, incitou um lampejo de calor traiçoeiro direto pelo seu núcleo.

O babaca presunçoso também sabia. Os olhos dele só ficaram quentes ao sorver a visão do seu corpo.

Farta, ela se virou, mas ele a puxou de volta pela mão. Desejo sombrio percorreu as feições dele.

— Quer saber por que me mantive em forma de lobo? Por que abafei meus sentidos com frutinhas de mana?

— Sim! — Seria um começo.

Levantou devagar até assoberbá-la, e a ereção impressionante erguendo as calças ficou saliente, quase roçando a barriga dela. Pela conexão, desejo tão puro e denso a açoitou. Cambaleou para trás até atingir a parede e os braços baterem na mesa apoiando a tigela de água de rosas. A mão dela esticou para equilibrar a mesa.

Jasper se aproximou, sexo estampado na expressão e em cada músculo do corpo.

— Desde que senti seu cheiro pela primeira vez, eu te quis, humana lindinha. Quero te comer, lamber, penetrar. Algo em você clama por mim. É inexplicável e consome todos os meus segundos acordado. Não preciso de todas as minhas memórias para saber que nunca me senti assim antes. Eu me escondi e abafei meus sentidos porque você não está pronta para isso. Posso ver em seus olhos.

Parou a poucos centímetros dela. O calor do corpo dele lambeu sua frente, queimando a pele dela. Tudo o que podia ver era o torso definido, os músculos abdominais estriados e ombros largos. Lampejos de azul brilharam para ela. Os olhos ficaram fixos à frente.

Olhar para baixo significaria reconhecer — ela corou. Nope. Não iria olhar para baixo.

Para cima significava ficar presa na armadilha dos olhos intensos.

Para o lado seria encarar os bíceps contraídos agora enjaulando-a contra a parede.

Engoliu.

Estava certo. Não estava pronta para o que ele sentia. Era real demais. Muito rápido. Muito dependente de uma pessoa. Uma pontada de dor tocou seu peito. Não podia depender de apenas uma pessoa, porque se quebrasse, ela também quebraria. Precisava encontrar seu lugar nesse mundo primeiro. Apesar do cérebro dizer isso, o corpo queria outra coisa. Não ligava para esperar. Só queria o que estava bem na frente dos olhos.

Jasper abaixou os lábios e sussurrou quente contra sua orelha:

— Você esquece, humana, sinto seu desejo. Sei o que seu corpo quer, mesmo que sua mente ainda esteja em guerra. Pertence a mim, mas também pertence a você. Nunca vou deixá-la. Nunca.

As pálpebras dela farfalharam e fecharam. O cheiro doce da pele misturado com água de rosa fez a boca dela salivar.

Os dentes dele roçaram seu pescoço.

— Vou te proteger, te alimentar, te dar prazer, te reverenciar.

— Deveríamos ir — falou sem abrir os olhos. — Estão esperando por nós.

Uma pausa. Os dentes repousaram no tendão entre o pescoço e o ombro dela. E aí um roçar nas laterais conforme as mãos dele deixavam a parede.

Ela abriu os olhos e descobriu que ele se afastara para analisá-la com a cabeça inclinada para o lado, as orelhas se moveram para frente com ansiedade, uma mecha escura de cabelo penteado pairando sobre a testa. Pensou que o encontro deles tivesse acabado, mas no momento que se moveu para partir, ele disse:

— Serei honesto com você quando for honesta comigo.

Os olhares se encontraram, e ele lhe deu um sorriso devasso cheio de segredos e desafios. Ela prendeu o fôlego. Era um sorriso que alimentava milhares de estrelas. E aí desapareceu.

Uma onda de arrependimento esfriou sua barriga enquanto ele andava para a porta. Esquecera como o sorriso dela a afetava, mas o corpo não. Isso a fez pensar... e se? E se ela se soltasse e compartilhasse com ele? E se ele fizesse o mesmo?

*Nunca vou deixá-la. Nunca.*

## CAPÍTULO ONZE

Jasper andou ao lado de Ada pela rua principal iluminada por lanternas. Manabeeze preso zunia e lançava reflexos nos quadrados de mosaico de vidro grudados nas laterais de todos os prédios. O tilintar de sinos do vento os seguiu, assim como os passos de uma pequena multidão de aldeões. Era como se o povo fae estivesse esperando nas suas casas para se juntar a eles na peregrinação até a caverna do Luperçi.

Ele deveria estar animado.

Lupercália era algo do qual sempre quisera participar, mas quando criança, fora proibido por causa da idade. Depois a lei de procriação ilegal entrou em vigor – um fato que se lembrara há pouco, junto com muitas outras memórias bombardeantes nas quais tentou não focar. Mas por mais que tentasse, não pôde impedir os lampejos do seu eu criança correndo pelas ruas do vilarejo, segurando uma fita vermelha no alto e vendo oscilar atrás dele no vento. O som de risada infantil enquanto os primos corriam junto com ele, segurando as próprias fitas vermelhas oscilantes. A voz da tia gritando para eles não enrolarem os cumprimentos antes da grande cerimônia...

— *Vai, Clara — a mãe de Jasper disse enquanto andava ao lado dela, carregando uma cesta. — Estão se divertindo. Deixa eles em paz.*

*Clara virou para a irmã com uma carranca.*

— *Vai desenrolar as fitas deles?*

— *Se precisar.*

— *Claro que vai — Clara respondeu amarga. — A diversão sempre supera a parte ruim com você, né?*

*Os lábios da mãe de Jasper afinaram.*

*Clara lhe deu um olhar arrependido.*

— *Não quis dizer isso.*

— *Quis sim.*

Jasper lembrava da conversa terminar depois disso. Demorou anos para que soubesse por quê. Mas quanto mais velho ficava, mais sábio era. O que parecia diversão com o Rei – uma combinação em Lupercália – terminara em uma gravidez. E depois morte.

Aquela noite que correram pela rua com fitas ondulantes foi a última Lupercália tradicional. Foi a que o Rei retornou para participar de novo, mas descobriu a paternidade de Jasper. Foi o último que a

mãe de Jasper estava viva.

*Não esta noite.*

Balançou a cabeça. Amanhã, encararia seus demônios.

Tudo o que queria agora era se comemorar, encontrar algo delicioso para embotar o passado, e se esbaldar. Se a memória estivesse correta, o elixir de purificação que serviam com a refeição principal faria o corpo formigar e suar, preparando-o para o ritual de Lupercália. Haveria muita cidra e cerveja.

Lampejos de indulgências passadas nadaram diante dos seus olhos. Hesitou e tentou afastá-las, mas visões indesejadas de elixir e sexo sem sentido encheram sua mente. Como poderia ficar tão envergonhado disso agora quando na época se deleitara nisso? Amara tanto que comprara um apartamento para si em Cornucopia, a cidade fronteiriça quase sem lei entre os reinos Seelie e Unseelie. Era o único lugar onde fae poderiam se misturar sem as leis dos seus reinos entrarem no caminho. Parecia mais uma prisão do que santuário agora. Era o lugar para onde Jasper fora para esquecer das suas deficiências.

E todas estavam retornando agora – o fracasso em ser um Guardião, um amigo, um mentor. O fracasso de proteger o parceiro e amigo Guardião, Rush, e a fêmea que pariu seu filho. Depois, como se não pudesse afundar mais, Jasper falhara em proteger o filho de Rush, Thorne, e isso foi imperdoável. Jasper sabia exatamente como era dura a vida para alguém sem pais em Elphyne, entretanto, se escondera por trás do dever para com a Nascente.

A verdade era que ele era um covarde se escondendo do pai. Sempre fora. Deveria ter flutuado.

O brilho das marcas azuis no braço chamou sua atenção.

*Por quê?*

Por que, depois de tudo que falhara em fazer, a Nascente dera a ele essa dádiva? Era uma dádiva tão forte que salvou a cidade da devastação completa durante o ataque. Deu a ele acesso a fonte de mana inexplorada dela. Havia lhe dado *ela*.

Não que ela tivesse aceitado a parceria.

Ela era... olhou para o perfil de Ada enquanto andava. O cabelo loiro ondulado dançava sobre as costas. Sardas marcavam um narizinho delicado. Tinha um bronzado do sol que só vira em fae com caudas de peixe que gostavam de assar nas pedras quentes da praia de Helianthus City. Podia sentir o cheiro do verão nela. Era a promessa que todos os fae do inverno queriam. Era a promessa de vida efervescente.

Sua humana era linda, por dentro e por fora. E ficara com ele. Dormira ao seu lado. Arrancara o metal profanador do seu corpo com os próprios dedos. Ela o curara e sua espécie sem julgamento. E ela o queria. Ele sabia que queria.

Era outra coisa que fazia pouco sentido. Não fora nada além de vil com ela, mas permanecera leal. Uma onda de desejo tão forte e densa percorreu seu corpo e precisou voltar o olhar para as pétalas de flores espalhadas na rua de terra à frente.

Quando ela ameaçou deixá-lo, ele se sentiu enjoado. Não podia imaginar ficar longe dela.

Em uma das tagarelices noturnas, ela falara sobre querer treinar mais na Ordem. Talvez fosse hora de levá-la para lá, para o lugar onde passara a maior parte da sua vida.

Uma memória vaga do seu quadro cutucou os limites da sua mente. Sabia que estiveram envolvidos no seu resgate das garras do pai – e do cativo de Jasper no Ringue –, mas não podia bem desvendar a verdade de suas identidades. Quando tentava se lembrar de mais, rostos borrados entravam na sua mente. O resto era ocupado por seus sentimentos por Ada, fúria e sede por vingança contra o pai. Às vezes, essa raiva ocupava mais espaço do que Ada. Às vezes, era o contrário. E, de vez em quando, depois que mais marcas eram removidas, outras partes sombrias dele tentavam entrar. Se desse espaço para essas partes, elas o consumiriam.

Era melhor focar na adrenalina da caçada que sabia estar a caminho. O fato que sua parceira continuava a negar o que significavam um para o outro o animava ainda mais. Gostaria de vê-la compreender que a união deles era inevitável.

A caminhada para fora da cidade os levou pelo rio e ao longo de um riacho gorgolejante que alimentava na floresta. Sprites esvoaçavam nas árvores, perseguindo vaga-lumes e soltando gritinhos. Lanternas e sinos de vidro oscilavam de leve dos galhos de carvalhos, guiando o caminho. Murmurinhos suaves de animação e ansiedade vinham dos aldeões andando atrás. Jasper não sentia frio, mas o nariz de Ada estava rosa do ar fresco do crepúsculo. Quando chegaram na gruta sagrada, ele insistiria para que se sentasse ao lado de uma fogueira posicionada em volta da lagoa.

Terra se transformou em grama macia sob os pés enquanto seguiam o riacho serpenteante pelas árvores, que ficavam maiores e os protegiam do céu do lusco-fusco. O rosto de Ada se inclinou para cima. Admiração percorreu a conexão e não pode impedir o sorriso dançando nos lábios dele. Ser o Luperici durante essa caminhada era o orgulho e alegria da alcateia Darkfoot. Ele não só pôde compartilhar com ela, mas experimentar como alguém que a alcateia reverenciava e respeitava.

A mãe dele ficaria orgulhosa.

*Ele é dez vezes o fae que você é, dez vezes a alma, e será dez vezes o...*

Abafou a voz da mãe com uma careta. Ainda, depois de tantos anos, o som era tão afiado quanto no dia que falara.



O olhar suave de Ada deslizou para ele. Ergueu a sobrancelha em uma pergunta silenciosa. Ele devia ter deixado um pouco da emoção escapar. Ela continuou encarando, e soube que precisava explicar algo a ela.

— Minha mãe teria amado isso — admitiu, e olhou para as luzes brilhantes passando pela névoa das árvores. — Era a época do ano favorita dela.

Pararam sobre a gruta. Degraus de pedra cobertos por musgo levava para um patamar gramado e uma cascata alimentando a lagoa sagrada. Se as memórias vagas dele poderiam ser confiadas, a caverna Lupercal estava escondida atrás da cortina de água. O cheiro de carne assando salivou sua boca e as orelhas se eriçaram. Vozes e a melodia suspirada baixa de flautas de pã subiram no ar. Estavam quase lá.

— A última parte da peregrinação é ardilosa — falou para Ada e esticou a mão. — Cuidado ao descer.

Ada apertou o antebraço dele, os olhos arregalados e sinceros enquanto o observava.

— Você se lembra?

— Um pouco. — De novo, o olhar se demorou nele. Ela não deixaria passar. E, se estivesse sendo honesto consigo mesmo, parte dele se sentiria ofendido se ela deixasse. Não era uma estranha. Era a pessoa que a Nascente escolhera para ele, ainda mais especial por causa da sua jornada pelo tempo. Isso, por si só, era um fato tão raro que ele deveria parar e prestar atenção.

Ela estivera certa; fingir que a vida não existia, não fazia disso realidade. A mãe dele dissera algo similar, há muito tempo atrás, e o marcara bem fundo. Havia coisas pelas quais nunca faria reparações, mas se ela quisesse conhecer essas partes dele, então que seja. O quanto sua vida poderia piorar?

— Vou compartilhar depois — cedeu baixinho.

Foi o bastante. Ela assentiu.

Ele colocou a mão sobre a dela no seu antebraço e a fitou. Um momento de conexão passou entre eles e aí ela sorriu e deu um passo a frente. Não soltaria a mão dela e a puxou de volta.

— Continue segurando em mim — murmurou e os desceu juntos.

Na gruta ao lado da lagoa estavam várias mesas de jantar cheias de comida e bebida. Fogueiras espalhadas flamejavam, lançando calor no ar frio da noite. Uma cachoeira se derramava sobre um pequeno penhasco para acabar na lagoa onde revirava a água emitindo fios de vapor.

Aldeões e convidados já se misturavam nas mesas, bebendo e comemorando. A maioria das mulheres usava versões vermelho sangue do vestido de Ada, e os homens usavam calças de linho vermelhas. A cor creme pura fora reservada para Jasper e Ada – os

dois Luperci.

Notou que representantes de outras raças fae vieram experienciar as festividades, o que não era incomum, mas era raro. Talvez fosse porque era o primeiro Lupercália autêntico há séculos. A animação era compartilhada com todos.

Sátiros com cabeças com chifres curvados e pés fendidos compartilhavam uma mesa e falavam baixinho com metamorfos Darkfoot. Fae veados com galhadas garfadas se juntavam em uma mesa, conversando com alguns metamorfos locais. Nos arredores, perto das árvores, dois Homens Carvalho conversavam. Um era alto e escarpado com marcas de madeira sobre o rosto enrugado. A barba e cabelo de folhas laranjas e marrons sinalizavam a idade avançada. Logo, as folhas cairiam e entraria no último estágio de vida – inverno. Ao lado dele estava um jovem Homem Carvalho primaveril, mal tinha um broto de folhas verdes na cabeça.

Jasper procurou a gruta por mulheres da sua espécie, porque, com certeza, se iriam participar de Lupercália, não estariam sozinhos. De certo, um grupo de mulheres estava sentado em uma mesa redonda com uma corrente de lanternas penduradas dos galhos acima.

Quando o conhecimento surgiu livre na mente de Jasper, soube que a nuvem ocupando espaço na sua cabeça havia quase desaparecido. Com partes iguais de tristeza e aceitação, compreendeu que o tempo de se esconder das suas responsabilidades estava quase acabando.

*Uma última noite de diversão.*

Olhou para Ada e encontrou os olhos como duas grandes moedas ao observar a cena.

— Eu nunca... — Ficou boquiaberta. — Quero dizer... nunca vi...

— Isso deve ser tudo muito novo pra você. — Vir de uma raça onde a maior diferença física era a cor da pele, ele imaginou que a diversidade dos fae seria algo de se maravilhar.

Os olhos encontraram os dele e ela assentiu.

— Não sei por que, mas não esperava ver tantas aparências.

— Isso não é nada — ele falou. — Espere até visitar Cornucopia ou as terras Unseelie.

— Vai me contar sobre elas? — ela perguntou. — Adoraria saber mais.

A avidez dela se permeou por ele e enrolou seu coração. Podia não perceber, mas a pergunta abordava um futuro juntos.

— Claro. — Apertou a mão dela ainda segurando seu antebraço. — A noite acabou de começar.

O primo, Sun, estava parado ao pé dos degraus de pedra com os braços cruzados. Olhou desconfiado para Jasper, mas aumentou o sorriso para Ada.

— Bom ver que você veio — Sun disse para ela.

Ela retribuiu o sorriso e Jasper sentiu aquele calor inicial em volta do coração se dissipar.

— Estou honrada — falou.

Os olhares deles se fitaram por tempo demais.

Com um rosnado contido, Jasper se eriçou. Apesar de nenhum som ser emitido, Ada olhou para ele com uma carranca de desaprovação.

Sun inclinou o queixo para Jasper.

— Bom enfim te ver na rua, Reed...

— É D'arn Jasper agora. Há séculos. Você sabe disso.

Ada e Sun olharam boquiabertos para ele.

— O quê? — Abriu uma carranca.

— Nada, só... você se lembrou — Sun murmurou.

Claro que se lembrou. Não podia suportar quando os primos ignoravam seu comprometimento como Guardião. Todas as vezes que voltara para Fenrysfield, eles se recusaram a acreditar que não voltara para ficar. Às vezes, Jasper acreditava que esse era o motivo que nem Sun nem Moon se candidataram para se tornarem alfa. Os dois eram capazes e fortes o suficiente, mas não o fizeram. Mas até aí, talvez fosse porque Clara era uma força a ser desafiada.

Jasper coçou as marcas de maldição quando lampejaram.

Sun ficou sem ação por um segundo, mas depois sorriu.

— Seu velhaco. Você se lembra.

E aí ele se jogou em Jasper e o socou com força na barriga.

## CAPÍTULO DOZE

Ada congelou. Por que diabos Sun *bateria* no primo?

Jasper se curvou, sem ar... depois ficou tenso, todos os músculos do corpo enrijecendo. Uma faísca de perigo chiou no ar.

Apreensão arrepiou a pele de Ada e ficou tensa, pronta para separar a briga que com certeza arruinaria o festival. Olhou em volta em busca de um rosto familiar, em busca de ajuda, mas não encontrou ninguém. Se isso saísse do controle, estaria sozinha.

Jasper se endireitou e olhou feio para Sun, que ficou parado com um sorriso e uma expressão de “manda ver”. Se tivesse um rabo, Ada imaginou que estaria balançando.

— Vai ser assim, é, primo? — Jasper o segurou no ombro e enfiou o punho no abdômen de Sun. Logo, estavam aos murros no chão gramado, rolando e brigando como irmãos. Socos voaram, joelhos se tornaram mísseis e orelhas foram mordidas.

— É, eles ficam assim.

Ada virou e encontrou o jovem que curara no primeiro dia.

— É coisa de lobo — Lake explicou com um sorriso. — Somos um grupo competitivo.

— Certo. — Ela ergueu a sobrancelha para eles. — Então deveria deixar eles?

Lake deu de ombros.

— Acho que sim.

— Então, vai participar no Lupercália? — ela perguntou.

Ele deu uma risada nervosa, um rubor marcando as bochechas.

— Não. Estou alguns anos da idade permitida. Mas estou aqui para tocar na banda. — Ergueu um instrumento musical de madeira que soou como uma Maracá. — Viva eu.

— Bom, estou feliz que está curado. Parece bem.

Dessa vez, vermelho pintou as orelhas arqueadas. Os dedos tocaram nos lábios e empurraram para baixo e para fora na direção dela.

— Não tem de quê. — Ela deu um sorriso caloroso.

Os dois deram um pulo para trás quando Sun e Jasper se aproximaram rolando, mas não longe o suficiente. A maraca de Lake caiu no chão.

Clara se aproximou correndo, batendo palmas alto. Moon seguiu

atrás dela, com uma expressão nada impressionada.

— Chega! — Clara gritou. Pegou cada parente rebelde pelas orelhas inquietas e os puxou até levantarem. — Juro pela Nascente, vocês não aprenderam nada. *Crimson me salve*. Isso é um festival sagrado.

— Ele começou. — Jasper se soltou de Clara e apontou para Sun, que só balançou as sobranceiras para mãe.

— Não ligo pra quem começou... — Clara arquejou para as calças de Jasper manchadas pela grama. — O que você fez? Deveriam simbolizar pureza e você as encardiu!

Jasper sorriu, limpando uma gota de sangue do canto do lábio com o polegar.

— Vamos ser honestos, tia, se queria alguém puro como Luperci, não deveria ter pedido para mim.

Fúria manchou a expressão de Clara, mas foi com humor lutando nos olhos.

— Vou te esfolar vivo e usar o pelo como casaco. *Por favor*, tente manter a civilidade. Temos dignatários reais e emissários de outras cidades presentes. — Abaixou a voz para que só eles pudessem ouvir. — Se queremos reunir aliados para que não fiquemos presos ao Rei, então precisamos causar uma boa impressão. Gah! — Jogou as mãos para cima e depois voltou para os convidados que estivera entretendo na mesa comprida na margem da lagoa.

Jasper resmungou algo que Ada não conseguiu ouvir. Mas Sun ouviu. Ele irrompeu em risada. Ada tentou não rir, e não foi a única. A brincadeira violenta e familiar dispersara uma certa tensão.

Nem todos estavam sorrindo. Moon ainda estava com os braços cruzados e as sobranceiras baixas para o irmão e o primo. Cabelo cinza comprido estava espalhado sobre os ombros largos e nus. Ada ficou feliz de ver que o ferimento da barriga não era nada além de uma leve cicatriz.

O clima ficou sóbrio. Jasper e Sun se endireitaram.

— Honestamente — Prim disse, descendo os degraus, carregando uma bandeja de bolos doces cerimoniais. — Pensaria que o herdeiro alfa legítimo e o príncipe de, ah, sei lá, *metade de Elphyne*, seriam mais responsáveis.

— O que te deu essa ideia? — Jasper brincou.

Prim revirou os olhos e depois deu um pequeno sorriso para Ada antes de dizer para Moon:

— Onde quer isso?

— Entregue para Halona na mesa de banquete.

Prim saiu rebolando, o vestido vermelho oscilando atrás dela. Notas suaves da flauta de pã flutuaram pela nebulização da cachoeira e ecoaram pelas paredes de pedra da gruta e pelas árvores. O clima

era assombroso... até o chacoalhar das maracas se juntar ao som. Ada sorriu, amando a onda de endorfinas crescendo para cumprimentá-la.

— Qual a graça? — Jasper semicerrou os olhos.

— Nada. Piada interna — respondeu, olhando para Lake fazendo seu melhor para aparecer entretido.

A carranca de Jasper aumentou, mas Ada só deu um olhar que dizia: *também posso esconder coisas*. Foi estúpido. Foi provocante. Mas deu a ela um toque de satisfação saber que Jasper compreenderia a sensação de ser deixado de fora.

— Então... — Sun limpou o nariz escorrendo e aí apontou entre Ada e Jasper. — Qual é o esquema com vocês?

— *Sun* — Moon repreendeu.

— O quê? Se não tivesse uma parceira, também perguntaria. Ainda mais esta noite.

— Ada e eu *somos* parceiros — Jasper insistiu.

— Somos apenas amigos — Ada disse ao mesmo tempo.

Os dois olharam um para o outro. Ada pegou um lampejo de ofensa nos olhos de Jasper, mas não recuaria. Se deixasse alguma noção de poder cósmico escolher a vida amorosa por ela, então o que sobraria? As amigas se foram. O mundo se foi. Esse era o último pedacinho de controle que tinha.

Explicou:

— Não somos parceiros.

Jasper arqueou a sobrancelha e ergueu o braço azul brilhante.

— Como chama isso?

— Um relacionamento de negócios.

— Ahhh — Sun provocou Jasper. — Ela te pegou, primo.

As sobrancelhas de Jasper se uniram.

— Isso não existe, Ada.

— Agora existe.

— Então isso significa que você está no páreo para a cerimônia de combinação? — Os olhos de Sun se iluminaram.

O quê?

— Não — Jasper rosnou, as feições se contorcendo. Ficou tenso e deu um passo na direção de Sun, que só deu um sorriso mais largo.

— Jasper, relaxa. — Ela tocou no braço dele, mas os olhos fuzilavam o primo. Tudo na postura dizia que a próxima vez que tocassem em Sun, a brincadeira acabaria. Como Sun não estava se cagando agora, ela não sabia. Se Jasper virasse essa raiva para ela, não sabia se teria tanta coragem. Deu um tapinha no braço de Jasper para chamar atenção. — O que é a cerimônia de combinação?

Já que Jasper estava consumido por pensamentos violentos sobre o primo, Moon segurou o ombro do irmão suicida e o puxou para trás antes de responder Ada.

— É quando todos os membros sem parceiros da alcateia formam casais depois que completamos o ritual de Lupercália.

*Tipo The Bachelor, ou um reality show romântico? Não, obrigada.*

— Ah, bom, não, não irei participar, mas aprecio o convite.

— Acabou de dizer que não era minha parceira.

Ada não gostou do tom jocoso na voz de Jasper.

— Então, por base, todas as pessoas solteiras devem participar?

— Bom — Sun arrastou. — Já que o evento é um símbolo de saúde e fertilidade, para nossas terras e para nós, seria desrespeitoso e escandaloso não fazê-lo. Não é como se fosse um compromisso para a vida inteira. É só uma noite de diversão.

Quando Ada ouvira que estavam pedindo para que as sementes fossem abençoadas, pensara que queriam dizer as sementes do *plantio*. Agora percebeu que havia dois significados.

— Ela é minha — Jasper disse. — Quer eu a tenha marcado ou não.

— Por que não vemos o que a Nascente acha? — Sun perguntou para Jasper. — Quero dizer, já que tem tanta certeza que é sua parceira verdadeira, não deveria ter problemas, né?

— Isso não é uma competição — Moon rosnou para eles. — A Nascente já os uniu.

— É sempre uma competição — Sun retrucou.

— Estou parada bem aqui. — Não que ouviram mais Ada.

O olhar luminoso de Jasper semicerrou para ela.

— Fica me dizendo que não acredita que nossa parceria é predestinada, então aqui está sua chance. Se não formos unidos de novo, então... — As narinas dele dilataram. — Vou recuar.

— Por que preciso me unir a alguém?

A ideia de ser forçada em qualquer tipo de relacionamento era inconcebível.

Moon pigarreou.

— Lamento informá-la, mas quando aceitou o papel de um dos honrados Luperci, presumimos que participaria dos rituais de fertilidade. Quer seja juntos ou com outra pessoa, não podemos opinar. Só para constar, ninguém vai forçá-la a acasalar. Tem uns cinquenta casais em potencial. Quando se encontrarem, cabe a você decidir como passará a noite com quem escolher. Mas para negar é desrespeitar o ritual e um sinal de mau agouro para a próxima colheita. Preferiríamos escolher outra Luperci para substituí-la. — Olhou para a mesa de banquete. — Acho que Prim estava interessada. Poderia perguntar para ela.

O estômago de Ada se revoltou com a ideia, e deve ter espelhado no rosto porque os olhos de Jasper brilharam com conhecimento para ela. Sabia que gostava dele. E sabia que a resistência dela estava se

esvaindo. Mas Ada não fazia as coisas pela metade. Se entrasse em qualquer tipo de relacionamento com Jasper, seria profundo. Ela temia poder escapar se as coisas ficassem difíceis.

Não tinha um grupo de apoio neste mundo. Ficaria sozinha.

Ada abriu a boca para responder, mas a música parou de repente. Batidas em vidro silenciaram a conversa. Tudo o que puderam ouvir por um segundo foi o barulho da cachoeira e de grilos. Ada teve certeza que o batimento do seu coração ficou alguns decibéis mais alto.

Clara subiu na mesa e se dirigiu a reunião silenciosa.

— Como alfa e matriarca de Fenrysfield, declaro Lupercália oficialmente aberto.

Comemoração irrompeu. Copos nas mãos tilintaram e transbordaram. Sorrisos e risadas ficaram cheios de alegria contagiante. Ada soube nesse momento que não poderia acabar com a diversão mais do que já fizera. Era uma coisa negar a conexão entre ela e Jasper como romântica, mas se recusar a participar das tradições sagradas seria ofensivo. Moon dissera que ninguém a forçaria em qualquer situação que não estivesse confortável. Ela confiou nisso. Essas pessoas a vestiram, alimentaram, e a ensinaram seus costumes. Era o mínimo que podia fazer.

— Tudo bem — murmurou, sabendo que todos a ouviriam pelo barulho. — Vou participar do ritual de combinação.

Um sorriso irrompeu no rosto de Sun, mas a expressão de Jasper permaneceu muito mais sombria. Fervilhou com uma intensidade que levou um calor às bochechas dela. Um lampejo de dúvida roçou nos limites da sua mente... talvez esse ritual não fosse tão leve quanto ela imaginou.

Outro tilintar contra vidro e a celebração silenciou. Quando Ada olhou, Clara se empertigou regamente e ergueu o queixo, passando o olhar pela multidão. No período de uma piscada, o clima ficou sério. Quando Clara falou, a voz límpida ecoou pela gruta e se ergueu acima da cascata da cachoeira.

— Lupercália é uma tradição sagrada consagrada pelo tempo... e pela maioria das matilhas por Elphyne. Vamos lembrar de como tudo começou.

Abaixou a cabeça e fechou os olhos.

Todos os fae ao redor da gruta fizeram o mesmo, reverentemente.

Ada seguiu e abaixou o olhar, ouvindo a história intensa.

— Quando os humanos e sua ganância insaciável destruíram o primeiro mundo, a Nascente o trouxe de volta ao harmonizar a vida e unir muitas formas em uma. Celebramos Lupercália para nos lembrarmos do nascimento da nossa raça, de quando os primeiros metamorfos fae nasceram.



“Quando gelo envenenado caiu sobre o mundo, e a Nascente foi afastada com uma chuva de fogo, a mãe humana do primeiro cambaleou até a caverna Lupercal em busca de refúgio de uma intensa tempestade de neve. Perto da morte, deu à luz a bebês gêmeos, mas morreu logo depois, sem saber que a caverna era o covil de uma loba faminta.

“Voltando de uma caçada gélida, a loba encontrou os gêmeos, um macho e uma fêmea, e em vez de comê-los, mostrou misericórdia e os amamentou. Através desse leite vital, os bebês não apenas sobreviveram, mas se transformaram em lobos. Os primeiros metamorfos cresceram fortes. Com a mãe loba, e ganhando força da lagoa sagrada, cresceram para caçarem juntos. Sobreviveram juntos. Mas, o mais importante, prosperaram juntos. Graças a Nascente.”

— *Graças a Nascente.*

O coro percorreu a reunião. Ada olhou para o contorno das linhas azuis subindo pelo seu braço. Pareciam brilhar mais esta noite.

— Celebramos o primeiro estágio de Lupercália para lembrar que a Nascente nos nutre. Se ficarmos em harmonia com a natureza, ela nos deixa forte. Agora, antes de festejarmos, está na hora do primeiro ritual de Lupercália. — Clara voltou o olhar para Jasper e Ada. — Estamos honrados de ter Luperci este ano que refletem os primeiros metamorfos. Um macho lobo. Uma fêmea humana. Os dois abençoados pela Nascente.

Uma rodada de comemoração ecoou pela parede da gruta. Fae deram tapas nas costas uns dos outros, se abraçaram e jogaram pequenas contas de vidro no ar. Estavam tão felizes. Acreditavam mesmo que Ada e Jasper trariam sorte e uma colheita farta. Ela encontrou o olhar âmbar intenso dele, sombreado por cílios escuros. O coração dela bateu contra as costelas e uma fenda se formou na parede de negação. Ela desviou o olhar, mas a sensação permaneceu, presa entre as costelas e o friozinho na barriga.

*Como isso podia ser real?*

Clara ergueu os braços para o céu. A multidão ficou em silêncio e aí ela falou seis palavras que Ada nunca se esqueceria.

— Está na hora do sacrifício.

CAPÍTULO  
TREZE

Jasper precisou conter o sorriso quando o rosto de Ada empalideceu, e um lampejo de medo veio com tudo pela conexão.

Sussurrou no ouvido dela:

— Não somos nós o sacrifício.

— Ah. — Os ombros dela se curvaram depois os olhos encontraram os dele. — Mas... quem?

— Não quem, o que — respondeu, dando de ombros sem vontade.

— Só uma cabra para o banquete.

— Ah. — Ela assentiu.

— Não se preocupe, Linda. Vou protegê-la.

Dessa vez, quando os olhares se encontraram, um lampejo de confusão passou pelas feições dela.

— Disse algo errado? — ele incitou.

— É só que minhas amigas costumavam me chamar de Linda Gatinha. Foi estranho que você disse isso. — Ela fez uma careta. — E só pra constar, odeio. Não me chame assim de novo.

Uma memória surgiu na mente dele. Não Linda Gatinha, mas outra coisa... uma vozinha. Dedinhos segurando os dele.

— *Linda Adormecida precisa de um beijo para acordar.*

— Reed? — Um suspiro. — Tá bom, *D'arn Jasper*, está pronto?

Ele ergueu o olhar para encontrar Clara esperando por ele, segurando o crânio de um lobo com chifres curvados de cabra saindo da cabeça.

Ela esticou para ele.

— Sua máscara.

— Máscara? — repetiu vagamente. Ada já estava com a dela – um crânio humano menor de osso seco. Os olhos marrons suaves o observavam com atenção por baixo. Ela ergueu o queixo do crânio para apoiar a máscara no topo da cabeça, dando um sorriso gentil para ele.

Se algum deles tinha o direito de se sentir apreensivo sobre isso, era Ada. Não só tudo nesse ritual era tão diferente do que estivera acostumada, mas precisava usar o crânio da sua própria espécie. Mas foi ela que lhe deu coragem para continuar.

Os olhos de Clara semicerraram.

— Lembra do que fazer, né?

— Claro que sim. — Ele se chacoalhou mentalmente. *Saia dessa.* Mas a memória da voz da garotinha e das palavras cutucava sua mente, implorando para que prestasse atenção. Com um rosnado, pegou o crânio chifrudo e colocou sobre a cabeça, no último minuto, deslizando para o topo para que Ada pudesse ver o sorriso que mandou na direção dela, antes de cobrir o rosto e se tornar o lobo.

Uma faixa contraiu seu peito. O ar ficou sufocante sob o calor da máscara. O sorriso desapareceu. Tudo escureceu, apesar dos buracos dos olhos serem largos. O som de uma multidão comemorando entrou na sua mente, batendo nas arquibancadas do estádio. Piscou e balançou a cabeça.

*Não estou lá. Estou aqui.*

Contraiu os dedos descalços na grama suave. Não era a terra da arena.

*Estou aqui.*

— Vamos — grunhiu e partiu na direção da caverna Lupercal.

Notas de flauta de pã se ergueram em decibéis, subindo com o ritmo de um tambor e o chacoalhado de maracas. Soava muito como as batidas no chão do estádio – botas enquanto pisoteavam com sede de sangue.

A multidão de fae se afastou para abrir caminho para a procissão. Ada e Jasper se moveram pela margem gramada, até a praia arenosa, e aí ao longo da borda até chegarem na parede de pedra ao lado da cachoeira. Atrás do véu do borrifo de água, pôde ver uma única chama tremeluzindo na escuridão.

A caverna Lupercal.

O local de criação dos primeiros metamorfos. Duas espécies se unindo com um único objetivo – sobrevivência. Ao longo da vida, Jasper fora lembrado desse fato. Podia ser peludo, podia ter pele clara ou escura, chifrudo ou alado, mas um objetivo em comum unia todos eles – a saúde da terra da qual viviam.

O rugido da cachoeira abafou o ritmo da música. Os pulmões dele lutaram para funcionar, mas pegou a mão de Ada, virou-os para encarar a reunião e aí depois que todos deram uma olhada, atravessou-os pela névoa e para a caverna apertada onde uma única cabra estava presa a uma estaca.

Do lado de fora, ninguém ouviu o balido.

O destino estava selado.

Uma tigela rasa e vazia estava em uma pedra que fora cortada para criar um altar. Ao lado dela, estava uma faca de cristal com lobos entalhados na lâmina e uma segunda tigela cheia de leite e punhados de lã.

Jasper apontou para a faca e a tigela vazia.

— Coletamos o sangue para nos pintar. Depois purificamos com o

leite.

A cabra baliu.

*E baliu.*

Mal ouviu Ada se aproximando atrás dele. Os gritos de vítimas balindo perfuraram seus ouvidos. Uma se destacava mais do que o resto – uma pixie. Fêmea. Uma rainha caída, o harém já dado cabo.

A boca de Jasper secou. *Não posso respirar.* Tentou puxar o colarinho, mas descobriu que já estava nu. Ele se arranhou no lugar, precisando tirar... mas sem conseguir. *Tirar.*

Balançou a cabeça.

Podia fazer isso. Quase em câmera lenta, como se flutuasse fora do corpo, ele viu a mão alcançar a faca, segurar o punhal e virar na mão.

— É só uma cabra — murmurou.

— Jasper? — A voz de Ada não parecia certa. Não era doce como costumava ser, mas abafada e incerta. *Não era certa.*

— É só uma cabra — repetiu. — Caçamos elas na natureza o tempo todo. É para o banquete. O sacrifício vai nos alimentar, assim como a loba caçou para os primeiros metamorfos antes que pudessem caçar por ela.

*Minha responsabilidade.*

Mas as palavras ecoaram afiadas, fazendo-o hesitar.

Ar ardeu em seus pulmões, quente através da máscara. O peito ofegou. Segurou a faca com tanta força que os dedos doeram.

A cabra baliu de novo, forçando a memória do Ringue na mente dele.

— *Por favor... — A pixie de cabelo escuro choramingou, as asas nada além de conchas fibrosas quebradas, penduradas atrás de si. Ergueu as mãos na frente do rosto. O rugido dos espectadores cantou com o apuro dela.*

— *Mais!*

— *Acabe com ela!*

— *Faça-a pagar!*

*Pelo quê? Pensara. O que ela fizera?*

*Por que estava aqui?*

— ... *Por... favor...*

*Lágrimas escorreram pelo rosto dela, criando trilhas sujas que de algum jeito o fascinavam. Excitavam mais o lobo. O gosto de metal estava por todo lugar. Sangue. Nas mãos com garras. No corpo.*

*Ele hesitou.*

— O que é divertido para uns, não é divertido para outros.

*O pescoço queimou como fogo, anuviando sua mente, confundindo-o.*

— *Matar é uma gentileza — a mãe dissera. Ou era "Gentileza antes da morte?"*

*E aí sua própria voz:*

— Também quero brincar.

*Afundou o punho no fundo do coração da pixie.*

— Jasper! — A voz de Ada.

— Estou bem.

— Você não está bem. Posso sentir. Qual o problema?

— Nada — arquejou, ofegando, fechando a válvula das emoções.

— Estou bem. Precisamos... precisamos... para o ritual.

Mas era como se um *elfante* sentara no peito dele. Lutou para respirar. Jogou a faca para o lado e arrancou a máscara de crânio. Ar frio espirrou no seu rosto e entrou em seus pulmões. Tentou falar, mas a boca estava seca. A língua não funcionava.

*Balido. Súplica.*

Escuridão cercou sua visão. O joelho caiu na pedra, lancinando dor intensa pela coxa. Ficou de quatro, respirando com força, os olhos arregalados, tentando desesperadamente não desmaiar.

Vergonha. Queimou por ele.

Uma palma fria encontrou a pele quente das suas costas.

— Não posso — arquejou, balançando a cabeça, os olhos ardendo.

— Apenas, não posso.

O peso entre as omoplatas se ergueu.

— Não se afaste de mim — implorou. — Não me deixe.

— Está tudo bem, Jasper — ela disse, e depois começou a cantarolar.

Nenhuma hesitação na voz. Nenhum tremor, nenhuma falha.

Atrás dele, *sentiu* Ada se mover pela atmosfera em transformação. Ouviu um raspado quando ela pegou a faca. Calma passou pela conexão, quebrando nele. A voz doce e etérea capturou sua atenção, dando a ele um bote salva vidas para segurar.

O balido parou.

No vácuo dos gritos, sentiu paz.

Ele apertou os olhos bem fechados. *O que havia de errado com ele?*

Ele se atrapalhou para sentar, apoiou as costas contra o altar de pedra. Enquanto recuperava o fôlego, a parceira se moveu com habilidade e clinicamente ao preparar o que precisavam para completar o ritual. Ela removera a máscara e ele ficou contente porque pôde ver seu rosto. Estava cheio de bondade enquanto tocava a cabra, acariciando, cantando para ela, e garantindo que não sofresse até bem depois da última luz deixar os olhos.

O peso devastador do fracasso repousou sobre os ombros dele. Desviou o olhar, mas pousou no crânio chifrudo do lobo caído.

Tudo o que podia ver era aquele maldito-Poço do Ringue e a arena de gladiador. Aquela maldita cidade, Cornucopia, e sua falta de capacidade de seguir qualquer lei. Pensara que era tão divertida. Tão cheia de vida e livre da responsabilidade, mas dez anos naquele

Ringue, e vira o lado sombrio do abandono e indulgência. Sem uma mão orientadora para governá-lo, o povo da cidade não estava livre. Eles se tornaram tão corrupto quantos os humanos que vieram antes.

Isso precisava mudar.

*Balido.*

O coração acelerou. A visão turvou. Não era real. Os dedos se fecharam no chão de terra, o aterrando. *Isso é real.*

Ada trouxe a tigela cheia e se ajoelhou na frente dele para colocá-la no chão entre eles.

— Não é sua responsabilidade. — Ele fez uma careta. — Eu deveria ter feito. E, no lugar, deixei que você se maculasse.

Ela o tocou na mandíbula e trouxe o olhar para dela. Um sorriso triste passou pelos lábios antes de se perder de novo. Uma onda no seu peito o incitou a procurar o sorriso dela, a encontrar de onde vinha a tristeza, porque era profunda. Ela tinha a própria história trágica. Ouvira um pouco quando ela confidenciara a ele quando estava em forma de lobo.

— Infelizmente — ela disse —, essa não é a primeira vez que precisei fazer algo assim.

Procurou nos olhos dela pela verdade escondida sob o marrom líquido.

— Também está quebrada?

Ela engoliu em seco antes de erguer os olhos brilhantes para o teto da caverna. A mudança de postura foi algo físico. Viu ela controlar as feições até afastar as lágrimas.

— A primeira vez que aprendi a matar um animal sem fazê-lo sofrer, eu tinha onze anos. E só aprendi como fazer isso do jeito certo porque falhei da primeira vez, epicamente... — Ela se interrompeu, os olhos brilhando e ficando vermelhos. Que ela sentira o mesmo tipo de dor que ele, o dilacerou bem ao meio. Perfurou entre as costelas de um jeito que nunca sentira antes. Tudo o que sabia era que sua mágoa era dele. Pegou a mão dela. Os olhares colidiram e ela se aproximou dele, a urgência levando sua voz a um tom mais agudo.

— Sabia que precisava comer — ela disse, os olhos desfocados. — Teria morrido se não comesse. Mas não estava preparada para o que aconteceu depois, para o que precisei fazer com aquele animal para que pudesse viver. — A tristeza dela se transformou em raiva. — E não deveria ter precisado. Na minha época, não precisava caçar a própria comida. Podia ir no mercadinho e comprar qualquer coisa que precisasse. Minha mãe deveria ter cuidado de mim. Eu sei disso agora. Era incompreensível. Deveria ter denunciado ela para as autoridades, mas era covarde. Às vezes, me pergunto se nunca tivesse conhecido Harold ou Laurel, se teria ficado naquela montanha minha vida inteira?

— Me conte sobre suas amigas.

Ada sentou nos calcanhares. Um sorriso nostálgico iluminando o rosto.

— Laurel e eu nos conhecemos enquanto ela estava em uma viagem de pesca com a família. Eu tinha uns catorze anos na época, mas assumira a cabana de Harold depois que ele morrera. Nesse ponto, já não vira minha mãe há anos. Até hoje, não faço ideia do que aconteceu com ela. — Ela deu de ombros. — Não ligo, para ser honesta. Só ligo para o que seu egoísmo me roubou. Mas Laurel... é, ela sabia que algo não estava certo na minha situação. Ela me convenceu a voltar para a casa dela, me alimentou com comida da cidade de verdade e me deu roupas. Mas foi mais do que isso. Foi uma conexão de volta para a humanidade.

Ada limpou o nariz com o dorso da mão e engoliu.

— Continuando, provavelmente deveríamos fazer a próxima parte disso, certo?

Jasper desviou o olhar do rosto dela e olhou para a tigela de sangue. Vergonha percorreu seu corpo. Deveria ter sido ele que preparava isso, não Ada. Era o trabalho dele.

Outro pesadelo para acrescentar aos seus fracassos.

— O que a gente faz? — ela perguntou.

Ele a ergueu com ele e se posicionou de joelhos, encarando-a. Depois, colocou os dedos no sangue quente e os passou na testa dela, deixando um feixe de vermelho. Guiou os dedos dela a fazerem o mesmo com ele.

O toque íntimo era um bálsamo para sua alma. Pressionou contra a mão dela. Contrariando o medo dele, ela não hesitou. Segurou seu rosto e deixou que fitasse os olhos dela. Bem no fundo, viu salvação. Cada célula no corpo dele queria sorvê-la, se esfregar nela e a cobrir com seu cheiro. Tudo o que queria fazer era beijá-la. E se odiou por isso. Agora que suas memórias estavam voltando, sabia que era boa demais para ele.

— Agora, nos purificamos — falou rouco. — Com a lã embebida no leite.

Ela se levantou e pegou o leite, voltando e o espelhando de joelhos. Segurou uma bola flutuante e lã e apertou.

— O que isso simboliza? — ela perguntou.

— O sangue representa como os humanos chegaram na loba, cheios de fúria, violência desnecessária e ganância. O leite usamos para purificar o sangue. Representa vida nova. A transformação em fae.

— Então limpo o sangue — ela confirmou com reverência.

Ele assentiu uma timidez incomum esquentando seu pescoço. As orelhas se moveram.

— E isso pode parecer estúpido, mas nós... hm... rimos enquanto somos purificados.

Ela bufou.

— Certo. Estranho, mas tudo bem.

— Risada purifica a alma.

A expressão dela ficou séria.

— Purifica mesmo. Dentro e fora. Certo, aqui vamos nós.

Jasper a estudou enquanto torcia a lã ensopada e ficou tão seduzido pelo seu rosto que se esqueceu de rir até ela o incitar. Mas ela também não estava rindo, então quando ergueu a lã molhada para a cabeça dele, desviou. Ela fez uma careta e moveu a mira para limpar o rosto dele de novo. Desviou para o outro lado, uma curva lenta erguendo os lábios.

— Pare — ela murmurou com um suspiro, mas o sorriso já estava se formando no rosto.

Mordeu o lábio para conter o dele.

— Prometo que serei um bom garoto.

Isso fez o sorriso dela aumentar.

— Talvez eu te recompense com um regalo.

— Não brinque com isso a não ser que esteja falando sério.

Um formigamento de intenção não dita passou entre eles, e aí ela ergueu a lã encharcada para a cabeça dele. Deixou que limpasse um pouco, mas na próxima passada, desviou. Os dois irromperam em risadas. Ele continuou a provocá-la e brincar até ela ter limpadado todo seu rosto.

— Minha vez, acho — murmurou, os olhos ainda divertidos com a risada.

Quando afundou a lã manchada de sangue no leite, os dedos de Jasper cobriram os dela por um segundo. Uma faísca surgiu entre eles, e ela afastou a mão da tigela. Ele foi limpar a testa, mas ela desviou, sorrindo para ele com travessura. Então ele espirrou leite no seu rosto.

Ela soltou um gritinho, rindo. Ele se apaixonou com a luz acendendo os olhos, iluminando todos os lugares sombrios no seu coração. A melodia da voz doce como mel aqueceu seu sangue.

— Você é linda — murmurou, a mão se abaixando depois de limpar o rosto dela.

Um rubor marcou as bochechas sardentas.

Leite rosado escorreu da têmpora dela, deslizou pela mandíbula e se acumulou na covinha do queixo, pronto para cair. Ele o limpou com o polegar, depois descobriu que os dedos se recusavam a deixar o toque sedoso da pele dela. Deslizaram pela mandíbula e reuniram o cabelo atrás da orelha, afundando nas madeixas.

O olhar focou na língua dela ao espreitar para umedecer o lábio inferior.



Os lábios dela se abriram.

Eles se aproximaram, os hálitos misturados acariciando o rosto um do outro.

— Me dê isso — sussurrou, e aí mordeu de leve o ar na frente da boca dela, mostrando os dentes com anseio doloroso. — Só mais um.

Pelo jeito que ela lutava para recuperar o fôlego e o leve fervilhar de desejo pela conexão, ele sabia que estavam perto. *Quase*.

Música irrompeu a vida fora da caverna. Os tambores e flauta subiram em um crescendo.

Xingou baixinho. Poderia quebrar os tambores e enfiar as flautas...

A mão dela espalmou seu peito, descarrilhando os pensamentos.

E bem assim, a bela domou o lobo. A mente dele desligou. O corpo cantou. As sobancelhas de Ada enrugaram enquanto olhava para ele e engolia.

A percussão alta dos tambores vibrou as paredes da caverna. Ou era o coração dele?

— É nossa deixa — ela sussurrou, tristeza entrando no tom... ou também imaginara isso?

Ela se levantou, levando-o com ela até os dois se empertigarem, os olhos se fitando.

Alguém gritou do lado de fora... talvez Clara tentando finalizar as coisas.

Decepção o abalou com tanta violência que ficou chocado. Soube, naquele momento, que faria qualquer coisa para proteger seu tempo com ela. Quando ficasse sozinhos da próxima vez, nada o impediria de reivindicar seu beijo.

## CAPÍTULO CATORZE

Ada deixou Jasper guiá-la para fora da caverna. No momento que emergiram pela névoa da cachoeira, um rugido ensurdecedor vibrou pela gruta. A multidão comemorou e uivou. Timidez congelou seus membros. A mão de Jasper segurando a sua contraiu, apertando quase dolorosamente.

Ainda abafava as emoções dela. Mas ela sabia o suficiente que a reação dele dentro da caverna foi causada por memórias trágicas. Talvez a multidão comemorando o lembrou de algo que preferiria esquecer.

Quando caíra de joelhos na caverna, ela quis pegar a cabeça dele entre as mãos e usar o dom para remover sua dor. Nem mesmo sabia se algo do tipo era possível para dor mental, mas queria tentar. Não obstante, não era escolha dela. Ele precisava pedir ajuda em algum ponto, ou não se curaria.

*Também está quebrada?*

Quando ele dissera aquelas palavras e procurara uma conexão nos olhos dela, não tivera coragem de dizer a ele que nascera quebrada, mas se consertara, graças as amigas. Agora percebia que esse era parte do motivo que o mantinha afastado. Quando a mãe não ligou o suficiente para mantê-la viva, Ada era uma criança, brava e com medo do mundo. Sabia como fora difícil se remendar quando nem mesmo sabia como era ser inteira. Não seria quebrada de novo, e era exatamente o que seria se ela se apaixonasse por ele, e depois se ele partisse ou a traísse.

Então fizera a segunda melhor coisa que poderia pensar – terminara o ritual para ele. Não a incomodara tanto quanto pensou que poderia fazer. A compreensão se acomodou no âmago com um sentimento desconfortável.

Destino.

Ela se ressentia da sua criação no mundo antigo ao ponto da amargura, mas como podia discutir com aquele momento central onde tudo o que aprendera sobre sobrevivência gritou na sua cara –*foi por isso*. Foi como se estivesse treinando para esta época, para uma vida aqui onde às vezes precisava caçar por comida, onde confortos humanos não eram os mesmos, onde às vezes ficava tão solitária que doía.

Jasper abriu caminho pela multidão, guiando-a pela mão. Alguém pegara a cabra. Esperava vê-la assando na fogueira em breve.

Sabia que era normal, nada para surtar, mas um silêncio entrara na sua mente na caverna. Algo se transformara dentro dela. Abrira mão de uma parte do passado e abraçara a cultura fae como sua. E Jasper?

Podia não ter revelado o que o torturava, mas permitira que ela o visse vulnerável. Compartilhara aquela parte de si, e permitira que ela cuidasse dele. Era tão diferente do exterior que ele projetava para o resto do mundo. Ela se sentiu mais próxima dele se um jeito que ainda precisava compreender.

Todos queriam tocá-los – os Luperci da sorte – enquanto desfilavam pelo grupo. Mas o que começou como algo quase reverente, acabou em mãos puxando, segurando e invadindo seu espaço pessoal. Solteiros, homens e mulheres assoberbaram Jasper. Ada quase soltou sua mão. Mas não era só ele que queiram, era ela. Mulheres tocavam a barriga de Ada, puxando o tecido do vestido, rezando por fertilidade e o dom da nova vida. Pensou que esse evento devesse ser sereno, mas se tornou frenético e feral, e quando os dedos de alguém prenderam na alça do vestido, quase arrancando, ela entrou em pânico.

Não podia respirar.

Estavam sendo assim por que ela era humana ou era o clima do festival?

Por um segundo maluco, entrou em pânico que sempre existiria uma divisão entre eles. Algum dia a aceitariam como uma deles?

Jasper estava presente em um segundo, afastando fae com um rosnado de dentes alongados que fez suas pernas bambearem. Orelhas fae abaixaram e inclinaram os queixos em submissão, fazendo uma mesura ao se afastarem.

— Chega — ele ralhou para os que ainda tentavam tocá-lo. E aí, ao ver o medo que acabara de causar, parou e pareceu se recompor. Com um esforço visível, transformou o rosnado nos lábios em um sorriso leve antes de acrescentar: — Está na hora do banquete.

Celebrações ecoaram. O ar ficou menos sufocante conforme a multidão se espalhava e um caminho para a mesa do banquete era aberto. Não havia nada atrás da mesa além de alguns metros de grama antes da margem rochosa afundar na lagoa. Acima, galhos de árvores se inclinavam sobre a mesa, pendendo sinos do vento tilintantes e lanternas brilhantes oscilando na brisa leve. A música começou de novo. Uma abundância de comida e bebida se espalhava sobre a mesa inteira. Copos cheios de líquidos de todos os tipos de cor fizeram a boca de Ada salivar.

No meio da longa mesa estavam dois troncos de mosaicos. Chifres de cabra de madeira curvada coroavam as cadeiras. Ou talvez fossem

chifres de cabra de verdade... ou alguma outra criatura que nunca vira antes. Ao lado dos tronos, e em volta da mesa, estavam cadeiras menores e menos berrantes ocupadas por fae importantes dos arredores do vilarejo. Clara, Moon e a parceira, Halona. Sun sentava na frente dos tronos. Conforme a atenção de Ada se moveu para as cadeiras ao lado dele, viu fae que não era da vila.

Clara mencionara emissários de outras cidades. Os sátiros estavam ali, assim como os Homens Carvalho. Ao lado deles estavam dois fae de orelhas pontudas vestidos com roupas luxuosas de seda. Em seguida, mais dois homens com orelhas pontudas cobertas de pelo sentavam um de cada lado de uma dama tipo Viking com uma longa trança prateada descendo pelas costas. Ela fuzilou Jasper como se o conhecesse.

Mas ele só tinha olhos para Ada.

— Você está bem? — ele perguntou baixinho.

Ela assentiu.

— Só ficou um pouco pessoal demais com todo aquele toque. Poderia pensar que queriam um pedaço de mim de verdade.

Um arrepio percorreu sua coluna enquanto a dúvida sobre ser humana surgia.

— É porque é estonteante. Eles te veneram.

Ada deu um pequeno sorriso e soltou o cabelo de trás das orelhas para que não ficassem a mostra.

— Não se esconda. Esse mundo não vai mudar a não ser que a gente peça. — Ele colocou descaradamente o cabelo dela atrás das orelhas. — Nunca deixaria alguém te machucar — prometeu.

E dessa vez, não pareceu vazia. Não pareceu como algo que um homem dizia para se dar bem. Foi de coração. Uma onda de gratidão esquentou o sangue dela e tocou os dedos nos lábios e empurrou a mão para baixo e para fora.

Diversão brilhou nos olhos dele. Levou os dedos dela aos lábios, murmurando contra eles:

— Está pronta para o primeiro banquete?

— Primeiro?

Malandragem substituiu o humor fugaz e ela sentiu um friozinho na barriga.

Ô-ou.

Ela *não* precisava sentir isso agora. Com certeza, não por ele. Mas mesmo enquanto o coração tentava levantar muros, sabia que estava em apuros. Ele a fazia perder a razão. O sorriso dele era mais perigoso do que os dentes e, se não tomasse cuidado, andaria de bom grado na direção dos dois, feliz em se permitir ser devorada de corpo e alma.

— Vem — ele disse. — A parte divertida está só começando.

Colocando a mão dela sobre o braço, ele era toda a confiança de

que ela precisava. Isso a fez se sentir honrada por ter vislumbrado o lado vulnerável dele na caverna, e ela caiu ainda mais no encanto dele.

Ele os levou direto para a mesa de banquete e abriu a boca, presumidamente para fazer apresentações, mas a mulher parecida com Viking bateu o copo na mesa e se levantou rápido. Os dois companheiros se juntaram a ela.

— Que audácia, D’arn Jasper — ela disse, olhando feio para ele. — Meu irmão e sobrinho estão morrendo de preocupação. Estão vasculhando toda Elphyne desde que desapareceu da casa dos Doze.

Ele franziu a testa e inclinou a cabeça.

— Kyra?

— Pro seu respeito, agora é Alta Dama Kyra Nightstalk, Alfa de Crescent Hollow. — Ela escarneceu. — Quero dizer, disseram que perdeu suas memórias, mas não acreditei neles. Agora olha pra você, se esbaldando como sempre, esquecendo dos que se importam com você. Não me pergunte por que eles perdem tempo.

Os dedos dele apertaram a mão de Ada, e ela deu um leve aperto de solidariedade. Isso era *bom*. Mais do passado o estava encontrando. Só as pessoas que se importavam ficavam bravas desse jeito.

O pensamento a atingiu como um raio.

Quem era essa alfa que comandava respeito? Por que se importava com Jasper? Quem eram um para o outro?

— Lembra-se de mim? — Kyra perguntou. — Ou Rush? Thorne?

Dessa vez, reconhecimento passou pelas feições dele, mas foi abafado rápido pela confusão.

— Lembro o suficiente — respondeu, seco.

Ada mordeu o lábio. Estava na ponta da língua para defendê-lo, mas não sabia se deveria revelar até onde as marcas da maldição erodiram a mente dele. No final, não precisou.

Clara afastou a cadeira para trás e se juntou a Ada e Jasper. Deu um sorriso tenso e apontou para os convidados enquanto dizia os nomes deles.

— Conhece os representantes de Crescent Hollow, e, é claro, o Rei da Corte Primavera Tian e sua Rainha Oleana.

— Elfos — Jasper murmurou para ela.

Eram o casal com sedas finas. Eram eles que Clara mencionara que poderiam treiná-la melhor?

— Os Homens Carvalho Delphinian, Lorde Brand e Larch. E aí o Alto Lorde Aubrette e o filho, Lorde Win.

Os dois últimos foram dirigidos aos sátiros. Ada ergueu as sobrancelhas. Rainhas, Reis, Lordes e Damas. Estava mesmo em outro tempo e lugar.

— O prazer é meu. — Jasper inclinou a cabeça regamente, depois

encarou a tia e abaixou a voz. — Não sabia que esse Lupercália teria tantos dignatários estrangeiros como convidados, tia.

— Bom, se não tivesse ficado trancado no quarto pela última semana, talvez soubesse que as coisas estão diferentes este ano.

— A lei de procriação foi abolida.

Clara ergueu a sobancelha.

— Isso e a alcateia Darkfoot tem orgulho de ter um dos nossos, não apenas abençoado pela Nascente, mas o herdeiro oficial do Alto Rei, como Luperci.

Os olhos dele semicerraram.

— Mas está orgulhosa?

Ela retribuiu o olhar ardiloso.

— A alcateia Darkfoot tem uma boa memória. — Ela forçou um sorriso no rosto e ergueu a voz. — Por favor, sentem-se, as refeições estão prestes a serem servidas.

Ada não sabia o que passara entre eles, mas incitou um lampejo de dor nos olhos de Jasper, e um aceno de reconhecimento.

Sentaram-se nos tronos. Para Ada, era só um pouco de diversão pela noite, mas Jasper se misturou com a realeza como se fosse destinado para os holofotes. O sorriso afável estampado no rosto parecia tão genuíno que, por um segundo, Ada esqueceu da sua dor na caverna.

Incomodou ela a rapidez que ele podia transformar sua fachada.

No momento que o pensamento entrou na mente dela, ponderou qual fachada era o verdadeiro Jasper. O divertido ou o sério. Talvez nenhum dos dois. Talvez fosse o que fora na caverna... *É quebrada como eu?*

Garçons passaram em volta da mesa, colocando entradas em todos os pratos e enchendo cálices de vidro com algum tipo de bebida efervescente que cheirava como maçãs azedas. As flautas de pã tocaram outra vez. Algumas batidas atrasadas, as maracas chacoalharam relutantes. Ada apostaria que Lake estava desesperado para se juntar a todos ou ir para casa.

Quando convidados sentaram nos seus lugares, os músicos se levantaram. Dois jovens magricelas, os dois com orelhas pontudas e pequenos chifres de veado crescendo das cabeças. Ao lado deles, o rosto de Lake estava exatamente como imaginara – entediado e farto.

Encontrou o olhar dele, acenou e sorriu. Ele se animou imediatamente e balançou as maracas com maior fervor.

Com a atmosfera mágica, música melancólica e criaturas fantásticas, Ada se sentiu mesmo como se tivesse entrado num livro de contos de fadas.

— Então — Sun pegou um pedaço de carne do prato, colocou na boca e depois olhou para Jasper. — Vou dizer o que todos estão

pensando.

— Claro que vai — Moon disse sarcástico. — Talvez engula primeiro.

Um olhar contrariado para o irmão e depois Sun encarou Jasper.

— Vai contar para seus companheiros Guardiões sobre os saques?

A conversa leve se calou na mesa. Jasper ficou tenso, e aí deu um gole cuidadoso da bebida antes de colocar o cálice de volta na mesa.

— Estão armazenando algo no maior nível de proibição. As chances são que eles já sabem. A não ser que me deem um motivo válido para isso, então é decisão da Prime o que acontece em seguida.

Moon deixou o garfo cair.

— Está me dizendo que não tem lealdade à sua alcateia, depois de tudo que fizemos para te proteger durante a última semana?

— Você *me* protegeu? — as palavras incrédulas de Jasper irromperam de uma boca sorridente. — Me corrija se estiver errado, mas acredito que tenha sido eu que protegi sua cidade e minha parceira que a curou.

Os dois metamorfos se fuzilaram, as orelhas se movendo para trás.

— Pelo amor de Crimson — Halona disse, jogando o guardanapo na mesa e olhando feio para o parceiro. — Só conte para ele quem te obrigou a fazer isso. Não vou permitir que levemos a culpa por aquele flutuador real.

Arquejos soaram em coro pela mesa.

As narinas de Moon dilataram e o olhar se moveu entre os convidados da mesa como se estivesse procurando sinais de perigo, mas nenhum apareceu. Havia algo estranho que Ada não podia identificar, e aí percebeu que Halona se referira ao flutuador como realeza. Chamar alguém de flutuador era referência a eles serem cuspidos pelo lago cerimonial. Ela poderia ter se referido ao Rei Mithras? Se sim, era traição.

E ninguém reclamou.

Sun e Moon olharam para a mãe, que já pausara a conversa com o Rei e Rainha da Corte Primavera. Parecia que todos na mesa esperavam pela resposta. Clara deu um aceno curto de aprovação para os filhos.

Moon encontrou o olhar de Jasper.

— Foi seu pai.

O clima ficou sombrio. O ar esfriou. O olhar de Jasper escureceu de um jeito que Ada nunca vira antes.

— Se tem algo que está tentando dizer, primo, então diga logo.

— Tudo bem — Moon disse e olhou direto nos olhos dele. — A Ordem prendeu o conselheiro humano do Rei, aí você, o herdeiro do Rei...

— Ele não pretende que eu use a Coroa de Vidro.

— Se me deixar terminar — Moon disse entredentes com uma carranca. — Você desaparece, e aí aparece com uma humana no braço...

— Uma humana abençoada pela Nascente — Jasper interrompeu, de novo.

— Não importa. — Moon bateu a palma na mesa. — Pode ver como poderíamos ser desconfiados que está em conluio com eles.

— Quer saber do lado de quem estou? — Jasper perguntou.

— Quero saber se é um Mithras ou um Darkfoot.

— Nunca fui um Mithras.

— Quase nos enganou.

Ninguém respondeu. O comentário anterior de Halona foi traiçoeiro o suficiente, mas pelo que Ada compreendia, ninguém na mesa estava feliz com o atual clima político. Nervosa, tentou analisar a linguagem corporal dos presentes, mas ninguém revelou nada a não ser o eventual movimento desconfortável na cadeira.

Jasper virou a bebida, colocando o cálice vazio na mesa com um baque.

— Estou do meu próprio lado. Como sempre fiz.

Mas no momento que disse as palavras, uma onda de vergonha percorreu a conexão.

— Você não tem orgulho? — Sun rosou. — Somos sua família.

— Ele não liga há séculos. Por que começar agora? — Moon acrescentou.

Ada notou que Clara não se moveu para interromper.

— Cuidado com o que diz, primo. — Os dedos de Jasper ficaram brancos em volta do cálice.

Moon se inclinou para frente.

— Só estou afirmando a verdade.

— Coloquei minha vida em risco para salvar seu vilarejo.

— Mas acabou de dizer, só fez isso por você.

Jasper fechou os lábios com força e isso empuçou Ada porque sabia que ele não era essa pessoa egoísta que alegava ser. Por que arriscar sua vida para proteger a cidade? Por que matar o wolpertinger por ela em vez de apenas sair correndo na floresta. Por que participar nesta cerimônia com a qual não tinha nenhuma obrigação? Ela só o conhecera há pouco tempo, mas pelo que vira, ele faria de tudo para proteger seus entes queridos. Talvez ninguém o protegesse. Então ela se pronunciou:

— O pai dele tentou assassiná-lo há poucos dias atrás. Como poderia estar em conluio com alguém que o quer morto?

Sun piscou para Jasper.

— Mas ele te legitimou.

Kyra soltou uma gargalhada irônica.



— Ele está tentando matar Jasper desde o momento que ele nasceu. Achou que as tentativas de assassinato parariam só porque ele, de repente, nomeou Jasper como sucessor? Rush e Thorne disseram que ele fora sequestrado, torturado e amaldiçoado a obedecer. Por que Mithras faria isso se tivesse a lealdade de Jasper? Por que os Guardiões invadiriam a Corte Estival, prenderiam o conselheiro do Rei, conselheiro humano, não esqueça, e aí resgatariam o príncipe amaldiçoado?

O Rei Tian esfregou o queixo sem barba.

— O Alto Rei de certo tem guardado segredos.

— Isso é eufemismo — Kyra murmurou na taça.

Tian pigarreou.

— Isso nos leva ao motivo que viemos. Durante a celebração onde o Alto Rei anunciou você como herdeiro, houve... conversas interessantes entre os reunidos.

Ada sentou com uma sensação desconfortável subindo pela coluna. Sabia o suficiente sobre conflito para entender quando negócios escusos estavam feitos, e pelos olhares roubados entre o grupo à mesa, havia algo no qual queriam que Jasper se envolvesse. E ela não iria gostar.

Rainha Oleander passou o dedo pela borda da taça, depois franziu os lábios, agitada. — O aumento de escravos humanos em Elphyne sempre foi algo que nunca compreendemos. Os elfos não são ferozes, ou cruéis de graça. Nos dedicamos à educação e ao avanço da nossa raça. Mas ele nos presenteia com escravos humanos artistas, sob glamour e feitiços para tocarem e dançarem até os dedos das mãos e pés sangrarem.

O sátiro, Alto Lorde Aubrette, se inclinou para frente e projetou a voz ao longo da mesa.

— Ele peticionou que nosso estandarte o siga para o Reino Unseelie e conquiste vingança contra os monstros invadindo nossa terra. O que diz para isso, Guardião? Ou é o Príncipe?

Quanto mais essas pessoas falavam, mais Ada sentia a ansiedade de Jasper revirar pela conexão. O controle dele sobre o bloqueio das emoção há muito evaporara.

Kyra falou, se inclinando para frente:

— Há dois anos atrás, Mithras fez vista grossa para o conluio de Lorde Thaddeus com o inimigo. Agora ouvimos que está pedindo para fae armazenarem metal, só para um grupo de saque humano aparecer convenientemente. Está claro para mim que ele tem grandes planos de ir contra os interesses de Elphyne e da integridade da Nascente. De certo, como um Guardião, se não um príncipe, tem uma opinião a esse respeito.

— Por que não pergunta para Prime? — Jasper respondeu. — A

líder da Ordem teria mais a dizer.

— Saindo pela tangente de novo?

— Não é uma tangente. É só que não sei. Fiquei... indisposto... por grande parte da última década — concedeu. — Estou só agora descobrindo o que aconteceu.

O sátiro bateu o punho na mesa.

— Muito aconteceu. Não estamos felizes com a direção que Elphyne está tomando. O Alto Rei Seelie fala sobre guerra com a Alta Rainha Unseelie. Ele quer guerra e ela está ignorando como se não fosse nada além de uma irritaçãozinha.

— Bom, ela comanda a Caçada Selvagem — Kyra arrastou.

O sátiro olhou feio para ela.

— Quer ela comande ou não a Caçada Selvagem, não faz diferença. O que importa é que nosso Alto Rei quer começar uma guerra com nossa própria espécie para ser usada como bucha de canhão enquanto o verdadeiro inimigo é ignorado ao surrupiarem recursos perigosos da nossa terra. E isso é só o metal de fácil acesso, as partes encontradas acima da terra. Se esse líder humano conseguir um posto avançado, pode invadir e reivindicar nossas terras para miná-las por recursos como quiser. A Nascente vai morrer... *fae* vão morrer... e a terra infértil vai se expandir.

— Nunca chegará a isso — Jasper rosnou, a mandíbula contraindo, os olhos ferindo.

— E como pode ter tanta certeza?

— Porque não vou permitir.

As palavras pairaram pesadas no espaço preenchido por música que seguiu. Com cada segundo que passava, o clima ficava mais denso com uma sensação agourenta de dever. Todos sabiam o que precisava ser feito, mas ninguém queria dar o primeiro passo.

Clara se levantou devagar e olhou nos olhos de cada convidado à mesa.

— Vou dizer, se ninguém vai. — Os olhos pousaram em Jasper por último. — O rumor é que Mithras fez de você o herdeiro só para matá-lo e exigir vingança da Alta Rainha Unseelie. Você contorna a verdade, mas todos sabemos o que aconteceu. Alguns de nós estávamos lá quando ele te revelou para a Corte. E vimos os resquícios da maldição em volta do seu pescoço. Ele te sequestrou e torturou no Ringue. Entretanto, você de algum jeito emergiu disso tudo mais forte do que antes e com mais uma benção da Nascente. — Acenou com o queixo para Ada. — Não precisamos de alguém no trono que é cúmplice do estupro e saque da nossa terra. Precisamos de alguém que sabe exatamente o que a Nascente precisa para prosperar. Precisamos de um Darkfoot. E um Guardião. — Ela pegou o cálice de vidro e ergueu no ar. — Ao novo Alto Rei Seelie Reed...

— Pare! — Jasper bateu o punho na mesa e se levantou com tudo.

A mesa tremeu com o impacto. Todos os olhos estavam nele, observando.

— Um Guardião não tem direito ao trono... — Franziu o cenho, vendo a falsidade nas próprias palavras, e aí murmurou para si, como se estivesse acabando de perceber: — Mas eu *sou* o herdeiro, e um Guardião.

A voz da Clara ficou mais suave.

— A profecia da sua mãe está se tornando realidade. Pode ter demorado centenas de anos, mas você é o último herdeiro sobrevivente a existir da linha do Rei Mithras. Não tem ninguém mais que pode reclamar a Coroa de Vidro além de você. Precisa admitir, seu retorno veio na hora certa para infundir vida nova na terra.

Sem resposta.

— O que diz, Jasper?

Cada Lorde e Dama na mesa ergueram as vozes e começaram a discutir um por cima do outro. Todos concordavam com Clara, mas não podiam decidir sobre um plano de ação. Conversa se tornou caótica e esquentada, ao ponto que Ada pensou que um deles se inclinaria sobre a mesa e estrangularia o outro.

Ao longo de tudo isso, esqueceram que pediram a opinião de Jasper. Ele coçou o pescoço, os olhos indo para todos os lugares até encontrarem Ada e se iluminarem.

Levantou e bateu a colher contra o vidro do cálice para chamar a atenção deles.

— Chega de discussão. Não estamos aqui pra isso. — Deu um sorriso carismático para eles e chamou um garçom antes de dizer: — A alcaiteia está aguardando pacientemente pelo ritual de combinação de Lupercália. Está na hora de dar isso a eles. Esta noite é uma celebração para honrar a Nascente. É a hora de estranhos se unirem e, por uma noite, esquecerem da pompa das suas posições e respirarem nova vida na alcaiteia. Vamos nos divertir e nos preocupar com a política amanhã.

Ficou claro que a maioria da mesa queria continuar conversando, mas Sun pegou a taça tilintou a colher de porcelana contra ela, e depois ergueu a voz para ser ouvido acima da música e dos foliões.

— Atenção. Está na hora da cerimônia de combinação. — Os olhos a meio mastro de Sun pousaram em Ada. — E depois, a caçada.

O Rei Tian se levantou rápido. Ada ficou tensa, pensando que ele começaria outra discussão, mas as bochechas dele coraram adoravelmente e sorriu para a esposa.

— Minha esposa e eu trouxemos um presente de Delphinium para honrar o ritual. Doses suficientes de divilixir para todos os participantes do ritual de combinação.

Comemorações soaram. Fae bateram palmas. Alguém assobiou.

Devia ser um bom drinque, Ada pensou conforme os garçons entravam em ação. Bandejas com pequenos copos de líquidos azul e amarelo emergiram e foram distribuídos pelas mesas.

Prim chegou ao lado deles, segurando a bandeja. Ao lado dos copos de doses estavam as mesmas máscaras de baile que uma mulher vendera no mercado quando chegaram no vilarejo. Desenhada e pintada para parecer um lobo, as máscaras de meio rosto tinham contas de vidro penduradas de uma fina corda vermelha nas orelhas. Algumas não eram adornadas.

Prim colocou dois copos na frente de cada um deles – um azul e um amarelo. Colocou uma máscara de contas na frente de Ada e uma sem adorno na frente de Jasper. Aí pegou o copo amarelo e ergueu no ar. Com o olhar fixo em Jasper, ela disse:

— Para expurgar impurezas. — Bebeu de um gole. — E depois para ficar ainda mais sujo.

Sun soltou uma gargalhada. Até Moon deu um sorriso. Kyra comemorou junto com os parceiros. Jasper virou com um sorrisinho, assim como alguns outros pela mesa.

— Sua vez, Ada — Prim incitou, os olhos no copo cheio nos dedos de Ada.

— O que é? — ela perguntou.

— Todos que vão participar do ritual devem beber.

Ela fungou o líquido. Cheirava como néctar melado. Todos beberam, então ela virou, fazendo uma careta com o ardor na garganta. O copo azul restava. *Ah, foda-se.* Jasper estava certo. Estava na hora de se divertir um pouco. Aí, antes de perder a coragem, ela fez o mesmo com a dose azul e virou com um sorriso no rosto.

Prim ergueu as sobrancelhas, impressionada, e cutucou o ombro de Ada com o dedo.

— Vai ficar bem suja, então, é?

Ada bufou-riu, a mão cobrindo a boca e um soluço.

— Não sei o que isso significa.

Não podia parar de sorrir. O sangue estava efervescendo. Era como se o corpo a estivesse levando por um caminho que a mente não podia percorrer.

— Logo vai descobrir — Prim disse, e aí virou o drinque azul, dando uma piscadela para Jasper.

*O que foi isso?* Mas Ada não teve tempo para ponderar o flerte de Prim, Sun bebeu o dele, e aí bateu o copo vazio na mesa, estremecendo a base.

— Saúde.

Mais risada irrompeu.

Um calor agradável cresceu no sangue de Ada, percorrendo seu

organismo, e afastando o ar frio da noite. Ela se moveu e não pode evitar sorrir para Jasper, mas encontrou ele sentado imóvel com os dedos em volta do copo de líquido azul. Por algum motivo, não estava preso na avalanche de alegria, e a partezinha de Ada que não entrara na festa, tentou pisar no freio. Algo estava errado.

— Pensei que esse tipo de coisa fosse sua praia — ela brincou. — Não vai beber?

Um olhar quente assombrou as feições dele. Confusão passou pela expressão, mas só balançou a cabeça e afastou o copo.

Sun riu e bateu na mesa. Ada não pode evitar pensar que estava deixando algo passar.

— Qual é a piada? — ela perguntou.

Prim deu um sorriso doce a ela, um rubor já marcando suas bochechas.

— Docinho, pensei que soubesse. O amarelo é para expurgar nossas impurezas, mas o azul vai nos manter viris e amorosos durante horas. — Ela se aproximou e sussurrou: — É o que deixa a caçada um pouquinho mais divertida.

*Ah, meu Deus.*

## CAPÍTULO QUINZE

A noite iria acabar em desastre, Jasper pensou, enquanto observava Ada nadar vestida na lagoa sagrada de Lupercália, o vestido seguindo atrás dela como um rabo de sereia. Com cada passo, o sedimento bioluminescente se movia, ganhando vida. Diferente de todas as outras mulheres submergindo, Ada estava vestida de creme. Elas usavam vermelho. Mas Ada não precisava da diferença para se destacar. A água fazia o vestido grudar na pele dela, revelando todos os centímetros e curvas perfeitas, tirando o fôlego dele, fazendo o coração palpitar.

Quando ela entrou, ele não pôde desviar o olhar. Aí ela submergiu até os ombros, cabelo loiro se espalhando na superfície como fios de ouro se misturando com a fita vermelha do destino presa em seus dedos. Mas o verdadeiro teste de controle dele foi quando ela emergiu, centímetro a centímetro, do outro lado. Água escorria pelo seu corpo para revelar a forma das curvas traseiras grudadas no vestido translúcido. Ele cerrou os punhos e aí ajustou a maldita máscara no rosto. Ao menos essa permitia que respirasse. Ele a arrancaria no momento que a pegasse.

A própria ideia de afundar os dentes nela fez seu lobo interior zanzar sem parar, pronto para a caçada começar.

Só Crimson sabia como o corpo estaria reagindo se tivesse tomado o devilixir.

Sun se aproximou dele. Como a maioria dos outros caçadores, usara o sedimento bioluminescente para pintar listras e desenhos pelo torso nu para imitar ser abençoado pela Nascente. Com o torso pintado e cabelo escuro e máscara similar, Sun parecia muito com ele. A única distinção era que as marcas de Jasper brilhavam mais do que as do primo. As dele eram reais.

— Ainda acha que ela é sua? — Sun provocou.

Um rosnado ressoou na garganta de Jasper, mas ele engoliu enquanto observava a fita vermelha de Ada seguir atrás dela, remexendo na água, afundando sob a superfície. Com cada passo que as mulheres deram para cruzar a lagoa, azul ganhou vida e coloriu a água, deixando impossível enxergar através dela. Não havia jeito que poderia encontrar qual fita pertencia a ela. A escolha seria por toque aleatório, assim como de todos os outros.

Qualquer um poderia combinar com Ada. Até mesmo Sun. Até mesmo... deu um olhar de soslaio para os outros homens pululando ansiosos na ponta dos pés, espirrando água na margem. Todos e cada um deles estava com as mãos nas calças, prontos para removê-las. Ele não sabia se eles se transformariam pela vantagem de usar o faro do lobo na caçada, ou se apenas não queriam nada os impedindo quando pegassem a parceira. Mas as mãos não deixavam as calças. Talvez fosse o devílixir aumentando os hormônios.

Não importava.

Ele encontraria Ada primeiro. A Nascente os uniria. Ele tinha fé.

E se não unisse... bom, coitado da pobre alma que entrasse no seu caminho de reivindicá-la. Ele provaria para ela que estavam destinados um ao outro. E logo esqueceriam da política sendo enfiada garganta abaixo.

Ele não queria nada disso.

Um lobo uivou ao longe. Pássaros noturnos levantaram voo de galhos. Os tambores bateram mais rápidos atrás deles, e os espectadores celebraram.

Todas as mulheres agora haviam emergido do outro lado, pingando água e manchadas de azul bioluminescente. Havia ao menos vinte, mais ou menos, mas Jasper só tinha olhos para Ada enquanto ela olhava para ele melindrosamente sobre o ombro, os olhos brilhantes através das fendas da máscara.

O coração dele pulou na garganta com o impacto da sua beleza. As marcas abençoadas pela Nascente brilharam no braço dela. Cabelo loiro ondulado escorria sobre os ombros, protegendo o peito molhado da indecência. Uma ponta da fita vermelha estava enrolada no pinho dela. O longo comprimento flutuava na água à frente, e aí afundava sob a superfície, esperando por ele.

Imaginou que já podia sentir o cheiro único do desejo dela no vento.

Seu lobo interior não ficou mais satisfeito com zanzar. Ele se jogou contra as gaiolas do corpo, implorando para que começasse a caçada, indisposto a aceitar a derrota.

*Reivindique ela. Marque ela. Minha.*

Ela não fazia ideia do que a esperava.

Depois desta noite, tudo mudaria.

## CAPÍTULO DEZESSEIS

O breve mergulho de Ada fora um bálsamo sobre a pele febril, tensa demais para o corpo, e já implorando para o tipo de alívio que só um toque traria. Não deveria ter bebido o líquido azul, mas ao encontrar o olhar de Jasper do outro lado da lagoa agitada pelas cascatas, ela descobriu que não ligava.

O líquido soltara algo dentro dela, libertou-a das amarras do decoro. Os membros estavam moles. O corpo formigava. O friozinho na barriga virou um vendaval. Com cada momento que passava, um crescendo agradável de calor surgiu entre as pernas, e se não estivesse cercada pelos olhos atentos da celebração, teria pressionado as pernas juntas para dissipar a sensação. Calor corou as bochechas dela, e conteve um gemido, grata pela máscara escondendo a maior parte da sua expressão. Anseio era um visitante desconhecido no ar, chegando para provocar e incitá-la para longe da sua autoimposta zona segura de sempre.

*Isso é loucura.*

*O que estou fazendo?*

Ela não era a única deste lado se sentido um pouco excitada. As mulheres vestidas de vermelho tentaram não mostrar o afã, mas sob as máscaras, as pupilas estavam dilatadas e as bochechas enrubescidas. As mãos seguravam e flexionavam nos vestidos ou rodopiavam as fitas. Uma ou duas até tocavam os seios, apertando. Pés dançavam de um lado para o outro, prontas para... o quê?

Um torpor delicioso nadou na cabeça de Ada.

*O que acontece em seguida?*

Ela devia ter dito as palavras em voz alta, porque a loira mascarada ao seu lado virou com um sorriso e respondeu.

— Cada um dos caçadores vai escolher uma fita da lagoa para ver com qual donzela combinarão, e aí... — Ela se moveu e contorceu. — Aí a caçada começa.

Ada reconheceu a voz. O cabelo fora preso em um rabo-de-cavalo baixo.

— Prim?

Ela colocou o dedo nos lábios.

— Shh. Não temos nome esta noite. Quero dizer — ela deu uma risadinha — exceto por vocês dois, Luperci. Todos sabem quem são



pelas roupas, mas nós fingimos, por uma noite, que não temos nome.

— Certo — Ada riu. — O que acontece em Lupercália, fica em Lupercália.

Anonimato aprovado para todos os outros... então isso era tipo uma noitada organizada. No momento que a ficha caiu, ela corou da cabeça aos pés. Nunca na vida fizera algo tão livre e irresponsável, e ela descobriu que não ligava. Estava solta demais, excitada demais, *quente* demais. Ela estivera neste mundo há uma semana e precisava chegar o momento de abandonar o passado e abraçar o futuro. Pelo que aprendera sobre os humanos desta época, ela não se alinhava com as crenças deles. O que significava que precisaria abraçar por completo essa cultura, essas regras e essas tradições.

Ou voltar a viver sozinha em uma montanha.

Essa era a velha Ada. A quebrada que Jasper vislumbrara. A de antes de conhecer Clarke e Laurel. Sentiu uma pontada no coração ao pensar nas amigas amadas. Mais para irmãs. Ficariam tristes se Ada voltasse a se isolar. Então, abraçar esses novos costumes tinha que ser o caminho para o novo futuro. Talvez fosse com Jasper.

Só uma dúvida incomodava sua mente. Virou para Prim com uma careta.

— O que acontece se alguém ficar... sabe, grávida?

— Grávida? — Prim riu. — Quer dizer prenha?

Ada assentiu, e Prim riu ainda mais.

— Ah, bobinha. Lupercália é um ritual de fertilidade. É exatamente esse o ponto!

Choque ricocheteou no crânio de Ada. Ela não estava *tão* disposta assim a explorar. *Ah meu Deus. Pânico. Não estou pronta para isso!*

As palavras de Moon retornaram. Ninguém irá forçá-la a fazer algo que não queria. Mas conforme o calor do elixir acelerava no seu pulso, fervilhando seu sangue, ela ponderou se ficaria incapaz de parar.

E não era a única que não teria controle sobre a impulsividade. Os metamorfos homens do outro lado da lagoa zanzavam e rondavam a margem, os olhos desviando entre as donzelas e as fitas vermelhas que logo tirariam da água.

A garganta dela secou.

Peitos masculinos nus brilhavam sob o luar. Mantinham as identidades escondidas com máscaras de meio-lobo similares as das donzelas. Todos usavam calças vermelhas soltas, assim como as mulheres usavam vestidos vermelhos. Mas mesmo sem a mudança na cor da roupa, Ada podia distinguir Jasper pela sensação dele ecoando pela conexão, as cicatrizes no torso, as marcas brilhando pelo braço e, é claro, o vislumbre tentador de pelo escuro descendo do abdômen baixo até esconder sob as calças.

Ela reconheceria aquele tanquinho em qualquer lugar.

*Deus.* Deu tapinhas nas bochechas. O que isso dizia sobre ela?

Clara pisou em algumas pedras ao lado da cachoeira para que a multidão reunida pudesse vê-la melhor. Com os braços erguidos, ela pediu silêncio até a animação diminuir, e todos os olhos pousaram nela. Só o som da água caindo podia ser ouvido. Isso, e o coração de Ada batendo forte no peito.

Ada encontrou o olhar de Jasper através da máscara. Ele a observava com atenção. Um raio de luxúria percorreu a conexão. A mão dela foi até o pescoço, e um sorriso lento e sórdido alargou os lábios perfeitos dele. Fizera isso de propósito. O babaca sabia exatamente como controlar a conexão.

*Porra.* Ela estava em apuros.

— Lupercália é uma tradição consagrada pelo tempo da Alcateia Darkfoot e, de fato, muitas alcateias de metamorfos por toda Elphyne. É a celebração do nascimento da nossa raça. É como honramos a Nascente. E pela primeira vez em séculos, graças a nomeação do nosso próprio Príncipe Darkfoot, a lei de procriação ilegal foi abolida. Estamos enfim celebrando Lupercália do jeito certo outra vez: com uma cerimônia de combinação que não terminará em execução.

Uma celebração alegre ecoou.

Procriação ilegal? Execução? Séculos? As palavras ricochetearam pela cabeça de Ada. Ela não podia imaginar viver em um mundo onde se temia engravidar por medo de execução. O entusiasmo desse Lupercália era completamente compreensivo.

— Estamos honrados de ter esses dois Luperci participando da caçada este ano — Clara gritou. — Como diz a tradição, porque sua identidade é comprometida, e são os convidados de honra, pode escolher a fita primeiro.

Ela acenou para Jasper entrar na lagoa, mas ele apenas recuou e cruzou os braços com um sorriso que escondia uma fatura de mistérios brilhando nos seus olhos.

Balançou a cabeça, depois gritou de volta:

— Vou por último.

Murmurinhos de choque ecoaram pelos convidados. Alguns fae levantaram com tudo da mesa, derrubando as bebidas na pressa. Alguns correram mais perto da lagoa, expressões ansiosas iluminando os rostos.

Ada encarou Jasper.

Os lábios dele se alargaram mais, e aí acrescentou em uma voz alta e arrogante:

— Minha parceira precisa ser convencida que estamos destinados a ficar juntos, porque é a vontade da Nascente.

*Oohs* e *Ahhs* de aquiescência se espalharam. Ada pegou vislumbres de fae assentindo e sorrindo com compreensão — *a pobrezinha da*

*humana ignorante não acredita no poder da Nascente.*

Irritou Ada até não poder mais. Talvez fosse por isso que as próximas palavras escaparam da sua boca.

— Vou gostar de te provar errado!

Assobios e gritos altos de animação. Ada não pôde evitar sorrir ao encontrar o olhar arregalado de Jasper. As palavras não foram pura reação instintiva. Havia um pouco de verdade nelas. Ela supôs, mesmo com tudo que aprendera sobre sua conexão com essa força mística que lhe dava poder, ainda havia muita coisa desconhecida. Fé parecia incrível. A não ser que visse com os próprios olhos, ela aceitaria as palavras deles com ceticismo. O metamorfo arrogante pensou de verdade que tinha chance de reivindicar a fita dela, depois de todos os outros caçadores terem sua oportunidade.

A lagoa ainda se revirava da travessia recente das donzelas pela água e a queda da cachoeira. Sedimento azul turvava a água, de forma que as fitas vermelhas ficaram escondidas e enroladas. Não havia jeito nenhum que Jasper poderia escolher a dela de propósito quando nem mesmo podia ver onde colocar a mão.

Era todo o sentido, ela supôs.

O coração dela palpitou conforme o humor desaparecia da expressão dele e os olhos semicerravam com uma mensagem secreta — *Vai pagar por sua dúvida.*

Outro arrepio de calor pulsou por ela. Na hora, a linha séria da boca de Jasper se inclinou, como se tivesse sentido tudo o que ela projetara. Ou cheirado.

Ela disse para Prim, de canto de boca:

— Não tem um feitiço de combinação na água, ou algo assim, tem? Quero dizer, ele não pode trapacear e *fazer* a gente combinar, né?

— Não é isso o que você quer?

— Talvez, mas não quero que seja fácil para ele.

Um segundo de silêncio se alongou mais do que o necessário. Ada olhou para a nova amiga, mas encontrou um brilho implacável na expressão de Prim enquanto ela encarava de volta. Foi o lampejo de algo sombrio, e aí desapareceu, quase como se Ada tivesse imaginado como uma nuvem atravessando a lua.

— Não — Prim respondeu, o olhar voltando para Jasper com um sorriso. — É água, pura e simples.

O pulso de Ada palpitou com nervosismo. Mordeu o lábio e virou para Jasper enquanto ele ficava parado calmo no final da fila, ainda a observando.

— Caçadores, encontrem a fita da sua donzela! — Clara gritou, jogando as mãos para o alto.

Celebrações, assobios e tambores ecoaram alto enquanto os caçadores pulavam na água, empurrando um ao outro para fora do

caminho em um frenesi. Conforme se submergiam até a cintura, enfiaram as mãos no líquido revirando com sedimento azul e pesaram sob a superfície até cada um emergir segurando a ponta de uma fita vermelha de uma donzela. Ada tentou determinar se a dela fora escolhida, mas era impossível pressentir. Nenhuma tensão a mais na fita fora puxada. Os comprimentos eram longos demais e a água corrente já os movera.

Aí, antes de puxaram a fita para esticar e conhecerem a combinação, os caçadores pararam e esperaram. Havia um último caçador remanescente na margem.

Jasper deu um sorriso presunçoso para Ada e depois entrou convencido na água, continuando a submergir até a superfície atingir as coxas musculosas. Sem remover o olhar ardente de Ada, afundou a mão e pescou. Como ele encontrou a última fita solta, ela não sabia, mas encontrou. O sorriso dele aumentou, e se endireitou, erguendo devagar a ponta dele no ar.

Era vermelha. Era uma fita. Podia ser de qualquer uma.

O coração de Ada palpitou no peito.

— Donzelas, caçadores, recolham as fitas e encontrem sua combinação.

Um por um, todos recolheram as fitas, puxando até tensionar o comprimento. As donzelas puxaram e entraram na lagoa, os caçadores fizeram o mesmo. Fios de linhas vermelhos se ergueram da água, pingando. Alguns se cruzaram no caminho, alguns se combinaram de frente, mas com a tensão entre eles, parcerias eram irrefutáveis. Para evitar confusão, os dois parceiros recolheram as fitas, se puxando para o meio da lagoa e na direção da combinação, dos caçadores... ou da presa. Ada segurou o fôlego ao se aproximar, implorando em silêncio para nenhum deles ser Jasper e, ao mesmo tempo, todos serem.

A fita dela foi a que enrolou mais. Curvou-se e embarçou em uma bagunça que a lembrava de lã em uma cesta de tecelão. Ela abaixou sob outras fitas e vadeou em volta de pessoas até não poder mais aguentar de ansiedade. Parou. Os pulmões ofegaram, erguendo o peito até os mamilos rijos roçarem contra o vestido molhado.

*Não posso ver.* Ela fechou os olhos.

Água se moveu conforme alguém se aproximava, puxando a fita, se impulsionando na direção dela. E aí... um toque leve no topo da mão.

Os olhos dela se abriram com tudo.

Ali ele estava – a mesma curva sarcástica dos lábios, os mesmos olhos âmbar e marcas azuis brilhando sob a máscara. Inclinou a cabeça. A água estava na altura da cintura para Ada, mas só chegava até as coxas dele. Borrifos de transeuntes deixaram manchas de sedimento azul e água brilhante escorrendo em fios pelos cumes e vales da musculatura dele, aguçados pela luz da lua. Era impossível

não ficar hipnotizada.

— O que eu disse? — Jasper retumbou, um toque de diversão na voz.

— Sou sua — ela suspirou.

Os olhos dele enrugaram ao puxar o punho dela enrolado na fita até a boca.

— E eu sou seu — ele disse, os lábios se movendo contra os nós dos dedos.

— Caçadores — Clara gritou. — Farejem suas donzelas.

Presas no olhar cativante de Jasper, Ada congelou enquanto ele percorria a ponta do nariz do seu pulso até o braço, até roçar sobre o ombro sensível. Um gemido escapou dos lábios dela ao chegar no lugar íntimo abaixo da sua orelha. Uma simples e áspera lambida da língua e calor inundou entre as pernas dela. Ele afagou seu cabelo, murmurando baixinho só para os ouvidos dela:

— Só para saber, não preciso fazer isso. Seu cheiro está gravado no meu coração. Vou te encontrar para onde quer que corra.

Ela lambeu os lábios. Maldita seja, mas estava pronta para isso. Ele afagou mais perto, unindo os corpos.

— Vou até te dar uma chance e não vou me transformar.

— Que generoso da sua parte. — A palma dela pousou no peito dele, e acariciou sobre as cicatrizes elevadas, encontrando prazer na sensação tátil escorregadia e aveludada. Deus, ela já não podia parar de tocá-lo. Esse elixir, aguçava todos os sentidos.

Uma olhadinha sobre o ombro mostrou outros casais se conhecendo com interações mal contidas. Dedos no cabelo, narizes na pele, olhos cheio de ansiedade contida.

Jasper sorriu contra o ombro dela.

— É por motivos completamente egoístas. Quero que isso dure.

O uivo assombroso de um lobo por perto fez as sprites da floresta levantarem voo, criando um turbilhão de luzes brilhando como estrelas cadentes embriagadas. Era mágico, e conectou com aquela parte da alma de Ada que amava a natureza. Sim... ela poderia pertencer a este lugar.

Jasper soltou a fita da mão de Ada até segurar tudo, e aí se afastou com um olhar travesso.

Clara falou enquanto os caçadores amarravam as fitas das donzelas em volta dos bíceps.

— Donzelas, seu primeiro e único aviso: não saiam muito da trilha, pois tem criaturas cheias de desejo na floresta, apenas aguardando nas sombras. Não somos os únicos fae inspirados pela primavera. É temporada de acasalamento de wolpertinger. Tomem cuidado.

“Caçadores, não demorem a encontrar suas donzelas, e que a graça da Nascente ilumine seu caminho, abençoando a semente da alcateia

Darkfoot abundante para o corpo assim como é para a próxima colheita.”

Outro lobo uivou, dessa vez mais perto. Devagar, lobos emergiram entre os espectadores reunidos em volta da lagoa. Depois outro se juntou e mais um, até o coral ser ensurdecedor. Donzelas fugiram da lagoa, virando e vadeando para fora o mais rápido que podiam. Surpresa, Ada olhou para Jasper com expectativa. Ele se inclinou para frente, mostrou os dentes em um sorriso e rosnou:

— *Corra.*

Pulando com adrenalina, Ada vadeou o mais rápido que pôde para fora da lagoa e na direção que as outras donzelas fugiram. Era o lado oposto do jantar e das mesas. Não havia nada além de pedras, trilhas de terra e árvores altas se esticando para o brilhante céu noturno. Sprites brilhantes dançavam preguiçosas acima e partiram em todos os tipo de direção, como pequenos fogos de artifício, talvez para promover um pouco de direção para as donzelas.

Na margem, Ada ergueu o vestido ensopado, depois olhou sobre o ombro, encontrou o olhar de Jasper e mandou um beijo no ar em uma provocação ousada. A linha da mandíbula dele ficou tensa sob a máscara, e ela soube que estava cutucando a besta, mas foda-se. Estava se divertindo. Pela primeira vez em... Deus, não podia se lembrar. Podia ir com tudo. Só Deus sabia que o corpo estava disposto.

Dando dois passos de cada vez, escolheu o caminho sobre as pedras e depois correu com tudo por uma trilha de terra inclinada serpenteando pelas árvores. Correu, o coração em chamas, os pulmões ardendo, até chegar em uma divisão no caminho a apenas 15 metros de distância e parou. Três caminhos. O vermelho farfalhante do vestido de uma donzela foi pelo esquerdo, passos pisoteados pelo meio, e o escuro à direita tinha areia macia.

Mais uivos perfuraram o ar noturno. Os olhos de Ada se arregalaram e olhou sobre o ombro. De certo, era o sinal dos caçadores.

— Já? — Arquejou.

*Merda!*

— Venha comigo! — Prim emergiu das sombras e pegou a mão dela. — Conheço um esconderijo secreto.

Sem tempo a perder, Ada se permitiu ser arrastada pelo terceiro, e menos percorrido, caminho, e aí correram. Vento açoitou os cabelos, risada borbulhou nas línguas. Ada estava se divertindo tanto e o corpo zunia com muitas sensações distrativas que falhou em compreender por que Prim pegara sua mão para começar. De certo, essa cerimônia de combinação era algo pessoal com os parceiros combinados. Então, por que Prim estava ajudando-a?

Mais fundo no caminho correram, os pés ficando sujos, os rostos acumulando poeira. O som de água corrente ficou mais alto.

— Aqui — Prim ofegou ao chegarem em uma rocha. Ela contornou e puxou Ada junto com tanta urgência que o braço quase foi arrancado da articulação.

De repente, Ada não estava se divertindo. Cada passo e pulo cortava os pés descalços ao escorregar em pedras duras e areia ardente. Cada respiração era afiada e difícil de inalar. A garganta dela embargou. Puxou o braço de volta, mas Prim as manteve correndo.

— Para onde vamos, Prim?

— Só mais um pouquinho.

Irromperam pelas árvores e na margem de um rio estreito brilhando sob o luar. Ada puxou a mão para trás e se curvou para recuperar o fôlego. Tirou a máscara e jogou no chão.

— O que diabos está acontecendo? — arquejou entre suspiros.

Prim se abaixou para pegar a máscara e aí se endireitou com um olhar frio nos olhos.

— É mais difícil encontrar nosso cheiro depois de atravessarmos a água — explicou, depois deu um sorriso repentino. Não chegou aos olhos.

Alarmes de aviso soaram na cabeça de Ada.

— Estou bem para esperar aqui.

— Não deveríamos esperar, Ada. Deveríamos fazê-los suar. Pensei que tivesse dito que não queria facilitar para ele.

Ada olhou para o rio. Não era muito largo. Parecia fácil de atravessar, mas Clara avisou para não saírem muito do caminho, e Ada já encarara um wolpertinger na temporada de acasalamento. Não estava preparada para encarar outro. Ainda mais não em uma noite que deveria ser divertida. Falou isso para Prim, mas uma sombra lampejou na frente do rosto de Ada. Ergueu as mãos por instinto, mas falhou em se proteger.

Algo bateu do lado da sua cabeça. Cambaleou.

*Isso é estranho;* o punho de Prim estava pendurado de forma estranha ao lado dela, com uma pedra em mãos.

— Por que tem... — As palavras de Ada foram interrompidas com a visão do sangue na pedra de Prim.

Confusa, os dedos foram para a cabeça e saíram pegajosos com sangue. Grogue, Ada registrou o que aconteceu tarde demais. Com a ciência, dor explodiu no local do ferimento.

Prim balançou a pedra na cabeça de Ada.

Tudo escureceu.

CAPÍTULO  
**DEZESSETE**

Ada se ergueu da escuridão do subconsciente enquanto alguém movia seu corpo, puxando o vestido. Prim estava agachada sobre ela, mas se endireitou. Piscando, Ada olhou em volta. No momento que sua cabeça se moveu, dor surgiu, deixando-a tonta. Segurou a testa. Ainda estavam na margem do rio sob o luar. Sozinhas.

Lobos uivavam ao longe e o ritmo de tambores significava que não estavam longe da caverna Lupercal. Ou era o bater do coração da Ada, ficando mais alto e mais persistente a cada segundo.

Prim a golpeara na cabeça.

*Por quê?*

Ada olhou para baixo e descobriu algo que não fazia sentido. Agora usava o vestido vermelho, e não creme. *Prim* usava o vestido creme de Luperci. Estava sem máscara, e estava tirando o longo grampo de osso do cabelo, soltando o comprimento, e afofando as longas mechas douradas sobre os ombros.

— O que você fez, Prim?

Ela se sobressaltou, só agora percebendo que Ada estava acordada. Com lábios franzidos, abriu uma carranca.

— *Crimson*, Ada. Não deveria estar acordada tão rápido.

Ainda tonta, o cérebro de Ada não compreendia o que o coração sabia ser verdade. Chame-a de inocente, sem experiência, mas Ada nunca esperou que a única amiga nessa cidade a traísse. De certo, tinha que haver outra explicação. Precisava existir.

— Por quê? — perguntou de novo.

O rosto de Prim se contorceu.

— Não faz ideia de como é para mim, uma Baixo Fae. Esperei por essa chance há séculos. Todos agem como se fossemos melhores do que os humanos, mas ainda tem divisão entre as tribos, e divisão dentro das tribos. É cada fae por si. Mana é poder. No começo, esperei combinar com Sun, ele é o herdeiro alfa aparente, afinal. Mas aí Reed volta, e está desejando alguém com o mesmo cabelo que eu. Posso sentir o cheiro nele todas as vezes que você passa. E você nem ao menos o quer! — Os olhos dela ficaram desesperados. — Só me deixe tê-lo. Por uma noite.

— Mas não será uma noite, né?

Os lábios de Prim se curvaram. Um brilho lampejou nos dedos dela



ao se aproximar.

— Garota esperta. Claro que não. Com a criança da linha do Mithras crescendo no meu ventre, terão que me levar a sério. Não vou deixar que entre no meu caminho.

— E o quê? Vai fingir que é eu? — Ada riu. — Não tem jeito nenhum...

Prim atacou Ada, colocou as mãos na frente dela e a derrubou para trás no declive da margem do rio. Ada caiu pela lama escorregadia, gritando enquanto adagas de pedra cutucavam seu corpo até parar com um espirro, de cara no sedimento lamacento. Arquejou pela pontada na barriga.

— Sua vadia do caralho — engasgou. Raiva borbulhou na superfície. Os instintos de sobrevivência entraram em ação e virou para o lado, usando o joelho para se levantar.

A pontada na barriga virou uma ferroada quente, mas colocou um pé na frente do outro, fuzilando a loira colocando a máscara de meio-lobo de Ada. Prim ergueu o queixo e engoliu, encontrando o olhar cheio de ódio de Ada.

— Não deveria ter levantado, Ada.

Ela se virou e correu.

✦

QUANDO MAIS ADA se movia pela floresta sombria, mais confusa ficava. A barriga doía. A cabeça doía. Escuridão cercava sua visão. O estado de espírito fez os efeitos do elixir amoroso azedarem. Energia nervosa pulsava e arrastava em suas veias. Queria vomitar.

Inalando grandes ofegos de ar frio noturno, usou os troncos das árvores para encontrar o caminho de volta a trilha principal. Cambaleando para fora, olhou para a direita e para a esquerda. Onde estavam?

Visões de terror de Jasper e Prim unidos em uma paixão quente e nua lampejaram na frente dos seus olhos.

Ele saberia que não era Ada. Saberia.

Havia suas marcas abençoadas pela Nascente. O cheiro dela.

*Seu cheiro está gravado no meu coração.* Foi o que ele dissera. Mas por mais que ela tentasse, não podia lutar contra o pânico crescente roubando seus sentidos. Prim não era estúpida. Não arriscaria tudo se não pensasse que tinha uma chance. Se soubesse que poderia fazer Jasper se deitar com ela e a engravidar, estaria segura.

Era culpa de Ada? Se ela não tivesse agido com tanta reserva com Jasper, se tivesse aceitado sua reivindicação de serem parceiros em público, isso teria acontecido?

Ele tomara o elixir azul?

Ela não podia se lembrar.

Os tambores estavam ficando mais distantes? Ou parando?

Ada olhou para o céu, mas não pôde ver a lua. Onde estava?

Se arrastando para a direita. Olhou, não encontrou nada, mas forçou as orelhas em busca de mais.

Ali – entre os galhos – um lampejo de pele. Abaixou e fez uma careta quando a dor na barriga lancinou de forma excruciante. A mão foi para a fonte da dor e tocou em algo duro e instável. Com uma sensação crescente de pavor, os dedos se curvaram em uma haste. *Dói.*

Ela olhou para baixo prendendo o fôlego. O grampo de cabelo de osso de Prim sobressaía do lado da sua barriga. Sangue escorria sobre o vestido vermelho, escurecendo ainda mais. O chão inclinou. O estômago se revoltou.

E aí, fez algo que ela *sabia* que não devia fazer. Puxou o grampo com um grito contido. Sangue quente jorrou do ferimento até colocar a mão sobre ele.

Tola, garota, tola.

Ela podia se curar como curava os outros? Tentou chamar o dom, mas loucura anuviava o cérebro. O elixir. O ataque. O coração acelerado. A dor.

Foque.

*Não posso.*

Não era igual a curar outra pessoa. Esse era seu corpo para procurar, e parecia demais como a própria mente confusa.

*Encontre Jasper.*

Cambaleou em frente, os pés triturando folhas e galhos, mão na lateral do corpo, lutando para manter os olhos abertos.

Ali. Outro lampejo de pele na noite. Alguém. Mas ao se aproximar, pele se tornou carne e a carne se entrelaçou. Dois corpos nus se contorcendo, perdidos nos desejos da paixão, virando em um vestido de linho creme descartado.

Não.

As árvores se fecharam. Ada piscou e recuou, mas forçou o olhar turvo e febril de volta para uma olhada melhor. Cabelo escuro. Uma parede de costas largas e musculosas, contraídas com esforço. Bumbum tenso com pernas femininas em volta, calcanhares afundando enquanto ele estocava nela, grunhindo com paixão. Cabelo loiro na mulher. Olhos por trás de uma máscara lupina que encontraram o olhar de Ada sobre o ombro dele. O sorriso sórdido e desprezível de triunfo.

*Jasper?*

Como ele pôde? Ele prometeu. Ada ficou tonta. Bile subiu na boca. A loucura na mente cresceu com visões do passado, colidindo por trás dos olhos fechados – do abandono da mãe, dela voltando para casa um

dia, surpresa ao ver Ada. Tivera quase treze anos. — *Ah, está aqui. Esqueci de você!* — O namorado da mãe riu.

Ada enfiou as mãos nos olhos febris.

Ouviu a amiga dizendo que havia mais na vida do que se esconder das pessoas. Laurel ensinando-a a ler.

— *O que diz essa palavra? Soletre.*

— *I.R.M.Ã. Diz irmã.*

Ada aprendera a confiar. E Clarke e Laurel estiveram com Ada até o fim. Mas agora, essa confiança parecia tão vazia. O que Ada ganhou com isso? Abrira o coração para uma nova amizade, e Prim a traíra, tanto quanto Jasper.

Ada não ligava para a desculpa. Quer fosse o elixir azul que anuviara suas mentes, ou Jasper mentira e não podia sentir o cheiro de Ada com tanta distinção... ou talvez ele não ligasse. Não seria a primeira vez que alguém mentira para ela.

Uma sensação repentina e assoberbante de impotência atingiu Ada como uma onda, fazendo o chão se mover sob os pés.

*Preciso sair daqui.*

Rodopiou, segurando a barriga. Correu o máximo que pôde, as lágrimas ardendo os olhos, a dor no seu lado ardendo, até cair. Desmoronando, atingiu um tronco, cambaleou e deslizou para o chão. Respirações ofegantes se transformaram em grandes soluços. E todos os pensamentos tristes que tivera desde acordar nesta época culminaram em um lamento grande e horrível.

Pensara que seria diferente. Esperara que as pessoas fossem diferentes. Mas eram iguais. Quer agora, nesta época, ou há dois mil anos atrás. Só ligavam para si mesmos. Como Prim dissera, era cada fae por si. Deus, Ada queria as irmãs. Se pudesse vê-las mais uma vez.

## CAPÍTULO DEZOITO

Jasper caminhou pela floresta iluminada pelo luar, quebrando gravetos de galhos com um sorriso preguiçoso, pensando em como o beijo no ar de Ada desencadeara seus instintos de caça. O lobo rosnara para ele começar a perseguição mais cedo, não importava o protocolo, mas quando a segunda onda de uivos irrompeu das laterais, e os outros machos partiram – parara de supetão e sorria. Sabia o que esperava por ele. E era o beijo dos lábios carnudos e afundar entre as coxas macias dela.

Um gemido trêmulo de ansiedade o percorreu.

Daria tempo a ela para aceitar a ideia da união deles. Poderia estar brisando com devilixir, mas ele não estava, e sabia que depois que ela se distanciasse da brisa inicial, ela poderia pensar diferente. *Crimson*, Jasper pensava diferente. O antigo ele teria... antigo ele?

Os pensamentos falharam.

As marcas de maldição arderam como fogo em volta do seu pescoço, bloqueando seu reconhecimento. Fez uma careta, coçando com um lampejo de irritação. A dor da ignorância estava rápido se tornando pior do que a dor das memórias. Ao menos se soubesse o tipo de fae que não era, aí poderia trabalhar em ser o tipo que Ada precisava. O tipo que ela aceitaria como parceiro com alegria.

Sons de folhas farfalhando o impediram. Estivera tão distraído pelos pensamentos que não notara que entrou bem no meio da privacidade de um casal combinando, rolando nas folhas sob uma árvore coberta de musgo. O macho sentiu a aproximação e levantou com um rosnado territorial na direção de Jasper.

Jasper deu uma saudação casual e continuou andando, pegando distraído outro graveto de um arbusto de groselha antes de erguer para o nariz e respirar fundo. Ela passara por aqui. Satisfação desabrochou em seu peito.

*Estou chegando, Ada.*

A conexão os mantinha unidos. Podia *sentir-la* como um farol de calor – uma extensão de si – ecoando em silêncio em algum lugar à direita.

Fez um tsc leve ao perceber que ela saía do caminho.

— Ada travessa — resmungou para si.

Não aprendera a lição com o primeiro wolpertinger? Talvez

devesse brincar com ela, assustá-la e fingir ser a própria coisa contra qual foram alertados. Encontrou alguns galhos com forma de galhadas e os segurou, pretendendo usá-los como um disfarce de wolpertinger. Isso seria divertido.

Entretanto, falando sério, ela precisava ser marcada, antes cedo do que tarde. Era o único jeito que se sentiria satisfeito que outros homens a evitariam. Os dentes dele doeram, alongaram, prontos para a tarefa. O pau duro forçava contra as calças e se ajustou sutilmente para ficar confortável.

Múltiplos cheiros de excitação colidiram no vento. Caçadores haviam pegado suas presas. Cada célula no seu corpo gritava para que pegasse a sua.

*Tem a noite toda. Relaxe.*

Forçou a tensão a se dispersar, mas o cheiro almiscarado continuava a levar seu lobo interior ao frenesi. Fae em todos os lados estavam engajados em atividades lascivas. Como deveria ser no Lupercália.

Um grito marcou o vento. Parou, inclinou a cabeça e eriçou as orelhas.

Isso foi...?

Ada? Não. Não podia ser. Balançou a cabeça e continuou andando, mas foi incapaz de evitar que os pés se movessem mais rápido. O coração dele acelerou. Seguiu o *ping* da conexão do elo, garantindo seguir a direção onde parecia mais forte. Mas os lamentos suaves de uma mulher chorando fez todos os pelos na sua nuca eriçarem.

Vinham de fora do caminho, mais fundo na floresta, perto do rio.

Alarme o percorreu. O primeiro pensamento foi sobre as criaturas pervertidas pelo mana que visitavam a floresta. Lutara contra elas um dia – *um ardor no pescoço*. Sibilou um xingamento, odiando que falhou em descobrir se esse lamento era amigo ou inimigo. Algumas das suas memórias voltaram. Algumas ficaram trancadas atrás de um portão, e era impossível descobrir quanto faltava.

A conexão abençoada pela Nascente estava fraca. Parecia mais longe do que a mulher chorando.

Wolpertingers não faziam esse som. Talvez fosse a Mulher Branca? Se fosse, a fae Unseelie saiu do seu território. Conhecida por lamentar e clamar por ajuda, a Mulher Branca atraía homens para sua teia, sob o glamour de uma linda donzela perdida, mas era um monstro inseto de proporções nojentas. Comia as cabeças dos parceiros, enquanto ainda acasalava com eles.

Uma memória sombria do canto da sua mente tentou surgir, mas o corpo se revoltou com horror. Balançou a cabeça. Agora não. Não outro flashback.

— Clarke... Laurel... — Mais soluções.

Aqueles nomes pareciam familiares. A voz era familiar. Passou pelas árvores, urgência o incitando em frente.

E aí, ele a encontrou. Os galhos caíram de suas mãos. O coração foi arrancado do peito. *Ada*. Ferida. No chão e coberta de lama. Não mais usando o creme no qual a deixara, mas o vermelho de uma donzela.

Com certeza era ela. As marcas abençoadas pela Nascente manchadas de lama no braço dela clamavam pelas dele. Correu para seu lado, caiu de joelhos e sentiu seu mundo se partir.

— Amor — falou e segurou o rosto dela. Pendeu no seu toque, sem força, suado e fraco. — *Ada*? Sou eu. O que aconteceu?

Ela gemeu e moveu a cabeça, apertando os olhos fechados. Suor cobriu a pele pálida. Por que estava tão pálida? Comeria algo? Ela...? O olhar dele encontrou as mãos dela apertando a lateral do corpo. Sangue. Sangue com cheiro de cobre agridoce escorrendo do corpo dela. Como não sentira o cheiro?

Um rosnado dilacerou dele quando percebeu como a caçada o deixara distraído. Procurou nos arredores por um inimigo, mas só ouviu os gemidos e sons de amantes sob o vento sussurrante. Um corvo grasnou em algum lugar acima. O borbulhar leve de água corrente filtrou do rio próximo.

Ele a ergueu nos braços e a carregou o mais rápido que pôde pelo rio. A água corria límpida. Serviria.

Ele a colocou com cuidado na margem íngreme, deixando as pernas dela soltas na água, esperando que a temperatura a acordasse. Sob o luar, sangue escuro se misturou na água e foi carregado para longe com a correnteza, lembrando-o da fita no começo da noite.

Ela gemeu com um protesto e tentou afastá-lo com um tapa.

— Não... Quero *Laurel*.

— É a sua mãe? — perguntou, o coração doendo.

— Não — balbuciou, fazendo uma careta embriagada. Os olhos focaram nele enquanto jogava água no ferimento e tentava afastar os dedos dela. *Maldito-Poço*, o ferimento era profundo. Cobriu com a mão. Traição lancinou pela conexão como pimenta. O rosto dela ficou bravo. Ela o afastou.

— Não ouse me tocar — ela sibilou, e aí caiu de costas, ofegante, como se o rompante tivesse usado toda sua energia.

O coração dele se dilacerou um pouquinho mais.

— O que aconteceu, *Ada*?

— *Você*... — ela disse entredentes. — Estava com *ela*! Eu vi vocês.

— Quem?

— Nunca deveria ter confiado em você. Nunca deveria ter abaixado a guarda. — Tentou se afastar dele. — Mas sou uma sobrevivente. Não preciso de você, babaca. São todos iguais.

— Quem foi, *Ada*? — Não podia esconder o rosnado na voz.

— Você sabe quem! — A voz dela falhou ao lutar para se aproximar e mostrar os dentes.

Jasper ficou chocado demais para responder. Todo o esforço no corpo dela desapareceu, e desabou no chão. A cabeça pousou com força na margem lamacenta. Fez uma careta, segurou o fôlego, apertou os olhos bem fechados.

— Não preciso de você — ela disse. — Não preciso.

— Não sei quem você viu, mas não era eu. Estava enrolando para chegar a você. Quem quer que tenha visto, não era eu.

Esticou o braço para ela de novo, para estancar o sangue, mas ela recuou.

— Ada — repreendeu. — Sua mente está te enganando.

Colocou as mãos nos bolsos e pegou as groselhas.

— Viu? — Ofereceu para ela. — Groselha. Não são frutinhas de mana. Também não tomei o devilixir. Queria estar com a cabeça limpa para isso. Por você.

Um lampejo de dúvida entrou no olhar dela. Foi o suficiente para fazê-la pausar. Usou a oportunidade para empurrá-la de leve para baixo e depois colocar pressão no ferimento dela. Os olhos dela reviraram, e visivelmente forçou a atenção de volta para ele.

— Por que não está se curando? — exigiu, exasperado. A pele dela estava fria. Sangue demais escapara.

Parou com uma compreensão que fez medo percorrer sua coluna. Quando a estava rastreando, a conexão do elo deles parecia fraca. Pensara que era porque ela estava mais longe do que supôs, mas era outra coisa. A luz dela estava diminuindo.

Ada estava morrendo.

Pânico punccionou seus pulmões como as garras de um inimigo. Não. Ela não iria morrer. Não permitira. Ele precisava dela. Abriu o controle sobre suas emoções e deixou que ela sentisse.

Confusão marcou a expressão dela – choque, admiração e... alívio. Os cílios se ergueram enquanto seus olhares se encontravam. Uma lágrima brilhou. Escorreu pela linha dos cílios e aí transbordou sobre a bochecha antes de se juntar a lama na margem abaixo.

— Está dizendo a verdade — murmurou. — Não era você. Posso sentir.

As feições dele ficaram tensas e colocou toda a determinação que pôde no olhar, esperando que ela pudesse ver e sentir a verdade das próximas palavras.

— Eu *nunca* a deixaria. Compreende? Sempre vou te encontrar. — Silêncio. Nada. As pálpebras dela farfalharam, baixas. — Ada — engasgou, balançando-a com cuidado. — Você é o motivo que ainda respiro. Sua voz me chama dos lugares mais sombrios. Não... não posso viver sem você. Agora, foque! Se cure! — Pegou as mãos dela e

as colocou sobre o ferimento, e aí as cobriu com as dele. — Se cure!

— Não consigo focar. — A cabeça dela se moveu. — Estou muito anuviada. Eu tentei. Preciso de mais treinamento... não sou boa o suficiente.

— Eu me recuso a acreditar nisso. É a única pessoa na história de Elphyne que removeu uma maldição. E aprendeu tudo isso por intuição, por compaixão. Se pode fazer isso, por mim... por mais quebrado que eu seja... então pode se curar. É perfeita do jeito que é.

— Elogios... — resmungou, cansada demais para terminar.

— Como procura um ferimento quando cura outra pessoa?

— Eu sinto — suspirou. — Escuto mudanças... mas não posso ouvir.

— Então use minha voz — ele disse. — Deixe que a guie assim como a sua me guiou.

— Jasper...

— Você não vai morrer hoje, Ada — ele declarou. — Agora, escute minha voz. — Desacelerou. — Deixe que te acalme. Deixe que te tranquilize. Concentre-se Sinta. Sinta nossa conexão. Somos iguais. Estamos conectados. Comece ali, depois flua de volta para o seu corpo. Entendeu?

Uma careta. Um encontro de sobrancelhas delicadas. E aí, um aceno.

— Eu te sinto — sussurrou, tremendo.

Os lábios dela estavam tão azuis.

— Continue. Puxe de mim. Use minha energia.

Os lábios dela se abriram conforme a primeira onda do mana dele foi empurrada para ela. As pálpebras dele se abaixaram com a onda pela conexão. Sabia como era puxar o mana dela, mas isso era o contrário. Vazou dele com uma força impressionante até os dedos dela esquentarem sob seu toque. A vazão do mana diminuiu. Entrou em pânico, pensando que ela tivesse desistido, mas quando olhou para baixo, a cor da sua tez retornara.

Ele ergueu os dedos trêmulos do ferimento. Nada mais de sangue escorrendo.

— Ada?

As pálpebras dela farfalharam.

— Amor?

Ela abriu os olhos. Desejo puro brilhou nas profundezas do olhar límpido, não mais anuviado pelo ferimento. A mudança nela foi notável. O olhar desviou para os lábios rosados, e uma onda de luxúria o seguiu pela conexão, se enrolando pelos sentidos dele, trazendo-os de volta à vida.

— Ada?

A garota confusa e temerosa desapareceu.



A mulher que ficou de quatro devagar e aí avançou na direção dele era pura confiança e, presumidamente, cem por cento curada. Água lamacenta espirrou conforme ela se aproximava. Ele lavou as mãos na água.

— Deu certo? — perguntou com cuidado.

Ela assentiu, um pequeno sorriso nos lábios enquanto subia no colo dele, o empurrando para se apoiar nas mãos.

— Deu certo — ela disse rouca, e depois lambeu o lábio inferior dele antes de chupá-lo entre os dentes.

Ele gemeu, os olhos farfalhando, o corpo ficando duro com desejo. Tudo o que sentira antes de encontrá-la voltou com tudo como se nunca tivesse desaparecido. Sem poder evitar, ele avançou com os lábios, deixando o beijo mais intenso.

— Ada — avisou. — Você quase morreu.

— E aí, não morri. — Mordiscou a mandíbula dele. Lambeu o pescoço. Chupou o pomo de Adão.

Ele inclinou a cabeça para trás para dar mais espaço.

— Está coberta por lama e sangue.

— Quem liga?

— É o devilixir ainda no seu organismo. Pode demorar horas para passar. Pega leve.

— Aham. — Ela não ligou, já se esfregando no colo dele, fazendo o pau enrijecer e pressionar contras as calças molhadas, exigindo que Jasper abandonasse as inibições.

Mas não se aproveitaria dela. Ela significava muito para ele. Segurou os ombros dela e a empurrou com cuidado para trás. Ela resistiu, lambendo o ar entre eles.

— Alguém tentou matá-la esta noite — rosnou, odiando como soava como alguém de índole fraca. *Crimson*, ele não era um hedonista tão grande, era? Que não podia separar o sexo de... ela mordeu a orelha dele, lambendo o lobo, e ele esqueceu. O que estava pensando?

— Preciso de você — ela gemeu. — Não é só o elixir. Preciso *sentir* você. Saber que está aqui. Que é *meu*.

A testa dele franziu. Quando a encontrara, ela falara delirante, acusando-o de estar com outra pessoa.

Ela afundou os dedos no cabelo dele e apertou com força, fazendo uma pontada de dor faiscar nas raízes. Adrenalina e desejo o percorreram e agora não podia dizer de quem era o que. O corpo endureceu com desejo. Os dentes alongaram, prontos para reivindicar. Para marcar.

Ela dissera que ele era dela.

*Você é meu.*

Ela dissera.

*É o elixir, seu babaca.*

Não era ele que ela queria. Era o feitiço de Lupercália. Amanhã isso teria terminado. Mas ela estivera de acordo com isso no começo, né? Quisera esta noite. Beijara o ar na direção dele. Concordara com isso... mais ou menos.

Ele a segurou sob os braços e a moveu para as costas até poder encontrar seu olhar febril.

— Sei exatamente o que estou fazendo — ela insistiu, em uma voz sedutora que fez o pau dele se mover ansioso.

*Maldito seja ele para os Minhocopoços.*

— Fala isso agora... — Fez uma careta. Ela estivera tão vulnerável antes. Chorara e soluçara. Nunca a vira soltar uma lágrima na semana que a conhecera. Odiou vê-la tão chateada, tão quebrada.

Ela devia ser uma bruxa, uma leitora de mentes, ou uma Vidente, porque suas próximas palavras saíram direto dos lugares sombrios que ele tinha certeza que mantivera presos.

— Quer cuidar de mim? — ela perguntou.

*Porra*, sim, ele queria cuidar dela. Pelo resto das vidas deles. Deve ter visto no rosto dele, porque suas feições suavizaram. Uma onda de emoção brilhou nos olhos dela, e aí a sedutora estava de volta, com calor ardente.

Colocou os dedos nas coxas e puxou o vestido em um arrastar lento provocante para revelar as panturrilhas, joelhos, depois coxas, sem desviar o olhar.

Havia outra coisa naquele olhar, algo além do desafio sexual. Estivera certa. Ela precisava dele. Isso ia além da luxúria. Era primal, um desejo primitivo por conexão e conforto. O mesmo desejo que contornavam desde que se viram pela primeira vez. Continuou a arrastar o vestido. Mais e mais alto foi o tecido, revelando pele tão macia que a boca dele salivou por uma prova. Mas ele não podia olhar para baixo. Se olhasse, nada o conteria.

— Então, cuide de mim — ela desafiou.

## CAPÍTULO DEZENOVE

Olhos âmbar lampejaram dourados. Foi tudo o que Ada viu antes de roçar as palmas sobre suas coxas, removendo as amarras finais do vestido. Testou o abdômen curado, cutucando a pele com os dedos. Ferveu os sentidos dela. Gemeu e arqueou contra ele. Respondeu com um som frustrado contido, e aí afundou o rosto entre as pernas dela, se deleitando na junção sensível entre suas pernas. Ela se contorceu e mexeu, tão cheia de sensação que temeu que a pele fosse flutuar.

— Jesus — arquejou conforme ele afastava a calcinha e a lambia bem no meio.

Gemeu contra a pele, beijou a parte interna da coxa e aí enganchou os dedos na calcinha, puxando-a pelas pernas dela. Quando voltou, não parou para respirar. A língua a estimulou com uma fome voraz, girando e explorando como se ele fosse feito de magia. Era divino demais, excitante demais, intenso demais.

Ela se contorceu. Ele rosnou com desaprovação, espalmou a barriga dela e a segurou. Depois voltou a se esbaldar nela, arrancando lamentos agudos de prazer, gemidos impotentes e arquejos por ar.

Havia pouco que Ada podia fazer além de enrolar os dedos no cabelo dele, se submetendo a força do seu prazer até tudo dentro dela ficar tenso. *Muito rápido. Demais.* Segurou o cabelo dele, inclinou a cabeça para trás, arqueou contra ele e gritou seu orgasmo trêmulo.

Ofegando, tentando colocar as estrelas em foco e descobrir o que diabos acabara de acontecer – ela estava em pedaços – ficou ciente do homem de sangue quente subindo pelo seu corpo com olhos cercados por cílios escuros e pálpebras pesadas. Ele a afagou, esfregando a bochecha com barba por fazer contra a mandíbula dela, movendo os quadris devagar contra os dela, pressionando a ereção na pele sensível entre suas coxas. Se não fosse pelas calças, estaria dentro dela, não tinha dúvidas.

— Olha o que me fez fazer — reclamou, beijando o pescoço dela.

Os dedos dele percorreram a frente do seu torso, subindo pela cintura, polegares roçando contra o volume dos seios, incitando mais sensações lânguidas do corpo desejoso.

— Ada — murmurou contra sua pele, um toque de melancolia. — Queria esperar até que você estivesse melhor, mas me fez *desejar*. — Outro rosnado. Mordiscou sua clavícula, e ela arquejou. — Você me

faz perder todos os sentidos.

Ainda incapaz de formar palavras, os dedos fracos desceram pela cabeça dele.

— Eu... *Jesus*. Só me dê um minuto. Estou reaprendendo a formar palavras.

A risada ressoou por ele. Parou com dentes afiados no pescoço dela. Ficou tão silencioso que Ada pensou, talvez, que tivesse dormido. O que não fazia sentido. Ele não... terminou, né?

— Jasper? — sussurrou. — Você vai... sabe?

Só dê um minuto a ela e estaria pronta para mais uma.

Ele se afastou e deu um sorriso lânguido e presunçoso.

— Não, meu amor. Quando a reivindicar, vou marcá-la, e quero que você esteja em pleno controle dos seus sentidos. Vai me implorar por isso. E vai se lembrar com uma claridade chocante. Eu me recuso a fazer isso de outro jeito.

O coração de Ada palpitou. Esqueceu de respirar. Ele dissera, *meu amor*. Foi uma figura de linguagem? Ou...?

— Implorar? — Ela ergueu uma sobrancelha. — Ah, é?

Os lábios dele pousaram nos dela com um gemido gutural. Todos os pensamentos desapareceram da sua mente na hora. Ela se perdeu no sabor picante e na tortura da língua sórdida enquanto ele desvendava e penetrava sua boca com intenção proprietária. Ah, Deus. Estava certo. Ela imploraria. Por que esperara tanto por isso?

Quando ele se afastou, ela seguiu seus lábios e tentou reivindicar mais. Ele lhe deu um sorriso presunçoso que revelou o quão bem pensava que cuidara dela, e quanto mais ele fantasiava. Mas aí ele se levantou da margem antes de erguê-la nos braços e se levantar. Se sentindo muito como uma donzela em perigo, ela segurou o pescoço dele enquanto a carregava.

Ele sorriu com um ardor mal contido que prometia que mais coisas sórdidas viriam. Segurou o olhar dela enquanto o polegar roçava na parte interna da coxa dela e aí roçou sobre o volume sensível da sua pele íntima, provocando-a. Ela se contorceu com um arquejo. Com o vestido embolado e pendurado, e sem calcinha, o ar frio ia direto para o núcleo úmido, fazendo-a desejar deliciosamente por mais.

— Me solte — insisti, a voz ainda rouca. — Vamos terminar isso.

Diversão evaporou da expressão dele, e as linhas firmes retornaram.

— Alguém tentou matá-la. Vou te carregar.

— Sério, estou bem.

— Ainda vou te carregar.

— O caminho todo de volta? Terminamos? — Ela fez beicinho.

— Sim.

— Mas eu me sinto ótima.

— Não discuta — ele grunhiu. — Ou vou virar você sobre meu ombro e te dar uma palmada.

Ela se contorceu com o pensamento e ele riu.

— Talvez você gostaria demais disso.

— Cale a boca — reclamou com um sorriso.

Uma gargalhada explodiu dele, ressoando pela conexão e o coração dela palpitou com a visão. Uma onda de endorfinas quebrou por ela, apenas de vê-lo sorrir. Era perfeito. De partir o coração.

Ele a moveu e saiu da margem do rio com um caminhar convencido que a fez pensar no gato que pegou o rato. Mas, atrás deles, de volta no rio, luz azul brilhante chamou a atenção dela. Por um segundo, pensou que era apenas o reflexo das marcas dos braços deles, mas isso era diferente. Saía do rio. Ela parou.

— O que é isso? — perguntou.

Jasper pressentiu ao mesmo tempo. Um silêncio mortal entrou na sua postura. Nem mesmo a bufada do seu hálito podia ser ouvido enquanto virava e os dois encaravam o lugar azul.

Ada sabia exatamente o que era – a mesma coisa que vira na fonte no dia que acordara nesta época. Alguém estava espionando eles.

Quanto ouviram?

Com a mão apertando-a, Jasper se aproximou. Conforme a cena dentro da luz azul entrava em foco, Ada arquejou. Era o Rei de cabelo dourado e o companheiro sombrio de capuz. Sentados, assistindo e ouvindo.

A mandíbula do Rei endureceu quando o olhar pousou em Jasper. Uma mão cheia de joias apareceu perto da mandíbula, se mexendo. Algo sombrio e cheio de ódio lampejou nos olhos dele antes de abafar sob uma máscara de realeza pomposa.

— Foi um belo show que você deu, meu filho. — O Rei sorriu enquanto os olhos se moviam para Ada. — Ou foi o seu show, Primrose?

A respiração de Ada falhou. Jasper ficou tenso ao ponto de endurecer. Ele a puxou mais firme contra sua frente.

— Ele não pôde nos ver — murmurou para Ada. — Precisamos estar bem na frente da conexão.

Tipo agora.

Mas ele os *ouvira*? E pensou que o nome dela era Primrose? Uma sensação nojenta a percorreu com a ideia desse homem cruel e libidinoso ouvir o momento íntimo deles. Tudo isso fora uma armadilha? Foi por isso que Prim machucara Ada?

Os olhos do Rei se moveram para Ada, e aquela sensação nojenta aumentou enquanto a observava. O olhar dele desviou para as marcas azuis abençoadas pela Nascente do braços dela antes de pousar de volta no rosto dela.

— Você não é Primrose.

Ada achava que Jasper não podia apertá-la mais, mas apertou. Os olhos do Rei lampejaram com surpresa.

— Devo dizer — disse para Jasper. — Parece muito bem para alguém que deveria estar morto.

O desgosto velado no tom fez o companheiro encapuzado ao lado dele se mover com desconforto.

— Ele deveria estar morto — a figura encapuzada disse. — Ninguém sobrevive a mordida do ponaturi.

O olhar afiado do Rei pousou em Ada de novo.

— Quem é você?

A figura encapuzada se aproximou. Ada vislumbrou um nariz quebrado e lábios finos.

— Não é a mesma mulher — ele confirmou, de novo, falando com o companheiro como se não ligasse se fossem ouvidos.

Só alguém tão convencido ou embriagado pelo poder acreditaria que é intocável.

— Mas ela não é qualquer uma, é? — O Rei apontou para as marcas abençoadas pela Nascente de Ada, e depois para o pescoço de Jasper. — Olhe para as marcas da maldição dele.

— Metade desapareceu.

Os lábios do Rei Mithras franziram.

— Outra impossibilidade, você me garantiu.

— Eu... não sei o que dizer.

— Está claro que é uma delas... essas humanas capazes de mana do antigo mundo. Quero ela. — Mithras bateu a palma com um tapa forte.

O barulho tirou Jasper do torpor. Ele os virou, escondendo Ada dos olhos do Rei, e aí chutou a conexão azul na água, deslocando e interrompendo a conexão. Quando Ada olhou em seguida, o brilho desapareceu. Só a água borbulhante do rio permanecia e o som de Jasper ofegante enquanto lutava para recuperar o fôlego.

— Ei. — Ela colocou a mão sobre o coração selvagem dele. — Você está bem?

Uma besta enjaulada encarou dos olhos âmbar.

— Ele sabe — Jasper rosnou, chocado. — Ele sabe.

— Que você está vivo?

O olhar dele colidiu com o dela.

— Ele sabe sobre você. O que você significa para mim. Virá por você. É o que ele faz.

Uma expressão de dor passou pelas feições dele. E aí Ada se viu depositada na margem gramada tão rápido que perdeu o fôlego e caiu de joelhos. Jasper caiu com força ao lado dela e colocou suas mãos no pescoço dele. Com a mandíbula cerrada, encontrou o olhar dela.

— Tire tudo.

— As marcas de maldição?

Ele assentiu.

— Está na hora. Preciso saber tudo sobre ele antes que ele ataque. Preciso saber como impedi-lo. *Agora*, Ada.

— Certo, certo. — A mente dela rodopiou. Certo. Esqueça a excitação indesejada ainda pulsando em suas veias pelo devilixir. Esqueça como ele acabara de colocar a boca entre suas pernas. Esqueça como o pai escutara o tempo todo. — Claro. — Mas... — E se ele entreouvir de novo?

Jasper abriu uma carranca.

— Ele não ousaria. Além do mais, ele sabe que a conexão funciona pros dois lados. Como se parente de sangue, posso procurá-lo. Ele não estará nem perto da água agora. Faça, Ada.

*Posso fazer isso.*

Se ela pôde focar o suficiente enquanto quase morria, então poderia fazer isso. Com um suspiro profundo, deixou a respiração exalar sobre a língua, pelos lábios e não pensou em nada mais até a próxima inspiração. Ela se acalmou a força e se concentrou na energia borbulhando dentro dela. Quando Jasper a disse para usar a conexão como uma ancora, funcionara. Pôde sentir a diferença entre aquele poder comparado com as sensações no resto do corpo dela. Isso era *mana* – a força vital da Nascente. Era disso que seu poder vinha. Ela alcançou-o com seu terceiro olho. Reagiu ao seu chamado, como um velho amigo, uma entidade separada. Poder transbordou dentro dela, mais rápido do que jamais antes.

Colocou a mão sobre os limites das marcas de maldição azuis, deslizou o mana por baixo, e começou a arrancá-las do corpo dele. Ficou tenso, a mandíbula tensionando, mas não reclamou.

Doía, ela sabia.

Sempre o machucava. Ele tentou esconder o fato, mesmo depois de uma hora de agonia contida, mas o controle nas suas emoções escorregou. Os olhos enrugaram. Os lábios apertaram. E um fio de tormento lancinou pela conexão.

Ada afastou os dedos, mas ele segurou seu pulso. Olhos como granito prenderam nela.

O uivo assombroso de um lobo distante chamou, arrancando arrepios sobre a pele de Ada e Jasper. Os olhares se encontraram. A lua descera. Os pássaros da manhã acordaram e chilrearam o aviso do sol que se aproximava.

— Lupercália acabou — Jasper murmurou. — É tudo o que significa.

Mais uivos se juntaram ao primeiro.

— Continue — rosnou.

Ela colocou a mão sobre a marca dele de uma parceria abençoada pela Nascente.

— Compartilhe comigo — ela disse. — Me deixe sentir sua dor para que não fique sozinho.

O pomo de Adão de Jasper se moveu enquanto engolia. A mão subiu para a mandíbula dela. Pressionou os lábios nos dela, respirando fundo pelo nariz. Quando se afastou, uma onda de emoção ecoou no seu olhar. Foi o único aviso antes de dar um aceno curto e abrir as comportas.

Uma parede sólida de dor colidiu com ela. Precisou de toda determinação de Ada para se impedir de reagir visivelmente, mas os cacos de vidro quebrados rasgando seu âmago eram quase demais para suportar. Depois de algumas respirações forçadas, ela deu um beijo rápido na ponta do nariz dele e continuou a arrancar a maldição.

Longos minutos passaram.

O processo inteiro durou quase duas horas. Às vezes, ela puxava um pedaço e ela hesitava, o olhar se voltando para dentro com memórias recuperadas se libertando das alcovas sombrias da mente dele. Às vezes, a dor diminuía pela conexão. Às vezes, ele ofegava como Lake fizera quando estava ferido e na forma de lobo. Às vezes, a dor se transformava em momentos efêmeros de alegria, fazendo os olhos dela marejarem. Mas uma coisa permanecia constante – quando mais longe ia, mais memórias eram reveladas, e uma fúria efervescente lenta o tomava como uma avalanche se aproximando, ameaçando cobri-los por completo.

— Última. — Arrancou a última marca azul gelatinosa. Deslizou com uma falta de resistência surpreendente.

Quando terminou, ela se sentou, incerta sobre o que dizer.

Jasper se tornou um homem diferente. Antes, fora leve, quase despreocupado. Mas com o levantar do seu corpo se desdobrando, um halo de violência envolveu sua silhueta. Flexionou as mãos. Músculos nos braços e costas contraíram e relaxaram. Veias pulsaram com fúria.

— Jasper? — sussurrou hesitante.

Sobrancelhas escuras se uniram enquanto estudava as mãos, virando-as de um lado para o outro. E aí, seu olhar percorreu os braços, observando-os de todos os lados. Flexionou as mãos de novo. Dessa vez, uma onda de poder estalou o ar. Ada sentiu o gosto de eletricidade na língua e os pelos nos braços eriçaram. Ele esticou a mão aberta para o rio. Água jorrou em um gêiser direto para o céu. Abaixou a mão, e a água seguiu, caindo com um grande borrito.

Ada pulou para trás. O coração de Ada subiu na garganta. O que diabos ele fizera... moveu a água?

— Ele tirou minhas tatuagens — resmungou, testa franzindo de novo. — Cloud vai ficar puto.



— Tatuagens?

— Cobriam a maior parte do meu corpo. Alguns fae as fazem para aumentar a conexão com a Nascente. Cloud é o Guardião que as colocou em mim. Demorou meses para criá-las, e ficou muito orgulhoso do resultado. Mithras usou aquele *flutuador* daquele Mago Sombrio para... — Balançou a cabeça, o corpo ficando tenso com fúria até que, enfim, inclinou a cabeça para trás e gritou para a lua, o corpo estremecendo com poder. O rugido dilacerou a noite, acordando as últimas criaturas do sono. Quando a última nota morreu na língua dele, saiu do rio na direção dela.

— Do que se lembra? — Ada perguntou.

— Tudo.

## CAPÍTULO VINTE

Jasper zanzou pela margem do rio, ainda tentando encontrar espaço na mente abarrotada para as memórias que foram empurradas para o lado por... *Crimson*... quanto tempo? Estivera vivendo oco, forçado a cometer atos desprezíveis para o prazer doentio do Rei por ao menos uma década. Talvez mais.

Imagens travaram na sua mente.

— *Você tem três jogos — Jasper disse para o jovem Guardião recruta, e apontou para os uniformes. — É responsável por lavá-los.*

*Thorne pousou o olhar fervilhante em Jasper.*

— *Dê o fora — ralhou.*

*Jasper gargalhou. O garoto era corajoso, admitiria isso. O fogo o serviria bem quando estivesse enfrentando um Manticore sem mana restante.*

— *Vá flutuar — Thorne rosnou outra vez, fúria crescendo para dominar o desespero.*

— *Já fui lá e fiz isso. Não durou. Assim como você.*

— *Então, o quê? Acha que somos iguais?*

*Agora espere só um segundo mal-fadado. O garoto era mais uma vítima do Rei Mithras – assim como ele. A sobranceira escura de Jasper se ergueu.*

— *Somos mais parecidos do que você pensa. Um dia, vai entender isso. Até lá, lave o uniforme, ou não. Não ligo. — O garoto abriu uma carranca e pareceu tanto com o primo de Jasper, Moon, da alcateia da sua mãe. Diferente do irmão, Sun, Moon sempre foi tão sério. Quando crianças, Sun e Jasper fizeram sua missão de vida atazanar Moon todas as vezes que pudessem. Uma pontada de compaixão atingiu Jasper. Tirou um pacotinho do bolso e esticou a mão para Thorne. — Aqui. É um pouco de mana-conha. Só não fume antes de treinar. O preceptor no comando não ficará feliz se aparecer chapado.*

*Thorne pegou o pacote, os olhos se arregalando com cautela nervosa como se Jasper tivesse acabado de entregar as chaves do cofre da Corte Invernal. Jasper sabia que aquele sorriso não duraria. O caminho à frente na Ordem era, com frequência, ingrato, brutal e implacável. Esse era o segundo da Alcateia Nightstalk que ele vira subir na hierarquia. Um, ele perdera. Não perderia esse também.*

— *É, sei que é um pouco novo, garoto, mas o treinamento vai te*

*endurecer. Fume com os amigos. Trabalhamos duro aqui, mas também festejamos com força. — Os olhos de Jasper brilharam com humor, mas o coração ficou pesado como chumbo. — Está entre familiares agora, Nightstalk. Descanse um pouco.*

Jasper balançou a cabeça. Descobrir as memórias era como sair de uma névoa sem saber que estivera perdido. Imaginou que seria o jeito que os humanos de Crystal City se sentiam na primeira vez que deixavam o ermo nevado deles e entravam na natureza verde e viçosa de Elphyne.

A vida agora estava cheia de tanta cor, escura e clara. O cérebro dele doía. Há poucas horas atrás, fora uma fração de si mesmo com apenas um punhado de conhecidos. Fez uma careta conforme rostos de amigos jorravam na sua mente. Ao menos, os chamara de amigo um dia. O que achariam dele agora?

O Quadro dos Doze – seus companheiros Guardiões. Dois deles eram metamorfos lobo, como ele. Rush estava vivo, não morto como Jasper temera. O filho de Rush, Thorne, havia reunido o quadro para resgatar Jasper das garras do Rei. Ele lembrava em pedaços. Houve um baile na Corte Estival. Thorne também infiltrara o Ringue e foi colocado para lutar contra Jasper.

*Mais fogo. Mais chammas. Mais calor. O rosto de Jasper queimava.*

*— Chega! — alguém rugiu.*

*Um grunhido feminino de esforço e as chammas foram apagadas. Durante um piscar de olhos, Jasper sentiu alívio, e aí a pele doeu. Mas... era uma dor diferente. Limpa. Ele piscou. Céu azul. Poeira. Uma multidão barulhenta. Sangue. Um metamorfo de cabelo prateado olhando feio para ele.*

*— Jasper. Sou eu. Porra, o que fizeram com você?*

*Dor em todo lugar. Jasper gemeu e forçou os olhos a focarem no homem – eu te conheço.*

*— Rush? — ele arquejou. — Rush. — Um choramingo. Todos os pecados de Jasper voltaram com tudo. Todos os fracassos. — Você veio. Você... Eu não mereço. Não mereço ser resgatado. Não quando eu te deixei... não quando... — Falhara em salvar Véda.*

*— Calma, Jasper. É o Thorne. Não Rush.*

*— Não. Não. Não. Não deveria tê-la deixado morrer. Véda. Estava grávida. Não era culpa dela. Deveria ter dito alguma coisa. Estivera temeroso demais para causar impacto. Um covarde.*

*— Jasper!*

*— Cuidei do seu filho, assim como pediu. Fiquei de olho nele para você. — Outro gemido. Mas foi o suficiente para substituir a mãe do menino? O pai? Um choramingo. — Por favor, não me odeie.*

Jasper teve dificuldade para respirar enquanto a vergonha quebrava por ele com a memória.

Depois de tudo, Thorne viera por ele. Não. Não foi apenas Thorne... a parceira dele também ajudara. A parceira humana *abençoada pela Nascente*. Laurel. Cabelo escuro, pele bronzeada, alta e atlética.

Mais peças do quebra cabeças se encaixaram.

Laurel tinha uma amiga ruiva chamada Clarke.

Depois de resgatarem Jasper do Rei, tinha uma garotinha – a filha de Rush, Jasper percebeu, surpreso – *Rush tinha uma filha!* – que arrastara Jasper para cima até um quarto onde uma linda mulher dormia. Ada. A garotinha dissera a ele que Ada precisava de um beijo para acordar. Ela a chamara de *Linda Adormecida*.

Os olhos de Jasper desviaram para Ada com surpresa. Estava parada ao lado de uma árvore, um olho desconfiado nele enquanto zanzava ao longo da margem do rio. Ela não gritara aqueles nomes quando estava à beira da morte? Ele tinha certeza que também mencionara os nomes mais cedo. Clarke e Laurel deviam ser amigas próximas da época de Ada.

Tudo estava se encaixando na mente dele. Fazia perfeito sentido.

Jasper parou quando outro pensamento surgiu com pavor.

Ada iria querer saber sobre as amigas. Mas... quanto mais pensava a respeito, mais lembrava que aquelas mulheres ficaram furiosas quando Jasper tirou Ada da casa dos Doze. Gritaram para ele se afastar dela. Enfiou as mãos nos olhos.

— *Linda Adormecida precisa de um beijo para acordar.*

*Olhou para a criança, fez uma careta, e aí olhou de volta para a mulher adormecida. A careta aumentou. Uma vontade inegável de ir até ela percorreu o corpo dele. Era como se algo o pressionasse.*

*Ele não sabia como, não sabia de nada, mas conhecia ela.*

*Então foi até ela. O mana dela cantava para o dele como uma sereia no mar, e como uma onda crescendo para encontrar a praia, o mana dele clamava de volta. Ele tocou o braço dela. Uma faísca de calor subiu pelo seu braço. Chamas azuis cobriram os dois, e aí ele ouviu um grito.*

*Atrás dele.*

*Uma mulher ruiva.*

— *Deixe ela em paz!*

*Passos soaram nas escadas. Pelo corredor. As pessoas que deveria conhecer irromperam no quarto, olhando feio para ele como se tivesse feito algo errado. Franziram o cenho para a mulher de cabelo dourado dele na cama. A que era inexplicavelmente ligada a ele. Queriam tirá-la dele.*

*Ela era dele. Minha.*

*Algo selvagem e feral dentro dele rosnou. As presas alongaram e um rosnado rasgou seus pulmões. Ele pegou a Linda Adormecida, a carregou nos braços e desejou desaparecer.*

Ele se transportara. Isso, por si só, era confuso. Fae costumavam

criar portais para atravessar e não se tornavam um. Havia algumas raras raças fae que se transportavam. Os Sluagh lampejavam pelo espaço. Os vampiros deslizavam pelas sombras. Mas um lobo nunca se transportara.

E a raiva da ruiva... nunca fizera sentido. Mas agora sabia por quê. As amigas de Ada sabiam que ele era o culpado pela excomunhão de Rush da Ordem. Mesmo que tivesse sido o filho de Rush que foi ao auxílio de Jasper, mesmo que Rush estivesse de volta na Ordem, e não amaldiçoado – existiria desavença entre eles. Tinha que existir.

Se as amigas mais próximas de Ada não aprovavam Jasper, qual chance ele teria de que ela aceitasse sua marca? Qual chance ele teria que ela ficasse com ele? Uma parte sombria dele gritava que era errado pensar que Ada era sua redenção, mas não podia evitar. Ele se ateve a noção com uma ganância obsessiva e irracional.

Não arriscaria que as amigas maculassem o relacionamento florescente, não quando ainda não a marcara. A união abençoada pela Nascente era nova demais. Seria o suficiente para mantê-la ao seu lado? *Que se dane a maldição.* O que estivera pensando? Deixando-a sem marca? É o que os metamorfos faziam. Marcavam as mulheres por proteção. Deveria ter feito isso imediatamente após o ataque do wolpertinger, com ou sem permissão dela.

Pânico desabrochou no peito dele.

E aí ela o teria odiado.

Apenas não podia arriscar perdê-la. Era importante demais. Não mentira quando disse que ela era o motivo que ele respirava.

Se as amigas dela contassem todas as coisas sombrias, covardes, horríveis...

— Jasper? — ela incitou.

Ele esfregou o rosto.

— Preciso de tempo para fazer sentido de tudo.

— Você está certo. Não posso imaginar a sensação. Deveríamos voltar para a pousada e só... sabe, ficarmos frios por alguns dias. Só Deus sabe que você precisa de um descanso.

A expressão de Ada suavizou ao se aproximar e perscrutar os olhos dele. Uma onda de compaixão calorosa fluiu pela conexão. Ele a segurou, a puxando para um abraço e a pressionado contra o peito.

Ele a surpreendera a se submeter. Ela o envolveu com os braços e aí relaxou contra seu corpo.

— Então... o que, agora? — murmurou.

*Não posso te perder.*

Ele colocou um sorriso no rosto e olhou para ela.

— Agora, vou te levar de volta para a pousada, encher a banheira e aí vou passar os próximos dias fazendo como você sugeriu. Mas não será frio. A pousada é aquecida.

Ela piscou por um segundo, depois irrompeu em risada. Iluminou o rosto dela em uma beleza que fez o coração dele palpitar.

Ela deu tapinhas no seu peito.

— *Frio* é só algo que costumávamos dizer no lugar de calmo, relaxado.

Ele deu um sorriso tenso.

— Minhas amigas teriam entendido.

Inclinou o queixo dela com o dedo.

— Sou seu amigo. Se precisar de alguém para brincar, pode ser comigo.

Ela levou os dedos para os lábios e depois os empurrou na direção dele com um suspiro. Foi uma mistura do sinal de obrigado e um beijo, e o momento que o toque pousou nele, soube que estava apaixonado por ela.

— Sinto saudades delas, só isso — ela murmurou.

Limpou a garganta e apontou para a floresta que levava até o caminho de volta para a cidade.

— Como gostaria de voltar? Uma caminhada, ou um portal?

— Portal? — Ela piscou.

— Bom, não exatamente um portal. — Ele fez uma careta, pensando em como levava Ada da casa do quadro e acabou na antiga cabana da família. Não passara por um portal, ele se *tornara* um portal. Foi a primeira vez que se teleportara. Mas tinha mais de três séculos de idade. Não era incomum que a Nascente apresentasse fae mais velhos com novas habilidades. Essa nova habilidade significava que a Nascente ainda o favorecia? Ou era algo que adquirira de Ada? O último era mais provável. Por que a Nascente continuaria a favorecer alguém como ele?

Fechou os olhos por um segundo contra o ataque de memórias sangrentas tentando escapar. A Nascente *havia* favorecido ele. Fazia pouco sentido.

— Quer saber? — ele disse. — Vamos caminhar. Seria uma pena desperdiçar o finzinho dessa noite linda. E se tropeçarmos em uma certa Baixa Fae loira, então ainda melhor para um pouco de retribuição.

— Não quer matá-la, quer? — Ada perguntou.

— Você está certa. Deveríamos questioná-la primeiro.

Ada parou.

— Ela pode ser uma pessoa ruim, mas decretar punição justificada é uma faca de dois gumes. Não tem uma lei, ou algo parecido com uma polícia?

— Polícia? — Ele a encarou. — Sou um Guardião. Estou acima da lei.

— Mas... — Uma pequena ruga surgiu entre as sobrancelhas dela.

Ele usou o punho para fazer um movimento circular sobre o coração.

— Vou alertar a alfa.

Ela pegou a mão dele, ainda sobre o coração.

— Você tem certeza que está bem?

— Prim te apunhalou. Não estou bem. — Raiva serpenteou pelo seu corpo. Talvez não deixaria Primrose para Clara. Talvez a visitasse no instante que Ada pegasse no sono.

Quando a mão apertou a dele, soube que a raiva devia ter extravasado para ela, então controlou em silêncio as emoções e colocou uma tampa na conexão. Desligou com pouco esforço. Ele se maravilhou em silêncio com a facilidade que a ação viera para ele. Maldição, ele se sentira tão impotente sob a maldição, nem ao menos percebera.

Vergonha, constrangimento e inadequação fervilharam e borbulharam sob a superfície do seu controle. Deu uma olhada para Ada, conferindo para ver se o controle na conexão falhara, mas estava com a cabeça inclinada para o céu, encantada com o novo dia.

O despontar da aurora coloria o céu em tons de rosa e refratava pela névoa serpenteando pela floresta coberta de musgo. O ar estava fresco, mas ele não estava com frio. Um olhar para ver se a pele dela estava arrepiada o disse que ela também não estava. O elixir devia estar mantendo o sangue dela quente.

Sprites da floresta farfalhavam sobre galhos de carvalhos nodosos enquanto pássaros cantantes variavam entre as árias matinais costumeiras e ralhar para as sprites que se aproximavam demais dos ninhos.

Natureza proveu a melodia para a jornada até em casa, e quando o som da cachoeira Lupercal anunciou sua proximidade, os dois estavam exaustos e prontos para dormir.

Mas mesmo sob os sentidos embotados da exaustão, Jasper pressentiu perigo. Puxou a mão de Ada até parar.

Um cheiro ferroso maculava o ar.

Fez uma careta conforme caía a ficha. Os lobos uivantes que ouvira horas atrás não eram o sinal do final de Lupercália. Estivera errado. Lupercália costumava durar mais. Os amantes poderiam ter encerrado, mas a comemoração e os foliões com frequência continuavam até altas horas da manhã seguinte. Deveria haver mais sons sobre a queda da cascata. As orelhas dele se eriçaram, se esforçando.

*Nada.*

Até mesmo os pássaros pararam.

Olhou para Ada.

— Tem algo errado.

— Outro ataque?

O sangue dele gelou enquanto a conversa do Rei filtrava de volta em fragmentos. Confundira Primrose com Ada, o que significava que Prim era uma espiã. Era provável que ela confirmara o metal acumulado para Mithras e causara o saque.

Quando Jasper interrompera a comunicação com Mithras no rio, o pai provavelmente convocara os soldados e abrira um portal direto para cá.

Aquela chamada terminara há horas atrás.

A mandíbula de Jasper ficou tensa. Avançou na direção da cachoeira, segurando a mão de Ada para mantê-la atrás de si.

O som de vidro quebrando fez garras surgirem das pontas dos seus dedos. A respiração de Ada falhou. Pensou que talvez a tivesse machucado, mas foi apenas surpresa. Apertou a mão e se recusou a olhar nos olhos dela. Com um puxão, os manteve em movimento.

Deixaram as árvores e se aproximaram da trilha levando ao topo da cascata, onde sangue manchava as pedras, se misturando com a lagoa sagrada, misturando a água e o sedimento azuis em um roxo escuro. Inclinado contra uma mesa virada, tirando comida do dente alongado com uma garra, estava o Rei usando trajes finos manchados de sangue. Uma espada cravejada pendia do quadril, sem uso e limpa.

Em carne e osso, foi um choque para a mente partida de Jasper. Imagens e sensações o bombardearam: A voz de Mithras quando matara a mãe de Jasper; o rosto contorcido e perfeitamente cruel quando observara o Mago Sombrio pintar as marcas de maldição atrozes no corpo dele.

Jasper apagou por um momento. Só por um segundo. Mas foi tempo o suficiente para atrasar em proteger Ada do resto da cena.

Ela gritou.

O Rei olhou para eles, e um sorriso lento e sinistro se abriu pelo repugnante rosto bonito que parecia tanto com o de Jasper, se não fosse pelo cabelo mais claro.

Bile ardeu o fundo da garganta de Jasper.

Em volta deles, espalhados pela gruta, estavam corpos mutilados dos seus familiares – da antiga alcateia – enquanto deitavam profanados e descartados. A fita do destino de um casal combinado estava pisoteada na lama, escura com sangue. A máscara que Helona usara, partida em dois. As maracas e flautas de pã da banda. Engoliu, os olhos desviando mais longe para encontrar a mão fria e morta de Halona espreitando sob a mesa, deitada em uma poça de sangue coagulado. Fora um massacre. Ninguém tivera chance no estado ébrio e festivo que estavam.

Alguns manabeeze finais pairaram preguiçosos sobre corpos antes de se dispersarem no céu.

Se Jasper tivesse chegado minutos mais cedo, talvez pudesse ter



salvado todos eles.

— Estava na hora de se juntar a nós — Mithras gritou, jovial. A voz ecoou pelas paredes da gruta. — Quase mandei um grupo de busca.

Nós?

O pelo nos braços de Jasper se eriçou conforme o Mago Sombrio descia pelos degraus de pedra que levavam até o vilarejo. Movimento nas árvores atrás de Jasper congelou seus pés no chão. Sem olhar, sentiu o cheiro deles. Soldados os cercavam por todos os lugares.

— Está pronto para conversar agora? — o Rei perguntou.

— Não tem conversa com você — Jasper respondeu. — Você é maluco.

O Rei deu de ombros, já entediado.

— Se não vier por vontade própria, então só vamos amaldiçoá-lo outra vez. Ou talvez será a máscara de ferro.

— E eu vou tirar — Ada gritou.

Parceira ousada, corajosa e linda. Atraiu a atenção do Rei, e isso era algo perigoso. Apertou a mão dela, o coração acelerado.

— É mesmo, humanazinha curandeira? — O olhar de Mithras a percorreu. — Ora, ora. É ainda melhor do que a anterior, não é?

Todos os instintos protetores de Jasper ganharam vida. Aconchegou Ada sob os braços e a manteve enjaulada contra sua frente.

— Por que eu iria com você? — Jasper disse para desviar a atenção do Rei de Ada. — Sei exatamente o que está planejando fazer comigo.

Enquanto estivera amaldiçoado e sob a influência do Rei no Palácio Estival, Jasper esteve a par de todos os planos dele e sonhos doentios. Mithras estava trabalhando com os humanos, dando metal e mana a eles em troca de conhecimento científico de como dominar a Alta Rainha Unseelie Maebh e os Sluagh comedores de alma. O foco de Mithras fora quase obsessivo. Mais de uma vez, Jasper ponderara em um torpor se o Rei estava sendo influenciado pelo conselheiro humano — Bones era o nome dele. Mas o conselheiro fora capturado pela Ordem, e o Rei ainda estava de conluio com os humanos.

Os súditos Seelie acreditavam que o líder destemido era o grande aventureiro que imigrara com eles do clima de Inverno, mas Jasper sabia a verdade. Era apenas um fae que morria de medo de perder o poder que conquistara. Jasper há muito suspeitara que Mithras tinha algo sobre Maebh, mas não havia prova.

O Rei se afastou da mesa e avançou na direção da base da cascata. Apoiou o pé em uma pedra e pousou o olhar em Ada.

— Sabe — gritou, estudando-a com mais atenção. — É um fato conhecido que ele fica com uma fêmea diferente a cada dia. Não será fiel a você.

Ada ficou tensa.

Jasper mostrou os dentes, incapaz de impedir que a vergonha esquentasse seu sangue. Era verdade. Assim como o pai, Jasper pulara de uma cama para a outra, sem nunca aquietar. Até agora.

— Venha até mim, humana. Seja minha noiva — o Rei ofereceu. — Poderia usar alguém com suas habilidades na família.

— Não tem uma noiva há séculos — Jasper ralhou. — Seduz e usa todas as mulheres que conhece antes de descartá-las como carne de segunda mastigada.

Os olhos de Mithras semicerraram para Jasper.

— Sua mãe saberia, não é mesmo?

Raiva fervilhou o sangue de Jasper e se perguntou se tinha mana suficiente combinado com Ada para fritar o pai onde ele estava. Se comandasse os elementos tão bem quanto alguns companheiros Guardiões...

Os olhos de Jasper focaram na água atrás do Rei, borbulhando na lagoa e escorrendo pela cascata. Poderia mover a água e afogar o Rei... talvez. Se fosse rápido o suficiente.

O som de armas sendo empunhadas fez o coração de Jasper acelerar no peito, e quando o Rei deu um aceno quase imperceptível, Jasper reuniu o mana e os transportou dali.

## CAPÍTULO VINTE E UM

A da sentiu uma mudança incrível de equilíbrio. Num segundo, estava na gruta ensanguentada, no outro, estava em um apartamento vazio de pé-direito alto. Caiu de joelhos e ofegou, tentando tirar o fedor da morte do nariz.

Não estava funcionando.

— Estamos seguros. Eu nos teleportei para cá. — Jasper agachou ao seu lado e colocou a mão no ombro dela. — Está bem?

Ela se forçou a assentir e engoliu o nó seco na garganta. Tudo o que podia ver era a maraca manchada de sangue de Lake jogada na terra.

— Não posso acreditar que o Rei fez aquilo.

Era um outro nível deste mundo que ela não compreendera. Lágrimas arderam seus olhos. Era essa a verdade deste mundo – perigo dentro da própria sociedade e perigo fora dela? Pensou que tivesse encerrado essa parte da sua vida. Pensou, ao ver a vida verde e vibrante de Elphyne, que o mundo tivesse mudado, mas era tão ruim quanto antes.

Qual era o sentido?

Sem uma palavra, Jasper a reuniu no colo e forçou a cabeça dela contra seu coração. Uma palma grande pousou determinada na lombar dela, e a outra acariciou o cabelo com carinho. Quando falou, o timbre da voz grave a envolveu como um cobertor.

— Shh — ele disse, e só aí ela percebeu as lágrimas escorrendo pelo rosto. — Vai ficar tudo bem.

— Deveríamos voltar — ela soluçou, pressionando contra ele. — Talvez alguém esteja vivo. Talvez possa ajudar.

— Shh, meu amor.

— Mas...

— Ninguém está vivo.

Ela desabou e apertou os olhos bem fechados.

— Estou cansada, Jasper.

Cansada de sentir saudades das amigas. Cansada de ter as esperanças extintas. Cansada de tudo.

— Vou te limpar e aí você pode dormir.

Não havia emoção na voz dele, nenhuma energia. Também estava cansado. Aquela era a família dele, por mais distantes que fossem. Ela

sentiu que levantaram e andaram enquanto ele a carregava para outro recinto. Quis abrir os olhos, mas a força falhou com ela.

— Onde estamos? — ela perguntou.

— No meu apartamento em Cornucopia.

Ela fez um barulho indistinto e aí os próximos minutos foram um borrão de água, um banho rápido e depois, enfim, deitar em um colchão macio.

Sono a sequestrou até acordar de repente com uma onda assoberbante de uma mistura de tristeza e ódio quebrando pela conexão. Sentou com tudo em uma estado de confusão.

*Rocha manchada de sangue.*

*Fita pisoteada.*

*Maraca ensanguentada.*

*Água revirando.*

*Manabeeze flutuando no ar.*

Tanto sangue misturado com comida e nos copos de elixir. Ela bebera daqueles copos, e agora estavam cheios de morte.

Com o peito apertado, esfregou os olhos. O lençol cobrindo o corpo dela caíra. Os mamilos enrijeceram no ar frio. Estremeceu. Grogue, ergueu o lençol, se cobrindo.

Ada dormira a maior parte do dia. A lua brilhava pela janela, refletindo nas linhas duras do rosto sério de Jasper enquanto olhava para fora. O braço apoiado contra a janela, dedos curvados em punho. Cabelo bagunçado em todas as direções, como se tivesse puxado como um louco. Calças pretas de camurça pendiam dos quadris, o botão do cós aberto, mas permanecia sem camisa.

A visão da sua potente masculinidade fez um lampejo de apreço passar por ela. Mordeu o lençol, se forçando a relaxar com a visão constante dele. Não importava o que havia acontecido, sempre se sentira segura com ele. Do primeiro instante que abrira os olhos para ver o rosto irritantemente lindo dele, houve uma *compreensão...* como se ela estivesse no meio da experiência de uma memória que ainda precisava acontecer. A sensação dele era certa.

Mas pelo jeito que a cabeça dele estava baixa, o massacre o afetara tanto quanto a ela.

Segurando o lençol em volta de si, cedeu aos instintos e foi até ele.

— Você dormiu?

Um botão foi apertado e as emoções dele foram cortadas, silenciando a conexão. Foi o único sinal da ciência da presença dela. Círculos escuros sombreavam os olhos dele. Então ela supôs que não dormira. Continuou taciturno, os olhos seguindo coisas invisíveis do lado de fora da janela.

O Rei os encontrara?

Ada percorreu o olhar do lado de fora e não viu nada além dos

telhados de casas. Algumas pareciam em boas condições, outras estavam decrépitas e desmoronando. Nenhuma tinha mais de três andares, como o prédio onde estavam. Mais ao longe, um brilho laranja emanava de um local no chão, lembrando-a de um estádio de esportes durante a noite.

Frustração cresceu, e ela soube que ele sentiu, porque diferente dele, não escondia suas emoções.

— O que está procurando? — ela perguntou, abraçando o lençol contra a frente.

Sem resposta.

Os lábios dela ficaram finos.

— Vai me responder em algum ponto? Ou vai esconder suas palavras como faz com suas emoções?

As narinas dele dilataram e depois revelou as próximas palavras como se tivessem custado sua vida.

— É o Ringue.

O *Ringue*. A mente dela viajou, pensando, vasculhando até encontrar uma resposta. Alguém disse a ela que era assim que os cornucopianos resolviam suas diferenças – uma batalha estilo gladiado, às vezes até a morte. Fora Jasper que contara a ela? Ele sabia por que estivera lá? Participara?

— Jasper — ela disse. — Em algum momento, precisaremos conversar sobre as coisas. Sei que os Darkfoot eram sua família. O que aconteceu foi... bom, inconcebível precisar testemunhar aquilo. — Ela respirou fundo. Como poderia sinalizar um pedido de desculpas se ele olhava para fora. — Olha para mim?

— Não.

Ele ficou imóvel como uma estátua de mármore.

Na mente dela, tudo o que ouvia era a súplica ferida dele:

— *Só não tire. Deixe que me leve.*

Uma sensação assoberbante de medo a tomou. Ele não tinha novas cicatrizes visíveis. Nenhum novo ferimento. Não podia consertá-lo como da última vez. Nenhuma maldição para desfazer. Nenhum veneno para drenar. A falta de compreensão do estado de espírito dele a deixava inquieta, ao ponto que se pegou examinando-o.

Parou.

*O que estou fazendo?*

Não podia continuar a lutar uma batalha impossível.

— Posso consertar seu corpo, Jasper, mas ainda está partido por dentro e não sei o que fazer. Não pode se curar a não ser que queira.

O punho de suporte dele escorregou pela janela e virou para encontrar os olhos dela. Tensão marcou as linhas do seu corpo, fazendo os músculos crescerem e se esforçarem. Olhos brilhando dourados revelaram uma história mais potente do que qualquer livro

ou conexão. Era o mesmo olhar que encontrara quando se conheceram.

Animal ferido.

*Cuidado.*

Ela segurou o punho dele e abriu os dedos, murmurando uma melodia para aliviar a tensão. Dentro da palma estava um pequeno amuleto de coração feito de âmbar e com um cordão de couro gasto passando pelo centro.

— Era da minha mãe — explicou, a voz rouca.

— É lindo.

— É tudo o que tenho dela, tirando minhas memórias. — Ele revirou nos dedos, olhando feio para o amuleto como se o tivesse queimado.

*Continue falando. Por favor.*

Ela tentou silenciar a respiração, aquietar o coração, para que nada o distraísse de falar.

— Temo que... — Parou e cerrou o punho em volta do coração.

Cobriu a mão dele.

— Me diga.

Olhos brilhantes encontraram os dela.

— Ela morreu por nada.

— O que quer dizer?

— Ela morreu para me proteger porque acreditava que eu um dia assumiria o reinado do meu pai. Ainda sonho com o dia que ela me colocou no buraco sob as tábuas do piso e me convenceu a ficar quieto. — A voz dele ficou tão baixa que Ada precisou se esforçar para ouvir. — Fui um covarde. Poderia ao menos ter tentado salvá-la. Em vez disso, fiquei ali até o sangue dela pingar no meu rosto.

*Ah, Jasper. O coração de Ada contraiu.*

— E aí se tornou um Guardião?

— Minha mãe combinou com Mithras no Lupercália. Ele veio, o festival aconteceu e ele partiu. Minha mãe não teve problemas com isso. Fae com frequência engravidavam depois do Lupercália e o vilarejo ajudava a criar. Ela manteve o conhecimento da gravidez em segredo dele. Me manteve seguro por mais de uma década, e aí ele descobriu. Algumas pessoas acham que a lei de procriação ilegal foi porque o reino Seelie estava com os estoques de comida baixos. Mas não foi isso. Mithras não queria que nenhum filho dele crescesse para assumir seu trono. Matou minha mãe e depois me caçou. Me tornei um Guardião para que pudesse impedir as pessoas como minha mãe de sofrerem outra vez — falou. — Mas também fracasei nisso. Em três séculos, não fiz nada para deixá-la orgulhosa, e agora... eu... — Balançou a cabeça, se repreendendo. — Agora é tarde demais. A alcateia Darkfoot inteira se foi. Por minha causa.

Ela pensou no Rei, no sorriso sarcástico e doentio.

— Nunca é tarde demais. Ainda pode desafiar seu pai. Sei que pode.

— Como? Ele me venceu todas as vezes. Eu só não sou o bastante.

— Balela — ela disse. — Sobreviveu a mordida do ponaturi. Matou o wolpertinger...

— Não, você matou. Estava praticamente morto quando cheguei.

— Ele riu.

— Salvou um vilarejo inteiro dos humanos...

— Só pra serem assassinados.

— ... salvou minha vida!

Olhos sombrios pousaram nela e semicerraram.

— Você se *curou*.

— Nunca teria conseguido sem a sua ajuda.

Ela soltou um barulho frustrado. Não era o Jasper que conhecera.

— É tão hipócrita — ela murmurou, ácido cobrindo a língua. — Você me *acossou*, prometendo que éramos destinados a ficar juntos porque alguma entidade cósmica assim queria. Não desistiu. Jesus, você me fez acreditar em algo maior do que eu mesma. Não havia percebido até agora, mas a Nascente... essa magia que salva vidas... você dedicou sua vida a preservá-la. Acho que isso é tão incrível que nem tenho palavras para expressar. Mas nem mesmo acredita em si.

Ele a fuzilou, os olhos ardentes.

Ela empurrou o peito imóvel.

— Eu acredito em você. Acreditei *em* você. Depois de Lupercália e a fita que nos uniu, estava pronta para dar tudo a você. — A voz dela suavizou e tocou na mandíbula dele. — Desistir é o único jeito de falhar. É o único jeito do sacrifício da sua mãe ser desperdiçado.

A vida fora uma série de momentos que Ada pensara que não sobreviveria... até sobreviver. E a maior parte do tempo, tivera ajuda. Mas tentara ajudar Jasper, e havia um limite que poderia suportar de falar para o nada.

Ele a encarou por tanto tempo que ela pensou que tivesse entrado em um estado dissociativo, mas aí algo lampejou luminoso nos olhos dele. Deu um passo mais perto.

Ela recuou, o coração já palpitando.

Ele hesitou, os olhos arregalados.

— Não recue — murmurou. — Sem você, não sou nada.

— Fae não podiam mentir.

Acreditava mesmo nas palavras, e a cortaram como uma faca. Ela desanimou.

— Então talvez não devêssemos ficar juntos — ela declarou como uma tola... corajosa. A falha na respiração dele só a incitou. — Não quero essa pressão. Não posso ficar andando em casca de ovo,

pensando que tem em um pedestal e com medo de errar. Temos um ditado do meu tempo: Sou apenas humana. Significa que não sou perfeita. Ninguém é. Vou cometer erros. Vou falhar. Mas o valor no caráter de alguém é quantas vezes se levantam e tentam de novo... compreende? Se não é nada *sem* mim, então não é nada *comigo*.

Ela sempre tentaria consertá-lo. E ele sempre se sentiria indigno. Ele precisava se levantar. Sem ela. Precisava descobrir quem era. Sem ela.

As palavras dela ainda pairavam no ar entre eles, vibrando com tensão.

Era isso. Os pulmões dela congelaram enquanto esperava uma resposta, e quando ele se virou para a janela, pensou que o tivesse perdido. Os músculos das costas flexionaram quando se apoiou no vidro.

— Não vou saber que sou digno até me submeter à cerimônia de iniciação de novo — confessou. — Preciso fazer isso. Por mim.

— A que dois terços das pessoas morrem? — Ela arquejou. — Não é desse tipo de introspecção que mencionei.

— Já fiz isso antes, mas quando Mithras me sequestrou, ele me obrigou... — Estremeceu, a boca se contorcendo com um sabor desagradável. — Ele me fez sentir impuro. Preciso completar a iniciação de novo.

Mas ele poderia morrer.

— Alguém mais fez isso duas vezes?

Balançou a cabeça e a encarou.

— Mas eu preciso saber.

Ela piscou, chocada.

— Nem sabe se a Nascente vai deixar que faça isso uma segunda vez. É extremo demais, e ainda é esperar que outra pessoa o valide. O que falei? *Você precisa acreditar em si mesmo*. — Bateu no peito dele. — E só pra constar, eu acredito em você. Mesmo quando não se lembrava do seu nome, sabia que era alguém de valor.

A tristeza que transbordou dos olhos dele quase a derrubou.

— Matei crianças no Ringle, Ada. Crianças e mulheres. Vítimas indefesas de todas as raças fae. E depois fui para a suíte do campeão e deixei que me banhassem com recompensas: sexo, elixir, drogas, indulgência. Quis bloquear tudo isso. E é só as coisas que fiz para os outros. Coisas foram feitas comigo. Essas memórias degradantes me sufocam tanto que sinto que estou me afogando. Fui profanado dos jeitos mais nojentos. — Colocou a testa na janela e encarou para fora, a mandíbula pulsando. — Como pode pensar que sou digno?

Ah, Jasper.

O coração dela compadecia por ele. Ser mantido prisioneiro, forçado a atos desprezíveis, e depois viver o resto da vida com as



memórias horríveis. Ninguém deveria fazer isso sozinho.

Deus, ela pensou que poderia afastá-lo até que se resolvesse, mas estava errada. Só flertar com a ideia de se separarem doía demais. Pensara, talvez, que ele pudesse aprender a se amar se ficasse sozinho. Mas a verdade era que, por um segundo, deixara o próprio medo tomar conta. Quando ele dissera que não era nada sem ela, isso a assustou porque, talvez, ela se sentia do mesmo jeito. E esse tipo de amor assexuado era devastador de se perder.

A verdade nua e crua era que ela já estava no local que temia – o que se partiria sem ele.

Os olhos dela marejaram. Ele fora amaldiçoado, coagido e abusado. Nada traria as vítimas de volta. Nada faria o tempo voltar. Poderia se sentir impuro para sempre. Sem poder se impedir, avançou com tudo e o envolveu com os braços, balbuciando a confissão contra as costas dele:

— Você é digno porque estou me apaixonando por você.

As costas largas arquejaram com um suspiro. Virou nos braços dela, os olhos selvagens e incrédulos.

— Cala a boca — ela disse antes que ele pudesse falar. — Estou com medo, Jasper. Com medo de quanto vai doer se formos separados, e é por isso que disse que precisava resolver isso sem mim. Por uma fração de segundo, pensei que se terminássemos agora, não me machucaria. Ainda acho que você precisa acreditar em si mesmo, mas talvez isso ajude. Já estou apaixonada por você, Jasper. E não vou deixar que desista. Se estiver se afogando, então vou te buscar. Vou nadar nós dois de volta para superfície, e se não conseguir, então vou me afogar com você. — Lágrimas transbordaram. — Não vou deixar que sofra sozinho.

Ficou na ponta dos dedos e roçou com reverência os lábios nos dele. Os braços dele se tornaram mármore em volta dela enquanto a deixava explorar sua boca. O roçar se tornou uma pressão, uma mordiscada no lábio inferior, um beijo no canto da boca. Os hálitos se misturaram e o gosto dele a encheu com fogo puro. Ela se afastou.

O olhar ardente dele desviou para boca dela.

Ficaram parados ali, firmes nos braços um do outro, arquejando sem fôlego.

— Apenas me beije — ela implorou.

A boca dele colidiu com a sua. Soltou o lençol e se derreteu com o gemido gutural doloroso que soou cada nota no corpo dela. Eles se beijaram, devoraram, e tentaram tocar cada centímetro um do outro. Os dedos afundaram no cabelo dela e puxaram seu rosto para trás, expondo o pescoço onde beijou e chupou e venerou antes de voltar para a boca. Quando sentiu a mão no seio, roçando sobre a ponta do mamilo, um suspiro entrecortado escapou. Enfiou a mão nas calças,

arrancando o próprio silvo dele.

Ela sorriu contra seus lábios quando encontrou a ereção e acariciou.

— Cama — ele grunhiu com um arquejo.

— Hmm.

Mãos fortes a ergueram pela bunda. Envolveu as pernas nos quadris dele e se esfregou contra a ereção até os dois arquejarem com a sensação. Jasper quase voou pelo chão até os joelhos baterem na cama e caírem. Juntos. Sempre juntos, ela sabia disso agora. Ele rolou para cima dela e a pressionou no colchão, a imobilizando até se contorcer sob o olhar intenso. De um jeito que só um amante poderia fazer, o olhar dele percorreu seu corpo, fazendo seus sentidos pegarem fogo.

*Ah, as coisas que vou fazer com você*, os olhos pareciam dizer ao pousarem nas partes íntimas do corpo dela – o pescoço, os seios, a barriga, mais abaixo...

Algo fez sentido dentro de Ada.

Queria que fosse ela olhando para ele como se fosse seu mundo, porque olhar para ele assim, banhado pelo luar, era algum tipo de perfeição divina e ela queria se esbaldar. Ela se moveu e o empurrou para baixo. Ele caiu de costas com uma bufada. Criou uma rajada de ar e soprou no rosto e cabelo dela.

— Você é tão minha, porra — rosnou, possessivo, os olhos ardentes, segurando os quadris dela e a acomodando sobre ele.

— Acho que já tivemos essa conversa. — Os olhos dela farfalharam quando ele moveu a ereção na sua umidade. Ela choramingou: — Não serei marcada. Mas... — Ele encontrou seu local sensível e esfregou. Ela gemeu, batendo as mãos no peito dele, mal conseguindo formar palavras, mal conseguindo se segurar.

— Mas o quê? — ele exigiu.

— Mas... *aah, sim*.

A sobranceira escura dele arqueou enquanto estudava o rosto dela, analisando como atingia os lugares certos pelas expressões. Estava tensa demais para ligar. E aí os lábios dele encontraram seu seio, puxando um mamilo na boca e roçando com a língua. Ele gemeu em volta da pele, raspando com os dentes, arrancando outro choramingo sem fôlego dos pulmões dela.

— Amo como é sensível — ele murmurou, continuando o ritmo do polegar entre suas pernas. — Está ansiosa por mim.

— Sim — ela arquejou.

— Quer mais. — Não foi uma pergunta. Foi uma exigência.

— Não.

— O quê?

Arquejando, ela o empurrou para baixo, os olhos quentes.

— Minha vez. Quero fazer *você* se sentir bem.

Desafio ardeu na expressão dele e aí suavizou conforme um toque de cor atingia suas bochechas. As orelhas abaixaram antes de se eriçarem. Deus, ela amava isso. Podia tentar esconder os sentimentos dele pela conexão, mas nunca poderia mudar a linguagem corporal. A declaração dela embasbacou o metamorfo malandro, e isso a encorajou.

— Não vou te machucar — provocou, uma imitação da primeira vez que tentara acasalar com ela depois do ataque de wolpertinger.

Mais sangue subiu para as bochechas dele enquanto lutava internamente contra algo. Escolha feita, as pálpebras se abaixaram a meio mastro. Pegou as mãos dela e as colocou nos botões da calça. O primeiro botão já estava aberto. Segurando o olhar dele, ela abriu o resto. Toda vez que um abria, ele soltava um breve gemido de ansiedade e ela respirava fundo. Arrepios surgiram pelo baixo abdômen dele, polvilhado com pelo escuro. Ela lambeu os lábios em carne viva até tirar as calças e revelar a ereção grossa.

— Ada. — A mão dele pousou hesitante na nuca dela.

— Hmm? — Passou as unhas pelo caminho de pelo áspero, fazendo os quadris dele se moverem involuntariamente.

— Seja... gentil.

Os olhares se encontraram e fragilidade piscou de volta para ela. Aquele animal ferido.

*Fui profanado dos jeitos mais nojentos.*

Ele fora...? Ela não conseguiu terminar o pensamento. Tudo o que sabia era que ele queria isso. Qualquer que fosse a dor que experimentara, queria isso para substituí-la. O pensamento de lhe dar prazer a consumiu. Tocou os lábios na cabeça do pau e deu beijos leves pelo comprimento, ao longo da veia.

— Merda. Não tão gentil — disse entredentes e estocou contra ela, os dedos enrolando no cabelo.

Mas ela continuou, devagar e leve. Uma lambida leve como uma pluma. Uma pequena carícia. Uma chupada com um rodopio.

— *Ada.*

Ela puxou as calças por completo e subiu em cima dele, alinhando os lábios de novo com o pau duro e grosso. Olhando para ele sob os cílios, satisfação surgiu. Podia dar a ele uma ótima memória. Os dois queriam isso. Precisavam de algo para apagar o ruim. Os lábios dela se abriram. Ela o colocou dentro da boca e estimulou a ponta com a língua antes de chupar fundo. De novo e de novo, ela se moveu sobre ele, saboreando.

Mas quando olhou para cima, uma careta marcava a testa dele enquanto se concentrava no teto. Então ela começou a cantarolar, assim como fazia perto de animais feridos. Roçou os dedos no pelo

áspero no abdômen baixo, seguindo abaixo, acariciou os testículos e depois a ereção. Fez tudo o que pôde para fazê-lo se sentir em paz... bom, perto disso.

Pele tensionou pela barriga dele. Veias pulsaram. Abdômen contraiu e relaxou. A respiração dele ficou entrecortada e quando murmurou uma última vez, ele a afastou com tudo. De repente, estava por baixo e ele em cima, mãos apoiadas de cada lado da sua cabeça, ofegando. Olhos ardentes piscaram como se também estivesse surpreso com a mudança de posição.

Ele era lindo. Um rosto que só vira criado por um artista – diabrete malandro e anjo honrado ao mesmo tempo. E estava corado pela paixão que sentia por ela. A ideia incitou um gemido e uma contorção que desencadeou outra rodada de beijos tão famintos que ela achou difícil respirar. Ele estava ali. Na boca dela. Com a língua. Os dentes. Sabor salgado. Dedos hábeis percorreram a frente dela, entre suas pernas, testando se estava pronta. Uma passada pelo núcleo molhado.

Um gemido na boca dela, e as pupilas dele dilataram.

— Você...

Ela assentiu.

— Eu vou...

Assentiu de novo.

Ele se encaixou entre suas pernas e estocou. As costas dela arquearam. Arquejou com a sensação das suas paredes internas se alongando. Eles se encaixavam. Um único movimento e se encaixaram.

— Você está bem? — falou, rouco.

Mais um aceno.

— Ótimo. Pronta?

Ela sorriu.

— Como nunca.

Penetrações deleitosas começaram o ritmo da dança. Foi um tormento lento cheio de sensação que rapidamente se tornou rápido, profundo e implacável. Logo, estocava nela com força, incitando o prazer, acendendo o pavio. Não havia nada que podia fazer a não ser se segurar. Foi um sexo maluco, suado e insano que fez Ada se sentir viva. Foi o tipo de orgasmo de acelerar o coração, embaçar a visão e perder a audição que atingiu os dois com força ao mesmo tempo.

Muitas coisas foram deixadas não ditas, mas quando Jasper pegou no sono, ainda nos seus braços, ela se sentiu em paz pela primeira vez em um longo tempo... talvez desde antes... talvez na vida.

E talvez isso a matasse de medo.

## CAPÍTULO VINTE E DOIS

Fazer amor com Ada soltara as últimas memórias sombrias da mente de Jasper. Teve um sono inquieto. Intermitente. E cheio de sonhos que eram viscerais demais para serem falsos.

— Vou gostar disso. — *Mithras zombou, erguendo a vela para iluminar o rosto quebrado e inchado de Jasper.*

*Jasper puxou os pulsos, algemas de metal afundando na pele.*

— *Vai se foder.*

*Uma risada vazia.*

— *Não. Não eu, filho.*

— *O metal não vai me segurar para sempre — ele avisou.*

— *É, é. Guardião. Especial. Blá blá. Mas não preciso de muito tempo, ou melhor, ela não precisa.*

*Raspagens. Deslizes. Uma sombra se moveu no canto conforme uma criatura entrava na luz. Cabelo preto e comprido cobria o rosto, afiado com estrutura óssea de inseto.*

*A mente dele já se desligava. Não era a primeira vez que fora torturado. E não seria a última.*

— *Quero ouvir os gritos da sala do trono — o Rei disse, se afastando.*

*O som definitivo da porta da masmorra se fechando deixou o recinto na escuridão.*

*Algo puxou as calças dele, arrastando-as dos quadris.*

*O beijo dela foi frio, gosto de terra.*

Os olhos de Jasper se abriram. Suor coçava a cabeça dele, escorria pelo torso e se acumulava sob ele na cama.

— *Você está bem?*

*Voz doce. Nenhum silvo.*

*Ele se virou. Cabelo loiro. Não preto.*

*Ada.*

Os olhos estavam inchados com sono. Os lábios, ainda inchados dos seus beijos. Deslizou os dedos pela mandíbula dela até o cabelo, e aí trouxe os lábios para os dele, para o gosto dela obliterar a terra da sua memória.

Ela cedeu com um som de concordância, virando de costas para deixar que subisse sobre ela. Beijou uma trilha pelo corpo dela até os lábios pousarem entre as pernas, no gosto mais doce de todos. Ela era como algum tipo de droga. Ele a lambeu como um viciado, provando

tudo com ardor. Levou-a ao clímax com a boca, e depois a penetrou de novo, seu novo lugar favorito. Ele a tomou com estocadas lentas e controladas, dessa vez, fazendo durar, se deleitando com a reação dela a cada penetração languida e suada: bochechas coradas e olhos farfalhantes.

Quando ficaram satisfeitos, ela deitou mole nos seus braços, ele sabia que não poderia fingir que a vida não existia para sempre. Estivera certa. Ele precisava se posicionar. Se não o fizesse, os pesadelos nunca terminariam.

418

NEVE ROÇOU no rosto de Jasper ao parar na margem congelada do Mar Aconite. As águas glaciais ondulavam até o outro lado, onde um castelo obsidiano estava aconchegado entre montanhas enevoadas. Nuvens de tempestade surgiram, escurecendo o céu. Os vampiros saíam cedo se o sol ficasse escondido, e queria Ada bem no meio da segurança da proteção da Rainha nesse momento.

Humanos eram saborosos. Humanos abençoados pela Nascente, talvez ainda mais saborosos. Ada seria um quitute para qualquer vampiro que a cheirasse. Um dos vampiros no quadro dos Doze um dia se perdera para a sede de sangue perto de humanos, se esbaldando no sangue deles e acidentalmente matando todos. Vampiros eram perigosos. Sem contar os outros Unseelie espreitando na natureza.

— É isso? — Ada perguntou, protegendo os olhos do brilho.

— É — ele murmurou. — O Palácio Invernal.

Com torres pretas polvilhadas de neve, o castelo ficava alto no céu e oferecia vários pontos de pouso para os muitos fae alados entre os Unseelie. A fundação de pedra preta se destacava contra o branco. Trepadeiras vermelho sangue subindo pela fachada só aumentava o agouro da imagem. Junto com a montanha atrás do castelo, casas escuras da cidade vizinha empurravam fumaça no ar através das chaminés. Apesar de parecer menos cheia do que Helianthus City, metade de Aconite City estava dentro da própria montanha e protegida de vista.

Centenas de milhares de fae viviam ali.

Jasper contou com o status de Guardião para lhe dar um adiamento de um ataque imediato. Se escolherem reconhecer a conexão com o Rei Seelie primeiro, então Ada e ele poderiam ser jogados direto nas masmorras.

Os dois se vestiram com roupas quentes que encontrara dentro do armário do apartamento de Cornucopia. Nenhuma das roupas foi comprada por ele, o que significava que outros Guardiões visitaram esse lugar ao longo dos últimos dez anos. Mais provável que tenha

sido Thorne, já que ele era o único cadastrado na trinca com proteção de sangue na porta da frente. Uma pontada de dor o atingiu quando se lembrou de quem o salvara de Mithras, mas Thorne e Rush precisariam esperar. Precisava tentar isso primeiro. Ele se recusava a voltar para a Ordem de mãos abanando, e apesar de Ada ter recuado sobre o comentário de precisarem se separar até que ele se levantasse sozinho, ela ainda o proferira. E isso ecoava em sua mente. Ela ajudara a afastar seus demônios ontem à noite, mas estava certa. Ele precisava se posicionar.

*Foda-se o Mithras.*

— Está bem contido esta manhã — ela opinou.

— Não é nada.

— Não é... o que aconteceu entre nós ontem à noite, é?

— Não — respondeu, um pouco rápido demais. Quer ela estivesse se referindo ao sexo, ou ao fato que ainda resistia a sua marca, ele não sabia. Mas não aceitaria que duvidasse do relacionamento deles. — É só... algumas memórias sombrias foram ativadas ontem à noite.

Olhos preocupados o analisaram.

— Estava sonhando e se mexendo.

Ele fez o gesto de desculpas, que ela parou com a mão antes que pudesse terminar.

— Nunca se desculpe por isso.

Algo se partiu no peito dele. Abaixou os lábios para os dela, reivindicando a boca com um beijo apaixonado, só se afastando porque ela estava fria demais. E ele também não estava confortável de ficar perto da água. Era assim que o Rei o estivera espionando. Aquele tipo de comunicação só podia ocorrer entre familiares consanguíneos, e Jasper já dera muito a ele. Estava na hora de partir para o ataque.

— Por que não nos teleportou direto até lá? — Ada perguntou, puxando a capa forrada com pelo em volta do corpo. O ar gélido deixara o nariz e as orelhas humanas cor-de-rosa.

Ajustou o capuz dela sobre a cabeça, colocando o cabelo loiro para dentro. Quando viu a careta dela, explicou:

— Os Seelie podem ser mais indulgentes com seu status humano. Mas os Unseelie mordem primeiro, fazem perguntas depois. Malévolos até os ossos, e se não te usarem como comida, farão o melhor para te manipular por entretenimento. Os artistas humanos de pés e dedos ensanguentados que a Rainha da Corte Primavera mencionou não eram nada comparados ao que fazem com humanos aqui. Se eu nos teleportasse para o castelo, causaria surpresa. Prefiro não matar ninguém antes de falar com a Alta Rainha.

— Certo.

Ele convocou o mana para lançar um glamour sobre as orelhas dele, só por precaução. Ar brilhou e, de repente, as orelhas dela

pareceram ser pontudas. Entretanto, Maebh muito provavelmente veria através do truque infantil, melhor prevenir do que remediar.

— Pousamos aqui por cortesia — ele elaborou a resposta para a pergunta anterior. — Para dar um aviso a eles que estou me aproximando.

Ela abriu uma carranca para o mar.

— É um belo de um aviso. Mal posso ver o castelo.

— Eles sabem que estamos aqui. — Ele deu um olhar afiado para os corvos observando dos galhos esqueléticos das árvores espalhadas na frente da montanha atrás deles. Um corvo grasnou descaradamente e alçou voo, batendo as asas como louco para lutar contra os ventos árticos sobre a água. Os irmãos, ou irmãs, seguiram rápido, deixando apenas um punhado para trás de vigia.

— Vamos dar a eles um tempo para atravessarem — ele disse. — E aí, vou nos levar até lá.

Passara pela mente dele deixar Ada para trás dentro do apartamento seguro de Cornucopia, mas havia muitos sinais que Thorne visitara. E ele ainda não estava pronto para revelar essa verdade para Ada. Precisava que ela acreditasse que ele era forte. Alguém que se levantava sozinho. Precisava de um motivo que as amigas estivessem erradas de gritar para ele.

O próprio pensamento delas causarem uma divisão entre Ada e ele, pânico apertou seu peito como uma trepadeira viva cheia de espinhos. Cada instinto no seu corpo o incitou a correr para o outro lado dessa circunstância. Ada era dele.

— Suponho que enquanto esperamos, me conte sobre eles.

Ele empalideceu, pensando que ela queria dizer as amigas, mas aí percebeu que os olhos estavam nas árvores atrás deles.

— Os metamorfos corvo? — ele perguntou.

— Todos eles. Os Seelie versus os Unseelie. Lá no, hm, ritual Lupercália, falaram de uma guerra em desenvolvimento.

— Mithras tem feito parecer que os Unseelie estão enviando monstros para as terras Seelie, e vice-versa. Ele sabe que a Ordem vai ficar de fora da política fae se não mostrar perigo a integridade da Nascente.

— E Seelie e Unseelie costumavam ser uma nação só?

— No começo, depois que Era do Homem acabou, não havia governantes. Fae só estavam tentando sobreviver. Se tivesse que existir um governante, poderia ter sido Jackson Crimson, o fundador da Ordem. Ele descobriu a conexão entre a Nascente, nosso mana e a resistência aos metais e plásticos. Ele liderou todos nós, mas... desapareceu. A Prime assumiu a Ordem, e aí Maebh assumiu a governança dos fae. Um dia, os humanos cansaram do ermo deles e tentaram assumir controle de Elphyne, mas a Ordem, Maebh e Mithras



se uniram para vencê-los. Apesar de terem sido os Sluagh de Maebh...

— O que são?

— Fae que comem almas.

Ela estremeceu.

— Certo. Continue.

— Os Sluagh de Maebh e a Caçada Selvagem deles viraram o jogo contra os humanos. Mas de algum jeito, Mithras ganhou muito apoio entre os fae, o suficiente para se juntarem para defender a divisão da nação quando ficou claro que ela não possuía poder para negá-lo. Não existe um fae forte o suficiente para encarar o poder de Maebh há milênios. Mas desde que Mithras se separou e formou os Seelie, ela deixou todos ao sul da fronteira intocados.

— E essa é a mulher que você vai pedir ajuda?

— Sim. — Ele parou. — Mas não posso pedir ajuda. Só preciso contar a ela os planos de Mithras para me usar para incitar uma guerra.

— Por que não pode pedir ajuda?

— Neste mundo, uma coroa ou o título de alfa é conquistado por batalha e sangue de dois jeitos. Um, porque sou parente consanguíneo. Dois, porque vou arrancar a coroa de vidro das suas mãos sangrentas depois de derrotá-lo. Se eu tiver ajuda, ninguém vai me respeitar. A coroa será contestada.

Ela mordiscou o lábio.

— Entendi. Mas não significa que gosto da ideia de se colocar em perigo.

— É assim que eu me levanto, meu amor. É assim que coloco minhas peças quebradas no lugar. — Um pequeno sorriso assombrado ergueu os lábios dele. Puxou-a mais perto. — Está preocupada comigo, humanazinha?

Ela bufou.

— Já vi você arrancar o coração do peito de uma pessoa. Não estou preocupada com você vencer uma batalha. — Ela franziu o cenho, relaxando contra ele. — Mas estou preocupada com o peso das consequências.

Apertou o braço dela e aí beijou o topo da sua cabeça.

— Está na hora de ir.

Com uma velocidade vertiginosa, teleportaram pelo espaço e apareceram na base do castelo, as botas triturando a neve ao pousarem.

— Meu Deus. Isso é incrível — Ada suspirou, protegendo os olhos contra o reflexo para que pudesse olhar para as enormes paredes pretas.

Ele tentou ver do seu ponto de vista.

— Seus prédios não eram assim?

— Ah, nossos eram maiores... mas não tão detalhados. Só é diferente, acho.

Ele resmungou.

O que parecia uma simples estrutura de pedra do outro lado do mar, ganhou vida com soldados de casacos pretos no chão e fae de asas escuras nas torres, os arcos tensionados com flechas a postos e miradas. A ponte levadiça se abriu, abaixando para prover uma passarela do portão e sobre um fosso que era lar de alguns cruéis fae Unseelie. Um fae sombrio atravessou a passarela, a capa preta polvilhada de neve voando atrás. Forro vermelho dava um toque de cor, só o suficiente para trazer a lembrança sangue, perigo e o destino deles se opuserem-se a Rainha.

O guarda parou na frente de Jasper e semicerrou os olhos para Ada. Gotas de gelo tilintaram na barba dele. Com a neve polvilhando os ombros, estava claro que chegara há pouco de algum lugar externo.

Uma cicatriz longa e irregular deformava um lado do rosto irregular. Quando fae pareciam envelhecidos, costumava ser porque o mana fora forçado a sair de um jeito que era insubstituível. Foram efetivamente cortados da Nascente, assim como os humanos. Esse guarda ou fora torturado, ou desagradara a Rainha... ou ambos.

— Qual o seu propósito aqui, Guardião? — ele perguntou.

— Procuo audiência com a Alta Rainha — Jasper respondeu.

O guarda arqueou a sobancelha escura.

— Está ocupada. Volte para a Ordem.

Jasper franziu os lábios.

— É vital que eu fale com ela. Diga que a segurança de sua nação está em risco.

O guarda chupou os dentes, claramente nada convencido, mas era mais esperto do que ignorar uma alegação de perigo nacional de um Guardião.

— Pode esperar nas suítes de hóspedes até ser chamado.

Jasper forçou a expressão a ficar implacável. Suítes de hóspedes significavam que seriam trancados entre quatro paredes e recebidos quando Maebh bem entendesse. Poderia ser hoje, poderia ser daqui uma semana, ou até mesmo daqui um mês. Supôs que ao menos não era a masmorra.

Jasper deu um sorriso seco.

— Mostre o caminho.

Pegou a mão gelada de Ada, pensando que ao menos estariam fora do relento. A temperatura não o incomodava, mas ela tremia sob a capa. Poderiam ter uma longa espera à frente, mas ele sabia como aquecê-la. Era a única coisa pela qual ansiava.

## CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Ada ficou boquiaberta durante toda a caminhada pelo castelo até as suítes de hóspedes. Paredes obsidianas com veios martirizados brilhantes os cercavam de todos os lados. Carpete vermelho decadente suavizava os passos pelo corredor. Depois de atravessar o átrio, foram para fora através de um pátio afundado onde uma fonte límpida sem fundo brilhava. Em volta da fonte, estátuas de gárgulas estavam em uma varanda e jorravam água das bocas, aumentando o clima tranquilo que ia contra tudo que Jasper contara a ela sobre os Unseelie.

Surpreendeu Ada que a fonte não estava congelada como a metade do mar lá fora. Podia ser uma fonte termal, como a da caverna Lupercal. Se fosse uma fonte de poder, fazia sentido que um assentamento tivesse sido construído em volta.

O guarda os levou para além do pátio e subiram quatro lances de escadas até uma porta dupla arqueada com dois guardas parados na frente. Como o guarda que os recebera, esses usavam uniformes pretos. Casacos compridos, calças pretas e capas cobrindo os ombros. As orelhas eram pontudas, mas não tinham pelo nas pontas. Ada deu uma olhada para Jasper para ver se ele explicaria, mas a carranca dele estava focada nos guardas como se esperasse um ataque. Talvez fosse melhor perguntar quando tivessem um pouco de privacidade. Clara dissera que poderia ser considerado indelicado perguntar a alguém sobre a raça deles, assim como era na época de Ada. Ela precisava se lembrar de aprender quando demonstrar a curiosidade e quando esconder.

— Podem ficar aqui até a Rainha os chamar — o guarda do portão disse. As pedras de gelo na barba caíram tilintando. — Puxe a corda do sino se precisarem de comida.

Jasper de um aceno curto e quando as portas se abriram, eles entraram.

— Essas são as suítes de *hóspedes*? — Ada perguntou, sem conseguir esconder a maravilha da voz.

Os recintos eram vastos, com duas camas Queen e uma saleta opulenta com sofás de brocado almofadado. Havia duas lareiras nos recintos, crepitando com fogo baixo. A decoração preto e vermelho incluía uma janela de vitral gótico na saleta, refratando um vermelho

peculiar e sombras no recinto. Ela vislumbrou uma vista quebrada do mar além do padrão de rosa na janela.

Ada assustou quando as portas se fecharam atrás deles com um baque. O guarda se foi.

— Somos prisioneiros — Jasper explicou, as pálpebras se abaixando com aborrecimento.

— Ah. — Ela se virou. — Ao menos as acomodações são boas.

Suspirando, ele jogou a capa em uma cama e foi para a saleta. As linhas afiadas da mandíbula barbeada contraíram.

Ela compreendeu a frustração. Posicionar-se contra o pai deixara pequenas rugas entalhadas entre as sobrancelhas dele. Mas algo mudara ontem à noite, bom e ruim. Ele enfim compreendera que os problemas não desapareceriam se os ignorasse. Poderia impedir que Mithras causasse uma guerra, e ao se alinhar com a Rainha e tornar pública sua oposição aos planos do pai, Jasper também estava salvando a própria vida. Pelo que Ada entendia, um dos motivos que o Rei tentar matar Jasper era porque queria culpar a Rainha Unseelie e desencadear a guerra. Então se tirassem essa desculpa de jogo, tinha que obrigar Mithras a parar, certo?

Claro, havia todos os outros motivos que o Rei queria Jasper morto.

— Então, quanto tempo acha que vamos ter que esperar? — ela perguntou.

— Podem ser horas. Podem ser dias.

— Sei que não foi fácil para você vir aqui — ela disse, encontrando-o ante a janela. — Esse primeiro passo de se posicionar contra seu pai é o mais difícil, mas você conseguiu. Estamos aqui. Estou orgulhosa de você.

— Vai terminar depois que eu falar com Maebh — ele fez uma careta. — Ou melhor, será o começo do fim.

— O que vai dizer para ela?

Olhou desconfiado para a porta e abaixou a voz.

— Precisamos tomar cuidado com o que falamos no castelo, e em grande parte da cidade. As paredes têm ouvidos.

— Literalmente? — Ela não ficaria surpresa com todas as coisas estranhas que aprendera desde acordar nesta época.

— Poderiam ser sprites de fogo cuidando da lareira, ou um fae de verdade dentro das paredes, ou audição fae aguçada. Só sabemos que a Rainha fica sabendo de tudo, uma hora.

Ela fez o movimento de fechar os lábios.

— Entendi. — Quando ele não elaborou, ela perguntou: — Você diz muito “nós”. Quer dizer seus amigos na Ordem? Os que te resgataram?

Era outro tópico que ele falhara em mencionar, e fazia pouco

sentido para ela. Eram as pessoas dele. Arriscaram as peles e vidas para salvá-lo, entretanto, ele não queria voltar e pedir ajuda para eles.

Ele deu um aceno curto, mas não disse nada. Ela passou a mão pelo braço dele, os dedos arranhando a lã do suéter.

— Se você quiser conversar, estou aqui.

Olhos vibrantes encontraram os dela, e precisou conter um arquejo. Mesmo o conhecendo tão intimamente como ela conhecia, quando olhava para ela, seu coração palpitava com o impacto. Quando ele sorria, ela morria.

Uma ruga apareceu entre as sobrancelhas dele, e abaixou o queixo.

— Vai descobrir tudo sobre eles em breve — murmurou, segurando a mandíbula dela. — E quando o fizer, prometa não me odiar.

— Jasper — ela repreendeu. Nunca poderia.

A mão dele deixou sua mandíbula.

— Vou lançar um feitiço de proteção à nossa volta, só para o caso de estarem ouvindo.

— Pode fazer isso?

Ele assentiu, e começou a se mover pelo quarto, colocando a mão em certos pontos da parede. Não parecia muito, mas Ada sentiu um formigar de algo no ar. Quando terminou, voltou para ela.

— Isso deve bastar.

— Pode me ensinar a fazer isso?

Os olhos dele se enrugaram.

— O que vai me dar se ensinar?

Ela riu.

— Sempre querendo uma recompensa. Sei que posso encontrar algo por aqui para você.

Olhos quentes desviaram para os lábios dela.

Alguns segundos de silêncio passaram enquanto se encaravam. Ela soltou um suspiro lento e desfez as amarras da capa, girando para observar o quarto, sabendo muito bem que ele a observava. Ansiedade zuniu nas veias dela.

— Bom — falou, mordendo o lábio, rezando para que ele se aproximasse atrás dela. — O que deveríamos fazer para passar o tempo?

Duas mãos pousaram na cintura dela e quase gemeu. Beijou atrás de sua orelha. Ela se contorceu até as pernas, estremecendo contra ele.

— Tenho algumas ideias — falou rouco, depois mordiscou o lobo dela com diversão antes dos dentes pousarem no pescoço e roçarem. Fez a mais leve pressão, só o suficiente para deixá-la saber das intenções, mas aí se afastou. — Como eu disse, quando eu te marcar, Ada, vai implorar por isso.

Ela escarneceu.

— Eu não imploro.

Ele a virou para encará-lo.

— Vai querer tanto que vai pegar meus dentes e colocá-los no pescoço.

— Ah, é? — Quem estava enganando. Era provável que fizesse isso mesmo. Ela sorriu, abrindo os botões da camisa e andando para trás. Quando os botões se abriram, o meio se separou, revelando a total e completa falta de lingerie.

Ele quase ferveu com a visão dos seios nus e aí arrancou as roupas — erguendo o suéter e camisa em um movimento único, abrindo as calças e aí avançando nela até que caiu contra a cama com uma risadinha.

¶

NO TERCEIRO DIA DE CATIVEIRO, Ada sentava na saleta com Jasper sentado no chão entre as pernas dela, encarando a janela de vitral. Ele brincava com o coração âmbar que pertencera a sua mãe. As mãos dela estavam no seu cabelo, trançando mechas enquanto ele contava sobre sua vida e Elphyne e a Nascente.

— Uma fonte de poder é onde você recupera os estoques de mana mais rápido do que de costume — falou, inclinando contra o toque dela até que coçasse atrás de suas orelhas e ele quase ronronar.

Com um sorriso, ela passou os dedos pelo cabelo e dividiu outra parte antes de separar o cabelo em três e trançar.

— Tipo o quê?

— Costumam ser lagos termais ou corpos aquáticos. Como a lagoa Lupercália.

— E a fonte lá embaixo, certo? Aquela era uma fonte de poder?

Ele assentiu.

— Se qualquer fae ficar com mana baixo, podem embeber na água por alguns minutos e se restaurar.

— Legal.

— Ou demoraria alguns dias para recuperar o estoque pela natureza.

Ada parou, franzindo o nariz.

— Eu não precisei.

Ele inclinou o pescoço e lhe deu um sorriso de derreter.

— É porque você é especial.

— Só está dizendo isso para se dar bem. — Deu um tapa nele.

— Está dando certo?

Ela bufou, e virou o rosto dele de volta para frente.

— Quando não dá?

Ele tentou se virar de novo, mas ela o impediu com um puxão no cabelo.

— Ai — reclamou.

— Está acabando com meu penteado.

Ele fez uma careta, ainda olhando para ela.

— E tem certeza que é um penteado que muitos homens da sua época usavam?

— Claro — resmungou, contendo um sorriso. — Agora, me conte mais histórias. E seus amigos na Ordem?

Ele se acomodou de volta olhando para frente com uma bufada mal contida.

— Não sei o que acham de mim agora — ele confessou. — Mas não é bom.

Os dedos de Ada pararam na cabeça dele.

— São seus amigos. Eles te resgataram.

Os ombros largos cobertos pelo suéter deram de ombro.

— Não sabem as coisas depravadas que fiz enquanto estava com o Rei.

Ada também não. Não muito. Segurou o fôlego, esperando mais. Quando as palavras vieram, jorraram dele.

— Thorne foi o garoto mais bravo que já vi entrar na Ordem, e foi a primeira vez que vi de verdade como meu comportamento afetava outra pessoa. Estava bravo por minha culpa. Falhara em agir e evitar que sua mãe fosse executada. Falhara em impedir que o pai fosse amaldiçoado. Aí não fiz nada para ajudá-lo quando era criança até chegar na Ordem. — Jasper ficou tenso. — Thorne só entrou no lago cerimonial porque o Tio Thaddeus o forçou. Thaddeus era um homem cruel, e eu sabia. Poderia ter feito algo... mas... — Exalou. — Às vezes eu congelo.

— Entendo disso — ela murmurou e acariciou o cabelo dele com carinho, soltando as tranças. — Também fico com medo. Foi por isso que disse aquelas coisas estúpidas pra você no outro dia. Pensei que estivesse me protegendo. É óbvio que estava errada.

Virou de joelhos e se encaixou entre as pernas dela, colocando uma mão em cada joelho. O cabelo dele estava espetado, deixando-o mais adorável do que antes.

— Ada — ele disse, os olhos ficando sérios. — Tem algo que quero te contar, mas... não quero que mude sua opinião de mim.

Dor e mágoa lampejaram pela expressão dele. Ela colocou a mão na sua bochecha.

— Nada que possa me dizer vai me fazer pensar diferente de você.

— Você diz isso agora.

— Então não conte — ela disse. — Se não estiver pronto, me conte outra hora. Não importa para mim.

— O que importa para você?

— Sua felicidade.

As sobranceiras dele se ergueram e uma expressão brincalhona passou por suas feições.

— Se eu te contasse que isso me faz feliz — as mãos dele deslizaram sobre as coxas dela, polegares virando para dentro até tocarem no ápice com uma pressão firme e formigante — então importaria para você?

Ela se contorceu para trás enquanto calor se acumulava com o toque.

— Sim — ela suspirou.

— E assim? — Roçou os polegares sobre a costura nas calças, criando fricção sobre a junção sensível.

Ela mordeu o lábio, assentindo, sem poder impedir os quadris de se moverem contra ele. Deus, ela era uma viciada libertina perto dele. Desde que foram presos, era tudo o que podiam fazer. Comer, dormir, conversar e fazer amor.

— E assim? — Segurou os quadris dela e a puxou para a beirada do sofá — perto dele. Colocou a boca entre as coxas dela e mordeu sobre o tecido, soltando um grunhido quando prazer surgiu e esquentou a virilha dela.

— Jasper — ela arquejou e ele desistiu de fingir que estava brincando e abriu os botões nas suas calças. — E as proteções? — Ele ativara alguma hoje? Ela não podia se lembrar.

— Estão boas — ele disse e puxou as calças e calcinha pelas pernas dela. Ele as jogou para o lado e depois afastou os joelhos até ela estar exposta.

— E a janela?

Estavam bem ao lado da janela. Qualquer um poderia ver.

— Estamos alto demais — resmungou e deslizou um dedo no núcleo molhado.

— Mas... *ah, Deus*. — Ela se moveu contra ele, procurando o toque toca vez que recuava.

— Isso é tudo o que precisa se preocupar — falou rouco, olhos alucinados sorvendo o visual das suas ações. — Isso me faz muito feliz.

Ver como ele observava deixou Ada ainda mais excitada. Fios de calor surgiram no seu baixo ventre. A cabeça inclinou para trás ao ceder aos desejos insaciáveis de Jasper.

— Cavalegue meus dedos, Ada — exigiu. — Me mostre o quanto quer isso.

Sem poder evitar, ela se esfregou contra ele enquanto a penetrava. Quando acrescentou um segundo dedo, o pulso dela palpitou. Ela se contorceu e segurou seu cabelo, erguendo seu olhar para o dela.

— Me diga o que quer, meu amor — murmurou.

Deus, quando ele a chamava assim.



— Você.

— Onde?

Ela moveu os quadris.

— Aqui.

Um sorriso lento e pecaminoso curvou os lábios dele.

— Isso me faz muito feliz — ele disse, e aí substituiu os dedos com a boca.

A língua fez coisas mágicas. Chupou, lambeu, mordiscou e rodopiou até o corpo de Ada se estilhaçar em um milhão de pedacinhos extasiados. E ainda assim, ele continuou a se esbaldar nela até os últimos vestígios de prazer sumirem e ela precisar de um outro tipo de satisfação.

Ela o puxou pelo cabelo, arrastando para cima e aí o beijou. Gemeu na boca dela, aprofundando o beijo.

— Ada — murmurou.

Foi tudo o que disse. Ela pensou que ele mencionaria marcá-la de novo, mas não o fez. Ela teria dito sim. O momento pairou suspenso entre eles. Ela viu a hesitação nos olhos dele, e as palavras de antes voltaram para assombrá-la.

*Tem algo que queria te contar...*

Antes que pudesse deixar a dúvida tomar conta, Jasper rosnou baixo na garganta, a expressão ficou intensa e a virou de barriga, manipulando-a com facilidade para seu agrado. Afastou as pernas dela de forma que uma caísse do sofá e uma ficasse apoiada. Depois ergueu seus quadris, inclinando a bunda e posicionou o pau na entrada inchada e sensível antes de estocar até o fim e deitar sobre ela, se deleitando na conexão.

Soltou um gemido entrecortado que ressoou pela coluna dela e formigou todos os lugares dentro do corpo.

— Isso — ele murmurou no ouvido dela, hálito quente contra o pescoço. — Isso aqui, Ada.

Ela só podia assentir com um gemido e uma mordida da mão. A sensação dele a cercando, a preenchendo, era quase demais.

Abaixou os lábios para a orelha dela e sussurrou:

— Isso aqui é como se fosse meu lar.

ALGUM TEMPO DEPOIS, deitavam nus e suados no sofá. Jasper estava por baixo e Ada por cima, a cabeça dela encaixada no seu braço e os dois entrelaçados. Fazê-los feliz precisara de toda energia dela, e a habilidade de cochilar era tudo o que restava.

A mão de Jasper se movia preguiçosa sobre o longo cabelo, começando na cabeça e percorrendo as costas dela. Era tão calmante,

ela pegou no sono mais de uma vez. Podia ter cochilado, mas ele não. Sabia que algo rodava na mente dele.

— No que você está pensando? — murmurou e passou a mão sobre seu peito.

Ele inalou, hesitou, e depois falou:

— Nada.

Por um segundo, ela considerou deixar para lá, mas queria saber algumas coisas.

— É sobre seu pai? E como vamos derrubá-lo?

A mão contraiu no cabelo dela.

— Na verdade, era sobre o Ringue.

— Ah.

Voltou a acariciar.

— Odeio isso. Precisa ser desativado.

— Mas...

— Mas mesmo se eu me tornar rei, não é minha jurisdição. Cornucópia é independente. Qualquer mudança que eu fizer como rei será um sinal de agressão contra o povo Unseelie. Precisaria da cooperação dela.

Silêncio se alongou. Os cílios de Ada se fechavam com cada carícia da mão de Jasper. A mente dela foi para outras coisas... coisas que ao mesmo tempo a assustavam e a enchiam com uma sensação de propósito.

— Jasper?

— Hmm?

— Quando se tornar rei...

— Se...

— Quando!

Ele resmungou.

Ela continuou:

— Vamos fingir por um segundo que vai ser rei.

Ela sentiu o sorriso dele contra sua cabeça ao beijar o topo.

— Tudo bem. Quando.

— O que vai acontecer comigo?

— Vai estar ao meu lado. Como Rainha.

Uma careta tensionou a testa dela.

— Mas sou humana.

— E abençoada pela Nascente.

— Ainda demorou um pouco para a alcateia Darkfoot se acostumar comigo.

— Não demorou não. Eles se apaixonaram por você até Lupercália. Se pode fazer isso com uma alcateia que foi devastada por humanos, então pode fazer isso com todo povo Seelie. Além do mais — ele disse —, nem sabemos se isso vai acontecer. Ainda precisamos falar com

Maebh.

— Eu sei.

— Não vamos nos precipitar. Se dependesse de mim, deixaria outra pessoa assumir o trono.

— Tem outra pessoa?

Ele parou.

— Na verdade não. Não se não quisermos que Maebh assuma o poder de novo.

— E isso não é bom?

Ele balançou a cabeça.

— Ela mudou desde a primeira vez que controlou toda Elphyne. Está mais sombria, secreta e impiedosa. Talvez até louca. É bem velha.

— Estou tão ansiosa para conhecê-la — Ada falou, sarcástica.

— Posso lidar com ela.

Ada se afastou e fitou os olhos dele.

— Só pra você saber, vai ser magnífico em qualquer futuro que escolher.

O sorriso dele enrugou seus olhos e Ada ficou toda derretida por dentro. E aí ele disse algo que fez Ada virar uma poça.

— Contanto que você esteja nele, acredito.

## CAPÍTULO VINTE E QUATRO

E speraram oito dias antes da Rainha os convocar. *Oito dias*. Jasper teria teleportado os dois, mas concordaram que isso significaria desistir. Eram melhores do que isso, então usaram o tempo para se conhecerem, entre os lençóis e fora deles.

Quanto mais Ada aprendia sobre ele, mais se apaixonava.

Era um herói. Batalhou contra monstros. Entrava em perigo todos os dias porque era a coisa certa a ser feita. Também era engraçado e divertido. Em algumas histórias, ele contou as travessuras que aprontava com o quadro. Soavam como um grupo interessante e ela estava ansiosa para conhecê-los.

Mas aí ele fora sequestrado. As coisas mudaram. Ele ainda se recusava a falar muito sobre o que acontecera quando estivera sob a influência do Rei, mas, como já havia dito, ela podia esperar. Contanto que ele estivesse feliz, ela também estava. Ela não precisava saber tudo. Todos tinham direito a ter seus segredos. De volta em Vegas, quando ela até que enfim frequentara o ensino médio, ninguém sabia o nível de isolamento da sua infância. Ninguém sabia que o único motivo que podia frequentar a aula era porque Harold e Laurel a ensinaram a ler.

Jasper também treinou Ada um pouco mais nas nuances de acessar seu dom. Não podia acender uma chama, mas podia mover água com o poder – só o suficiente para mover o fluxo da torneira e a água da banheira em círculos. Pensar naquele momento fez Ada sorrir.

Aquele banho fora bem alegre para os dois.

E não era só Ada fazendo Jasper feliz. Ele a fazia feliz de incontáveis jeitos. Na cama... ao lado da lareira... de volta na janela.

Mas tinha um limite. Depois de oito dias, até as lições estavam ficando cansativas. Ela podia curar qualquer dor no corpo, mas precisava de mais treinamento. O fato se tornou evidente quando Jasper teve dificuldade de explicar o que certos elementos de mana significavam. Ao que parecia, havia fogo, terra, ar e água, mas também caos e espírito. Cada um tinha uma sensação diferente, e ele não era proficiente em nenhum deles.

Para saber quais feitiços ela poderia lançar, precisaria saber as afinidades elementais, e isso só poderia ser isolado na Ordem da Nascente. Com sorte, chegariam lá em breve.

Jasper cochilava em uma poltrona perto da lareira da saleta e ela estava no meio da tarefa muito importante de contar os cantos no teto gótico abobadado quando a batida na porta soou.

As orelhas de Jasper eriçaram e ele sentou. Os olhos deles se encontraram por um segundo antes de Ada levantar da cama e passar a mão pela frente. Por causa da longa duração da estadia, receberam roupas junto com a comida três vezes por dia. Agora usava calças de couro e um suéter preto simples com ombreiras emplumadas. O cabelo estava solto sobre os ombros, cobrindo as orelhas.

Jasper também estava usando preto justo da cabeça aos pés – calças de couro e um suéter preto fino que mostrava todos os dotes divinos. Parecia que a Rainha gostava que os hóspedes usassem as cores do seu reino. Ada não iria reclamar.

— Entre — Jasper respondeu e se juntou a ela ao lado da cama.

Não sabia se ele falara alto o suficiente para ser ouvido, mas a porta se abriu.

O guarda sombrio do portão entrou. Desde então, aprenderam com os funcionários que ele era um vampiro chamado Gastnor. Jasper avisara Ada mais de uma vez para tomar cuidado perto dele.

Hoje usava roupas mais apropriadas para interiores – calças pretas e um suéter. *Ah, e olha só?* Preto, preto, preto.

Acenou para que o seguissem, mas não disse nada enquanto andavam pelos longos corredores estreitos.

— Se essa rainha não estiver usando preto, juro que te dou o que quiser.

Os lábios de Jasper se moveram. Ada sorriu de volta, feliz de ver a tensão deixar sua postura, ainda que só por um segundo.

— Nunca faça uma aposta com um fae, Ada — arrastou, claramente divertido. — Não vai gostar do resultado.

Ela bufou e balançou as sobancelhas.

— Sabe que *apostaria* com você a qualquer hora. É só pedir.

Dessa vez, uma bufada de diversão irrompeu dele, e quando chegaram na sala do trono, ele colocara o braço de forma casual sobre os ombros dela.

— Ada, Ada — ele repreendeu com um brilho no olho.

— O quê? — Ela sorriu, olhando para ele.

Abaixou os lábios para a orelha dela.

— É perfeita para mim.

Ela colou nele. Beijou o topo da cabeça dela e aí a guia pelo enorme portal arqueado.

Dentro, ficou grata pelo toque constante de Jasper porque se encolheu sob a atenção de uma sala cheia de fae boquiabertos.

A sala do trono era uma enorme câmara obsidiana. O cheiro enjoativamente doce de baunilha e rosas permeava o ar. Banners

vermelhos estavam pendurados do teto entre uma escultura entrecruzada de ossos, galhadas e madeira que ia de cornija a cornija. Em um palanque, na frente de uma janela de vitral retratando cenas violentas e depravadas envolvendo fae, sangue e animais, sentava a Rainha em um trono feito de osso preto. Ou talvez fosse obsidiana, entalhada para parecer osso.

A própria Rainha era uma mulher esplendorosa com grandes olhos escuros e lábios carnudos roxos. Um grande cabelo afro carregava uma coroa de chifres cravejada de rubis. Lembrava Ada dos espinhos que Jesus usara na cruz, os rubis vermelhos como sangue. O vestido escuro não era virtuoso. Grudava na forma voluptuosa até se abrir nos joelhos e escorrer pelos degraus do palanque onde duas criaturas parecidas com globin davam um sorriso afetado e ajeitavam o comprimento. Coleiras os prendiam em uma estaca enfiada nos degraus.

Ao andarem pelo corredor, Ada não pôde evitar estremecer sob o peso de olhos atentos dos membros da Corte. Alguns fae pareciam humanos, alguns não. Galhadas nas cabeças. Antenas. Asas. Rostos que não eram humanos se moviam com olhos que não piscavam e rasgos como bocas. Mandíbulas subdesenvolvidas com presas. Alguns rostos eram pálidos como a morte, e Ada poderia ter jurado que viu o contorno de um crânio ao olhar para um. Foi só um lampejo sob um rosto assombrosamente bonito, como se alguém tivesse acendido uma lanterna sobre a pele translúcida, mas aí quando a luz desligou, o crânio sumiu.

Quando o olhar dela pousou em dois homens idosos baixos e troncados com longos dentes proeminentes, um arrepio percorreu sua coluna. Boinas vermelhas estavam sobre o cabelo desgrenhado. Dedos finos e com garras dedilhavam as coxas e grandes olhos vermelhos a seguiram ao passar. As boinas estavam brilhantes como se tivessem sido embebidas em sangue de verdade, e quando viu algumas moscas voando em volta, soube que era verdade. Nojento.

Jasper apertou o ombro dela ao pararam ao pé do palanque. Gastnor continuou pelos degraus e parou à direita da Rainha. À esquerda estava um homem forte com um roupão escuro, o rosto sombreado pelo capuz. Segurava um cálice de vidro redondo.

— Alta Rainha Maebh — Jasper disse, e inclinou a cabeça.

— Se curve, Guardião — ela exigiu. A voz grave exalava confiança.

Ada fez uma mesura rápido, desejando que ao menos tivesse perguntado o protocolo adequado para Jasper. Jasper aumentou a inclinação da cabeça, mas não abaixou mais. Ela bateu os dedos manchados de preto no trono, unhas compridas afiadas tilintando.

— Vejo que o ego da sua nova posição já te consumiu — mencionou seca. — Um Guardião e um príncipe. Ora, como as coisas

estão mudando.

Jasper encontrou o olhar dela.

— Fale. — Ela acenou, mal erguendo o dedo como se toda a situação a entediasse.

Ele olhou para a congregação.

— Talvez devêssemos falar de política em particular.

— Essa é minha corte — ela arrastou. — E esses são meus conselheiros confiáveis. Não tem nada que não contaria a eles.

Ada duvidava muito disso. Era uma manifestação de poder, qualquer um poderia ver. O silêncio e olhos atentos eram para intimidar, para mostrar o controle da Rainha sobre os súditos, e para mostrar que era uma mulher para ser temida e respeitada. E deu certo – para Ada.

Mas Jasper não hesitou. Arqueou uma sobrelanceira régia.

— Muito bem. O Alto Rei Seelie está armando contra você. Está de conluio com humanos para incriminar os Unseelie como perpetradores em uma onda de ataques. Quer incitar guerra, uma guerra que planejou desencadear ao me matar e alegar que você era responsável.

A Rainha o encarou, cálculos passando por trás dos olhos afiados. Nenhuma pessoa na sala reagiu. Foi como se ou já soubessem e não ligassem ou tivessem sido enfeitados para parecerem estátuas.

Ada estava oficialmente assustada.

— Devo admitir — Maebh disse, tamborilando as unhas. — Fiquei desconfiada quando fiquei sabendo que se teleportou no nosso território. E curiosa. Disseram que estava desaparecido há mais de uma década e aí o Rei de repente te anuncia como herdeiro. — O sorriso dela falhou em chegar aos olhos. — Nós dois estamos vivos há tempo o suficiente para saber que ele nunca teve intenção de que você ascendesse ao trono. Então, por que vir até mim? Ligo pouco para o que acontece em terreno Seelie.

Jasper abriu uma carranca.

— Ele está de olho no seu reino. Quer governar toda Elphyne assim como você fez um dia. O único motivo que me reconheceu como herdeiro foi para que pudesse me matar, culpar você e alegar uma ofensa ao trono Seelie.

— Se os humanos falharam em derrotar meus Sluagh e a Caçada Selvagem, então o que faz Mithras achar que consegue?

— Como eu disse, ele está trabalhando com os humanos. Está dando metal a eles em troca de armas que funcionam contra os fae.

Mais contemplação silenciosa da Rainha. Aí, ela fez um gesto entediado e mole com a mão.

— Ligo tanto para os Seelie quanto *elfant* liga para um rato.

— Quer saber onde estive pela última década? — Jasper rosnou, dando um passo à frente. — Mithras me forçou a lutar no Ringue com

uma máscara de ferro enfiada no pescoço. Porque o ferro estava dentro do meu corpo, impediu minha transformação. Fiquei preso entre lobo e fae. Tiraram minhas tatuagens de aumento de poder. Roubaram minhas memórias. Se ele pode fazer isso com um Guardião que pensava ser insensível ao metal, o que te faz pensar que pode sobreviver o que estão planejando para você?

Os olhos dela lampejaram. Uma onda de poder passou pela sala como um vento solitário. Ada tentou não estremecer por medo de que a Rainha a notasse e fizesse algo drástico.

Jasper deu um passo à frente e continuou falando.

— Durante os últimos cem anos, desde a última guerra contra os humanos, as estratégias de guerra deles avançaram muito. Agora podem injetar metal líquido nos nossos corpos e forçar o mana a sair. Está mesmo me dizendo que diria não a oferta de uma jaula de metal se a Ordem permitisse? Só uma? Ou qualquer arma de metal, por sinal. Poderia impedir seu uso de mana segurá-la, mas por outro lado, poderia matar qualquer criatura mágica. Imagine o fae que poderia controlar. Imagine o poder que juntaria.

— Está me fazendo uma oferta, Guardião? Também está trabalhando com humanos?

— Não — respondeu. — Quero matar quem está.

Ada pensou que estivesse silencioso antes, mas depois das palavras de Jasper soarem, a sala quase virou um vácuo. O vento solitário da Rainha parou. Nenhuma pluma se moveu no vestido dela. Nenhum suspiro escapou dos globins aos seus pés. E os olhos dela – frios e escuros – encararam Jasper por tanto tempo e com tanta intensidade que Ada pensou que estivesse tentando ler a mente dele.

E aí a sala irrompeu em uma risada esganiçada. Cada um dos fae Unseelie gargalharam como hienas até a Rainha os parar com um olhar, ainda que cheio de humor.

Ela ergueu os dedos manchados de preto e disse para Jasper:

— Muito bem. Me convença.

— Te convencer?

— Sim, quer minha ajuda para derrotar seu rei, então me mostre por que deveria me importar. Ele não é uma ameaça para mim. A não ser que possa me convencer do contrário.

Jasper pareceu pensativo. Ada não sabia bem o que ele diria. Parecia impossível que a Rainha os ajudasse com Mithras. Deveriam ir embora. Mas o olhar dele lampejou de soslaio para Ada, e aí voltou para a Rainha.

— Que tal uma aposta? — perguntou, puro sorriso e charme.

A sobranceira escura de Maebh se ergueu. — Estou ouvindo.

Jasper se tornou um showman de novo. Ergueu os braços e girou, encarando a corte antes de voltar para a Rainha.



— Se eu derrotar seu melhor guerreiro, vai me dever um favor.

Uma onda de arquejos irrompeu, incluindo de Ada.

— Muito bem — Maebh sorriu. — Mas não vou aceitar um favor aberto. Diga seu preço. Uso da minha Caçada Selvagem para matar o Rei? Mana? Metal? O quê?

Ada pensou que era curioso que ela ofereceu o uso de metal, o que significava que tinha algum acumulado em algum lugar contra o mandato da Ordem.

— Depois que eu matar o Rei, quero Ringue destituído em Cornucopia.

— É território neutro — Maebh disse. — Mesmo que você se torne Alto Rei Seelie, nenhum de nós tem o direito de destituir o Ringue.

— E é o motivo que estou pedindo sua cooperação. Se nós dois mostramos uma frente unida, então Cornucopia entrará na linha.

— E se o Ringue não existir, como espera que a lei Cornucopiana funcione? Vai fornecer os recursos para uma guarda?

— Espero que você e eu encontremos uma solução que beneficie a todos.

Ela ponderou a sugestão e assentiu.

— De acordo, entretanto, estou surpresa que não pediu ajuda para despachar seu rei.

— Não vou precisar de ajuda para isso. — Jasper andou até ela, esticou a mão e disse: — Uma barganha deve ser feita.

Segurou a mão dele e o analisou.

— Se ganhar do meu melhor guerreiro, ou eu desistir da luta, então eu, Alta Rainha Maebh, concordo em negociar com você, D'arn Jasper, no que diz respeito a abolir o Ringue em Cornucopia até uma solução de benefício mútuo possa ser encontrada.

Jasper repetiu as palavras, mas acrescentou o limite de quatro estações, a contragosto de Maebh, mas ela concordou. Uma faísca surgiu entre as palmas e a barganha foi ativada.

— Agora — a Rainha disse, levantando com um sorriso lento. — Quem deveria enfrentar? O líder vampiro da minha guarda pessoal, Gastnor? Ou talvez, um dos meus guerreiros boina vermelha... ah, não. Claro, disse meu melhor guerreiro. Que boba.

Ela moveu os dedos no ar. Um vento fantasma percorreu a sala. Os gritos de prisioneiros invisíveis urraram nos ouvidos de Ada, cães distantes latiram e aí, bem de repente, um homem apareceu na frente de Jasper.

Alto, pálido e assombrosamente lindo, era quase gótico na aparência, com a longa capa escura – não, *asas*, eram *asas* – pairando sobre os ombros. Estremeciam e farfalhavam tão rápido quanto as de uma libélula. Rápido o suficiente para Ada querer esfregar os olhos. Ele se aproximou de Jasper e Ada arquejou, o coração subindo até a

garganta. Ele não andara. Mas se movera. Foi como se os quadros de um filme estivessem faltando e ele pulara para frente no espaço em intervalos irregulares assombrosos.

A Rainha sorriu.

— Um dos meus Sluagh será seu oponente.

## CAPÍTULO VINTE E CINCO

Jasper esperara que Maebh escolhesse um Sluagh, mas escondeu seu triunfo. Teria ficado feliz com qualquer fae, para ser honesto. Contanto que não fosse ela. Tudo o que precisava era que ela desistisse, e para isso acontecer, precisava enganá-la assim como estava tentando enganá-lo.

A chave de derrotar um Sluagh era separar sua alma do corpo sob o sol.

— Pensei que fosse mais esperto do que isso, Guardião — a Rainha arrastou. — Mas, até aí, seu pai o capturou e forçou a batalhar no Ringue durante anos.

Risadinhas ecoaram pela Corte. Ninguém pensava que venceria.

— Jasper? — Ada sussurrou, os olhos arregalados.

Ele manteve a expressão divertida e abriu o bloqueio nas emoções. Para isso dar certo, precisaria dela calma. Correu até ela e sussurrou no seu ouvido:

— É mais fácil dar alguma diversão a ela para conseguir o que quero.

Garantiu que ela sentisse que ele não estava preocupado. A mandíbula dela ficou tensa e assentiu.

— Acabe com eles, querido.

Ele piscou, amando como ela tinha confiança nele.

*Perfeita para mim.*

Ada se afastou. Ele a puxou de volta, lembrando de algo.

— Posso precisar emprestar seu mana — ele murmurou. — Tem problema?

— Pegue o que você precisar.

As palavras o atingiram com mais força do que estava preparado. Passaram os últimos oito dias se amando, entretanto, na verdade, ele tomara mais do que ela deveria dar sem ele dar um pouco de si de volta. Ele sabia que as amigas dela estavam em algum lugar em Elphyne. Em mais de uma ocasião ele tivera oportunidade de contar para ela. Mas todas as vezes que abrira a boca, nada saíra. Ele congelara. O pensamento de decepcioná-la, das amigas a envenenarem contra ele, era a nova fonte dos seus pesadelos. Era irracional, mas ainda assim, algo que não podia superar.

O que era o motivo de precisar encontrar um jeito de contar para

ela, ou tudo isso sairia pela culatra.

Ele voltou para o espaço vazio na frente do trono e girou os ombros.

— Quer fazer isso aqui?

— Aqui, lá fora... — Maebh deu de ombros. — Em qualquer lugar, ainda vai morrer. E vou gostar de jantar na sua parceira humana.

Os olhos de Jasper semicerraram. O humor desapareceu. As coisas acabaram de ficar pessoais. Tudo bem. Ele acabaria com isso o mais rápido possível.

Fazendo um espetáculo, esticou a mão e distendeu uma garra da ponta de um dedo. Usou a ponta para arranhar símbolos ensanguentados na palma esquerda e aí convocou a arma de ferro, Ghostmaker. Ainda devia estar no seu quarto na Ordem. Quando o feitiço a encontrasse, a espada teleportaria até ele. Encarou a Rainha enquanto esperava e manteve as costas para o Sluagh.

*Pressinto sua dúvida, Guardião.* A voz do Sluagh sussurrou na mente de Jasper. *Vire-se e me encare.*

Jasper permaneceu estoico. O desprezo descarado por sua segurança desconcertou a multidão, mas a Rainha semicerrou os olhos. Sabia que ele acabara de convocar uma arma.

— Metal não vai matá-lo — ela provocou. — Você sabe disso.

Ele ergueu um ombro.

— Mas pode atrasá-lo.

— Não é o bastante. Tem segundos antes de perder sua vida. Últimas palavras, príncipe metamorfo? — Ela zombou na palavra príncipe e ele odiou.

Nunca pensou que gostaria da palavra, mas depois que o Rei massacrara a matilha Darkfoot, e aí a crença subsequente de Ada de que ele poderia se posicionar, pensara que, talvez, tivesse uma chance de consertar as coisas na nação Seelie. Tinha uma chance de fazer a mãe orgulhosa. Talvez aqueles dignatários que sentaram no banquete de Lupercália e o incitaram a tomar a coroa estivessem certos. Talvez ele devesse aos seus familiares proteger os inocentes – além da prerrogativa da Ordem. Foi o sonho que o levava a se tornar um Guardião para começar.

Antes da hora acabar, Maebh engasgaria nas próprias palavras. Ela o veria como um igual, e quando enfim comesçassem as negociações quanto ao Ringue, ela sentaria à mesa com respeito.

*Covarde, as palavras do Sluagh deslizaram no seu pensamento. Ela vai saber a verdade. Irá desprezá-lo. Renda-se agora e salve sua dignidade.*

Jasper ficou tenso, sabendo que o Sluagh falava sobre Ada. As mãos dele contrariam aos seus lados.

Só mais um pouquinho.

*Vire-se, Guardião. Encare-me.*

Um ressoar na atmosfera sinalizou que a espada larga, Ghostmaker, estava a caminho pelo espaço e tempo, puxada pelo feitiço que entalhara em sangue. Esticou a mão, pronto para pegá-la. No instante que o punho atingiu sua mão, ele se desmaterializou.

E apareceu atrás do Sluagh, levando a espada para o pescoço dele, pronto para abri-lo. O Sluagh pressentira ele vindo. Lampejou para longe. Duas piscadas e estava a mais meio metro de distância. Ele se posicionou e depois lampejou para Jasper, mas dessa vez, Jasper teleportou para longe. E assim o jogo de gato e rato começou, cada um lampejando ou teleportando para o outro lado da sala, tentando pegar o outro até, uma hora, o espectro do Sluagh, um borrão de sombra e luz com face de crânio, aparecer como um fantasma dentro do seu rosto. A boca perfeita e elegante se curvou em um rosnado, revelando dentes irregulares e afiados, e aí separou a alma do corpo com uma rajada de ar.

Apesar de não poder ver, Jasper estiver preparado. Esperou até pressentir o espírito vindo, e aí se teleportou pela sala, levando o espectro em uma caçada que parecia aleatória. Ele podia pressentir a confusão – do Sluagh, da Rainha, dos espectadores. Nenhum deles também percebera o quanto de mana que Jasper tinha acesso. Deveria estar cansado a essa altura. Gasto. Mas ele só estava começando.

Com uma última corrida pela sala, pousou atrás do corpo físico do Sluagh, segurou o braço dele e se teleportou para longe.

Pousaram em uma montanha coberta de nele. Jasper soltou o Sluagh rosnando e sibilando. Odiava a luz do sol, ainda mais do que os vampiros.

— Minha alma irá me encontrar — o Sluagh avisou, virando e atacando com os dedos em garras. Sem a alma, não podia falar direto na mente de Jasper. As asas estremeceram, se preparando para voar. — Não importa para onde tenha me levado no mundo, vou me reunir com meu espectro, e aí vou encontrá-lo. E vou me esbaldar na sua eterna alma covarde.

O rosnado de Jasper ecoou pela montanha. A lâmina estava no pescoço do Sluagh antes que pudesse piscar.

— Deveria matá-lo agora e que se danem as consequências.

O Sluagh deu um sorriso dentuço de tubarão.

— Não tem a coragem.

Ghostmaker cortou o pescoço pálido, só um tiquinho. Carmesim escuro escorreu do ferimento raso. Os olhos do Sluagh se arregalaram.

— Sim — Jasper sussurrou. — Sei que a lâmina irá matá-lo sem a alma dentro de você.

— É uma mentira.

— É mesmo? — Jasper retrucou.

O oponente não disse nada porque era verdade. Sem a presença

fantasmagórica, o corpo era quase um Baixo Fae. Era pura sorte que ninguém descobrira essa fraqueza até agora.

Jasper deu de ombros.

— Só precisava de alguns minutos com você fora da sala.

Ele se teleportou de volta para a sala do trono da rainha, sabendo que o espectro do Sluagh já estaria correndo pelo mundo, voando direto para o corpo, gastando mana.

A Rainha fingiu parecer entediada.

— Por favor, não me diga que está brincando de pegar com meu Sluagh.

Ele mostrou os dentes em um sorriso porque ele sabia que sob a postura sarcástica estava uma mulher temendo o pior. Ela não sabia de nada.

Maebh acenou com a mão.

— Sabe que ele vai voltar, a qualquer momento. Tudo o que ele precisa para recuperar o mana é comer uma alma desta sala. Talvez será a da sua parceira.

Jasper moveu a espada, rodopiando na mão enquanto começava uma caminhada lenta e constante na direção da Rainha, garantindo que mostrar a mancha de sangue escorrendo em Ghostmaker.

— Acho que não — ele disse.

— Ah é? — Os olhos dela foram para a lâmina. — Me esclareça.

— Não cumpriu seu lado da barganha. O Sluagh não era seu melhor guerreiro. Mesmo se fosse, posso brincar de pegar o dia todo.

A expressão dela ficou sombria. Sabia que ele estava certo, e agora ela sabia que ele não matara o Sluagh como poderia ter feito.

— Seu melhor guerreiro tem medo de me encarar? — ele provocou. — É isso?

Fúria lampejou nos olhos dela e se levantou, ameaça exalando dela em ondas.

— Você testa minha paciência.

— E você manipulou a barganha.

A multidão soltou risadinhas e gargalhou. Era algo Unseelie de se fazer. Se a Rainha não tivesse tentado fraudar o desafio, teriam ficado decepcionados. Mas a Rainha não era tão esperta quanto pensava.

Ele sabia que uma coisa lhe dava poder entre seu povo: a total falta de medo sobre a força humana de matar com metais. Tudo o que Jasper precisava fazer era provar que o metal tinha o poder de matar o maior guerreiro, e a ilusão de poder seria destruída. Perderia súditos aos montes.

As paredes estremeceram conforme o Sluagh se aproximava, vindo com tanta força que perturbou o som e criou um trovão.

Jasper moveu a espada, analisando a lâmina ensanguentada, pensando alto:

— Me pergunto o que aconteceria se esse longo e grosso pedaço de metal teleportasse para *dentro* do seu maior guerreiro.

Arqueou a sobrancelha para Maebh. Ela sabia que ou precisaria admitir que o metal, de fato, matava um Sluagh se feito corretamente. Ou ela mesma. De qualquer jeito, alguém sairia parecendo fraco na frente da Corte. E não seria ele.

Ela parou. Encarou.

E no instante que o Sluagh lampejou na sala, ergueu a mão, parando-o.

Ele ferveu com fúria, mas fez como comandado.

— Cansei dessa brincadeira. Desisto — bocejou e aí abriu uma carranca para a Corte. — Vão embora! Todos vocês.

Ao se escaferem da sala, incertos do que acontecera, ele sorriu para a Rainha.

Ela era a própria guerreira mais forte. Tinha a maior capacidade de armazenar mana. Ao mandar o Sluagh lutar no seu lugar, significou que a barganha havia sido quebrada, e Jasper ganhara a revelia. Ela ou teria que levantar e admitir que seria a próxima a lutar, mas com a ameaça pesada no ar, também se colocaria em risco.

Ao desistir, poderia disfarçar e manter o mistério.

O que falhou em considerar foi que, para colocar a espada dentro da Rainha ou do Sluagh, Jasper teria que teleportar com ela, e era bem improvável que ele mesmo sobreviveria. Ele era sólido. Ela também. As células batalhariam por supremacia no espaço, e... ele não queria arriscar. Era a mesma coisa que acontecia quando um portal era ativado e a saída do outro lado era sólida. Leaf um dia criara um portal que abria no meio de uma parede. Explodiu. Mas a Rainha não sabia disso.

De qualquer forma, o ego dela fora sua derrota porque se tivesse pensado bem, teria percebido que para vencê-lo, tudo o que precisava fazer era atacar Ada.

## CAPÍTULO VINTE E SEIS

O coração de Ada ainda estava na garganta conforme a sala do trono esvaziava, e a Rainha descia do palanque para encontrar Jasper. Ada ainda não sabia o que havia acontecido. Algum tipo de batalha aconteceu, uma psicológica que ninguém compreendeu além da Rainha e de Jasper.

Quando o último dos Unseelie deixou a sala, as portas permaneceram abertas, e a Rainha acenou para que alguém entrasse. Dois soldados fortes de cabelo branco entraram, arrastando um prisioneiro entre eles.

Os dois usavam couro preto e tinham a tatuagem azul brilhante de Guardiã sob o olho. Grandes armas de metal estavam presas nas costas. Um tinha uma espada, o outro um machado de batalha. Barba cobria a mandíbula definida do Guardiã de cabelo comprido, enquanto o de cabelo curto estava barbeado. Pelo jeito que as orelhas com pontas peludas eriçaram, deviam ser metamorfos. Os dois fuzilaram Jasper.

Jasper empalideceu quando soltaram o prisioneiro aos pés da Rainha.

— Estamos esperando há horas — o Guardiã de cabelo comprido rosnou.

— Não gostamos de esperar — acrescentou o outro e cruzou os braços.

Os olhos de Maebh semicerraram.

— Vocês esperam o tanto que eu quiser que esperem.

— Não me disse que tinha companhia — Jasper disse para ela.

— Surpresa. — Mais animosidade velada passou entre a Rainha e Jasper, mas nenhum fez nada a respeito. No lugar, a Rainha dirigiu a dela ao prisioneiro, um brilho cruel surgindo no olhar. — Bem na hora. Estou com vontade de punir alguém.

— Interrogar — o Guardiã de cabelo comprido a lembrou. — Concordamos de emprestar o prisioneiro apenas para propósitos de interrogação.

— Não ligo — o Guardiã de cabelo curto resmungou. — Pode punir.

A Rainha deu um sorriso melindroso.

— Interrogar, punir... tudo a mesma coisa. Meu Sluagh está se



sentindo um pouco enganado depois da batalha que acabou de ter, e quero dar algo a ele como recompensa. Almas humanas são tão saborosas.

— Apenas consiga a informação.

— Ah, ele vai conseguir — a Rainha disse. — Vai vasculhar e mente desse homenzinho até encontrar o que precisamos.

Ada mudou o foco para o prisioneiro e quase perdeu o conteúdo do estômago. Ele era um homem – *humano* – com olhos profundos, um nariz de gancho e um rosto bem familiar. Mas não era possível. Era?

A realidade dela começou a inclinar. Esse prisioneiro era do seu passado. Tipo, bem fundo no passado, de quando morava em Vegas. Ela *sabia*. Onde o vira?

O prisioneiro cuspiu sangue no chão e ergueu a cabeça. Quando viu Ada, os olhos se arregalaram um pouco antes de ficarem passivos. E aí a ficha caiu – era o mercenário que atacara Laurel na época delas. Ele a sequestrara para forçar Clarke a revelar os códigos nucleares. Era o mesmo homem que trabalhara para o homem que inevitavelmente causara o apocalipse – o Vazio.

O que diabos ele estava fazendo aqui? Agora?

Pânico surgiu, embargando a garganta de Ada. Não podia respirar. Mal podia pensar. Ela puxou o braço de Jasper, tentando falar, mas o único som foi um silvo ao tentar formar palavras.

— Ada?

— Ele... é... — A mandíbula dela abriu e fechou.

O Guardião de cabelo comprido se aproximou.

— Ele é um homem perigoso, sim, sabemos.

— Não, você não entende. Ele é da minha época. Foi ele que...

— Trabalha para o Vazio — o Guardião de cabelo curto resmungou.

— Você sabe? — Ela empalideceu. — Como?

Um movimento atrás dela. Um sopro de um cheiro familiar demais para ser real.

— contei para eles, Linda Gatinha.

Os ombros de Ada tensionaram. Ela conhecia aquela voz, aquele apelido. Todas as cabeças se viraram para os recém-chegados na porta. Duas mulheres. Uma ruiva e uma morena. O coração de Ada subiu na garganta. Os joelhos bambearam.

As mulheres sorriram, lágrimas nos olhos enquanto andavam para frente. Ada estava atordoada demais para se mover, temerosa demais que acordaria do sono, mas quando Clarke virou para Jasper e assentiu, tudo virou de cabeça para baixo.

Ele acenou de volta, a mandíbula tensa.

Ele as conhecia.

O quê?

— Clarke. Laurel — ele resmungou e aí desviou o olhar para os dois Guardiões. — Rush. Thorne.

Uma pontada afiada atingiu o peito dela. Segurou o suéter. Como ele os conhecia?

— Jasper? — sussurrou. — Você... conhece minhas amigas?

Os olhos dele arregalaram, mas não disse nada.

Clarke e Laurel correram até ela. Todas colidiram em um grande abraço. Ada não pôde evitar que as lágrimas irrompessem. As amigas. Estavam aqui. Vivas. Tinham o mesmo cheiro. Mesmo depois de todo esse tempo.

— Ah, meu Deus — arquejou, abraçando-as. — Senti tanto a falta de vocês duas.

As amigas também estavam balbuciando. Lágrimas escorriam pelos rostos, sorrindo apesar da torrente de emoção passando por todas elas. Ada se afastou e olhou para Jasper. Ele se recusou a encontrar o olhar dela. Mas pela conexão, ela sentiu tudo... vergonha, resignação, medo.

— Você as conhece, Jasper. Há... quanto tempo... sabe? Desde o começo? — A voz dela falhou conforme as piores opções passavam pela sua cabeça.

Mentira para ela? Mas ela pensou que isso fosse impossível para um fae. *Fae não podem mentir*. Era exatamente o que um mentiroso diria. Mas ela acabara de testemunhar seu amor provar que era um exímio manipulador. E ela nunca o perguntara de forma direta se conhecia suas amigas. Então ele nunca mentira de fato. Ela não pensara que fosse necessário. Se ele sabia que as amigas estavam vivas, qualquer pessoa que se importasse com ela teria dito alguma coisa.

Tudo ficou demais.

— Não posso respirar. — Começou a hiperventilar.

— Estamos aqui — Laurel disse.

— Está tudo bem — Clarke acrescentou, passando a mão sobre as costas de Ada. — Estamos com você.

— Ele...

— Eu sei. Ele te levou umas duas semanas atrás. Tentamos te encontrar, mas não conseguimos.

— Ele me levou?

Ah, meu Deus. Isso deixou tudo pior. Agora Ada não podia olhar para ele. Quem era ele? A amnésia foi real? A maldição foi real?

Os últimos oito dias com ele foram essenciais para o relacionamento deles. Foram falsos?

As paredes se fecharam.

— Preciso de ar — ela arquejou. — Preciso sair daqui.

A voz da Rainha ecoou acima de tudo.

— Vou levar ela para fora — ordenou e se intrometeu para chegar

até ela.

Dedos gelados seguraram o pulso de Ada.

— Venha, humana. Me siga.

— Acho que não — Jasper rosnou, a espada já em punho e apontada para o pescoço da Rainha.

Os dois Guardiões ficaram tensos, os olhos se movendo entre a Rainha e Jasper. Maebh revirou os olhos.

— Acha que preciso afastá-la para matá-la?

— Nunca se sabe com os Unseelie. — Um desespero silencioso iluminou os olhos dele ao semicerrarem. — E mencionou algo sobre jantar.

— Depois da artimanha que você aprontou na *minha* sala de trono, você me deve um segundo com sua parceira.

— Não te devo nada. E foi você que aprontou uma artimanha primeiro.

Nuvens de tempestade pareceram se juntar na sala.

— Tome cuidado, príncipe Guardião. Você está na *minha* casa. Você *me* procurou para ajudar.

A mandíbula de Jasper cerrou. Os outros dois Guardiões, e até mesmo Laurel e Clarke ficaram tensos. Ada não queria outra batalha. Não agora. Não quando as coisas já estavam espiralando para fora de controle.

Maebh pressionou os lábios.

— Dou minha palavra. Nenhum dano será causado a esta mulher durante esta visita ao Palácio Invernal. Agora me deixe levar a garota para respirar.

Relutante, e talvez porque Ada não recusou – ainda estava atordoada demais –, Jasper se afastou.

Clarke e Laurel permaneceram contidas e desconfiadas.

— Estou bem — Ada disse para elas. — Só preciso de um pouco de ar.

A Rainha não a machucaria.

— Estaremos bem aqui — Laurel disse.

Ada assentiu, depois seguiu a Rainha enquanto ela deslizava para a saída, comandando atenção a cada passo.

Maebh a levou para uma varanda polvilhada de neve com vista para o mar congelado. As trepadeiras de sangue cobrindo a balaustrada exalavam um cheiro agradável de baunilha e rosa. Um vento gélido farfalhou as plumas no ombro de Ada e cortou pelas fendas do suéter. O hálito delas formou nuvens brancas. Ela estremeceu e envolveu os braços na cintura.

Mas estava do lado de fora. Podia ver o oceano, a neve e o céu. Natureza sempre fez Ada sentir como se os seus problemas não fossem tão grandes. Como poderiam ser diante do mundo? Ela se sentiu

melhor. Um pouco. Respirou fundo algumas vezes, sentindo a razão retornar devagar na sua mente com cada suspiro.

— Isso é bom — falou, erguendo o queixo para o mar. — Parece melhor.

— Então — a Rainha arrastou, dando a Ada um olhar vago de cima abaixo. — É humana. E está cheia de mana como as outras duas. Qual é o seu dom?

E aqui estava o verdadeiro motivo que a Rainha queria uma palavrinha em particular. Para bisbilhotar. Contanto que não estivesse pensando em Jasper, Ada não tinha problemas com isso.

— Posso curar — respondeu.

— Uma curandeira nata. Interessante. Não temos uma do seu tipo há muito tempo. Esses dias, é só tinturas e emplastros. Poderíamos usar alguém com suas habilidades na Corte Invernal. Injetar um pouco do seu dom na linhagem real seria ainda melhor. — Ela deu tapinhas no lábio com o dedo. — Temo que não tenho herdeiros com quem possa noivar. Talvez Gastnor sirva.

Uma sensação doentia revirou no estômago de Ada. Ficar sozinha com essa mulher era perigoso. Precisava tomar cuidado.

*Coisas perigosas aparecem em pacotes bonitos.*

A Rainha mantivera Jasper e Ada trancados em um quarto por uma semana, só porque a divertia. Ou talvez estivera esperando por essa oportunidade o tempo todo – esperando até que tivesse os Guardiões e as amigas de Ada no mesmo lugar. Esperando para ver os fogos de artifício estourando. Talvez a Rainha tenha planejado tudo isso. Não seria coincidência que as amigas chegaram no mesmo dia – na mesma hora – que Jasper estava na sala do trono.

— É gentil da sua parte oferecer — ela acrescentou tímida, escolhendo as palavras com sabedoria. Forçou um sorriso no rosto e depois ergueu a mão marcada de azul. — Mas Jasper é meu parceiro.

No momento que ela disse as palavras, as duvidou. *É mesmo?*

Um parceiro guardaria o segredo mais precioso dela?

Ele sentira medo sob toda a vergonha quando as amigas entraram. O que ele temia?

Uma sobranceira escura e sarcástica se ergueu enquanto a Rainha olhava para o pescoço incólume de Ada.

— Ele não a reivindicou. Além do mais, tem muito que podemos ensinar aqui. Por exemplo... — Pegou a mão de Ada e a virou para dedilhar a palma. — Tem dois lados em todos os dons. Seu príncipe Seelie contou isso? Ou omitiu, como tantas outras coisas? — Quando ela não respondeu, Maebh continuou. — Qual é o oposto de curar, Ada? Responda isso.

— Hm... ferir, suponho.

O sorriso lento e perverso da Rainha arrepiou a coluna de Ada.

Ada arquejou.

— Está me dizendo que posso fazer alguém se machucar assim como posso curar?

Maebh acariciou o dorso da mão de Ada.

— A Nascente tem um lado sombrio, e ao contrário do que os outros fazem você acreditar, a Nascente não te pune por usá-lo. Toda a natureza tem um lado destrutivo. Sem ele, não existe vida. — Ela ergueu e cerrou o punho. O gelo no ar se dissipou de repente. — Posso criar gelo. Posso fazê-lo desaparecer.

Ada parou de esfregar os braços. Maebh tirara o frio, e ao fazê-lo, criou calor. Ada passou a mão no ar, maravilhada com a mudança de temperatura. Mas aquela sensação incomoda no âmagô não a deixava.

— Por que está me dizendo isso? — ela perguntou. A Rainha sabia que Jasper era um Guardião. O uso do lado sombrio da Nascente era proibido. — Está tentando criar uma divisão entre Jasper e eu?

— Ah, Jasper não precisa de nenhuma ajuda minha para isso.

— O quê?

— Bom, ele fez isso muito bem sozinho, não acha? Quero dizer, escondendo o conhecimento das amigas de você. Quem faria algo assim?

Ada abriu uma carranca para ela. Como ela lidava com Jasper era da conta dela, e quanto mais tempo ficava aqui na varanda, mais percebia que isso era algum tipo de jogo reserva para a Rainha. A Rainha que acabara de perder o respeito na frente de Jasper.

— É Unseelie — Ada disse. — Manipulação é o que você faz.

Maebh riu, inclinando a cabeça para o céu.

— Bom, minha querida, parece que você sabe tudo, então.

Ada fez um barulho frustrado e avançou na direção da balaustrada da varanda, apoiando as mãos na barreira e encarou o mar. Vasculhou a água congelada, procurando respostas que apenas Jasper poderia dar. O que compartilharam foi real... não?

Mas ela podia confiar nele outra vez?

Se continuasse a esconder seus sentimentos, Ada temia como essa desconfiança poderia crescer.

A Rainha colocou a mão na balaustrada ao lado de Ada, o dedinho se esticando para tocar o de Ada. Sobressaltou com a conexão, mas congelou, temporariamente embasbacada. A Rainha estava *tentando* mesmo invadir seu espaço pessoal? Que porra é essa? A segundos de gritar pelas amigas, Ada hesitou quando a Rainha falou.

— Ele te disse que um dia foi Unseelie... antes, quando nossas nações eram uma?

Ada balançou a cabeça.

— E contou o que o pai dele fez comigo?

Frustrada, ela fuzilou a Rainha.

— Não.

— Vamos apenas dizer que tenho mais em comum com a mãe de Jasper do que ele jamais saberá.

— Então por que não está ajudando a derrotar Mithras? Por que o arдил?

— Para me alinhar com Jasper, um Seelie, não pareceria favorável entre meu povo, mas sinalizaria aos fae que se alinharam a Mithras que estou mesmo tentando conquistar a terra deles ao derrubar o líder. Não estou pronta para lidar com esse nível de escrutínio. Além do mais, como mencionei, não ligo muito para eles. Tem coisas bem mais interessantes acontecendo ao norte de Cornucopia.

— Obrigada pela conversa sincera, mas estou pronta para voltar para minhas amigas. Se não tiver problema.

Olhos pretos lampejaram com algo vivo dentro deles, e Ada teve um segundo para ponderar que tipo de fae era a Rainha. Só um segundo. E aí Maebh sorriu.

— Claro. Pode ir. — Dispensou-a com um aceno.

— Só... ir? — Ada conferiu a porta da varanda.

— Não estou te mantendo prisioneira. Pode deixar Aconite City.

Ada fez uma mesura, depois o gesto da gratidão.

Maebh a observou com olhos calculistas, depois inclinou um pouco a cabeça antes de virar de volta para o mar e esticar a mão para um corvo. Quando o pássaro se acomodou nos dedos dela, a Rainha sussurrou baixinho para ele, e beijou a cabeça emplumada.

Que porra foi essa?

Ada continuou murmurando xingamentos baixinho no caminho de volta para a sala do trono. *Que porra é essa? Caralho, caralhinho, caralhão.* A mente dela estava um turbilhão, e quando viu as portas arqueadas da sala do trono, começou a correr.

Alívio a atingiu ao irromper por elas. As únicas pessoas que ainda estavam na câmara eram as amigas, e os três Guardiões. Rush, Thorne e Jasper.

Ela encontrou o olhar de Jasper e sentiu mais da confusão dele pela conexão. Ele deu um passo em sua direção, mas ela não pôde evitar. Os instintos agiram e foi direto para Clarke e Laurel, puxando as duas para um abraço. Lágrimas arderam seus olhos.

— Não posso acreditar que são mesmo vocês! — Soluçou, se sentindo segura outra vez.

As três se tornaram uma confusão de fungadas, palavras rápidas e abraços chorosos.

Quando Laurel deu tapinhas nas bochechas dela, um anel brilhou no seu dedo.

— Está noiva! — Ada soltou um gritinho.

— Casada, na verdade. — Laurel corou e deu uma olhada para

Thorne. Ada viu a marca de mordida que parecia muito como um chupão que se curou e cicatrizou. Ela apontou, arquejando. — É uma marca de parceria? Sempre disse que nunca se casaria.

Outro rubor. Laurel apontou o dedo para Clarke.

— Ela que teve uma filha.

— O quê? — Ada soltou um gritinho. E aqui ela estava sendo tão protetora do próprio pescoço quando as amigas estavam aceitando marcas como se fossem doce.

— Laurel, dê um segundo para ela processar — Clarke riu, mas também puxou o longo cabelo ruivo do pescoço, revelando a marca de mordida. — Rush e eu estamos juntos há três anos. Desde que acordei nessa época.

Ah. Certo, três anos. Então, não era doce.

— Acordou? Como chegamos aqui?

— Congeladas. — Clarke ergueu as mãos, como se isso também a confundisse. — O máximo que presumimos é que o inverno nuclear nos congelou, mas a Nascente está nos acordando. Pelo que descobri, a temperatura caiu tão de repente no dia que nevou em Vegas que nós fomos — estalou os dedos — congeladas na hora como ervilhas!

— Puta merda.

— É bem maluco — Laurel concordou.

— Você disse que a Nascente está nos acordando?

Os olhos de Clarke ficaram sombrios.

— Você viu Bones. O Vazio também está desta época. Achamos que o Vazio soltou as bombas, só para criar as circunstâncias para que ele pudesse congelar e acordar em uma época onde a população era pequena o suficiente para que pudesse controlar tudo.

Todo o sangue drenou do rosto de Ada.

— Onde ele está agora?

— Em Crystal City, preso atrás de paredes de metal bloqueador de mana. Sabemos que está planejando algum tipo de golpe, mas não quando nem como.

— E Bones?

— Entregamos ele para os guardas da Rainha. Os Guardiões não conseguiram arrancar informação suficiente dele, mas Maebh tem jeitos de extrair a verdade.

*Aposto que tem.*

Thorne se afastou da conversa e se aproximou com uma carranca para Laurel.

— Devia ter me deixado matar ele.

Laurel sorriu para ele com paciência.

— Babe, agradeço que queira me proteger, mesmo, mas se quisermos ficar na frente deles, precisamos da informação na cabeça dele. A cidade humana ainda está no meio de terra profana. Nenhum

de nós tem poder lá.

Rush removeu uma pedra lisa do bolso e disse:

— Acho que está na hora de pegarmos um portal pra fora daqui. — Quando Jasper colocou hesitante o braço em volta do ombro de Ada, ela ficou tensa e o removeu.

— Boa ideia — ela disse, sorrindo tensa para as amigas. — Vou com vocês.

— Posso nos levar — Jasper ofereceu para Ada.

— Prefiro ir com eles. — Ela se afastou dele e segurou a mão de Laurel. — Preciso de um tempo.

Não estava pronta para lidar com a traição dele. Talvez nunca estaria.



## CAPÍTULO VINTE E SETE

Sozinho no quarto dele na Ordem, Jasper parou na frente da porta, olhando para a decoração como se fosse desconhecida. Passaram apenas dez anos desde que estivera ali pela última vez e, para um fae, isso era uma gota num oceano. Mas a bebida tinha gosto de giz. O ar não tinha calor. E sem Ada, não sabia se ficaria.

Ela daria chance para ele se explicar? Mas o que diria? Soubera exatamente o que estava fazendo quando escondeu a informação dela.

A porta se abriu e Thorne entrou.

— Guri — Jasper grunhiu.

— Não sou um guri há muito tempo.

Deu de ombros.

— Eu sei disso. Ainda é divertido te chamar assim. Preciso aproveitar quando posso.

Silêncio. Havia tantas coisas que Jasper queria dizer, mas não podia. Ele não saberia por onde começar.

Thorne pegou um baseado de mana-conha do bolso e ofereceu para Jasper, mas ele recusou com um balanço de cabeça.

— Você está de sacanagem? — Thorne arquejou. — Dizendo não para mana-conha? Mudou mesmo.

Outro ombro erguido. Ada já o evitava. Se ele voltasse aos antigos hábitos, ela poderia... a garganta dele embargou.

— Dez anos de tortura fazem isso — ele murmurou no lugar.

— Procurei por você — Thorne disse, colocando o baseado de volta no bolso. — O tempo todo que estive desaparecido, não parei. Pensei que deveria saber isso.

O olhar de Jasper colidiu com ele.

— Não deveria.

— Por que não, porra? — Uma carranca contorceu o rosto de Thorne tão de repente que Jasper precisou rir.

*Ainda com o mesmo pavio curto.* O humor repentino dissipou a tensão e Jasper soltou um suspiro pesado, esfregando a testa. Pensara que ganhara uma hoje, mas a expressão nos olhos de Ada quando descobrira que havia escondido a verdade dela – o cortou bem no meio. Foi o momento que temera, e ele mesmo o causara.

Uma batida soou na porta e Rush entrou.

Ótimo. Outro homem que Jasper precisava pedir desculpas. Outra

onda de inadequação.

— Ouvi pela porta — Rush resmungou, fechando a porta atrás de si. Olhou para Thorne. — Jasper acha que você deveria tê-lo deixado porque acredita que falhou comigo.

Os olhos de Thorne semicerraram. Ele reclinou na cama, colocando as mãos atrás da cabeça.

— Ao não impedir que os soldados de Mithras executassem Vêda? Não foi culpa de Thaddeus?

Jasper revirou os olhos.

— Pode deitar na minha cama, claro, por que não?

Mas nenhum deles aceitou o humor sarcástico. Tal pai, tal filho. Os dois fuzilaram Jasper.

Rush rosnou:

— Admito que fiquei puto com você durante muitos anos. Mas não foi o único culpado. Todos tivemos nosso papel.

Jasper semicerrou os olhos.

— O que quer dizer?

— Ele quer dizer — Thorne disse — que a Prime nos usou para fazer o que queria.

— Nunca me usou — Jasper respondeu. — Além das tarefas comuns de Guardião.

— Ah, sim, usou sim, porra. — Os ombros de Thorne contraíram. Acendeu o baseado de mana-conha e deu um tapa, inalando fundo antes de exalar.

Rush andou em volta da cama de Jasper para encarar pela janela, uma carranca no rosto.

Jasper perguntou para Thorne:

— O que quer dizer?

— Prime nos manipulou. Ela trocou você com Mithras para que ele pudesse manter a lei de procriação ilegal ativa, o que garantiu que minha mãe fosse executada e Rush amaldiçoado, o que levou a Rush encontrar Clarke, e agora o resto das humanas poderosas que estão acordando, antes do Vazio. Acredita que se não tivesse, aí o Vazio teria o poder de terminar o que começou e destruir o mundo. Prime sabia o que estava fazendo o tempo todo.

— Mas eles me sequestraram anos depois que Rush foi amaldiçoado.

— O atraso também foi parte da barganha. Ela não queria ninguém descobrindo o plano.

Fúria fria e dura chacoalhou Jasper. O lobo interior zanzava, rosnando e grunhindo. Vermelho cobriu sua visão.

— Ela me *vendeu* Mithras?

— E agora quer te colocar no trono — Rush resmungou da janela, ainda vendo algo do lado de fora.

Quando Jasper se aproximou, viu Clarke correndo atrás de uma garotinha de cabelo platinado.

Prime *queria* ele no trono?

— Ela não se envolve em política fae.

Rush deslizou o olhar para Jasper.

— Provavelmente deveríamos deixá-la explicar. Convocou uma reunião com os Doze.

— Se eu a ver... vou... — Flexionou os punhos para dispersar o tremor se firmando, e o lobo de avançar para fora. Não poderia se impedir de atacá-la.

— Também tentei matá-la — Rush confessou. — Quase coloquei Starcleaver pelo pescoço dela.

— O que te impediu?

— Errei.

Todos se encaram. Depois riram. Gargalharam até afastar a tensão, rindo com tudo sobre algo estúpido. Mas foi bom soltar a pressão.

Os olhos de Rush ficaram sérios.

— A verdade é que percebi que sem ela, nunca teria conhecido Clarke. E nunca teria tido Willow. E Prime pode estar certa... o mundo poderia ter acabado. Ainda pode acabar.

Jasper ainda não podia acreditar que Rush tinha uma filha, e foi ela que levava Jasper até Ada. Uma pedra em uma lagoa causava tantas ondas.

— E você? — Jasper perguntou para Thorne.

Pena lampejou nos olhos dele antes de um sorriso melancólico.

— Não posso discutir com o fato que nunca teria conhecido Laurel, e agora que Ada está aqui, acredito que o futuro sombrio que Prime previu acontecerá se não trabalharmos juntos para impedi-lo.

Jasper esfregou o peito, sentindo o coração palpitar, desejando que pudesse ir até Ada.

*Se não é nada sem mim, então não é nada comigo.*

Ele precisava continuar se levantando.

— Disse que Clarke é psíquica? — Jasper perguntou.

— Sim — Rush respondeu.

— O que ela viu?

— Ela sabe que Vazio quer dominar Elphyne. Viu fogo e destruição no nosso futuro. E sabe que temos o poder de impedir. Mas, como Prime disse, precisamos trabalhar com essas humanas abençoadas pela Nascente acordando do Antigo Mundo. Não gostamos que Prime estava certa, mas aceitamos.

O olhar de Jasper foi para Thorne, que apertou a mandíbula e deu um aceno curto de concordância. Sim, Jasper queria enganar Prime. Queria dilacerá-la membro por membro. Mas se dois dos mais honrados e implacáveis Guardiões que tivera a sorte de conhecer

acreditavam que as visões de Prime sobre o Vazio – o mesmo instigando saques e matando aldeões inocentes – então Jasper não podia discordar. Prime tinha a terra inteira para cuidar. Ele era um fae.

Jasper sabia que se pudesse voltar no tempo e impedir o massacre da alcateia Darkfoot, voltaria. Se ele de algum jeito tivesse uma visão, então não teria agido assim como a Prime? Não teria sacrificado o desconforto de um fae pelo bem de centenas? *Crimson*, sacrificaria o próprio desconforto pelo bem de um: Ada.

A raiva esvaiu dele. Um governante não poderia ser egoísta e se preocupar com uma pessoa. Um governante precisava pensar no coletivo. Prime era responsável pelo destino do mundo porque sem a Nascente, ele morreria. Jasper poderia estar em negação, poderia ser um covarde, bem no fundo, mas nunca colocaria suas próprias necessidades acima dos inocentes.

— Vou nessa reunião — Jasper disse e começou a sair. Parou, franziu o cenho e virou para os dois amigos mais próximos. — Obrigado. Por virem ao meu auxílio.

Os dois o encaram, solenes.

— Nenhuma dívida reconhecida — Rush respondeu.

Thorne assentiu em concordância.

— Você faz parte da família. Não temos dívidas entre nós.

✠

JASPER SEGUIU Rush e Thorne por vários lances de escadas largas até a câmara do conselho. Água escorria pelas beiradas da escadaria em um fluxo em cascata, terminando em uma pequena fonte na baste, que por sua vez, levava a corredeiras serpenteando pelo campus. Dois metamorfos corvo voavam acima na direção do templo aberto com colunas em forma de anjo, gritando algum tipo de piada sobre serem lentos.

Ele mostrou o dedo com um sorriso. Sabiam que ele sempre reclamara que os Guardiões sem asas precisavam subir os degraus entediados quando os fae alados podiam apenas voar para cima.

Quando chegaram no topo, Jasper virou e olhou para o terreno do campus da Ordem. Prédios e campos de treinamento se alongavam por ao menos um quilômetro e meio de cada lado. Por fora, nada parecia ter mudado desde que estivera aqui da última vez. Não sabia o que era pior, que não mudou, ou que permanecera o mesmo pela maioria dos seus trezentos anos de serviço. Mas a Ordem não estava interessada em mudar o design e a arquitetura, apenas manter igual – assim como queriam manter Elphyne igual.

Jasper era o Guardião ativo há mais tempo. Havia Magos mais

velhos do que ele, a Prime entre eles, mas um guerreiro? Se não perdessem a vida em batalha... bom, era isso. A maioria não durava. Ele não podia decidir se era porque fora um covarde ou se era bom no que fazia.

A biblioteca e a academia estavam à esquerda, e os dormitórios dos Guardiões à direita. Magos de túnica azul andavam pelo terreno. Guardiões de couro batalhavam, aprimorando as habilidades nos campos de treino. Batidas metálicas do ferreiro fluíam pela brisa. Era o único ferreiro em Elphyne autorizado a criar armas de ferro.

Subindo pelos degraus de pedra estavam Leaf, Aeron e Forrest. Os elfos também não mudaram. Leaf ainda era o líder do Quadro dos Doze. Aeron ainda andava com a coluna ereta e Forrest ainda cheirava aos estábulos – o nariz de Jasper pegou um toque no vento com uma fugada.

Tudo tão familiar, mas tão estranho. Ainda assim, enquanto Jasper analisava o lugar inalterado que chamava de lar, e as pessoas que chamara de família, não podia evitar que tudo isso parecia diferente. Como se ele não se encaixasse mais. Como se os sonhos fossem maiores do que os muros desse campus.

Jasper virou e entrou no templo, sentindo um toque errante de animação de saber que veria o resto do quadro, alguns com quem trabalhara por mais de um século, talvez dois. Perdera a conta. Quando atravessou do templo para a câmara contígua do conselho, quase desejou pela espada, mas afastou o ódio fervilhante pela Prime até níveis suportáveis na barriga.

Com as costas para ele, a Prime estava parada entre os longos pilares de mármore entalhado, encarando para o campus abaixo. As longas asas brancas emplumadas caíam até o chão. Água escorria das colunas antes de mergulhar da varanda sem balaustrada e cair na fundação de pedra irregular. Uma leve mudança na tensão nos ombros de Prime e ela soube que ele chegara.

Poderia chegar até ela e percorrer as garras pelo seu pescoço. A fantasia sombria rodopiou na sua mente por um segundo e depois se forçou a ver o resto do recinto. Precisava superar a traição, ainda que seus sentimentos fossem válidos.

Grandes vasos de tamanho humano eram a única decoração. Não havia mesas, nem cadeiras, apenas um chão de mármore vazio. Três vampiros estavam parados a um lado, dois metamorfos corvos do outro.

Jasper assentiu para os vampiros. Eles se mantinham nas sombras e longe da abertura ensolarada, todos de braços cruzados e parecendo bem incomodados de serem chamados para uma reunião durante o dia. Apesar dos Guardiões vampiros terem sido condicionados a sobreviverem no sol, não costumavam ficar felizes com isso, e

preferiam missões noturnas. Todos transformaram as asas coriáceas de morcego para longe e usavam o couro dos Guardiões.

Haze acenou a cabeça raspada em um cumprimento. Shade, o líder extraoficial deles, parecia tranquilo e seboso ao se inclinar contra um vaso. Cruzou os braços e deu um meio sorriso para Jasper. Ao lado dele, Indigo abriu um sorriso maroto e se aproximou para dar um tapa nas costas de Jasper.

— Bom te ver, lobo.

— Você também, morcego — Jasper respondeu seco.

— Parece que teve uma aventura ou duas. Tô com inveja.

— Sério?

— Claro — respondeu, erguendo as sobrancelhas. — É melhor do que as bobagens entediantes que temos feito.

Jasper deu um olhar sarcástico.

— Fique esperando. Talvez ainda tenha tempo para você ser torturado.

Indigo riu.

— É isso que gosto em você, J. Senso de humor.

Os dois metamorfos corvo ao lado de Prime estavam na forma de anjo, as asas de plumas pretas fechadas atrás de si. Observavam curiosos, como os corvos faziam com frequência. As plumas preto azuladas de River farfalharam ao acenar um cumprimento. Ash fez o mesmo. Os dois palhaços eram mais marotos e habilidosos que os vampiros, mas Jasper se acostumara com eles. Até gostava deles. Sabiam dar uma festa.

Um dos Doze estava ausente. Como se convocado com um pensamento, o ar estalou com eletricidade, faiscando um resíduo estático que ergueu os pelos nos braços de Jasper.

*Claro, Cloud entraria com um show.* Como esperado, o metamorfo corvo todo tatuado desceu voando, pousando com tudo na varanda, se equilibrando com a graça de um gato selvagem. Fechou as asas, mas não as escondeu. Estática farfalhou suas plumas, uma ocorrência que parecia grudar nele permanentemente. Abriu uma carranca e andou direto para Jasper, parando a centímetros de distância.

— Onde diabos você estava?

— Sentiu saudade? — Jasper deu um beijo no ar, os olhos enrugando.

— Vai sonhando — Cloud bufou, o olhar azul elétrico percorrendo as cicatrizes no pescoço de Jasper, depois as marcas azuis na mão direita. Quando Cloud continuou a perscrutar o corpo de Jasper com uma careta, Jasper percebeu que ele notara as tatuagens de aumentar poder, brilhantes como óleo, ausentes. Os dois foram tatuados ao mesmo tempo. Os olhos de Cloud voltara para as marcas abençoadas pela Nascente de Jasper e semicerraram.

— Então é verdade — falou seco.

— O quê?

— Mais um bateu as botas. — Cloud chupou os dentes e deixou Jasper com um olhar julgador sobre o ombro. — Se quiser as tatuagens de poder de novo, venha me ver.

— Não preciso mais delas. — Jasper não pode evitar o sorriso se formando no rosto. Cloud não mudara nada. Perfeito.

— Pau mandado — Cloud resmungou baixinho ao parar ao lado de Shade.

Os lábios de Shade se curvaram.

— Acho que é exatamente esse o ponto, Cloud.

Agora que os Doze estavam todos ali, Prime se virou, exigindo atenção. O vestido azul e asas de plumas brancas arrastaram a poeira no chão. Os pés descalços estavam sujos, um fato que sempre intrigara e confundira Jasper. Para uma mulher tão rígida e formal, negligenciava cuidar da organização e limpeza. Às vezes ponderava se era apenas um deslize devido à eterna ocupação dela, mas uma pequena parte dele – a parte que lutava com o ódio afiado – esperava que era o último resquício da mulher que, corriam rumores, tivera um caso tórrido com o próprio Jackson Crimson. Porque se fosse, então lhe dava um motivo para não matá-la. Dava outro motivo do porquê ela poderia ser redimível e não um monstro como os que ele costumava caçar.

O olhar solene de Prime pousou em Jasper.

Apesar do esforço, queria rosnar e ralar com ela. O lobo queria retaliar. Vingança. Garras surgiram nas pontas dos seus dedos. Os dentes alongaram, prontos para morder.

Acabou a brincadeira.

Prime observou sua reação sem medo e atravessou o chão até ele. O passo casual o indignou ainda mais. Couro estalou pelo recinto conforme Guardiões ficaram tensos. Ninguém seria rápido o suficiente para impedir a retribuição de Jasper, se chegasse a isso. Mas até aí, ela também era poderosa, e era provável que desviasse. Se Rush falhara em matá-la, então Jasper teria problemas. Mesmo que fosse bem-sucedido, derrubariam ele depois. Matar a Prime teria grandes consequências. Jasper podia confiar nesses onze guerreiros com a vida no campo de batalha, mas todos eram leais a Nascente, acima de tudo.

E a Prime era a epitome da vontade da Nascente.

Ela ajoelhou na frente dele, afastou os cachos brancos para mostrar um pescoço marrom e macio, se submetendo.

Jasper sobressaltou e olhou em volta. Surpresa ondulou no recinto. Shade avançou, mas Prime esticou a mão, parando-o.

— D'arn Jasper — ela disse, com a cabeça baixa. — Pelo crime de vendê-lo para o nosso inimigo, humildemente, peço desculpas e aceito

qualquer punição ou barganha que deseje infligir.

Ele a encarou por um bom tempo. Ninguém fez um som. Queria brigar, enfiar os dentes no pescoço dela e arrancar pedaços do corpo. Queria que ela sangrasse. Morresse, ou ao menos sofresse do jeito que ele sofrera pela última década. Mas aí que estava... fora apenas uma década. Sofrera incomensuravelmente, mas estava aqui, ainda de pé, ainda vivo.

Rush perdera cinquenta anos de vida para as manipulações dela.

— Também pediu desculpas para Rush? — exigiu.

Ela olhou para cima, os olhos semicerrando. *Ahh*. As peças se encaixaram. Essa mulher não se curvava a ninguém. Não se submetia a ninguém, entretanto, de algum jeito sentia que ele era diferente dos outros que ela manipulara.

— Não pediu — ele confirmou. — Nem, suponho, pediu desculpas para Thorne.

Uniformes de couro estalaram, especialmente os dois companheiros lobos de Jasper, parados ao seu lado. Ele sabia, sem olhar para cima, que estavam atentos a todas as palavras. Ele acabara de mencionar algo tão óbvio que todos estariam vasculhando as memórias, ponderando o que mais deixaram passar.

Jasper estava farto de ser manipulado. Estava na hora de começar a manipular.

— Quero que meus direitos de barganha sejam transferidos para Rush — declarou.

Prime levantou rápido, uma ruga aumentando entre as sobrancelhas brancas.

*Aí está ela.* A líder orgulhosa e fogosa.

— Não está preocupado com sua situação atual? — ela perguntou. — Sabe que não tem outro jeito que será permitido que deixe a Ordem exceto usando sua barganha.

Ele sorriu.

— Você vai me deixar ir de qualquer jeito.

Algo como respeito faiscou nos olhos dela antes de controlar a expressão em algo impassível.

— O que te dá tanta certeza?

— O único motivo que você pediu desculpas é porque quer ficar nas minhas graças. Sabe que vou me tornar rei. Você Viu – ou alguém o fez. Preceptora Dawn, talvez?

Rush resmungou:

— Fique com o favor, Jasper. Não é necessário dar para mim. Como disse antes, todos temos arrependimentos sobre o que aconteceu.

— É necessário — Jasper insistiu. — É o mínimo que posso fazer. Você tem uma filha. Eu não. Vai precisar de um favor um dia para



protegê-la. Acredite.

— Você terá seus próprios filhos — Rush disse.

— Tenho três séculos. Ainda não tive. Talvez nunca tenha. — O coração dele apertou com o medo de nenhum futuro com Ada.

Jasper entendia que Rush estava grato por conhecer a parceira e ter a filha, mas Thorne também sofrera. Poderia dar isso a eles. Um favor da fae mais poderosa em Elphyne viria a calhar, ainda mais se tempos sombrios estavam à frente.

— Sua família vai precisar — Jasper insistiu, os olhos desviando para Thorne. — Guri, fale para ele que estou certo.

Thorne abriu uma carranca para Jasper.

— Pode estar certo, mas não impede que a gente queira que fique com você.

Jasper não merecia a capitulação deles. Merecia implorar seus pés pela dor que os causara. Sim, Prime fizera tudo o que pôde para manipular os eventos, mas Jasper sempre tivera uma escolha. Poderia ter protegido Véda. Poderia ter salvado a mãe de Thorne. Talvez os dois viram a agonia nos seus olhos porque Rush deu um pequeno aceno, e Jasper exalou.

Aí endireitou os ombros e ergueu o queixo.

— Esse é meu preço — ele disse.

— Muito bem — ela falou. — Está feito.

Um sussurro no ar fez todos estremecerem conforme a intenção da Prime se tornava algo confirmado pela Nascente. Não precisavam ver que o favor fora transferido para Rush, apenas sabiam. Um dia, contanto que Prime estivesse viva, Rush poderia procurar a Prime para cobrar o favor.

— Ótimo — Jasper disse. — Agora, não convocou essa reunião para se prestar à minha frente, então o que é?

— Cuidado D'arn Jasper — Prime avisou. — Ainda é um Guardião, contanto que essa marca de lágrima exista sob seu olho. Olha o que fala.

Outro sorriso enrugou os olhos de Jasper. As palavras de Prime acabaram de provar que ela não poderia libertá-lo do seu serviço a Nascente. Apenas a morte poderia fazer isso. Mesmo que tivesse barganhado para deixar a Ordem, ela sempre teria algum tipo de poder sobre ele.

— Então, o que sua Profeta viu? — ele perguntou. — Como vou ascender ao trono?

— Ao contrário do que acredita, não Vimos *como* você ascende, apenas que um futuro existe com você usando a coroa de vidro. — Ela virou o olhar constante para o quadro inteiro. — E um futuro onde todos vocês encontrarão uma parceira abençoada pela Nascente.

Olhos se arregalaram. Alguns Guardiões sorriram. Outros, como

Cloud, abriram carrancas.

— A Ordem vai emitir novos decretos que permitem que qualquer Guardião abençoado pela Nascente tenha certas liberdades que outros não têm.

— Tipo? — Leaf perguntou.

— Tipo formar uma parceria e ter uma família.

— Mas você nunca proibiu explicitamente — ele retrucou.

— Também não aprovamos.

— E se eu não der a mínima para ser abençoado pela Nascente? —

Cloud cuspiu.

— Marque minhas palavras, D'arn. Tem um motivo que apenas os deste quadro estão recebendo essa conexão sagrada. Deseja negar um propósito maior?

As mãos dele contraíram, mas não disse nada. Prime continuou:

— Independente de qual futuro se torne realidade, tem uma guerra no horizonte. Uma como nunca vimos. Nossa melhor chance de derrotar esse monstro humano é confiar no plano da Nascente, e aceitar os dons concedidos a nós. Trabalhar com humanos que compreendem o mundo de onde vem nosso inimigo será integral para derrotá-lo. Somos mais fortes juntos.

Aeron deu um passo à frente, também com uma carranca no rosto.

— Então nos trouxe aqui para nos dizer que a guerra que já sabemos está no horizonte?

— Trouxe vocês aqui porque o Alto Rei Seelie cometeu graves crimes contra a Nascente. — O olhar dela ficou sombrio. — Estou falando dos incidentes levando ao massacre da Alcateia Darkfoot. Em particular, o conluio com o inimigo humano e as ordens explícitas para fae acumularem metal. Não pode ser tolerado. Está na hora da Ordem cumprir sua tarefa dada pela Nascente.

Amargor puncionou o âmago de Jasper. Claro que a retribuição dela não seria pelas vidas Darkfoot perdidas, mas apenas pela blasfêmia do metal. Mas até aí, era por esse exato motivo que Jasper precisava se posicionar e pegar a coroa de vidro para si. Era responsabilidade *dele* buscar retribuição pelos familiares, não da Prime.

Olhares foram trocados pelo recinto.

Prime ergueu a mão antes que qualquer um pudesse falar.

— Temos declarações de testemunhas de fontes confiáveis explicando como ele encorajou que acumulassem metal, e deliberadamente escondeu isso da Ordem. Essa reunião foi convocada para declarar o mandado oficial pela prisão do Alto Rei Mithras. Ele agora é um fugitivo. Todos vocês estão encarregados de capturá-lo.

Cloud avançou, um brilho nos olhos.

— Vivo ou morto?

— De preferência, vivo. Por ser uma figura importante, precisará ser julgado e responder publicamente pelos crimes. — Ela encontrou o olhar de todos. — Encontrarão resistência da guarda e dos seguidores leais. Tomem cuidado com inocentes no fogo cruzado. A vida dele não vale mais do que a deles. Dispensados.

Um por um, os Guardiões assentiram e saíram até sobrar apenas Jasper e Prime.

Ela o observou e ele ponderou como pensara que ela se submetera.

— Bom jogo, D'arn. Parece que tem a mente de um rei, afinal. Como deveremos chamá-lo agora? Vai assumir o nome Darkfoot?

Ele foi para a beirada em queda livre do templo e olhou para o campus. Vento cobriu seu rosto e trouxe o cheiro familiar do seu lar, um lar que estava prestes a deixar para sempre. Esse era o jeito de Prime dizer que ficaria livre para deixar a Ordem. Livre para se tornar rei. Mas seria como Reed Darkfoot ou Jasper ou como um descendente do Mithras? Conteve um tremor. Nunca um Mithras. Talvez Darkfoot, mas fora D'arn Jasper pela maior parte da vida.

— Tem certeza que vou ser o Alto Rei Seelie? — perguntou baixinho.

— Nada é certo, D'arn. Você sabe disso.

— Então por que concordou em transferir a barganha para Rush?

— Porque também devo para ele, mas, diferente de você, não estou arrependida. O sacrifício dele valeu o resultado.

— E o meu não?

— Você sofreu — ela murmurou. — O seu é o que me deixa acordada à noite. Vai compreender o peso quando ascender ao trono.

— Disse que não tinha certeza.

— Tenho esperança.

As palavras sumiram na brisa suave, e na ausência delas, outra compreensão ocorreu a ele.

— Você mandou os Doze atrás de Mithras porque não acha que posso encará-lo sozinho.

— Não disse isso.

— Não precisou.

— Estou tentando te dar a melhor chance de ser bem-sucedido.

— Não quero sua ajuda. Não quero nada de você.

— Independente, o mandado foi emitido.

— Se tiver uma chance de tomar a coroa de vidro sem contestação, preciso fazer isso sozinho. — Ele poderia já ter o apoio hesitante de outras facções Seelie, mas qualquer um deles poderia reivindicar o trono. Se ele mesmo derrotasse o Rei, Jasper teria um direito maior.

— Melhor ser rápido, então.

CAPÍTULO  
**VINTE E OITO**

Ada sentou na cozinha da casa do quadro, comendo um bolinho com geleia de frutas, conversando com uma das duas melhores amigas – irmãs – ainda sem acreditar em como as coisas aconteceram.

— Então você se casou? — perguntou para Laurel, que mostrou o anel para ela. A joia era como um pequeno globo de neve, mas com estrelas brilhantes dançando uma com a outra.

— Há poucos dias atrás. Ao que eu penso, se ele tem a marca de parceria, eu tenho um casamento.

— Dias atrás? Quer dizer que perdi por pouco?

— Temo que sim.

— As memórias de Jasper voltaram há uma semana — fervilhou. — Ele sabia o tempo todo quem você era para mim enquanto estávamos no Palácio Obsidiano. Poderia ter vindo no seu casamento!

Um gritinho agudo veio de algum lugar além da cozinha. Uma garotinha de dois anos de cabelo platinado surgiu, correndo direto para Ada. As perninhas fofas se moviam tão rápido que quase tropeçou sozinha. Clarke correu atrás dela, um rubor exasperado marcando as bochechas.

— Linda Gatinha, Linda Gatinha, Gatinha Adormecida. — As palavras da garotinha acertaram Ada como uma metralhadora. Ela se jogou em Ada, escalando as pernas dela até o colo. Quando ficou olho a olho nos braços de Ada, soltou um suspiro pesado e fez um barulho de *phew*.

Ada sorriu.

— Não me diga. Você deve ser Willow.

— Quer um cobertor? — Willow perguntou, o rostinho rechonchudo contorcido com um pensamento. — A última vez estava com frio.

— Última vez?

Clarke deu de ombros.

— Podemos não ter colocado cobertas o suficiente em você quando estava dormindo. Ela sentiu que você estava com frio e, é. Encontramos um cobertor.

— Bom, muito obrigada Senhorita Willow.

Ela arquejou, os olhos arregalando e aí deu uma olhada entre a mãe e Ada.

— Disse algo travesso.

— Suponho que dizer obrigada seja travesso para a pessoa errada, mas não para você. — A verdade era que se Willow nunca tivesse levado Jasper até Ada quando estivera dormindo, talvez nunca tivesse acordado. Ela tinha certeza que foi o gatilho da união abençoada pela Nascente que a acordou. — Pode me pedir qualquer coisa agora, ao que parece.

— Hmm. — Willow tocou o lábio. — Quero geleia de prickleberry!

— Willow! Já comeu sua porção hoje. — Clarke fez uma careta para Ada. — É cheia de açúcar.

— Ah, bom. Vou ter que achar mais para você, então. — Ada colocou a criança extasiada no chão e foi para os armários. — Não sei o que estou procurando.

— Esquece — Clarke suspirou. — Vou pedir para Jocinda fazer um pouco mais.

— Jocinda?

— Uma das brownies do lar. Vai conhecê-la em breve. Um conselho? Nunca reclame para as brownies a não ser que queira fazer todas as tarefas de casa sozinha.

— Anotado.

Ada virou e apoiou o quadril na bancada. Willow já esquecera do acordo e correria de volta para fora de novo.

— Ela é linda, Clarke — Ada disse. — Você tem muita sorte.

As duas amigas deram olhares de pena para ela, e soube exatamente o que estavam pensando. Limpou as lágrimas.

— Não sei o que fazer — ela disse. — Estou exagerando? Quero dizer, Jasper sabia sobre vocês, e escondeu de mim. Vocês são família.

— É, bom... — Clarke fez uma careta desconfortável. — Isso pode ter um tiquito de nada a ver comigo.

— O quê? — Ada arquejou.

— Por que não estou surpresa? — Laurel ergueu a sobrancelha e apontou para Clarke com o polegar antes de dizer para Ada: — Ela está acordada há três anos e já está agindo tão astuciosa quanto os fae. — Quando Ada ainda não compreendeu bem, Laurel elaborou. — Os poderes psíquicos dela cresceram astronomicamente. Você pensava que era difícil ganhar dela no pôquer antes, agora é impossível.

— Ei — Clarke disse. — Isso não é justo. Eu era péssima no pôquer. Trapaceava.

Laurel mostrou a língua. Clarke sorriu, mas aí encontrou o olhar de Ada com um suspiro pesado.

— Certo — falou. — Prometa que não vai ficar brava.

— Clarke — ela avisou. — Desembucha.

— Posso ter, só um pouquinho, gritado com Jasper quando o peguei no quarto com você quando estava dormindo.

— Por que isso é tão ruim? Ele não é um grande guerreiro?

— Mas o assustou tanto que ele fez puf de lá.

— Puf. Sério? — Laurel disse, sarcástica, depois roubou o bolinho pela metade do prato de Ada e lambeu a geleia.

— Que seja — Clarke respondeu. — O que importa, é que ele ficou com medo. Ele foi embora. Se pensou que suas melhores amigas o odiavam, pode ter causado um pouco de relutância de voltar para casa. Alguém que foi manipulado e torturado como ele ficaria um pouco desconfiado.

Os olhos de Ada semicerraram na amiga.

— Ele falou com você?

— Não — Clarke disse, mordendo o lábio. — Na verdade... eu... bom... Vi algumas coisas que ele passou. Então... acho que estou pedindo para você pegar leve com ele.

Ada apertou a ponte entre os olhos. Clarke estava certa. Ada amava o cara. Podia completamente compreender por que ficou relutante em contar para ela.

Um barulho estranho a fez soltar a mão. Os olhos de Clarke ficaram completamente brancos. Tremia no lugar. Laurel correu para o lado dela e tentou segurar o corpo ereto, mas o tremor de Clarke virou uma convulsão.

— O que está acontecendo? — Ada perguntou, pegando o outro lado de Clarke e ajudando a colocá-la no chão.

— Está tendo uma visão — Laurel respondeu, parecendo bem mais calma do que Ada se sentia.

— Nunca costumava fazer isso, né?

— É algo que surgiu nesta época. Deve sair dessa logo.

Ficaram com Clarke até o tremor parar e ela começar a arquejar por ar. O olhar desfocado se moveu para todos os lados até pousar em Ada. Aí segurou a blusa de Ada.

— Precisa encontrar Jasper — ela ofegou, os olhos arregalados com medo.

— O que você viu?

— Mithras, ferro e sangue.

COM CLARKE e Laurel ao seu lado, Ada correu pela casa dos Doze, procurando em cima e embaixo por Jasper. Quando Clarke acordara da visão, Ada tentou localizar Jasper pela conexão. Como sempre, escondera as emoções dela – ou estava longe demais para elas registrarem. Ao longo das últimas semanas, ela descobrira que sob a sensação das emoções, ainda podia sentir a conexão. Era um pequeno ponto de consciência. E agora, esse ponto parecia bem longe.

— Ele não está aqui — Ada disse, depois de fechar a porta do quarto de Jasper. Ainda não o explorara, mas soube no momento que entrara que se sentiu como uma intrusa ao mesmo tempo de se sentir em casa. Precisava dele aqui, para explicar as coisas, para dizer a ele que o perdoava, e para falar sobre o futuro.

— Ainda poderiam estar na reunião com a Prime — Laurel opinou. Ela virou para Clarke. — Viu algo específico na sua visão?

Clarke balançou a cabeça.

— Só um monte de sangue e água.

— *Jesus*. — Ada enfiou a mão no cabelo.

— Maldição. Nunca pensei que veria o dia que sinto falta de rastreio de celular — Laurel resmungou.

No andar de baixo, a porta da frente bateu quando alguém chegou em casa. As três correram pela casa para chegar na sala de estar do térreo, só para descobrir que eram Thorne e Rush voltando da reunião sem Jasper.

O rosto de Ada empalideceu.

Thorne se aproximou de Laurel e curvou a mão na nuca dela.

— Ele abriu mão de um favor aberto da Prime para que Rush pudesse ficar com ele.

— Para que nossa família pudesse ficar com ele — Rush corrigiu. — Isso inclui você, Thorne.

Clarke piscou.

— Mas isso é... muito valioso.

Ainda com uma expressão perplexa no rosto, Rush balançou a cabeça.

— Ele fez isso porque ainda se sente culpado por não intervir quando Vêda foi executada, ou quando fui amaldiçoado e Thorne ficou órfão.

Thorne franziu o cenho.

— Rush tentou dizer que não era necessário, mas ele insistiu que precisaríamos disso para Willow.

Clarke enrijeceu.

— Ele não é um Profeta, é? Não previu que era necessário?

Ada balançou a cabeça.

— Acho que não...

— Mas ninguém sabia com certeza.

— Qualquer que tenha sido o motivo, precisamos agradecer — Clarke disse, se encaixando sob o braço de Rush. — Estou falando sério.

— Ele não vai aceitar nosso agradecimento — Thorne disse. — Confie em mim.

O coração de Ada palpitou no peito. Por que abriria mão de um favor tão importante?

*Mithras. Sangue. Ferro.*

Precisava encontrá-lo.

— Onde ele está? — perguntou para os Guardiões.

Thorne deu de ombros.

— Estava com Prime no templo há um segundo.

— É do outro lado do campus, né? — perguntou, mas já sentia o pavor crescendo porque a conexão deles pelo elo abençoado pela Nascente não era forte, não como deveria ser se estivesse a um quilômetro e meio um do outro.

— Preciso encontrá-lo — falou, o coração palpitando.

— Tive uma visão — Clarke explicou funesta para o parceiro. — Vi Jasper, Mithras, ferro e sangue.

— *Maldito-poço* — Rush grunhiu, uma determinação calma a cobrindo. — Thorne, volte para o templo e veja se disse algo sobre as intenções dele para Prime.

Thorne assentiu, deu um beijo rápido na bochecha de Laurel e depois correu pela porta.

Laurel virou para Ada.

— Vou encontrar a Preceptora Dawn. É a Profeta oficial da Ordem e pode saber algo que Clarke deixou passar. Às vezes unir forças ajuda, né?

— Vou com você. Falo Profeta fluente — Clarke acrescentou, depois virou para Ada. — Você fica aqui. Jasper pode aparecer.

Quando as duas saíram, Ada focou a atenção no Rush.

— O que aconteceu na reunião. Algo para chateá-lo?

Uma expressão confusa cruzou o rosto dele.

— Tudo pareceu bem. Prime pediu desculpas pelo que fez com ele, o que foi surpreendente, mas depois aludiu ao fato que acreditava que Jasper assumiria o trono.

— Isso não é tão ruim. — A não ser que Jasper estivesse ficando nervoso com isso. Talvez só estivesse dando um tempo, como fizera quando as memórias voltaram a primeira vez. Culpa a lancinou. Talvez tivesse sido um pouco dura demais com ele. Não, com certeza fora. Dizer para alguém para se levantar depois de cair não era tão fácil de fazer. Precisava de tempo para se curar de um trauma e ela praticamente tentara forçar isso nele quando tiveram aquela discussão em Cornucopia. Maldição. Ela sabia que aquelas palavras a assombrariam no momento que as proferiu com a boca cheia de angústia.

Podia compreender por que ele não quis contar a ela sobre as amigas. Estava com medo de perdê-la. Ela não queria perdê-lo. O pensamento deu câibra no seu âmago.

— Ah — Rush acrescentou. — E Prime declarou Mithras um fugitivo. Todos os Doze Guardiões foram encarregados de caçá-lo.



Ada franziu o cenho.

— Ela está ajudando Jasper a assumir o trono? Não acha que ele pode fazer isso sozinho?

— O Rei cometeu crimes contra a Nascente. Isso é só protocolo.

— É mesmo? — Jasper veria desse jeito? Ela o conhecia, quer ele admitisse isso ou não. Ele colocava tanta pressão sobre si mesmo. Já explicara como acreditava que deveria tomar a coroa sozinho – para ganhar o respeito dos súditos, e provar que poderia se levantar sozinho. Provar que era algo sem ela.

Para que pudesse ser algo *com* ela.

A garganta de Ada embargou.

Se Jasper considerou o mandado da Prime como ajuda intencional... acreditaria que era um insulto a sua competência.

— Preciso encontrá-lo. — Ela ofegou, os olhos arregalados. — Como posso encontrá-lo? Pode teleportar para qualquer lugar.

— Pode senti-lo pela conexão? — Rush perguntou, cruzando os braços e franzindo o cenho com concentração.

— Sim, mas está fraco.

— O que ele está sentindo?

— Ele esconde isso de mim.

Outra careta de Rush. Balançou a cabeça.

— Babaca teimoso — ele murmurou. Depois acenou para Ada o seguir. — Vamos encontrar um Guardião alado.

Todos os corvos partiram, já ansiosos para caçar Mithras. Os únicos Guardiões alados restantes eram os vampiros, e todos estavam em volta da mesa de jantar ao lado da sala de estar, jogando algum jogo de cartas.

Ada franziu o cenho, ponderando se eram metamorfos como os lobos porque não podia ver as asas deles. E depois que ela começou a pensar nas asas, a mente viajou para todos os tipos de lugares estranhos. Tipo, eram como os vampiros de livros? Podiam queimar no sol e morrer com uma estaca no coração? Tinham uma alma? Um reflexo?

— Sou Ada — ela disse, dando um aceno tímido.

Se algum se dignificasse a olhar para ela, teria sorte.

— Preciso de alguém para voar com Ada e rastrear Jasper — Rush disse.

— Nope. — Shade jogou a carta com um tapa na mesa. Foi a única emoção na sua postura. O resto dele era controlado, suave e entalhado de mármore incrustado de diamantes – duro, entretanto marmorizado com luxo. Orelhas bronze pontudas se moveram sob a atenção de Ada. Cabelo com pontas caramelo claro penteado para trás da testa como se tivesse passado os cabelos por ele. Ela teve a impressão que ele a estudava na mesma medida, entretanto não estava nos olhos. Com um

arrepio, virou para os outros dois vampiros.

— Não posso — Haze grunhiu, antes que ela tivesse chance de perguntar. Passou a mão sobre a cabeça raspada, olhos exasperados fazendo pingue-pongue entre a carta que Shade acabara de jogar e sua mão.

— É, tô meio ocupado — Indigo resmungou, os olhos fixos na mão. Contemplava com tanta concentração que Ada pensou que fae com uma beleza adolescente poderia se machucar. Jogou uma carta. — Olhem e chorem, comilões de dorminhocos.

— Porra — Haze resmungou.

— Tem a pior cara de paisagem, meu amigo — Indigo bufou. — E agora me deve uma refeição. Estou com fome. Pode pagar.

Os olhos escuros de Haze lampejaram e depois reviraram com exasperação.

— Tudo bem. Vou encontrar um doador.

— Não ligo de compartilhar.

— Tá bom.

— Pessoal — Rush rosnou. — Clarke teve uma visão. Isso é importante.

Todos os três vampiros abaixaram as cartas e reclinaram nas cadeiras, olhos fumacentos se movendo para estudar Ada. Tinham o tipo de pele quente, cabelo marrom e jeito de rato de praia que ela teria esperado ver em uma raça que gostava de sol, não em quem se escondia dele. Esses vampiros não eram do tipo do Dracula. Eram sensuais e de sangue quente.

— Já saímos no sol hoje — Shade disse, erguendo uma sobrancelha arrogante. — Precisamos de descanso para a grande caçada hoje.

Haze grunhiu a concordância. O enorme corpo musculoso do vampiro mal cabia na cadeira. Encarou Ada antes de perguntar:

— Você está em perigo?

— Eu não, Jasper.

As palavras não tinham atrativo para ele, e voltou o olhar já entediado para as cartas.

— Tá bom — Rush disse. — Vou encontrar um kuturi nos estábulos.

— Um kuturi vai demorar muito para preparar. Indi vai — Shade ofereceu.

— Tudo bem. Eu vou — Indigo disse, uma covinha lampejando na bochecha. Empurrou a cadeira para levantar. — Convinceu minha presa.

Ada exalou em alívio.

— Com uma condição — acrescentou, os olhos lampejando com travessura.

— Não vai acontecer, Indi — Rush rosnou, como resposta Indigo só

sorriu mais e ergueu as mãos.

— Não vou de barriga vazia.

— O que quer dizer? — Ada perguntou. O que ela deixou passar?

Rush fuzilou Indigo.

— Ele quer se alimentar de você. Jasper nunca permitiria.

— Quando um vamp tem que comer, um vamp tem que comer —

Indigo arrastou.

— Não... — Rush disse.

— Aceito — Ada tagarelou.

Rush rosnou e pegou Indigo pelo colarinho.

— Estou avisando. Jasper não vai gostar.

Haze e Shade se levantaram, ameaça tensionando a postura deles. A última coisa que Ada precisava era de uma briga interna.

— Estou bem, Rush. É só uma vez, certo? Não vou ficar doente ou algo assim, vou?

— Não vai nem perceber. — Indigo sorriu. — Não muito.

Indigo bateu nas mãos de Rush para afastá-las com uma carranca.

— Me toque outra vez, lobo, e durma com um olho aberto.

— Vem — Ada disse. — Quanto mais rápido fizermos isso, mais rápido podemos encontrar Jasper.

Ainda vibrando com fúria, Rush cruzou os braços e olhou feio antes de rosnar um aviso:

— Vou observar o tempo todo. Não tenha nenhuma ideia.

A animosidade de Rush teria desanimado Ada, mas Indigo apenas sorriu e disse:

— Sabe que gostamos quando somos observados.

— Não, não gostamos — Shade disse ao dar outra mão entre ele e Haze. — *Você gosta.*

Indigo fez beicinho.

— Estraga prazeres.

Ficou claro onde estava o poder no trio. Shade nem mesmo olhou para cima, mas os outros dois vampiros o obedeceram.

— Madame. — Indigo acenou para a sala de estar onde as cortinas estavam fechadas para bloquear a luz do sol.

O que diabos ela estava fazendo? Cenas de filmes ruins de vampiro ficavam lampejando na frente dos seus olhos. Cenários de horror de pescoços sendo dilacerados e sangue jorrando. Quão fraca se sentiria depois disso? Ela doara sangue algumas vezes quando estivera sem dinheiro e sempre se sentira cansada. Quanto ele tomaria?

Com os dedos revirando e farfalhando, ela se sentou em um sofá, os olhos indo para Rush que ficou parado na porta, ombro apoiado no batente, braços cruzados, olhos como lasers apontados para Indigo enquanto ele se encaixava em silêncio ao lado dela. Não pôde evitar sentir que isso era um momento íntimo, apesar da carranca de Rush.

Íntimo por causa do jeito que Indigo se ajeitou no sofá, ficando confortável. E o jeito que tirou a poeira do encosto atrás de Ada. O jeito que a respiração dele mudou e ficou mais leve. Ela podia sentir o cheiro masculino único dele.

Indigo afastou uma mexa de cabelo dela do pescoço com o toque de um amante, e se aproximou, mas ela o impediu. O coração dela bateu a mil por hora.

— Aí não — ela disse, se sentindo descontrolada. Aquele lugar estava reservado para Jasper. Rush estava certo. Se Jasper descobrisse que ela deixou outra pessoa a morder onde ele pretendia, ficaria furioso, magoado e traído. O pescoço era pessoal demais.

Sem hesitar, Indigo pegou o pulso dela e ergueu contra o nariz com um toque gracioso. Empurrou a manga o suéter até se juntar no antebraço e aí passou a ponta do nariz sobre a pele, para cima e para baixo, como se estivesse seguindo um cheiro... ou encontrando uma veia. Sem poder evitar, Ada estremeceu com o toque leve como uma pluma. Hálito quente formigou e arrepios irromperam na pele dela. A covinha de Indigo apareceu na bochecha antes de volta para um determinado lugar na parte de dentro do cotovelo. Ele o lambeu algumas vezes com uma língua muito pontuda e comprida. Vê-la foi um choque para Ada. Ficara acostumada com as orelhas arqueadas e pontudas. Até se acostumara com as presas e garras de um metamorfo lobo. Mas ver aquela língua, e o vislumbre de presas afiadas – tão diferente dos caninos de Jasper – Ada pressentiu um predador perigoso nele.

Mal podia sentir o toque, de tão hábil e gracioso. Durante a noite, quando andava sozinha pela rua, não saberia se um vampiro atacasse até ser tarde demais.

O único aviso que teve foi um encontro de olhares e aí presas afiadas perfuraram a pele.

Ela arquejou com a pontada, mas a dor logo virou um formigamento agradável, mandando faíscas de calor percorrerem o braço e depois a coluna. Sangue surgiu no ferimento, e diferente do que sabia, ficou surpresa de ver que ele não chupava o sangue como faziam nos filmes. Não. Ele lambia preguiçoso, se deleitando em cada gota que escorria como se fosse um vinho fino, soltando pequenos gemidos de apreço, se aproximando mais.

— Afaste-se, Indi — Rush rosnou.

— Mas o gosto dela é tão bom. — Ele murmurou ao lambe-la, como uma criança comendo o primeiro sorvete de chocolate e incapaz de esconder a alegria. — Por que o gosto é tão bom?

Shade e Haze abandonaram o jogo e se aproximaram, olhos hipnotizados enquanto Indigo lambia com os cílios farfalhando e olhos cheios de calor. Com cada lambida da língua, os arrepios percorrendo

o braço de Ada viraram algo mais insistente, ecoando o latejar do pulso em todo o corpo, especialmente entre as pernas. Meu Deus, estava ficando excitada. Indigo também. Ela podia ver no rubor das bochechas e o volume considerável forçando as calças de couro.

— Chega — Rush ralhou, se aproximando.

Mas Indigo não parava. Segurou o pulso dela com mais força.

— Bom demais — murmurou.

— *Indi*.

— Se eu parar agora, ela não vai estancar e vai ser desperdiçado.

Pelo tom desesperado na voz dele, as palavras de Indigo soavam como a desculpa de um viciado.

Rush rosnou e colocou a mão no pescoço de Indigo, deixando as garras alongarem até pressionarem contra a pele do vampiro.

Indigo ficou bem imóvel. O ar zumbiu com conflito. Devagar, ergueu as mãos em rendição, mas aí deu uma última lambida antes de recuar com uma expressão saciada no rosto, pálpebras farfalhando a meio mastro e chapado. A língua pontuda e rosa escapuliu e passou pelos lábios, se deleitando.

— *Putá-Poço* — xingou. — Você tem gosto de... — Fez um som entre um grunhido e um gemido estremecido. — *Po-rra*, Ada, chame de dia da lua. Estou chapado.

Ele soltou um longo, comprido e trêmulo suspiro ao mover os quadris baixo no sofá e apoiar a cabeça para trás, os olhos farfalhando fechados, sorrindo sozinho, preguiçoso.

— Ele está... — Ada colocou a mão no pulso e se curou, feliz de ver a pele se fechar com facilidade com a ordem mental. Ela não achava que Indigo tomara tanto. O sangue não jorrou. Escorreu. Ela se sentia bem. — Ele está bêbado?

Shade se aproximou para inspecionar Indigo. A estrutura óssea perfeita de Shade se moveu com controle. Fungou, aos longos cílios farfalharam como se apenas cheirar o sangue de Ada lhe desse uma brisa. Deu uma olhada para Haze.

— O que você acha?

Haze já parecia assustador com o tamanho, tatuagens no pescoço e cabeça raspada, mas agora, quando os olhos fixaram em Ada com intenção predatória, ficou completamente aterrorizante. Havia fome naquele olhar.

— Talvez porque ela é humana.

— Humanos tem gosto melhor? — ela perguntou, nervosa. Jasper mencionara algo a respeito, mas ela não achava que era bom assim.

— E ela é abençoada pela Nascente — Shade supôs, ignorando Ada.

— Deve ser isso. Vinho envelhecido por dois mil anos.

— Estão falando de mim como se eu fosse a última safra — ela

ralhou. — Não sou... — Comida? Droga? O quê? Ela não podia encontrar a palavra certa que não era verdade. Um segundo atrás, os vampiros mal olharam para ela, provavelmente categorizando-a apenas como inimigo e comida ao mesmo tempo. Agora ela podia transformar um deles em uma poça só com um gostinho do seu sangue.

Um olhar para Indigo e soube que os vampiros não se afastariam facilmente. Ele ainda estava relaxado no sofá, soltando suspirinhos de prazer e deleite enquanto o que fosse que tinha no sangue dela percorria o seu organismo.

O rosnado gutural de Rush dominou a sala.

— Fique longe dela. Fique longe de Laurel e Clarke. E principalmente, fique longe de Willow.

— Willow é meia-fae — Indigo arrastou. — Não vai ser tão gostosa. Não se preocupe. *Crimson*, não estou chapado. Estou morto. Porra. Como vou voar?

— Precisa voar — Ada arquejou, levantando.

Ele tentou se levantar, cambaleou e segurou o braço do sofá.

— Estou bem.

— Puta que pariu, Indi — Rush abriu uma carranca.

Shade olhou para Haze.

— Eu vou — Haze grunhiu com um suspiro resignado. — Vai se matar. E ela.

Haze empurrou Indigo no peito, que caiu de bunda com uma risadinha.

— Tudo bem. Você vai.

Rush apontou para cada um dos vampiros.

— É o primeiro e último aviso. A última coisa que precisamos é que todos os vamps em Elphyne fiquem sabendo disso. Se uma palavra disso escapar, vou caçar vocês. Assim como Thorne e Jasper. Entendido?

Algo sombrio e perigoso passou pelo olhar de Shade que o transformou de um modelo para um maníaco em um piscar de olhos, e aí desapareceu. Ada precisou reprimir um arrepio e se lembrar que esses membros do quadro não eram normais. Eram todos guerreiros perigosos e implacáveis. E ela estava prestes a voar por Elphyne com um deles.

— Se acha que somos o tipo de fae que colocaria as mulheres dos nossos membros do quadro em perigo, então deve estar nos confundindo com sua própria espécie. Vampiros não vendem suas mulheres.

Um rosnado curvou os lábios de Rush.

— Se encontrar Jasper, volte para nos buscar.

Haze acenou para Ada se dirigir para fora pela saída da frente.

— Vamos.

Ela o seguiu para fora.

Haze materializou duas asas coriáceas parecidas com morcegos por fendas nas costas do uniforme de Guardião. Abriram com tudo, duas vezes maiores do que o corpo dele era alto. Ele já hesitava para o sol e fazia uma careta.

— Vamos rápido.

Fechou os grandes braços musculosos em volta dela e aí bateu as asas até levantarem voo com um voosh. Ada sentiu o estômago bater nas costas.

Focou na sensação de Jasper pela conexão, mas não pode identificar uma localização.

— Pode voar em um círculo? — gritou para ele. — Vou ver em qual direção a conexão parece mais forte.

Deu um aceno curto e depois voou sobre a Ordem, até Ada bater a mão no antebraço dele.

— Para lá. — Ela apontou para a floresta cercando o campus da Ordem.

Inclinando o pescoço, ela viu uma careta marcando as feições austeras.

— O que tem pra lá? — ela perguntou.

— O lago cerimonial.

Uma pedra caiu no estômago de Ada.

— Ele mencionou querer se submeter ao julgamento de iniciação de novo.

As asas de Haze bateram mais rápido e a velocidade deles aumentou.

— Segure-se.

Não demorou muito, só uns trinta minutos mais ou menos. Passaram pela barreira de árvores e chegaram a um lago enorme que se estendia por quilômetros. Quando ela viu a sombra de uma silhueta vadeando na parte rasa do lago, soube que era ele.

— Ali!

As costas musculosas e bronzeadas de Jasper brilhavam sob o sol ao nadar na direção do centro do lado, deslizando com facilidade pela água.

— Não parece que tem ninguém por perto. É todo seu. — Haze a soltou na praia, fazendo uma careta com o reflexo do sol e aí levantou voo rápido sem mais nenhuma palavra.

Ada correu na direção da camisa dobrada que Jasper deixara na areia. Deu alguns passos na água e moveu os braços, gritando o nome dele. A uns doze metros de distância, ele virou.

E foi aí que deu merda.

## CAPÍTULO VINTE E NOVE

Movendo os braços e as pernas na água para ficar no lugar, o olhar de Jasper pousou no seu amor. Ela movia os braços sem padrão e gritava para que voltasse, mas ele sabia que se o fizesse, perderia a coragem. Ele nunca encararia os Minhocopoços. Nunca saberia se os últimos trezentos anos o transformaram em um covarde ou se o fizeram mais forte.

Mithras sabia exatamente como capitalizar as fraquezas de Jasper. Jasper precisava disso antes de encará-lo.

Ada colocou a mão em volta da boca e gritou.

— Volte! Estava errada.

— O quê?

— Nunca deveria ter dito você não era nada sem mim. Foi uma figura de linguagem idiota, é tudo. — A voz dela ficou tensa, aguda.

— Eu não sou nada sem você. Por favor, volte. Não... não me deixe.

Ele se deixou submergir, só um pouquinho, enquanto considerava as palavras. Ela o perdoou. Ou só estava falando aquilo para que ele soubesse? Dúvida irracional permeou sua mente. Qualquer que fosse o motivo para as palavras de Ada, vieram tarde demais. Algo liso roçou contra a perna dele. E de novo. Olhou para baixo, tentando ver através da água, mas só encontrou sombra. Tirara os olhos dela por um segundo, mas quando olhou de volta para cima, seu mundo desabou.

Mithras estava parado atrás de Ada, os dedos se curvando em volta do pescoço dela. Ao lado dele, o Mago Sombrio enrugado se aproximava, a forma curvada carregando algo pesado sob a capa preta esvoaçante.

Coração palpitando no peito, Jasper considerou as opções. Teleportar para lá e arriscar que Mithras fizesse algo drástico no instante que Jasper desaparecesse. Ou deixar as minhocas esfregando nos seus tornozelos o puxarem para baixo para as profundezas escuras e o julgarem, com sorte permitindo que volte com mais poder, o suficiente que mesmo sem o mana de Ada ele poderia encarar Mithras e vencer. Outra minhoca deslizou pelo tornozelo de Jasper e puxou. A decisão foi feita por ele. Afundou sob a água. A última coisa que vislumbrou foi o rosto manchado de lágrimas de Ada.

Foi a visão que o fez ver a verdade no seu coração. Qualquer



decisão era melhor do que nenhuma. Ficar parado o deixara naquele esconderijo enquanto matavam sua mãe. Ignorar sua identidade, se esconder na forma de lobo na pousada depois do primeiro ataque, foi covardice. Deveria ter trabalhado para restaurar suas memórias mais rápido. Se tivesse, não teria sido surpreendido pelo ataque de Mithras na alcateia Darkfoot. Poderia tê-los salvado. E agora... afundar devagar enquanto o coração ainda estava com Ada, ele sabia que a falta de ação seria a morte dela.

Não precisava que a Nascente lhe concedesse mais poder. Só precisava agir. Então ele teleportou para a margem, chegando com um borrito de água a poucos metros de onde as mãos de Mithras estavam envolvendo o pescoço de Ada. Não apenas envolvendo, mas prontas para quebrá-lo com a menor provocação. Jasper ficou imóvel.

— Desculpa, desculpa, desculpa — Ada soluçou, o peito ofegante, olhos desesperados focados em Jasper.

Seu lindo amor pensava que isso era culpa dela. Ele ficou puto que ela se culpava.

O cabelo de Mithras estava desgrenhado. Que sequer usava a coroa torta era um sinal que estava desesperado para ficar com ela. O pânico nos olhos entregava seu estado verdadeiro. Dava confiança a Jasper.

— O que você quer? — Jasper perguntou, as palavras lentas e enunciadas.

— Você arruinou minha vida — Mithras rosnou, os dedos apertando em volta do pescoço de Ada.

— Me diga o que quer — Jasper repetiu.

Fogo lampejou em olhos âmbar enquanto Mithras estudava Jasper. Os lábios se curvaram em um sorriso sebo. — Tudo o que sonhei foi em matar você e garantir que meu reino seguisse incontestado. Tinha o plano perfeito. Nomeá-lo herdeiro, matá-lo, culpar Maebh, incitar uma guerra. Simples. Mas já que você a procurou e revelou tudo, vou precisar me contentar em fazê-lo sofrer. Quero você de volta na máscara de ferro. Quero que todos vejam que eu te controlo.

Ele não sabia que a Ordem estava atrás dele? Mesmo que sequestrasse Jasper agora, não se safaria dos crimes que cometera. O fae maluco perdera a noção da realidade.

O Mago Sombrio avançou e revelou o pacote que carregava; uma máscara de ferro recém-forjada, completa com novos parafusos para enfiar no pescoço de Jasper.

— O que fiz pra você? — Jasper rosnou, horrorizado. — Que você precisou me caçar por trezentos anos e deixou minha vida miserável a todo momento. Não era ameaça a você ou seu reino quando criança, ou como Guardião.

— Foi uma ameaça do momento que sua mãe escolheu ficar com você.

Fúria ferveu no sangue de Jasper. Ele poderia derrubar o Mago, mas isso alertaria Mithras que quebraria o pescoço de Ada. Jasper também poderia teleportar para trás de Mithras e atacar ali. Mas, de novo, Mithras era rápido. Era poderoso. Não era rei por acidente. Dilacerou seu caminho até o topo. Uma pequena mudança na atmosfera e Mithras mataria Ada.

Não havia outra opção.

Olhou para máscara, reagindo com náusea violenta. Não outra vez. Mas faria qualquer coisa por Ada. Qualquer coisa.

Encontrou os olhos vermelhos da amada. Uma onda de dor ecoou de volta para ele. Ela tentou balançar a cabeça, mas Mithras firmou a mão, a esganando. Uma torrente de amor quebrou pela conexão vinda dela.

Em câmera lenta, ele viu o fim da sua vida acontecer. Pegaria a máscara. O Mago enfiaria os parafusos no pescoço dele. O mana seria incapacitado, o acesso a Nascente bloqueado. Talvez soltariam Ada. Talvez não. Mas cinquenta por cento era melhor do que nada. Talvez ela escapasse. Ele torceu.

Engoliu o nó na garganta e pegou a máscara. Hesitou antes de colocá-la e encontrou o olhar do Rei.

— Só para constar, espero que compreenda que vou tirar isso uma hora, e quando o fizer, seu reino terminará quando te espancar com ela. Nunca quis o trono, mas, Mithras, marque minhas palavras, é melhor me matar dessa vez, porque vou vir por você. E essa inevitabilidade é sua própria culpa.

Jasper rangeu os dentes e ergueu a máscara outra vez.

— Não! — Ada gritou. Fúria surgiu pela conexão. O rosto dela se contorceu. Bateu as mãos sobre as de Mithras e... algo aconteceu. O ar brilhou. Mithras começou a engasgar. Pequenas veias pretas serpentearam no rosto dele como se o sangue tivesse virado veneno. Tentou soltar Ada, mas ela o segurava com força. Estava fazendo isso com ele.

Jasper abaixou a máscara, embasbacado.

O Mago Sombrio arquejou.

Com cada segundo que passava, o destino do Rei piorava, e a energia de Ada parecia turva. Suja.

Jasper perdeu o fôlego, percebendo o que estava fazendo: acessando o lado sombrio do seu dom, mana puxado do lado sombrio da Nascente.

— Pare! — gritou, esticando a mão. — Pare, Ada, por favor, me escute.

O peito dela ofegava em grandes movimentos enquanto respirava fundo. Olhos marrons selvagens focaram nos dele.

— Olhe para ele — Jasper disse, apontando para o Mago. — É isso

o que acontece quando você acessa o lado sombrio da Nascente. Você murcha. Encolhe.

— Maebh disse que era natural — falou rouca.

Por Crimson, a voz dela soava diferente – lisa, oleosa, grave.

— Ada — ele tentou de novo. — Por favor. Não faça isso. Estava certa, amor. Somos mais fortes juntos. Foda-se o que somos separados, certo? Você e eu, para sempre.

Ela encarou.

Ele assentiu e se aproximou dela com passos lentos e cautelosos. Ela abaixou as mãos. Ele pediu que se aproximasse. Ela deu um passo...

A máscara de ferro bateu no rosto dele. Recuou para trás. Mãos fortes o empurraram para baixo. Em algum lugar, ouviu uma mulher gritar. *Ada*. Rugiu, atacando, mas era tarde demais. No foco único em chegar até Ada, não vira o Mago Sombrio se aproximando de lado. Os parafusos agora estavam no pescoço, afundando como uma broca cheia de agonia. A conexão com a Nascente foi cortada. Não sentia conexão com Ada. Nenhum mana.

Sumiu.

Vazio.

Tudo porque metal invadiu seu corpo. As mãos de Jasper seguraram a máscara e uivou sua fúria. Subestimara a sensação de prisão, de estar preso em uma jaula outra vez. Golpeou para o lado onde o Mago estivera e atacou até as mãos pousarem em algo macio e quebrável. Um braço. Talvez um pescoço. Não podia ver direito pelas fendas da máscara de ferro. Apertou. Enfiou os dedos bem fundo até sentir a força vital quente escorrer pelo corpo frágil do Mago. Continuou apertando até aquele corpo ficar mole e desabar. E aí pousou de joelhos, encontrou o pescoço do Mago Sombrio e esganou com uma força irracional de se proteger. E Ada.

Afastando-se, cambaleou sem rumo, rosnando e tentando ver pelas fendas. Lampejos de lago, praia e árvores. Cabelo dourado. Sorrisinho falso. Rosto cansado.

Ofegando com hálito quente contra o ferro, Jasper cambaleou. O metal o atormentava como nada mais. O corpo gritava para que fosse removido. *Tire! Tire isso de mim!*

Traga a Nascente de volta. Traga a vida de volta. O amor.

Olhando para cima, ofegando, viu que Mithras se recuperara. Não foi até o Mago, seu fiel companheiro. Foi direto para Ada e com reflexos rápidos, colocou a mão do lado da cabeça de Ada e outra sob a mandíbula. Encontrou o olhar de Jasper e aí quebrou o pescoço dela.

Um barulho molhado doentio. O último suspiro de Ada, um *puf* de ar. E aí o corpo dela sem vida caiu na areia, inclinando como um peso

morto para o lado, o cabelo loiro caindo sobre o rosto relaxado.

Jasper gelou como pedra.

Não. Não podia ser. Imaginara. Estava sonhando.

*Não!*

Todos os seus medos ganharam vida. Falhara. Perdeu. *Ela.*

Nada importava depois disso. Nada além da tempestade de fogo rugindo no seu sangue, afastando a doença do ferro. Devagar. Certo. Ressoou em um inferno.

*Matar. Vingar. Morrer.*

A mente se prendeu naquelas três palavras e as repetiu várias vezes. Com a ausência da força vital de Ada, infundindo compaixão nele, aceitando-o, amando-o... desaparecida para sempre... aquelas três palavras sombrias se tornaram sua âncora.

*Matar. Vingar. Morrer.*

Rosnou, baixo e gutural. O que eram mais algumas cicatrizes? Segurou o fôlego, afundou os dedos na carne onde os parafusos punçionavam, e os arrancou da carne. Um grande urro de dor escapou dele. *Dói tanto.* Continue puxando. Arranque-os. *Matar.*

Matar o fae que tirara a vida dela.

A máscara saiu inteira do rosto de Jasper, jorrando sangue na areia branca. O sangue espirrava do pescoço e ele cambaleou. A conexão com a Nascente voltou com tudo para dentro dele. Mana cresceu sob sua vontade e ativou a transformação, enfiando toda sua energia no lobo, fazendo-o maior, mais forte, mais feral. Sabia que a transformação curaria seu pescoço – o suficiente para um desafio final

O lobo se libertou.

Patas pretas peludas pisotearam sob ele, tão grande que rasgara as roupas. Soltou um rosnado gutural, os dentes se fechando.

Mithras recuou, olhos austeros em Jasper na forma de lobo. Era tão grande, estava na altura dos olhos de Mithras. Uma mordida, e ele morreria.

Opções foram calculadas nos olhos de Mithras conforme Jasper se aproximava. Endireitou a coroa, o olhar desviando para o Mago morto. Veias pretas ainda salpicavam seu rosto. O ataque de Ada o enfraquecera. Estava sozinho, e a momentos de se tornar comida de lobo.

Mithras se transformaria? *Podia* se transformar? Ou fugiria?

Jasper esperava que fugisse. Queria sentir as garras dilacerando as costas do covarde ao caçá-lo.

Mithras empunhou uma arma e segurou entre eles. Se Jasper estivesse na forma fae, teria gargalhado com o *flutuador* tentando empunhar uma arma de metal. A Nascente não o escolhera. Não o abençoara. Todo esse tempo, Jasper ponderara se era bom o bastante para ser rei. Ponderara por que o pai o odiava tanto.

Mithras tinha inveja.

O Rei nunca tivera a coragem de entrar no lago.

Nunca fora digno de ser concedido os poderes de segurar metal e plástico e ainda acessar a Nascente.

E o Rei nunca tivera o amor de uma mulher empática.

*Tivera.*

O coração dele se partiu. Ada se foi.

Por ela, Jasper faria essa última coisa, livraria o mundo de um covarde. Levaria ele para o lago, alimentaria os Minhocopoços com ele. Deixe que prove a rejeição em um nível metafísico. Deixe que viva a dor que causara. O uivo de Jasper estremeceu as árvores, estilizando a natureza, fazendo animais alados fugirem para o céu. Quando a última nota morreu, ele se transformou de volta em fae, o pescoço parcialmente curado, novas cicatrizes repuxando doloridas.

O lobo não poderia salvá-lo da próxima tarefa. Precisava fazer isso com as mãos. O lobo era parte dele, e não o contrário. Jasper precisava fazer seu posicionamento final.

Teleportou para trás do Rei, segurou os braços dele, e depois teleportou para o meio do lago. Mesmo antes de soltar de Mithras, as minhocas o seguraram, famintas. Estiveram à espreita. Mithras tentou levar Jasper com ele. Golpeou a superfície da água, arranhando os braços de Jasper, mas Jasper o afastou com nojo. E as minhocas puxaram Mithras para baixo.

Não restou nada além de um gorgolejo na água.

Por longos segundos, Jasper moveu os braços na água, se recusando a olhar de volta para a margem. Sabia o que encontraria. Dois corpos sem vida. Um de cabelo escuro. Um loiro. Um do seu amor. Seu motivo para respirar.

Ergueu os olhos para o céu azul, dolorosamente ciente do que circundava abaixo. A refeição recente as satisfaria por pouco tempo. O tempo estava se esgotando.

Lobos uivaram ao longe. O coração lento bateu um pouco mais forte.

*Estão vindo.*

Não os homens do Rei dessa vez. Os Guardiões. Seu quadro. Sua família. Tarde demais.

A mãe apelara para que fosse gentil... corajoso. A amada apelara para que aceitasse suas falhas, se levantasse. Então viera para o lugar onde os mais corajosos iam. E os covardes morriam.

Hora de resolver isso de uma vez por todas. O lábio inferior tremeu.

*... gentil... corajoso... digno.*

Minhocas grossas e viscosas se enrolaram nos tornozelos de Jasper, e ele afundou.

## CAPÍTULO TRINTA

A consciência de Ada surgiu devagar de um lugar profundo. Uma tontura sombria nadava na sua cabeça. Tirando isso, não sentia nada. Nenhuma dor. Nenhuma sensação. Nada. Era uma prisioneira no corpo paralisado.

Vagamente, sons distantes chegaram a ela. Alguém estava brigando. Um rosnado. Fúria.

*Mithras quebrara o pescoço dela!*

Era por isso que não podia se mover. Uma onda de medo cobriu sua mente.

Jasper sabia que estava viva? Precisava se curar. Precisava contar para ele. Precisava ajudá-lo. Mas ela não podia se mover.

Não entre em pânico. Não morra. *Cure.*

Então ela fechou os olhos, desacelerou a respiração, o coração, tudo. Filtrou toda a consciência para o corpo, focando no âmago, procurando o dano.

Mana veio para ela com uma ferocidade que nunca sentira antes. O dom ganhou vida, ofendido que quase fora trapaceado de fazer todas as coisas que ela quisera fazer. Poderia curar o mundo se tentasse.

*Comece pequeno.*

*Comece consigo.*

Para fazer isso, precisava filtrar todos os sons, especialmente o uivo de lamento dilacerando o céu. *Não poderá ajudá-lo se estiver partida. Cure.*

Pensou em tudo que doía, mas outras dores vieram à mente. Lampejos da infância. Não importava o quanto tentasse afastar, não conseguiu. A mãe. A falta de amor. Como ela mantivera Jasper afastado. Tudo porque ela estava morrendo de medo de como machucaria perdê-lo. Era ridículo. Infundado. Ela superara isso.

Não era indesejada. Era amada e adorada acima de tudo. Jasper a amava tanto, ele se tornara a pessoa mais corajosa que jamais conhecera. Colocar aquela máscara de ferro o aterrorizou, mas o fez mesmo assim.

Se isso não fosse coragem, o que era?

*Se levante.*

Estava na hora de sobreviver.

Ada focou no aqui e agora. Enviou a magia para vasculhar seu

organismo, caçando cada celuzinha impura e partida que podia encontrar, restaurando com vida, fazendo-a inteira. Formigamentos começaram nos pés. Fogo lancinou pelas pernas dela. Os braços se moveram conforme o fluxo sanguíneo era restaurado, conforme o sistema nervoso ganhava vida. Devagar, sem dúvida, ela se curou.

E aí ela sentiu... um lampejo de vida no ventre. Tão pequeno que quase não estava ali. Tão novo. As mãos foram para a barriga. Estava grávida?

Por que não estaria? Não usaram proteção. Estava transando com Jasper desde a noite de Lupercália – o rito de fertilidade.

Seriam uma família.

Ela virou para o lado e respirou fundo, trêmula. Lágrimas de triunfo e alegria ardendo seus olhos. Ela conseguiu. Precisava contar para Jasper. Precisava... o olhar se ergueu, procurando por ele, mas só encontrou o olhar morto e frio do Mago Sombrio. Ela se levantou atrapalhada, vasculhou a praia. Nada. Onde ele estava?

A conexão. Focou nela, e encontrou algo perto... onde? Rodopiou, focando na direção. Um borrifo no lago, bem no meio. A cabeça de Jasper oscilava de leve ao flutuar, encarando o céu. As orelhas estavam na água.

— Jasper! — falou rouca.

Ele fechou os olhos e afundou.

Sem pensar, sem compreender o que as minhocas fariam, Ada correu, se jogando pela parte rasa. Tudo o que sabia era que precisava chegar até ele. Quando não pôde correr mais, mergulhou e nadou, chutando os pés. Ela se impulsionou até não conseguir se mover mais rápido. Nadou até os braços e pernas arderem. Seguiu a sensação de Jasper. Ainda estava ali, em algum lugar no fundo, a energia pulsando para ela das profundezas.

Tempo demais. Isso estava demorando demais.

Chegando onde o viu submergir, respirou fundo até os pulmões protestarem e mergulhou. Jasper dissera que havia criaturas aqui que ninguém queria experimentar. Só um terço dos iniciados emergia vivo. Medo percorreu sua espinha ao nadar pela água escura.

Pela conexão, ela sentiu a aceitação calma e arrepiante dele. As emoções de Jasper estavam desbloqueadas, talvez porque pensava que não havia ninguém de quem escondê-las. Ele estava desistindo. O conhecimento a incitou em frente.

Um pequeno farol azul brilhava fraco abaixo – as marcas abençoadas pela Nascente dele.

Ela chutou, moveu o braço e se empurrou para baixo, incitando para que as emoções gritassem por ela.

*Olhe para cima. Estou chegando. Não vou te deixar.*

As próprias marcas azuis dela acrescentavam luz. Sombras turvas

rodopiaram em volta dela, circundando. As minhocas estavam aqui, mas não podia olhar para elas. Ela se recusava a reconhecer sua existência. Não tinha tempo.

Cabelo escuro flutuando.

O coração dela cresceu. Esticou a mão, roçou o cabelo, mas errou. Pressentindo-a, o rosto dele se ergueu. Olhos âmbar brilhantes focaram nela. Deveria ter ficado feliz. Deveria ter sorrido. Mas não. O rosto dele desmoronou. O lábio inferior tremeu. As sobrancelhas se juntaram no meio e se ergueram. Esticou o braço para ela.

Pensou que ela estivesse morta. Um anjo.

Mais um impulso e ela pegou a mão dele. Puxou, tentando inverter a trajetória, mas ele estava preso. Algo o segurava. Sombras escuras se aproximaram mais, roçando contra ela. Os pulmões dela arderam. Estava ficando sem ar, sem tempo.

Mas não iria deixá-lo. Nunca.

Então parou de lutar. Afundou. Para baixo, o corpo dela deslizou, pé primeiro para os braços abertos dele. No ninho serpenteante de minhocas se envolvendo no corpo dele, subindo para o coração. Brilhos lançados pelo azul banhavam o rosto definido dele em uma luz suave e fantasmagórica. A felicidade melancólica quebrou nela. Segurou o rosto dele entre as mãos e colocou os lábios nos dele. Bolhas explodiram da boca dele ao beijá-la de volta. E então a soltou. Pairou. Cílios escuros abaixaram preguiçosos. Estava sem ar. Desistindo.

Não.

Ela se recusava a aceitar.

Minhocopoços compridos e deslizantes envolveram as pernas dela, a grudando contra Jasper.

Pegou a boca dele e inclinou contra o pescoço dela, implorando em silêncio para que a marcasse. Para que fechasse e mordesse. Quando ele não fez nada a não ser colocar os lábios na pele, um grito silencioso de fúria impotente ricocheteou no corpo dela. Não podia terminar assim! Não permitiria.

Sobrevivera ao abandono quando criança.

Sobrevivera ficar congelada por milhares de anos.

Sobrevivera uma faca na barriga. Um pescoço quebrado.

E fizera todas essas coisas, não pelas ações de outros, mas dela. E agora tinha uma família para defender. Os olhos dela se abriram. As minhocas subiram pelo torso dela, apertando, tentando esganar o ar dos seus pulmões sofridos. Mas ela sabia o que fazer. Mordeu com força o pescoço dele, ela mesmo o reivindicando para si.

O cemitério aquático de repente mudou. Se moveu. Oxigênio irrompeu nos pulmões dela. Água caiu e espirrou. Pousaram com força em algo macio, pulando e escorregando em água deslocada. Abrindo a



boca como um peixe, ela respirou, ofegando por ar. E veio. O doce e adorado ar surgiu como fogo nos pulmões.

Onde estavam?

Teto simples. Cama com colcha xadrez. A casa do quadro. Quarto de Jasper. Jasper?

Ele os teleportara ali.

Ao lado dela, ofegante, virando para o lado, olhos maníacos pousando nela. Esticou o braço.

Ela pegou sua mão.

— Está viva — coaxou. — Como?

Ela assentiu, ainda ofegante.

— Eu me curei. — Os olhos dela encheram de água. Engasgou. — Por sua causa. E minha.

Dor estilhou a expressão dele.

— O que quer dizer?

— Não sei se me ouviu quando gritei da margem, mas estava certo. Eu estava errada. Não somos nada separados. Somos mais fortes juntos.

Eles se encararam, deitados de lado em uma cama encharcada, segurando as mãos.

Mais angústia embargou a garganta dela.

— Jasper — ela soluçou. — Desculpa, estava com tanto medo de deixar você entrar. Pensei que se o fizesse, não sobreviveria se você partisse. Mas eu...

A voz dele falhou.

— Você sobreviveu.

— Porque também não posso respirar sem você.

Ele virou sobre ela.

— Ada — sussurrou. — Voltou por mim.

— Eu te amo... e... — Pegou a mão dele e deslizou para a barriga molhada. — Tem outra coisa. Nosso ritual de fertilidade foi um pouquinho bem-sucedido.

Os olhos dele encontraram os dela, confusos.

— O quê?

— Estamos grávidos.

Os cílios dele abaixaram. Choque deixou as feições impassíveis.

— O quê?

Ela sorriu, mordendo o lábio, deixando que ele assimilasse tudo e aí virou a cabeça para o lado e afastou o cabelo, descobrindo o pescoço. Mesmo sem ver o rosto dele, sentiu a mudança nas suas emoções. Deixou que ela sentisse tudo: triunfo, alívio, uma torrente de amor.

Fez um barulho, algo entre um gemido e um suspiro doloroso, e aí afundou os dentes no pescoço dela, rosnando em volta da pele. Não

doeu tanto quanto temia. Uma pontada. Um ardor. Como agulhas finas. Sem remover os dentes, abriu a camisa dela, puxou as calças sobre os quadris e só quando precisou de espaço para o braço foi que soltou o pescoço. Tirando o resto das roupas do corpo dela, ele recuou e a observou, os olhos cheios de apreço satisfeito.

— O que vê? — ela perguntou.

— Uma mãe. Uma guerreira. Minha rainha.

— A parte da rainha foi estranha.

— Se acostume. — Abaixou a cabeça e lambeu a mordida. A dorzinha latejante se transformou rápido em desejo quente, se espalhando por todos os membros, derretendo-a até o âmago até se tornar uma confusão sem fôlego e gemendo.

Ele gemeu.

— É mesmo minha.

Ela assentiu, arqueando contra ele.

— Vamos ter um filho.

— Um príncipe ou uma princesa.

— Fodeu.

— Foi mesmo.

Ele se afastou, os olhos brilhando e enrugados nos cantos.

— Está pronta?

— Pelo quê?

Sorriu contra o pescoço dela.

— Vou te tomar firme. — Beijou o pescoço dela. — Vou te tomar com força. — Beijou a frente do corpo dela. — E vou te cobrir com meu cheiro.

Ela gemeu quando a língua percorreu o seio, lambeu o mamilo e depois se afastou. Olhos escuros e sombrios colidiram com os dela quando ele colocou os dedos entre suas pernas e penetrou seu núcleo. As costas dela arquearam com a sensação. Os quadris se moveram sozinhos, cavalcando os dedos dele enquanto entravam e saíam e se moviam e – *Deus*. Para dentro. Para fora. Para dentro.

Ela era uma confusão de estímulo. Os lábios dele nos seios. Os dedos entre as pernas. Beijou a barriga dela com reverência. E aí ele se moveu, se segurando e posicionando onde ela precisava.

— Estou te reivindicando, meu amor.

Ele estocou.

## CAPÍTULO TRINTA E UM

Ainda se recuperando da brisa dominante do sangue de Ada, Indigo voou para o lago cerimonial. Agora podia ver claramente, mas o trajeto de voo oscilou como se estivesse no meio de um furacão. Um furacão chamado Ada.

Humana – humana *abençoada pela Nascente* – com sabor de êxtase potente, meloso e de acelerar coração. E o sangue o satisfizera de um jeito que nenhum outro fizera.

Esfregou o rosto, tentando afastar o resíduo de anseio da expressão. Não tinha nada a ver com ela... mas com seu sabor. Mas teria que se acostumar com aquela ser sua última gota. Ada pertencia a Jasper. A casa inteira o ouvira acasalar com ela. As paredes tremeram. Os lustres chacoalharam. Foi por isso que Indigo teve que sair de lá.

Tudo o que podia pensar era em Jasper mordendo o pescoço dela.

Podia sentir o cheiro do sangue excitante filtrando pelas correntes de ar da casa.

Então veio para cá. Para o resultado da batalha recente de Jasper. Descobrira isso pelos metamorfos, e precisavam de alguém para coletar o corpo flutuante e inchado do Rei do meio do lago. Haze estivera a meio caminho de volta para a Ordem quando ouvira o uivo de estilhaçar a floresta do lobo. Ele se virara e encontrara Ada mergulhando no lago, um Mago Sombrio morto na areia e uma coroa de vidro descartada. Nenhum rei.

Protegendo os olhos do sol, Indigo circundou o lago cerimonial e localizou os outros Guardiões. Rush, Thorne, Leaf e Clarke. Graças a Crimson, estavam na sombra de uma árvore. Não era que o sol o deixasse doente, só exauria sua energia. E depois da prova do sangue que tivera, só queria voltar a dormir e sonhar com mais. Dessa vez, com uma humana sexy e nua dele.

Arqueando de volta para o lago, voou até ver o corpo do Rei, mergulhou, pegou o negócio nojento e levou de volta para a margem onde soltou sem cerimônia.

— Que tipo de loucura aconteceu aqui? — perguntou, pousando na areia. Grãos subiram, ardendo seus olhos.

Rush semicerrou os olhos para Indigo.

— Por que você está aqui?

Indigo bufou.

— Por que não?

Era óbvio que ainda estava desconfiado que Indigo atacaria a humana saborosa parada ao lado dele.

— Não se preocupe, lobinho. Posso controlar minha sede de sangue.

Outro rosnado, que levou Clarke a explicar para Indigo:

— Jasper matou o Rei. E o Mago Sombrio. Agora não sabemos onde Jasper e Ada estão.

Ele ergueu o indicador.

— Posso responder isso.

Todos encararam ele.

— Estão mandando ver no quarto de Jasper.

— Dama presente — Thorne avisou com uma carranca.

Clarke ignorou com um aceno.

— Já ouvi pior. Então... estão fazendo as pazes. Excelente.

— Estão fazendo as pazes, com força. Podia sentir o cheiro da sala.

— Indigo fez uma careta.

— Eca. — Clarke deu um soco nele.

Olhou feio para ela, colocando a mão no lugar dolorido. O sol deixava tudo sensível.

Leaf, que estivera inspecionando o corpo do Rei, se aproximou. Deu um olhar desaprovador para Indigo.

— Isso não deveria precisar ser dito, mas se eu te pegar fungando perto das humanas vivendo na casa do quadro, você está fora. Sem aviso. Apenas fora.

— Não estava fungando ela de propósito! — Ele ergueu as mãos.

— Por que todo mundo acha que vou deixar a sede de sangue me consumir?

Leaf arqueou uma sobrancelha.

— Você sabe por quê.

Isso calou a boca de Indigo. Cerrou os dentes e foi tempestuoso para o corpo do Mago. Ele pisara na bola uma vez, há anos atrás. Nunca o deixaram esquecer. E daí que ele tinha papilas sensíveis. E daí que de vez em quando se deixava levar ao beber. Não era o primeiro vampiro a matar uma refeição, e não seria o último.

O Mago estava tão enrugado com doença da tintura que devia estar usando mana do lado sombrio da Nascente há anos. Sob todas as vísceras e sangue, cheirava podre por dentro.

Jasper devia estar furioso para fazer tudo isso.

Passos ao lado dele.

— Indigo — Clarke disse, parando.

— É melhor tomar cuidado — arrastou. — Posso perder o controle e te beber até secar.

Ela escarneceu.

— Você nunca faria isso.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Eu sei.

Indigo desviou o olhar para ela e a encontrou observando-o com atenção.

— O que você quer? — ele ralhou.

O lábio dela se moveu com o sorriso misterioso que ele descobrira ser parte do rosto de artimanha dela. Todas as Profetas tinham uma expressão que revelava seu conhecimento secreto.

— Nada — ela disse, depois olhou para o corpo. — Eca. Podemos conversar em outro lugar?

— Você quer conversar?

— Perto das árvores?

Ele foi com ela, se deleitando em silêncio na sombra, e depois ergueu a sobancelha.

— O que você Viu? Para qual missão insana está prestes a me enviar e a Prime sabe?

Os olhos dela semicerraram.

— Pode ler mentes como os Seis? Ou só é intuitivo?

— É sorte.

Ela respirou fundo e olhou para onde Rush, Thorne e Leaf discutiam a coroa de vidro.

— Quando Mithras morreu, algo aconteceu com minhas visões. Ficaram... sombrias. Foi como se ele fosse um catalisador para um outro potencial futuro. Tudo o que sei é que tem algo a ver com Maebh.

Indigo cruzou os braços.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque preciso que você ache a próxima humana abençoada pela Nascente antes do Vazio e da Maebh.

— Eu?

— Ninguém vai rastreá-la e desejá-la como você. Tem que ser você. O estômago dele embrulhou.

— Está dizendo que ela é minha parceira?

— Tudo o que sei é que já está acordada nesta época. Pensei que eu tivesse sido a primeira, mas estava errada. Muito errada. Existem mais, e como o Vazio, acordaram antes de mim. Até onde sabemos, ela está morando em Elphyne, disfarçada de fae. Poderia ser qualquer um.

— Como deveríamos encontrá-la?

Ela inclinou a cabeça.

— Você provou uma de nós.

Ela o deixou em um silêncio chocado. Clarke sabia exatamente o que o sangue fez com Indigo, entretanto confiava nele para encontrar

essa humana.

— O que faz ela ser tão importante?

— Ela faz armas.

— Como um ferreiro?

— Muito pior. Uma física nuclear.

— Eu não entendo.

— Ela sabe como construir as bombas que destruíram o antigo mundo e está lá fora em algum lugar. Sozinha. Escondida. E Maebh e o Vazio já estão caçando-a.

## CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Uma semana passou desde que Jasper matou Mithras. Ou melhor, desde que ele deixou os Minhocopoços o levarem. Passara metade do tempo trancado no quarto com a nova parceira, garantindo que a reivindicação estivesse mais do que garantida. A outra metade, passara no Palácio Estival, conversando com os funcionários do castelo e com os soldados.

Todos sabiam sobre a morte do Rei. Prime garantiu isso. Sabiam que tinha sido ele que derrotara Mithras com as próprias mãos, sem assistência. Agora todos esperavam sua resposta.

Ele estava quase pronto para dá-la, mas precisava fazer uma última coisa.

Pegou a mão de Ada e, juntos, entraram na antiga cabana da mãe. Foram direto para o tapete encharcado e surrado na sala. Jasper se abaixou e virou o canto para revelar uma tábua solta. Ergueu-a e a do lado.

Embaixo, estava um pequeno buraco.

— É tão pequeno — ele murmurou.

— Você era apenas uma criança, Jasper.

Com toda aquela responsabilidade sobre os ombrinhos, ele se sentira muito mais velho. Procurou no bolso e encontrou o pendente âmbar em forma de coração. Colocou na terra e aí fechou o buraco. Colocou a mão por cima e fechou os olhos.

A mãe ficaria orgulhosa dele, de Ada, e da nova família.

— Tem certeza que não quer guardar? — Ada perguntou.

Ele balançou a cabeça, franzindo o cenho.

— Todas as vezes que olho para ele, lembro das coisas erradas. Preciso seguir em frente, olhar para o futuro.

Tocou os dedos nos lábios, depois pressionou nas tábuas. Isso tudo começara com a mãe dele. Ela morrera neste exato lugar. E ele até que enfim a vingara.

Quando se endireitou, Ada entregou a coroa de vidro.

— Quem você vai ser?

Ele virou a coroa nas mãos, observando a luz refletir no formato. Reflexos dançavam pela sala.

Clarke contara para eles sobre as novas visões. A morte de Mithras

soltara algo na Rainha. Escuridão cobria tudo o que Clarke previa. Havia tempos sombrios à frente. Os Seelie precisavam de um rei forte. Precisavam de alguém para deixar as coisas divertidas. Precisavam de alguém corajoso.

— Serei quem meu povo precisar que seja, o que minha família precisar.

— Mas qual nome vai assumir?

Ele pensou. Mithras nunca esteve em jogo. Mas não poderia voltar para Reed. Poderia, entretanto, ser os dois. Poderia honrar a mãe e o lugar onde passara a maior parte da vida. Poderia honrá-los.

— Jasper Darkfoot.

Palmas lentas vieram da escuridão. Jasper forçou os sentidos, tentando farejar o intruso. Mas o que encontrou não fez sentido.

— Clara?

Ela emergiu do corredor escuro, mancando em uma bengala. Atrás dela, mais corpos emergiram. Um deles, o jovem que Ada curara. Lake.

Ada correu para Clara e a puxou em um abraço. Depois puxou o garoto.

— Pensamos que estivessem todos mortos.

Os olhos de Clara marejaram.

— Alguns de nós escapamos. Mas precisamos ficar escondidos até termos certeza. Prime descobrira nosso papel no armazenamento. — O olhar brilhante dela desviou para Jasper. — Mas agora que um Darkfoot está assumindo a cora, esperamos que nos conceda mais um favor.

— Clara — ele repreendeu. — Nunca deixaria a Ordem punir vocês. Mithras manipulou vocês todos.

Os ombros de Clara se curvaram com alívio.

— Não sabe como me sinto de ouvir isso. — Limpou os olhos. — Vai ser ainda melhor quando o anúncio oficial for promulgado.

Ela deu um olhar intenso para a coroa na mão dele.

Como rei, Jasper não poderia mais ser um Guardião – tecnicamente – e isso era mais difícil de abrir mão do que ele pensou. Mas a tatuagem de lágrima não podia ser removida. Nem poderia ser escondida por glamour. Era permanente. Não terminara de encarar os Minhocopoços pela segunda vez, mas não precisou. Já era tudo o que a mãe esperara. Só demorara algumas centenas de anos para chegar aqui. O bom, o ruim e o doloroso – tudo isso o fizera o fae que era hoje. Estava na hora de parar de viver por sonhos antigos e criar novos.

Encarou Clara. Encarou Ada. E aí, ele colocou a coroa.



Fim.<sup>1</sup>

•15

(Da primeira Trilogia Guardiões Fae, Temporada do Lobo. Nossos vampiros de sangue quente são os próximos na Temporada do Vampiro!)

---

**1** Não importa onde você encontrou o livro, faça uma resenha na Amazon. Resenhas ajudam outros leitores e encorajam a editora a continuar trabalhando para publicar mais fantasias extraordinárias.

## EPÍLOGO

**D**or era o mundo dele. Agonia infindável o enchia da cabeça aos pés, do osso ao sangue, da carne até a mente. Abriu os olhos inchados. Sangue seco estalou nos cílios. Balançou os braços, testando as amarras de corda, mas ainda estava firmemente preso acima da cabeça a uma parede na masmorra do Castelo Obsidiano.

O que fizeram com ele.

O que aquelas *coisas* fizeram.

*Coisas* sórdidas, vis, anormais.

— Ahh, e ele lembra.

Bones ergueu a cabeça.

Ela estava lá. A pior de todos. A Rainha Unseelie. Usando um vestido ousado, um corvo sentado no ombro. Era depravada, sórdida e cheia de desejos perturbados. Ao lado dela está a vil, doentiamente linda, criatura fantasmagórica que violara a mente de Bones. Fora metafisicamente estuprado.

Todos eram os demônios que o Vazio queria acabar.

Bones riu sozinho.

O Vazio queria acabar com todos eles. Todos mereciam morrer. Se pudessem apenas encontrar um jeito de matar os Sluagh, os humanos poderiam recuperar o que era deles de direito. Tudo isso.

A Rainha se aproximou dele e colocou uma longa unha preta sob seu queixo. — Ah, meu querido humano.

— Por que não me mandou de volta para a Ordem? — Ao menos aqueles animais ferais eram fáceis de engolir.

— Eles acham que você está morto — ela riu. — Oops.

Ele ficou gelado.

— Por que ainda estou vivo?

— Porque quando meu querido Sluagh devastou sua mente, encontramos uma coisa. Uma arma especial que vocês humanos estão construindo. — Os lábios ameixa se abriram em um sorriso diabólico. — E você vai me contar tudo a respeito, e mais importante, como posso fazer uma pra mim.

# GLOSSÁRIO

O universo dos Guardiões Fae é grande e está em expansão, por este motivo decidi criar um glossário, ou um apêndice. Aqui vocês irão encontrar definições tanto do universo Guardiões Fae, quanto de palavras presentes em livros de fantasia.

**Sprites** – fadinhas elementais pequeninas

**Crimson** – de Jackson Crimson, um dos primeiros fae, seu nome é usado da mesma maneira que dizemos “Jesus” ou “Deus”

**Fae** – nova espécie que surgiu após a destruição nuclear. Dividida em diversas raças: metamorfos, vampiros, elfos e monstros. O uso do fae no lugar do estabelecido feérico se deu por abranger diversas raças, diferente de feérico que costuma ser considerado apenas uma raça em específico de seres que se parecem com o que aqui são descritos apenas como “elfos”.

**Seelie/Unseelie** – divisão da espécie fae. Os Seelie são fae que preferem o dia e temperaturas mais quentes, os Unseelie preferem a noite e temperaturas mais frias. O Reino de Elphyne foi dividido entre Seelie e Unseelie quando as temperaturas começaram a esquentar e alguns locais degelaram. De acordo com a autora, os Seelie aprenderam a manipular a linguagem para contornarem a regra de “fae não podem mentir”, já os Unseelie são honestos a ponto de beirarem a crueldade. Mediante isso, a divisão não se trata de níveis de benevolência, e os dois lados podem ser honrados ou cruéis na mesma medida

**Mana** – energia responsável por fornecer força e magia para os fae e o mundo

**Nascente** – fonte de todo mana, magia fae, em ocasiões pejorativas pode ser referida como “Poço”

**Azul guarda-rios** – Guarda-rios é um pássaro com uma plumagem azul característica, a escolha de mencionar o pássaro no lugar de uma cor genérica se deu a peculiaridade do pássaro mencionado no original se chamar “guarda-rios” e o uniforme ser de um “Guardião da Nascente”

**Sacola** – mochila rústica de pano

**Crystal City** – Cidade de Cristal, principal assentamento humano

em Elphyne, a comunidade fica contida entre muros de cristal

**Warada** - besta parecida com um porco. Com dentes afiados, quelíceras e couro preto, o animal era uma mistura entre um javali e um inseto. Tinha um peito largo, garras afiadas e seis pernas

**Manabeeze** – abelhas de mana, beeze tem a mesma sonoridade de um zumbido de abelha. Pequenas bolas de luz/energia que podem ser usadas para diferentes fins muito lucrativos, entre eles iluminação e entorpecente. É considerada sagrada

**Flutuador** – pessoa que entrou no lago cerimonial da Ordem da Nascente e foi considerada indigna, flutuando para superfície após se afogar.

**Pedra-portal** – uma pedra imbuída com mana que permite abrir um portal entre localidades longínquas de modo a encurtar a viagem. Passar por um portal tem efeitos colaterais que diminuem com o tempo e uso. Alguns fae podem criar portais com sua própria capacidade de manipulação do mana

**Comilão-de-dorminhocos** – vampiros que se alimentam de fae adormecidos, para não terem dificuldades de conseguir a comida

**Wolpertinger** – um metamorfo, fae do fogo, que perdeu na loteria genética, com asas de faisão, corpo de coelho e chifres de cervo, conhecido por atrair mulheres solteiras desavisadas com sua forma fofinha e depois se transformar em um humanoide, sequestrá-las e estuprá-las para propagar a espécie

**D’arn** – um honorífico usado para designar um Guardião da Ordem da Nascente

**Prime** – maior cargo na Ordem da Nascente, preside sobre o conselho composto por três Magos e três Guardiões escolhidos pela Nascente. Uma das fae mais poderosas de Elphyne, canaliza o poder da Nascente

**Sluagh** – fae criados pela Rainha Unseelie, Maebh, utilizando o lado sombrio da Nascente durante a primeira guerra entre humanos e fae. Garantiram a vitória fae e a contenção da comunidade humana em Crystal City. Possuem consciência coletiva

**Mana-conha** – substância entorpecente de mana

**Vinho de mally-root** – uma espécie de vinho quente fae

**Brownies** – espécie de fae que se energiza ao limpar uma casa

**Willow** – palavra em inglês para a árvore “salgueiro”. Infelizmente, nomear um bebê fêmea como salgueiro não é adequado

# INVEJA

Pecado mortal consumiu Cardinal City. Violência, assassinato e caos são apenas o começo. Uma família de heróis geneticamente modificados é a única esperança da cidade... se conseguirem resistir ao pecado, podem ter uma chance.

O herói desonrado Evan Lázaro se pune no circuito de lutas clandestinas. Ele se culpa pela tragédia que dividiu sua família e deixou a cidade sem os salvadores. Percorrendo um caminho sombrio em busca de vingança, se não tomar cuidado, vai se tornar o mal que foi criado para combater. E aí, ele a conhece – uma mulher que personifica a virtude oposta ao seu pecado. É inteligente, determinada e eletrizante... É tudo o que secretamente deseja.

Grace Go quase morreu na explosão que matou seus pais e agora procura justiça para os sobreviventes. Quando a investigação cruza o caminho de um herói superprotetor, mas machucado, fica intrigada. Quanto mais o vê, mais ele incita um desejo que pensou há muito desaparecido e mais fácil é permanecer ignorante ao segredo que poderia arruinar sua opinião dele para sempre.

Quando uma pessoa do passado de Evan emerge, alinhada com o malvado Sindicato, as artimanhas ameaçam destruir tudo o que ele ama. Levado aos limites, precisará tirar a família da beira do esquecimento e se tornar o herói que a cidade precisa... ou a inveja o levará a destruir Grace e sua única chance de amor e redenção para sempre?

♥ Série indicada a vários prêmios. ♥ Finalista no prêmio ARRA para melhor série de romance paranormal em andamento. ♥ Finalista do prêmio Melhor Livro do ano RWA Ruby 2020. ♥ Cada livro pode ser lido independente, mas é melhor ler em sequência para acompanhar o enredo ampliado.

*Os Sete Mortais é uma série de romance paranormal/ficção-científica com heróis geneticamente modificados que devem encontrar um parceiro para a vida ou se tornarem o pecado capital que foram destinados a destruir. Perfeita para fãs de séries de super-heróis como Batman, Arrow, The Flash e Superman... mas com mais emoção e romance picante entre o herói e o interesse amoroso. Para maiores de idade.*

## EVAN LÁZARO

A cordou em um lugar estranho.

Ar fedorento e denso entrou nos seus pulmões vindo da escuridão. A cabeça latejava e o corpo estava sensível a ponto de doer. Era macio e irregular sob ele. Duro e frio dos lados. Quando se remexeu, o movimento levantou o odor rançoso. Sabia exatamente onde estava.

Lixeira.

E se tinha se escondido em uma lixeira, muito provavelmente estava usando o traje de combate – uma batida rápida nas calças de couro e puxada no capuz confirmou. As mãos ficaram grudentas, e quando tocou o polegar e o indicador, a pegajosidade permaneceu. Levou ao nariz e cheirou. Doce, metálico, denso: sangue.

Mas de quem?

E, como ele chegou aqui?

Antes que pânico criasse raízes em seu peito, pensou: *Evan Lázaro. Seu nome é Evan Lázaro. Você luta contra o pecado mortal da inveja. Você salva as pessoas.*

Às vezes.

Talvez.

Ele devia ter feito algo terrível... algo do qual precisou se esconder. E ao invés de chamar por ajuda, se escondera, porque, por que os Sete Mortais o ajudariam? Eram apenas sua família.

Evan se moveu para erguer a tampa da lixeira, mas uma dor atravessou seu torso. A sensação trouxe memórias da noite anterior lampejando em um redemoinho vertiginoso. Vários pares de mãos o forçaram para baixo. Punhos colidiram com seus olhos e maçãs do rosto. Dor cegante. Visão inchada. Botas martelaram no seu abdômen. O ar escapou dos pulmões. Um pé de cabra nas costelas, mandíbula, joelhos. Ele se movia com força, mas o seguravam impiedosamente, afastando os membros até dor explodir nas articulações, deixando o torso vulnerável a mais violência... depois ele cedera e sorria e gargalhara. Porque ele mereceu.

Evan esfregou o rosto com a mão para apagar a memória, mas as

palavras do atacante voltaram com tudo: *Se está procurando por validação, garoto, está no lugar errado. Deveria ter perdido a luta como mandamos.* Depois as luzes se apagaram.

Evan ficou deitado na lixeira escura, olhos fechados, extremamente ciente de todos os doloridos e pontadas de dor no corpo. Eles o deram como morto.

Mas não estava morto.

Bom, não podia ficar ali para sempre.

Arriscando-se, empurrou a tampa para abrir e a deixou bater na parede. Ar doce e frio queimou seus pulmões e ele quase engasgou com o frescor. O sol da manhã aparecia sobre a paisagem urbana poluída, deixando as paredes do beco em contraste. Qualquer outro dia, poderia ter ficado fascinado o bastante para pintar esta paisagem, mas hoje o humor dele estava sombrio e pesado como o céu.

Logo choveria e, maldição, o couro do traje de combate incomodava quando molhava. Pelo menos ele deixou as armas em casa antes de se permitir ser um saco de pancada na luta clandestina da noite anterior.

Procurou uma sacola de plástico na lixeira, depois se arrastou para fora e tirou a jaqueta e o lenço que cobria a boca, ficando apenas com uma camiseta que um dia foi branca e calças de couro manchadas de sangue.

De repente, o ar se moveu à sua direita, acendendo um fogo nos seus sentidos. O braço esticou a tempo de um projétil atingir a mão, os dedos se fechando sobre o objeto. Uma bola de beisebol. De... ele expandiu seus sentidos, procurando por inveja. Pronto. À direita. A sensação do pecado mortal gotejou em sua direção, remexendo no seu âmago como dedos sujos e leves, desencadeando um apetite intenso para procurar e destruir. Esse sexto sentido sobrenatural era algo que todos os irmãos tinham, só que cada um pressentia um pecado diferente. Se não caçassem os piores pecadores e os eliminassem ou contivessem, então a sensibilidade os deixaria loucos.

Talvez já tivesse deixado.

Tinham muitos pecadores em Cardinal City.

Muita inveja.

Forçou o desejo de lutar para o lado. Essa sensação de inveja em particular era pequena. Minúscula. Não valia a pena perder tempo.

Crianças. Duas delas.

*Merda.*

Elas podiam tê-lo visto tirar o traje de combate.

— Ei, boa pegada, senhor. Queria ser bom assim. — Um pequeno jogador sujo se aproximou correndo. Sujeira nas bochechas. Terra na barra do jeans. Furos nos tênis.

— Ei, garoto. — Evan enfiou a jaqueta e o lenço na sacola plástica,

escondendo a evidência do segredo. — Vá para casa. Está cedo.

Muito cedo. Ou tarde. Ele não podia decidir. A garganta seca implorava por um gole de água. E uma aspirina. E também um banho e depois sono e o doce oblívio que ele trazia. Josie precisaria abrir o estúdio de tatuagem sozinha, a cama o estava chamando.

Luz lampejou da saída do beco a alguns metros conforme os transeuntes matutinos começavam a tomar a cidade. Evan se virou na direção oposta, na intenção de encontrar um lugar escuro para que pudesse subir até os telhados e seguir as sombras efêmeras para a casa.

Saída de incêndio à frente. Perfeito.

Ao andar, ele jogou a bola por cima do ombro sem olhar. Um grito de diversão provou que atingiu o alvo quando o garoto a pegou com a luva.

A inveja das crianças triplicou, ecoando no âmago de Evan, e correram atrás dele, pedindo um autógrafo.

Merda ao quadrado.

— Por que vocês iriam querer um autógrafo? — perguntou, sondando.

— Porque você é um *deles*!

Evan apertou a sacola plástica. Parou. Virou.

O segundo garoto era pálido com grandes olhos azuis. Cabelo preto espetado no meio da cabeça em um moicano natural ou um belíssimo topete. Sardas se escondiam sob as bochechas sujas. O primeiro garoto estava nadando em um grande uniforme dos Yankees. Mais alto e com feições similares do segundo. Deviam ser irmãos. O garoto Yankee segurou a bola na mão.

— Um de quem? — Evan perguntou.

— Sabe, Os Sete Mortais. — O garoto menor pulou ao redor dele como um gafanhoto animado, o cabelo espetado balançando.

— Você está errado, garoto.

O mais alto deu um olhar feio.

— Não somos estúpidos. Ou cegos...

— Sim, cegos — opinou o mais novo.

— Nós o vimos tirar a jaqueta. A jaqueta. — Ele balançou as sobranceiras e olhou para a sacola plástica nas mãos de Evan.

Evan gemeu e depois respirou fundo enquanto decidia como lidar com eles. Foda-se. Eram apenas crianças. Quem acreditaria neles?

— Provavelmente não é uma boa ideia. Não sou muito popular no momento.

— Não tem problema, Sr. Mortal, senhor, gosto de você.

Aquelas palavrinhas apunhalaram Evan no coração.

— Bom, isso faz um de nós. — Ele continuou a andar na direção da escada de incêndio.



— Vai, por favor? — As crianças correram de costas na frente dele, segurando a bola. — Vai levar só um minuto. Uau. Isso é sangue? Você pegou uns bandidos?

Só ele mesmo.

Evan parou sob a escada de incêndio e suspirou. Não deveria estar conversando com eles, mas era legal que alguém — mesmo um par de franzinhos — tivesse fé.

— Pode assinar minha bola de beisebol? *Por favor.*

O garoto dos Yankees sorriu e jogou a bola para o alto, com intenção de pegá-la na luva para se exibir, mas o projétil redondo atingiu a escada de incêndio no lugar. Um barulho alto soou e a escada retrátil enferrujada caiu.

— Cuidado! — Evan gritou.

Empurrou o garoto para fora do caminho só para a escada quebrada empalá-lo no ombro. Caiu com tudo de joelhos e tentou respirar através da agonia lancinante, exceto que a escada o forçava para baixo e já estava exausto e dolorido da noite anterior.

Ele arfou.

Dor dilacerou seu ombro e pontos pretos dançaram na frente dos olhos. Quase perdeu a visão.

Podia fazer isso. Ainda mais na frente das crianças. Foda-se a noite anterior. Que se danem os ferimentos dos quais ainda se recuperava. *Vamos, Evan. Você consegue.*

Apertando os olhos bem fechados, ele reuniu o foco, e respirou pelo torpor até estar preparado. Segurando firme, ergueu a lança da pele. Um barulho de rasgo molhado o fez retesar, mas ele saiu do caminho. Dor explodiu na sua nuca quando atingiu a parede de tijolos, destroçando concreto e pedra. Uma nova onda de náusea passou por ele.

Perfeito. Não podia nem mesmo se salvar.

O som da voz de um garotinho irrompeu através da agonia.

— Mason, ele não parece muito bem.

— Sim. Sr. Mortal, senhor, você está bem?

Isso era discutível. Ele tentou rir, mas saiu um som engasgado.

Não veria os irmãos dele nesta situação.

Evan abriu os olhos para focar pela névoa. Mordeu o lábio e segurou o pulso na frente do rosto para ver a tatuagem de Yin-Yang. A tinta bioindicadora coçava para caralho e estava quase preta. Foda-se o equilíbrio. Era tudo uma mentira.

— Sr. Mortal, senhor?

— Pare de me chamar de senhor. — Evan rangeu os dentes. — Vá embora. Vou cuidar de mim mesmo.

— Mas, vocês salvaram minha amiga uma vez — o garoto mais velho disse. — Depois do bombardeio. Ela... ela estava presa sob uma

parede e vocês... vocês a tiraram de lá. Ela pode te ajudar. É uma médica. Ajuda todo mundo. Venha, Sr. Mortal, senhor. Você precisa se levantar. — As mãozinhas do garoto seguraram os grandes braços de Evan e puxaram, mas sem efeito. — Mason, chame uma ambulância.

— Não — Evan tentou dizer, mas saiu como um grunhido. Ele não precisava do hospital, só alguns minutos e seu corpo especial cuidaria do resto. Se pudesse dizer isso a eles, mas o garoto já soava mais distante. Evan estava tendo uma síncope, a cabeça tonta, as paredes sumindo. Pequenos passos soaram. Uma sirene soou. O beco embaçou, se tornando tão sombrio quanto seu temperamento, e tudo desapareceu.

## CAPÍTULO DOIS

### DRA. GRACE GO

**E***xtra! Extra! Dois anos desde a Explosão Cardinal! Novas pistas podem encontrar os responsáveis.*

Grace Go parou de supetão conforme a voz poderosa do garoto jornalista soava pela calçada movimentada e a multidão matinal apressada. Alguém trombou nela por trás e a xingou. Pediu uma desculpa rápida sobre o ombro e forçou os pés a se moverem para fora do caminho da horda assoladora. Ser uma médica de emergência a deu habilidades de atuação excepcionais e controle emocional. O truque era se desligar do mundo. Desconectar da emoção do trauma. Passar a vida ocupada e evitar focar na própria angústia. Como a carta que amassou na bolsa e o título, escrito em negrito: *Aviso de Encerramento de Caso*.

Ela tinha catorze dias para encontrar provas sobre a bomba que matou seus pais, e quarenta e nove outras almas inocentes. Era o único jeito que teria justiça pelas pessoas deixadas sem teto e indigentes e talvez, só talvez, poderia deixar os pais descansarem em paz.

Sentiu o estômago embrulhar enquanto as palavras *novas pistas* ecoavam na cabeça. Fechou os olhos para se equilibrar e estremeceu. Uma esfregada rápida nos antebraços cheios de cicatrizes mal a aqueceu, porque o frio na boca do estômago não era elemental, era culpa. Ela sobrevivera. Os pais morreram. Nunca deveria ter acontecido.

Outra trombada no ombro ao alguém passar apressado.

— Desculpa — falou sem olhar para cima, e apertou a bolsa com força.

Os sons da rua aumentaram. Pneus cantavam na rua molhada, e os passos pesados do movimento de pedestres se tornou uma manada. O tilintar repetitivo de moedas no copo de um homem sem teto sacudiu sua espinha. A cabeça parecia leve. Tonta. Devia ser pressão baixa. Só dormira quatro horas a noite passada, ocupada demais vasculhando a internet pela identidade da mulher misteriosa que vira na explosão,

mas fazia isso todas as noites. Por que importaria hoje?

*Porque fazem dois anos, boba.* Dois anos desde que os pais se cansaram de vir em segundo lugar contra suas horas de trabalho malucas. Dois anos desde que decidiram comprar um apartamento perto do seu. Dois anos desde que ouvira a gargalhada do pai, e a voz doce e suave da mãe. Grace apertou as lágrimas dos olhos e resolveu lidar com a dor como todas as outras vezes. Abafar bem fundo e ficar ocupada.

Uma brisa congelante carregou a voz do garoto da banca para o outro lado da rua outra vez.

*... Novas pistas podem...*

O coração palpitou – novas pistas – e voltou ao ritmo normal. Lembrando o que a fez pausar da primeira vez, o pé deixou a calçada para atravessar, mas uma buzina soou um aviso e pulou para trás com um arquejo, escapando por pouco do para-choque de uma caminhonete que corria pela rua. Água borrifou no caminho, banhando o jeans preto de gelo.

Um homem xingou pela janela e mostrou o dedo para ela, a voz foi engolida rápido pela cacofonia da vida na cidade outra vez.

Grace tentou outra vez. Dessa vez, olhou para os dois lados, depois atravessou correndo, onde o garoto jornalista sujinho sorriu para ela ao se aproximar. Estava parado ao lado de uma pilha de jornais dobrados e um boné virado de cabeça para baixo por moedas.

— Oi, Taco. — Grace sorriu e segurou uma moeda.

Taco sorriu e entregou um jornal dobrado.

— Olá, senhorita. Grace. Nossa, tô feliz em te ver.

— Sempre adoro ver você, Taco. — O frio na barriga voltou quando se lembrou da carta na bolsa. Iria afetar Taco e o irmão mais novo. Vasculhou a primeira página do jornal. — Novas pistas, hm?

Ele deu de ombros, des preocupado como apenas uma criança poderia ser.

— Não foi eles.

E aí Taco olhou para ela com olhos desconfiados e olhou sobre o ombro. A boca se abriu como se quisesse dizer alguma coisa, mas havia pessoas demais em volta então fechou outra vez.

Estranho, Grace pensou. Esperava que estivesse bem. Ela ficou meio molenga quando se tratava de Taco e o irmão mais novo desde a explosão. A maior parte da família pereceu na explosão, exceto uma única tia que foi tirada dos escombros, assim como Grace. Grace encontrara um apartamento para eles no próprio prédio, mas mesmo com o aluguel controlado, era difícil a para a mulher pagar. Melhor ficar um segundo e ver se Taco estava bem.

— Concorde. Não pode ser eles. Não acho que foram vistos pela cidade há meses. Devem ter desistido ou desapareceram — Grace

elaborou.

— Nah... só esperando.

— Pelo quê?

— Alguém acreditar neles.

— É, eu sei, mocinho — falou com um suspiro e resistiu a vontade de bagunçar seu cabelo. Estava achatado no topo, muito provavelmente pelo boné que removera para receber o pagamento. — Seria bom ter algo para acreditar, né?

— Tô falando sério, Grace. Não foram eles.

— Está rezando a missa para o padre. — Ela proferia as mesmas palavras desde a explosão. Durante o primeiro mês, a polícia deixou e ouviu suas histórias malucas. Contara para todos e qualquer um sobre as pessoas estranhas que viu vestidas com túnicas bancas e máscaras. Só que a gravação das câmaras de segurança mostravam apenas os Sete Mortais espreitando de forma suspeita antes da bomba explodir. Olhando para trás, não era surpresa que pensaram que ela sofria de estresse pós-traumático. As coisas que viu soavam malucas. Ainda tinha problemas para organizar os eventos na cabeça. Era melhor evitar o assunto em público e pensar nisso em casa porque ou alguém adulterou a filmagem ou estava mesmo maluca.

— Viu o jogo ontem à noite, Taco?

— Sim. Ganhamos!

— Cardinal City não perdeu?

— Nah, ninguém mais torce pro Cardinal hoje em dia. Estão no fundo do poço. Senhorita. Grace... — Tacho abaixou o tom e chamou ela mais perto. — Preciso *mesmo* contar uma coisa pra você.

O pobre garoto estava se coçando para contar algo a ela. Parecia que precisava fazer xixi.

Grace abaixou a cabeça, perto o suficiente para ouvir o assobio nos pulmões de Taco quando inalou. Parecia congestionado. Fluido demais ali.

— Encontramos alguém no beco esta manhã — Taco disse. — Levamos ele pro hospital pra você. E olha isso, ele era... bom. Você precisa falar com ele.

As sobranceiras de Grace se ergueram. Outra pessoa sem teto para ela resgatar? Apesar do coração ficar quentinho com a inocência altruística desses garotos, eles flertavam com o perigo.

— Saíram antes do amanhecer outra vez? Sabe que o bairro não é seguro, Taco.

— Não era muito cedo.

— Taco! — Grace o balançou de leve pelos ombros. — É perigoso. Me ouviu? Nunca saia à noite outra vez. *Prometa*. — O desespero deixou sua voz tensa. As coisas que vira na emergência no plantão noturno ainda lhe davam pesadelos. As ruas estavam cheias de pessoas

estúpidas e violentas, com certeza não eram lugar para crianças.

— Certo, certo.

— Diga.

— Tudo bem. Não vamos sair no escuro outra vez.

— Nem mesmo por alguns minutos antes do sol nascer.

— Sim, tá bom. — Taco tossiu.

— Ótimo. E essa tosse não soa bem. Está assim há quanto tempo?

— Sim, mas...

Uma sombra colidiu entre os dois com uma velocidade alarmante, erguendo a bolsa de Grace, puxando-a com força do ombro. Quase perdeu o braço quando a bolsa soltou. O grito de surpresa mal deixou os lábios dela antes da multidão engolir o ladrão outra vez.

— Maldição! — Grace traçou desesperada o caminho do ladrão.

— Quer que eu corra atrás dele, senhorita Grace? — As palavras de Taco ficaram presas no catarro e tossiu nas mãos com luvas sem dedo.

Ela afastou a irritação de ter a bolsa roubada. Não adiantava correr. Ele era rápido demais e ela já estava atrasada. Furtos aconteciam em cada esquina em Cardinal City, por isso nunca carregava nada valioso.

— Não, não tem problema. Não tinha muito na bolsa mesmo. Você precisa trabalhar e, além do mais, como eu disse, essa tosse não soa bem. Vem me ver na clínica amanhã, tá? Promete? É melhor eu ir.

Grace deu um aceno rápido e depois se misturou de volta na horda, mal ouvindo o protesto do Taco. Precisava parar de encorajar a missão autoproclamada dele de limpar as ruas. Cardinal City era uma causa perdida.

Grandes gotas de chuva começaram a cair e ela abriu o jornal para se proteger, correndo até chegar no hospital a algumas quadras de distância.

Quando enfim entrou pelo pronto-socorro, catalogara mentalmente os itens que perdera na bolsa. Quase nunca trazia a carteira para o trabalho porque tinha uma conta na cafeteria. Só o telefone estava na bolsa e era um barato que comprara há pouco tempo quando o telefone antigo morrera.

Isso deixava a carta.

Grace passou pela entrada do pronto-socorro e entrou na sala de espera preparada para o trabalho. O coração se partiu com o som de bebês chorando, pessoas tossindo e gemendo. Por mais triste que soasse aqui, a clínica gratuita era pior, e o motivo que trabalhava lá duas vezes por semana. As pobres pessoas precisam de assistência médica e o ambiente movimentado era música para sua alma vazia. Quando passou pela porta da triagem, pausou para se recompor. Os cheiros de hospital atingiram seu nariz: desinfetante, plástico, água sanitária. Tudo infundiu seus pulmões com uma sensação peculiar de

retidão. Aqui era seu lugar.

Isso é o que ela era.

E era boa no seu trabalho.

Grace se moveu para a área segura e passou as baías de exame. Todas as camas estavam cheias e as cortinas fechadas. Um homem estava deitado em uma maca no corredor, dormindo de lado. Parecia estável, então Grace presumiu que estivesse onde deveria estar no momento.

A cortina à direita de Grace abriu e fechou, e Doutor Raseem Patel passou por ela. Grace e Raseem fizeram o internato juntos há anos atrás, mas perderam contato quando ela transferiu da cirurgia depois da explosão. Usava pijama cirúrgico, um colar de contas, e o cabelo escuro comprido estava presto em um coque na nuca. Apesar de ser moderno, jovem e um médico “dá hora” (palavras dele, não de Grace), Raseem levava o emprego no hospital a sério e seguia as regras à risca.

— O que diabos está fazendo aqui, Grace? — As sobranceiras grossas de Raseem se ergueram. — Não me leve a mal, estou feliz que está aqui, mas... não está algumas horas adiantada? Acabei de olhar a escala.

Grace mordeu o lábio. De todo mundo, era provável que ele a mandasse para casa.

— Eu sei. Pensei que pudesse ajudar um pouco.

— Sempre vamos precisar de ajuda, ainda mais no pronto-socorro, mas... ande comigo. — O tom pareceu sinistro.

Grace o seguiu para o quadro de escala onde parou e encarou, as mãos nos quadris.

Um quadrado amarelo com palavras encorajadoras na caligrafia de Grace estava preso ao lado dos nomes de cada cirurgião. Ela tinha um hábito de colocá-los por todo lugar. Alguém precisava aumentar a moral, e poderia muito bem ser ela. As enfermeiras estavam cansadas, e os cirurgiões, exaustos. Devia saber, um dia foi um.

Inveja não comia nada além do próprio coração, e ela sabia isso melhor do que ninguém. Era tudo o que pensava quando se recuperou da explosão que tomara a vida dos pais. A ansiedade dava as caras com muita frequência, e tinha medo de ter um ataque na sala de cirurgia, então escolheu ficar do lado de fora. Era isso ou ceder a culpa e ao ódio próprio, ou fazer bom uso disso. Então, em vez de ficar ansiando por quem costumava ser, ela se esforçou em fazer os outros se sentirem melhor.

Os bilhetes nos post-its foram uma ideia que tivera com a mãe, a professora de ensino médio. *Um momento de gentileza de você poderia significar tudo para outra pessoa.*

— Está tudo bem, Raseem? — Ele odiava os bilhetes? Eram muito

intrusivos?

— Bom, é assim. — Deu um olhar de soslaio para ela. — Lembra como fizemos aquela apendicectomia de emergência juntos no nosso primeiro ano de internato?

— Como poderia esquecer? — O cara teve um tamponamento cardíaco. Surpresa total considerando o motivo que acabou na mesa de cirurgia. Ainda não consigo acreditar que o salvamos.

— Certo. Mas sabe o que quero dizer.

— Ugh. — Teve uma pergunta?

Grace pausou e analisou o homem. Com frequência, as pessoas falavam sem palavras, e às vezes, precisava olhar com mais atenção porque a verdade era paralisante. Os lábios dele estavam franzidos dos lados, e as pupilas dilatadas. Viu a contração de dedos ao seu lado. Com certeza, estava agitado com alguma coisa. Lembrou da cirurgia de apendicite. Foi demorada e quase um desastre de diversos motivos. Não só o paciente quase sangrou na mesa, mas ao fechar, um Raseem exausto se atrapalhara com os pontos e Grace assumiu antes que alguém percebesse.

Grace apertou o braço do homem.

— Não se preocupe, Raseem. Sua técnica é infalível. Até mesmo os residentes fofocam sobre como é boa. Você consegue, cara.

Ele deu um leve sorriso e esfregou a nuca.

— Estou sendo bobo.

— Nope. Não está. — Era ela que tinha medo de voltar para o centro cirúrgico. — Às vezes, coisas inesperadas acontecem. Ficar ansioso antes de um caso desconhecido é normal.

— Você nunca ficava.

Ela engoliu e desviou o olhar.

— Desculpa — ele acrescentou. — Sei que não opera há um tempo.

— E você está aqui todos os dias. Vai arrasar. Faça o que eu costumava fazer. Diga algo engraçado para quebrar o gelo.

— Isso, boa ideia — murmurou distraído. — Uma piada.

— Sabe o que mais é uma boa ideia? Me deixar bater o ponto mais cedo.

— Não tem nada melhor para fazer?

Grace fingiu não ouvir o tom de pena na voz de Raseem e balançou a cabeça.

— Então tá. Se quer mesmo, acho que precisam de uma mão extra lá dentro. Vou ver se alguém pode passar o plantão. A noite foi uma loucura. Me encontre aqui em cinco minutos.

— Isso! — Deu um soquinho mental no ar. Por um segundo, pensou que ele fosse mandá-la para casa ou contar para o Chefe. Grace foi para o vestiário de funcionários e colocou um par limpo de pijamas cirúrgicos verdes. Quando voltou, Raseem esperava por ela com o



cronograma do pronto-socorro aberto no iPad.

— Todos estão meio ocupados, então falei que mostraria pra você — ele disse.

— Então, noite movimentada, hm? — Grace perguntou.

— Movimentada e maluca. Sabe como é. Sei que a cidade virou de pernas pro ar desde que aqueles vigilantes desapareceram, mas, para ser honesto, às vezes penso se dão craque pra pessoas na água da torneira para esse tanto de maluquice aparecer em uma noite. Tivemos algumas punhaladas de gangue, ferimentos de bala, outro enfiou um pepino no anus, e aí tem o especial — ele falou.

— O pepino não foi especial o suficiente? — Grace riu.

Raseem entregou o iPad e puxou o prontuário do paciente.

— Consultei rápido nesse. Ferimento de perfuração está limpo e foi fechado por uma enfermeira. Pode querer conferir a sutura. Suspeitamos de sangramento interno, talvez algumas costelas quebradas. Hematomas por todo corpo. Resultados de diagnóstico de imagens acabaram de chegar. Ainda não os vi.

— Por que ele é tão especial?

Raseem deu um olhar seco a ela.

— Deve estar chapado. Não quis soltar a sacola de roupas, lutou com os enfermeiros quando deu entrada, meio babaca... pode escolher.

— Ele é perigoso?

— Se não tivéssemos apagado ele, talvez. É um homem grande. Só confira os exames e depois mande ele embora a não ser que precise de cirurgia para o sangramento interno, aí me ligue. Está na observação.

Raseem entregou o iPad a ela, deu um leve sorriso de agradecimento e depois foi embora.

Ela conferiu o laudo do exame e o queixo quase caiu no chão. Uau. Só... uau. Raseem ficaria triste de ter passado esse para frente.

CAPÍTULO  
TRÊS

EVAN LÁZARO

De soslaio, Evan observou a mãe zanzar ao lado da cama do hospital. Preferindo focar no pedaço de papel à sua frente, ignorou os xingamentos murmurados e traçou os limites do desenho que rabiscara com o lápis HB que encontrara no chão.

— Quero dizer, não é como se não tivesse te preparado para isso — Mary Lázaró disse, parando para fuzilá-lo do jeito que só uma mãe podia fazer. — Não é como se você não tivesse passado a vida inteira treinando para evitar exatamente isso. — Pontuou as últimas palavras batendo a mão na cama.

— Exatamente. Sou grande e feio o suficiente para cuidar de mim mesmo. Como soube que estava aqui mesmo?

Ela ignorou a pergunta e continuou com o sermão.

— Uma mãe sempre vai se preocupar com os filhos, não importa o quão grandes e fortes eles fiquem. Dei a você as ferramentas para ser o que essa cidade precisa, o que esse mundo precisa, mas no fim, depende de você. Seu pecado não te controla. Você controla ele. Evan. Está me ouvindo?

— Sim.

— Eu te encorajei quando escolheu escapular na noite e lutar contra o crime. Apoiei quando escolheu acabar com tudo. Mas, Evan. — Deu um olhar afiado para o rosto e braços cheios de hematomas desaparecendo. — Não vou ficar de braços cruzados enquanto você se pune por algo que não é sua culpa.

Evan parou a linha extensa do traço do lápis e ergueu o olhar para focar nela.

A mulher tinha um e sessenta e cinco de altura, mas um corpo enganosamente forte que não esperaria em uma mulher de cinquenta anos. Vestida em roupa de exercício preta, parecia descansada e em forma. O cabelo escuro com mexas grisalhas fora puxado em um coque conveniente na nuca. Havia pequenas rugas de preocupação em volta dos olhos e entre as sobrancelhas, mas se a visse na rua e precisasse adivinhar sua idade, ele diria que estaria perto dos

quarenta. Mal saberia que sob a superfície brilhante estava uma ex-assassina da Irmandade Hildegard e um dragão adormecido capaz de matar no instante em que acordasse. E ela o ensinara tudo o que sabia.

— Minhas visões não preveem tudo, Evan. Preferiria muito que voltasse para casa onde é o seu lugar. O que é isso? — Os olhos de Mary encontraram alguma coisa. Pegou o pulso de Evan na sua mão forte e virou a pele interna na direção dos olhos, exibindo a tatuagem de Yin-Yang. Cada um dos irmãos tinha uma, mas Evan decorara a dele com padrões pretos geométricos e orgânicos que subiam pelas linhas naturais e veias do seu corpo, transformando o braço em uma obra de arte que lembrava seus quadros. O irmão mais velho, Parker, infundira a tinta da tatuagem com um indicador de base ácida que reagia com cada pecado individual. Quanto mais inveja era registrada no corpo de Evan, mais escura a tatuagem. Estava quase preta.

Mary suspirou e abaixou a cabeça no pulso dele. Inalou uma respiração entrecortada, se controlando. A imagem partiu o coração de Evan. Estava decepcionada, ele sabia, mas não pôde evitar. A vontade era forte demais. Inveja o levava a lutar no ringue de luta clandestina. Quando eles queriam que ele falhasse, isso o incitava a vencer. Agora sentia inveja no hospital. Em *todas* as camas. Em *todos* os quartos. Pessoas doentes queriam ser outras. Funcionários queriam estar em outro lugar. Todos queriam algo que não tinham. Incluindo ele.

Puxou o pulso para longe da mãe e rabiscou como um louco no retrato.

— Deveríamos ir — Evan afirmou, se movendo para sair da cama.

— Quanto mais tempo ficamos, mais provável é que descobrirão coisas que não deveriam sobre mim.

Ela o empurrou de volta para a cama.

— Absolutamente não. Sua ausência repentina vai dar mais bandeira. Além do mais, já vi o resultado. É melhor ficarmos.

As visões sobrenaturais de Mary foram o que a levaram a resgatar a ele e seus irmãos do laboratório que os criou. Aquelas visões os mantiveram a salvo da Irmandade que ela traiu, e o misterioso Sindicato que financiou o experimento.

Evan resistiu, e ela respondeu com mais força.

— Pode ser dez vezes maior do que eu, Evan, mas posso te derrubar como uma mosca.

Relaxou. Ela estava certa.

Grandes olhos castanhos olhavam para ele sobre um nariz reto e direto. Evan supunha que ele e os irmãos não pareciam muito diferentes dela. Era fácil confundi-los com parentes. A mãe biológica de Evan era caucasiana – pálida e de cabelo escuro. Mary nascera no México, tinha pele marrom e olhos escuros. O marido, Flint, a figura

paterna, também era caucasiano, completando as aparências perfeitas do grupo familiar.

— Trouxe roupas limpas para você trocar. Só Deus sabe que você não pode usar o traje de combate para ir para casa.

— Usei ontem à noite. Ninguém pareceu se importar. Na verdade, comemoraram mais alto quando era atingido.

— *La Hostia*. — Mary pegou o crucifixo dourado da blusa e o beijou.

— Desde quando encontrou religião? Não rezava nem mesmo quando era uma freira falsa no passado.

— Não estou rezando agora. Estou amaldiçoando. E talvez seja porque nenhuma de vocês, crianças, me dá ouvidos.

— Tá bom, tá bom. Desculpa. O que mais você viu? — Evan perguntou, coçando a tatuagem no pulso. — O que colocou esse brilho no seu olho?

Mary brincou com zíper da jaqueta. O sorriso dançando nos lábios era quase indetectável antes de ela abafar, deixando a frieza tomar conta de suas feições outra vez.

— Estou aliviada que está vivo, só isso. — Tamborilou no desenho. — Precisa parar com essa coisa de Sara. Foque em encontrar sua própria mulher. Evan. Olhe para mim.

Olhou.

— Não é saudável essa obsessão pela noiva morta do seu irmão.

O lápis quebrou nos dedos de Evan.

— Sabe que tem outro motivo para essa... — Acenou para o papel, sem conseguir encontrar a palavra correta.

— Obsessão?

— Investigação! Pensei que de todo mundo, você compreenderia os sonhos. Eu não os escolho, eles que me escolhem.

Mary abriu a boca para dizer alguma coisa, depois fechou. Não havia mais nada a ser dito. Não houvera há dois anos. Ele não pôde provar. *Eles* não puderam provar. Pelo que todos sabiam, Sara morrera uma mártir na explosão que acabou com a vida que ele conhecia. Mas Evan sabia. Sempre soubera.

Sara estivera cheia até a tampa com níveis mortais de inveja. Não era tão inocente quanto parecia, e quando ele contara para a família depois do ocorrido, eles o culpavam. Alguns disseram que ele mentiu, outros o acusaram de cometer um erro ou demorar demais para contar, e aí teve a cereja no bolo de Wyatt — *Só está com ciúme que eu tinha alguém que me amava*.

Deveriam se apoiar como uma família, mas na verdade, desde que Sara entrara na vida deles há anos atrás, nunca foram os mesmos.

— Que seja — Evan disse e amassou o desenho. — Talvez esteja certa. Ela está morta. Acabou. Teria tido uma visão se fosse diferente.

Meus sonhos não são iguais os seus. Nunca serei tão bom.

Mary suspirou e procurou seus olhos com os dela.

— Olha, não estou dizendo que está errado, Evan. Não vejo tudo. Longe disso, na verdade. Quanto mais envelheço, menos meu dom parece funcionar, e o seu... é algo novo. É engenharia genética. DNA animal que sofreu mutação misturado com humano. É único e estamos aprendendo conforme as coisas acontecem. Mas o que estou dizendo é: precisa focar em si, em encontrar a pessoa que será seu equilíbrio perfeito. Pelo que Gloria disse sobre sua condição, não acredito que seus sonhos sejam a habilidade que ela mencionou. Podem ser um efeito colateral, mas não o que deveria se manifestar quando encontrar seu equilíbrio perfeito.

Evan revirou os olhos.

— Isso de novo?

— Sim, isso de novo. Sempre acreditei que você seria o primeiro, Evan. Vai mostrar o caminho para eles. É o mais jovem, foi o menos exposto ao seu pecado. Apesar do que todos pensam, Sara não era *perfeita* para Wyatt. Ele teria sentido uma resposta biológica notável. Gloria programou o DNA de vocês assim. Wyatt não desenvolveu habilidades especiais, então Sara não pode ter sido a parceira dele. Simples assim. Todo mundo precisa esquecer dela e seguir em frente.

A fé de Mary nele evitava que Evan tivesse uma morte prematura. Mas balançou a cabeça, encarando o papel amassado na mão. A ideia de existir uma pessoa no mundo para ele era difícil demais de compreender.

— É tudo balela. Minha mãe biológica só contou lorota pra você.

— Olha a boca.

— Desculpa. Mas é verdade. Ela era uma geneticista genial, mas era maluca com M maiúsculo. Cientista maluca nem mesmo começa a descrever aquela balela.

— Tenha um pouco de respeito pela mulher que deu a vida pela sua liberdade.

— Não deveria ter mencionado. — Evan resistiu a vontade de dizer que foi ela que os escravizou para começar. Em vez disso, terminou de amassar o desenho em uma bolinha e jogou na cortina cercando a cama assim que se abriu no trilho com um barulho metálico rápido.

A bola quicou na cabeça de uma jovem morena usando pijamas cirúrgicos verdes.

— Ah, boa mira — falou, dando tapinhas na própria cabeça.

De uma vez, todos os pelos no corpo de Evan se eriçaram.

Três palavras, e ela o capturara. Ele podia fazer pouco mais do que encerrar.

*Bonita. Gostosa.* Impressões de uma palavra lampejaram pela sua mente.

*Fascinante.* Um punhado de sardas cobriam a ponta do nariz de boneca. Uma cicatriz branca fina subia do queixo até os lábios rosados.

*Lamber.* Teve a vontade irracional de lamber sua extensão.

*Desejo.*

O que...?

Piscou enlouquecido enquanto o corpo reagia descontrolado. Calor subiu pelo pescoço, atingindo as bochechas. Pontos de suor coçaram sua pele conforme flamejava. Estava longe de ser adolescente, então quando a tensão peculiar cresceu na virilha, ele correu para se cobrir com o lençol.

Merda. O que diabos havia de errado com ele?

*Reação biológica.*

A mulher se abaixou para pegar o papel amassado e se endireitou. Quando os olhos marrons uísque encontraram os dele, houve um momento inexplicável de intimidade, de conexão humana. O mundo ao redor desapareceu, e ele não sentiu nada, nenhuma inveja, nenhuma autodepreciação. Era ele e ela e a noção estranha de que ela via através de tudo. O momento durou o suficiente para fazer o coração dele bater uma... duas vezes no peito e depois sumiu.

Ela ergueu a bola de papel nas mãos.

— Isso é importante?

Ele balançou a cabeça que nem bobo.

— Ele é artista — Mary disse com um olhar afiado para o papel. — É muito talentoso.

Evan limpou a garganta e fuzilou a mãe, mas ela não pareceu se importar.

— Ele tem uma exposição daqui algumas noites...

— Mama — Evan avisou.

— Ele também é tatuador. Tem o próprio estúdio.

*Jesus.* Esfregou o rosto, deixando a mão arrastar sobre a barba por fazer. Sentiu um cheirinho do odor corporal e fez uma careta. Deus, ele devia estar péssimo. Queria rastejar sob uma pedra, ou melhor ainda, afundar sob o chão e nunca sair.

Mary continuou falando sobre ele. Pare. Por favor, Deus, pare de envergonhá-lo. Rangeu os dentes.

— *Mary.*

— Claro. — Compreensão entrou nos olhos de Mary enquanto passava o olhar entre ele e a médica, depois pegou as coisas, incluindo a sacola plástica com a roupa de couro do Inveja. — Certo. Vou sair daqui e deixar que faça seu trabalho, doutora. Vai querer privacidade. Vou sair e pegar um café. Espero você lá fora, Evan.

Com um sorriso secreto, Mary abriu a cortina para sair e depois fechou atrás de si, puxando firme até o fim, garantindo o máximo de

privacidade.

A última sensação de inveja no pequeno espaço desapareceu. Evan virou o olhar de volta para a médica, surpreso, só aí percebendo por que não sentiu a chegada dela. Ela não tinha inveja. Nenhuma.

✎

## FICOU CURIOSO?

Continue lendo *INVEJA* e descubra se Cardinal City terá os heróis que precisa para salvar a cidade [clikando aqui](#).

# LIVROS DE LANA PECHERCZYK



## **Os Sete Mortais**

*(Romance Paranormal)*

Pecadora

Inveja

Ganância

Cólera





## **Guardiões Fae**

*(Fantasia/Romance Paranormal)*

[O Anseio de Lobos Solitários](#)

[O Consolo de Garras Afiadas](#)

[Os Sonhos de Reis Partidos](#)

## SOBRE A AUTORA



**Lana Pecherczyk** é uma autora neurodivergente de fantasia e romance paranormal da Austrália. Duas vezes vencedora do Prêmio RWA Prism. Faz um bolo de chocolate divino e gosta de viver cafeinada. Resumindo, se tiver homens imperfeitos dignos de se derreter, mulheres fortes, uma pimentinha e ação de fazer virar a página, então ela irá escrever porque é o que ama ler. Também conquista amor sob o sol e luta contra a maldade sob o luar.

# QUER MAIS FANTASIA?

OUTROS LIVROS DA DL BOOKS:

LANÇAMENTO

[Livro 1 - A Parceira do Rei Dragão](#)

**Deveria seduzir o rei dragão, mas antes que pudesse fazê-lo, ele me reivindicou como dele.**

Agora estou aconfortada a ele, presa em um processo antigo de acasalamento que não quero nem compreendo.

Preciso fugir, mas só existe uma maneira de fazer isso agora – e envolve um tipo muito mais permanente de amarra.

Não faço ideia do que acontecerá se concordar em ser a parceira do rei, mas uma coisa é certa...

Minha vida nunca mais será a mesma.



# DUOLOGIA CRÔNICAS DO QUATREFOIL

Livro 1 - Sangue Cruel  
Livro 2 - Coração Corrompido

## NÃO EXISTE DESCANSO PARA OS ÍMPIOS... OU OS AMALDIÇOADOS.

### SLATE

Não tive intenção de roubar a Pedra de Sangue da cripta de Morel. Apague isso, tive sim.

Até perceber que era um ímã de maldições que só sai se eu, junto com um trio felizinho, derrotar com sucesso quatro maldições. Se qualquer um de nós falhar, estou morto.

Nunca fui do tipo copo meio vazio, mas meu copo parece precisar muito de um refil neste momento. O único ponto alto dessa caçada ao tesouro perversa: a atrevida e metida Cadence de Morel.

### CADENCE

Fui criada com contos sobre magia, em uma pequena cidade conhecida por ser o local de nascimento da magia Francesa.

Eu acreditava em todas as histórias que ouvi? Absolutamente não. Quero dizer, se magia existisse, Maman não teria morrido, e Papa não estaria preso em uma cadeira de rodas, certo?

Errado.

A noite que Slate Ardor entra valsando na minha vida, usando um anel que roubou do túmulo da minha mãe, eu o chamo de monstro. Mas depois encontro monstros reais, e Slate, bom... ele se torna outra coisa para mim.

Viver com ele é irritante, mas viver sem ele não é uma opção.

É algo pelo qual vou lutar, custe o que custar.

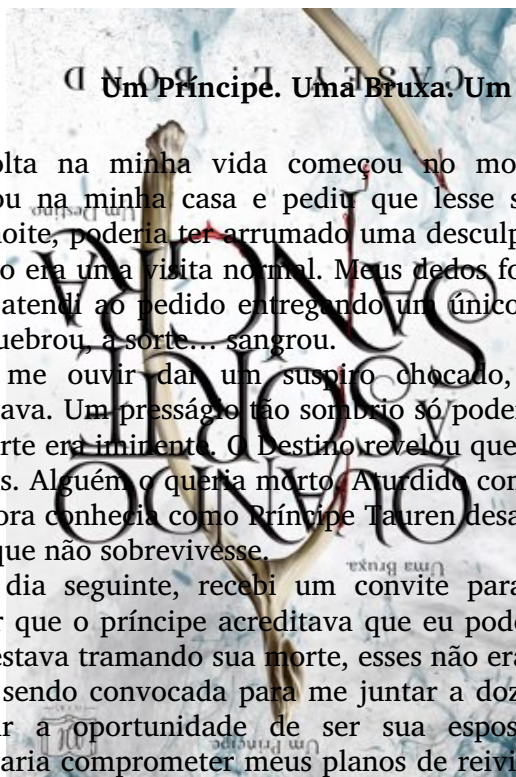
"Um belo elixir de magia, aventura e romance slow burn, Sangue Cruel com certeza vai encantar leitores de fantasia."

— CASEY L. BOND, AUTORA BEST-SELLER DE QUANDO A SORTE  
SANGRA.

# SÉRIE CAPRICHOS DO DESTINO

Livro 1 - Quando a Sorte Sangra

Livro 2 - O Presságio das Pedras



## Um Príncipe. Uma Bruxa. Um Destino.

A revolta na minha vida começou no momento que o príncipe tropeçou na minha casa e pediu que lesse sua sorte. Em qualquer outra noite, poderia ter arrumado uma desculpa para fazê-lo sair, mas esta não era uma visita normal. Meus dedos formigavam para tocá-lo. Então, atendi ao pedido entregando um único osso da sorte. Quando ele o quebrou, a sorte... sangrou.

Ao me ouvir dar um suspiro chocado, ele perguntou o que significava. Um presságio tão sombrio só poderia significar uma coisa: sua morte era iminente. O Destino revelou que não morreria de causas naturais. Alguém o queria morto. Aturdido com a revelação, o homem que agora conhecia como Príncipe Tauren desapareceu na noite a qual temia que não sobrevivesse.

No dia seguinte, recebi um convite para o castelo. Apesar de parecer que o príncipe acreditava que eu poderia intervir e descobrir quem estava tramando sua morte, esses não eram seus únicos motivos. Estava sendo convocada para me juntar a doze outras mulheres para disputar a oportunidade de ser sua esposa e futura rainha. Ir significaria comprometer meus planos de reivindicar minha herança e ressuscitar a Casa do Destino. Mas ficar garantiria a morte de Tauren, e o sangue da sua sorte estaria em minhas mãos.

"Fascinante e encantador, Quando a Sorte Sangra é a mistura perfeita de magia, perigo, morte, e amor"

— BEST-SELLER DO NYT JENNIFER L. ARMENTROUT, AUTORA DE:  
DE SANGUE E CINZAS

# MAGOS DA ARTE

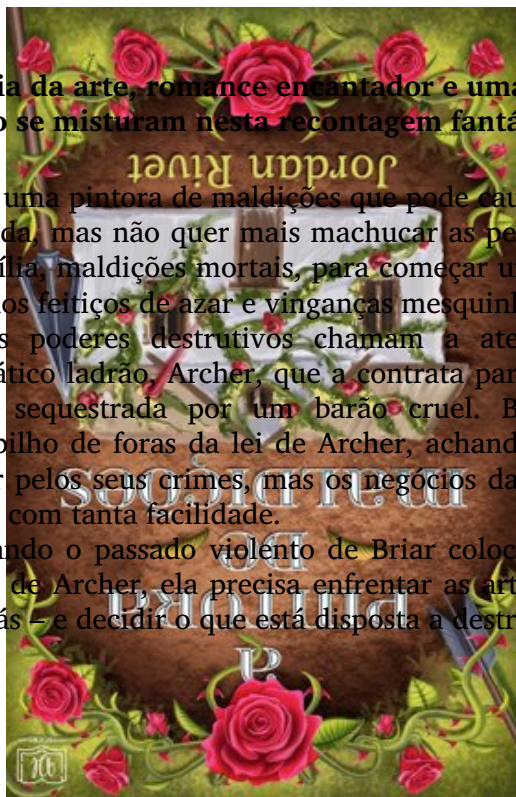
## Livro 1 - A Pintora de Maldições

**Magia da arte, romance encantador e uma aventura de tirar o fôlego se misturam nesta recontagem fantástica de Robin Hood!**

Briar é uma pintora de maldições que pode causar estrago com uma só pincelada, mas não quer mais machucar as pessoas. Fugiu do negócio da família, maldições mortais, para começar uma vida nova vendendo pequenos feitiços de azar e vinganças mesquinhas.

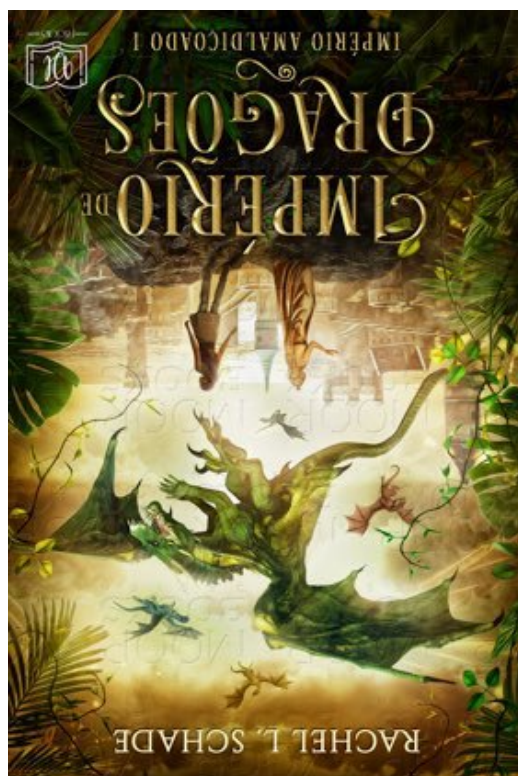
Seus poderes destrutivos chamam a atenção de um jovem e carismático ladrão, Archer, que a contrata para ajudá-lo a salvar uma amiga, sequestrada por um barão cruel. Briar se une ao grupo maltrapilho de foras da lei de Archer, achando que é a chance de se redimir pelos seus crimes, mas os negócios da família não a deixarão em paz com tanta facilidade.

Quando o passado violento de Briar coloca em risco a missão de resgate de Archer, ela precisa enfrentar as artes sombrias que deixou para trás – e decidir o que está disposta a destruir para ser boa.



# LANÇAMENTOS 2024

## IMPÉRIO DE DRAGÕES







ComECE a série com o conto **RAV**.  
Disponível gratuitamente na **NEWSLETTER** da editora.



# CONTENTS

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Epílogo

Glossário

Inveja

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Livros de Lana Pecherczyk

Sobre a Autora

Quer mais fantasia?

# Table of contents

1. Capa
2. Title Page
3. Copyright
4. Mapa
5. Fluxograma Ordem da Nascente
6. Prólogo
7. Capítulo 1
8. Capítulo 2
9. Capítulo 3
10. Capítulo 4
11. Capítulo 5
12. Capítulo 6
13. Capítulo 7
14. Capítulo 8
15. Capítulo 9
16. Capítulo 10
17. Capítulo 11
18. Capítulo 12
19. Capítulo 13
20. Capítulo 14
21. Capítulo 15
22. Capítulo 16
23. Capítulo 17
24. Capítulo 18
25. Capítulo 19
26. Capítulo 20
27. Capítulo 21
28. Capítulo 22
29. Capítulo 23
30. Capítulo 24
31. Capítulo 25
32. Capítulo 26
33. Capítulo 27
34. Capítulo 28
35. Capítulo 29
36. Capítulo 30
37. Capítulo 31
38. Capítulo 32
39. Epílogo
40. Glossário

41. [Inveja](#)
  1. [Capítulo 1](#)
  2. [Capítulo 2](#)
  3. [Capítulo 3](#)
42. [Livros de Lana Pecherczyk](#)
43. [Sobre a Autora](#)
44. [Quer mais fantasia?](#)
45. [Contents](#)

## Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Contents](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)

28. [28](#)  
29. [29](#)  
30. [30](#)  
31. [31](#)  
32. [32](#)  
33. [33](#)  
34. [34](#)  
35. [35](#)  
36. [36](#)  
37. [37](#)  
38. [38](#)  
39. [39](#)  
40. [40](#)  
41. [41](#)  
42. [42](#)  
43. [43](#)  
44. [44](#)  
45. [45](#)  
46. [46](#)  
47. [47](#)  
48. [48](#)  
49. [49](#)  
50. [50](#)  
51. [51](#)  
52. [52](#)  
53. [53](#)  
54. [54](#)  
55. [55](#)  
56. [56](#)  
57. [57](#)  
58. [58](#)  
59. [59](#)  
60. [60](#)  
61. [61](#)  
62. [62](#)  
63. [63](#)  
64. [64](#)  
65. [65](#)  
66. [66](#)  
67. [67](#)  
68. [68](#)  
69. [69](#)  
70. [70](#)  
71. [71](#)

72. [72](#)  
73. [73](#)  
74. [74](#)  
75. [75](#)  
76. [76](#)  
77. [77](#)  
78. [78](#)  
79. [79](#)  
80. [80](#)  
81. [81](#)  
82. [82](#)  
83. [83](#)  
84. [84](#)  
85. [85](#)  
86. [86](#)  
87. [87](#)  
88. [88](#)  
89. [89](#)  
90. [90](#)  
91. [91](#)  
92. [92](#)  
93. [93](#)  
94. [94](#)  
95. [95](#)  
96. [96](#)  
97. [97](#)  
98. [98](#)  
99. [99](#)  
100. [100](#)  
101. [101](#)  
102. [102](#)  
103. [103](#)  
104. [104](#)  
105. [105](#)  
106. [106](#)  
107. [107](#)  
108. [108](#)  
109. [109](#)  
110. [110](#)  
111. [111](#)  
112. [112](#)  
113. [113](#)  
114. [114](#)  
115. [115](#)

116. [116](#)  
117. [117](#)  
118. [118](#)  
119. [119](#)  
120. [120](#)  
121. [121](#)  
122. [122](#)  
123. [123](#)  
124. [124](#)  
125. [125](#)  
126. [126](#)  
127. [127](#)  
128. [128](#)  
129. [129](#)  
130. [130](#)  
131. [131](#)  
132. [132](#)  
133. [133](#)  
134. [134](#)  
135. [135](#)  
136. [136](#)  
137. [137](#)  
138. [138](#)  
139. [139](#)  
140. [140](#)  
141. [141](#)  
142. [142](#)  
143. [143](#)  
144. [144](#)  
145. [145](#)  
146. [146](#)  
147. [147](#)  
148. [148](#)  
149. [149](#)  
150. [150](#)  
151. [151](#)  
152. [152](#)  
153. [153](#)  
154. [154](#)  
155. [155](#)  
156. [156](#)  
157. [157](#)  
158. [158](#)  
159. [159](#)

160. [160](#)  
161. [161](#)  
162. [162](#)  
163. [163](#)  
164. [164](#)  
165. [165](#)  
166. [166](#)  
167. [167](#)  
168. [168](#)  
169. [169](#)  
170. [170](#)  
171. [171](#)  
172. [172](#)  
173. [173](#)  
174. [174](#)  
175. [175](#)  
176. [176](#)  
177. [177](#)  
178. [178](#)  
179. [179](#)  
180. [180](#)  
181. [181](#)  
182. [182](#)  
183. [183](#)  
184. [184](#)  
185. [185](#)  
186. [186](#)  
187. [187](#)  
188. [188](#)  
189. [189](#)  
190. [190](#)  
191. [191](#)  
192. [192](#)  
193. [193](#)  
194. [194](#)  
195. [195](#)  
196. [196](#)  
197. [197](#)  
198. [198](#)  
199. [199](#)  
200. [200](#)  
201. [201](#)  
202. [202](#)  
203. [203](#)

204. [204](#)  
205. [205](#)  
206. [206](#)  
207. [207](#)  
208. [208](#)  
209. [209](#)  
210. [210](#)  
211. [211](#)  
212. [212](#)  
213. [213](#)  
214. [214](#)  
215. [215](#)  
216. [216](#)  
217. [217](#)  
218. [218](#)  
219. [219](#)  
220. [220](#)  
221. [221](#)  
222. [222](#)  
223. [223](#)  
224. [224](#)  
225. [225](#)  
226. [226](#)  
227. [227](#)  
228. [228](#)  
229. [229](#)  
230. [230](#)  
231. [231](#)  
232. [232](#)  
233. [233](#)  
234. [234](#)  
235. [235](#)  
236. [236](#)  
237. [237](#)  
238. [238](#)  
239. [239](#)  
240. [240](#)  
241. [241](#)  
242. [242](#)  
243. [243](#)  
244. [244](#)  
245. [245](#)  
246. [246](#)  
247. [247](#)



248. [248](#)  
249. [249](#)  
250. [250](#)  
251. [251](#)  
252. [252](#)  
253. [253](#)  
254. [254](#)  
255. [255](#)  
256. [256](#)  
257. [257](#)  
258. [258](#)  
259. [259](#)  
260. [260](#)  
261. [261](#)  
262. [262](#)  
263. [263](#)  
264. [264](#)  
265. [265](#)  
266. [266](#)  
267. [267](#)  
268. [268](#)  
269. [269](#)  
270. [270](#)  
271. [271](#)  
272. [272](#)  
273. [273](#)  
274. [274](#)  
275. [275](#)  
276. [276](#)  
277. [277](#)  
278. [278](#)  
279. [279](#)  
280. [280](#)  
281. [281](#)  
282. [282](#)  
283. [283](#)  
284. [284](#)  
285. [285](#)  
286. [286](#)  
287. [287](#)  
288. [288](#)  
289. [289](#)  
290. [290](#)  
291. [291](#)

292. [292](#)  
293. [293](#)  
294. [294](#)  
295. [295](#)  
296. [296](#)  
297. [297](#)  
298. [298](#)  
299. [299](#)  
300. [300](#)  
301. [301](#)  
302. [302](#)  
303. [303](#)  
304. [304](#)  
305. [305](#)  
306. [306](#)  
307. [307](#)  
308. [308](#)  
309. [309](#)  
310. [310](#)  
311. [311](#)  
312. [312](#)  
313. [313](#)  
314. [314](#)  
315. [315](#)  
316. [316](#)  
317. [317](#)  
318. [318](#)  
319. [319](#)  
320. [320](#)  
321. [321](#)  
322. [322](#)  
323. [323](#)  
324. [324](#)  
325. [325](#)  
326. [326](#)  
327. [327](#)  
328. [328](#)  
329. [329](#)  
330. [330](#)  
331. [331](#)  
332. [332](#)  
333. [333](#)  
334. [334](#)  
335. [335](#)

336. [336](#)  
337. [337](#)  
338. [338](#)  
339. [339](#)  
340. [340](#)  
341. [341](#)  
342. [342](#)  
343. [343](#)  
344. [344](#)  
345. [345](#)  
346. [346](#)  
347. [347](#)  
348. [348](#)  
349. [349](#)  
350. [350](#)  
351. [351](#)  
352. [352](#)  
353. [353](#)  
354. [354](#)  
355. [355](#)  
356. [356](#)  
357. [357](#)  
358. [358](#)  
359. [359](#)  
360. [360](#)  
361. [361](#)  
362. [362](#)  
363. [363](#)  
364. [364](#)  
365. [365](#)  
366. [366](#)  
367. [367](#)  
368. [368](#)  
369. [369](#)  
370. [370](#)  
371. [371](#)  
372. [372](#)  
373. [373](#)  
374. [374](#)  
375. [375](#)  
376. [376](#)  
377. [377](#)  
378. [378](#)  
379. [379](#)

380. [380](#)  
381. [381](#)  
382. [382](#)  
383. [383](#)  
384. [384](#)  
385. [385](#)  
386. [386](#)  
387. [387](#)  
388. [388](#)  
389. [389](#)  
390. [390](#)  
391. [391](#)  
392. [392](#)  
393. [393](#)  
394. [394](#)  
395. [395](#)  
396. [396](#)  
397. [397](#)  
398. [398](#)  
399. [399](#)  
400. [400](#)  
401. [401](#)  
402. [402](#)  
403. [403](#)  
404. [404](#)  
405. [405](#)  
406. [406](#)  
407. [407](#)